



SÉRIE
Malory
VOL. II

O Terno Rebelde

JOHANNA
LINDSEY

MAIS DE 50 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS EM TODO O MUNDO

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SÉRIE
Malory
VOL. II

O Terno Rebelde

JOHANNA
LINDSEY

MAIS DE 50 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS EM TODO O MUNDO

ASA

Ficha Técnica

Título original: TENDER REBEL (volume II da série Malory)

Autor: Johanna Lindsey

Traduzido do Inglês por Ana Sofia Pereira

Capa: Neusa Dias

Imagens da capa: Shutterstock

ISBN: 9789892335728

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

©1998, Johanna Lindsey

Publicado por acordo com Avon,

uma chancela da HarperCollins Publishers

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.pt

Este livro é dedicado com amor a todos os meus leitores, com um agradecimento especial aos que queriam que o tio Tony tivesse a sua própria história.

Inglaterra, 1818

—**E**stá assustada, menina?

Roslynn Chadwick desviou o olhar da janela da carruagem e da paisagem em movimento que fitara, absorta, durante a última hora sem a ver realmente. Assustada? Naquele momento, estava sozinha no mundo sem qualquer guardião, sem familiares dignos de ser mencionados. Estava a caminho de um futuro incerto e deixara para trás tudo o que lhe era familiar. Assustada? Estava aterrorizada.

Mas Nettie MacDonald não ficaria a saber isso, se Roslynn pudesse evitá-lo. Ela própria se sentira demasiado inquieta a partir do momento em que tinham atravessado a fronteira inglesa na manhã do dia anterior, embora tentasse igualmente esconder esse estado de espírito, tornando-se impertinente, como era seu hábito. Nettie estivera extremamente animada e cheia de boa disposição antes disso, mesmo quando atravessaram a Baixa Escócia, que desprezava. Tendo habitado na Alta Escócia toda a sua vida, um total de quarenta e dois anos, Nettie nunca pensara ver chegar o dia em que seria obrigada a deixar as suas amadas Terras Altas da Escócia, e muito menos atravessar a fronteira para Inglaterra. Inglaterra! Mas Nettie não ficaria para trás, não, não a sua querida Nettie.

Roslynn conseguiu esboçar um sorriso a Nettie, e chegou mesmo a piscar levemente os olhos cor de avelã para tranquilizar a sua criada fiel.

— Apre, e de que devo ter eu medo, Nettie? É ou não verdade que conseguimos partir à socapa na calada da noite sem ninguém se aperceber? O Geordie vai passar Aberdeen e Edimburgo a pente fino durante semanas a fio e nunca vai adivinhar que fugimos para Londres.

— É, pois. — Nettie concedeu a si própria um sorriso satisfeito pelo sucesso de ambas até esse momento, esquecendo momentaneamente o medo e a aversão que sentia pelos Ingleses. A aversão que sentia por Geordie Cameron era muito mais profunda. — E espero que aquele demónio se engasgue com a bília que lhe subir à boca quando se der conta de que escapámos aos planos malvados dele, espero mesmo. Não gostei que o Duncan, que Deus o abençoe, a tivesse feito prometer o que prometeu, mas ele sabia o que era melhor para a menina. E não pense que estou tão irritada que não tenha reparado que se esqueceu de falar em inglês correto, minha menina, o mesmo que lhe foi ensinado por aquela precetora finória e snobe que o Duncan trouxe lá para casa. Não se deve esquecer dele, especialmente agora que estamos aqui no meio do povo do Diabo.

Roslynn fez um sorriso rasgado ao ouvir aquelas últimas palavras no tom mais repreendedor de Nettie e não resistiu a arreliá-la um pouco mais.

— O momento em que me cruzar com um inglês será o momento em que me vou começar a lembrar do meu inglês correto. Não me vais negar o pouco tempo

de que ainda disponho para não ter de estar a pensar em todas as palavras que digo, pois não?

– Ora! Só se esquece dele quando está apoquentada com alguma coisa, sei muito bem disso.

É claro que Nettie sabia. Nettie conhecia Roslynn melhor do que ela própria, às vezes. E embora Roslynn não estivesse a ter um ataque de fúria, altura na qual se esquecia com mais frequência das conveniências e retomava o dialeto escocês que aprendera com o avô e com Nettie, a verdade é que estava preocupada, e com razão. Mas não o suficiente para esquecer o inglês correto que lhe fora repetido incessantemente pela sua precetora. Roslynn soltou um suspiro.

– Espero que as malas tenham chegado ao destino, caso contrário estamos num belo sarilho. – As duas tinham partido com uma única muda de roupa, para despistar ainda mais o primo Geordie, no caso de alguém as ver a partir e o ir informar.

– Essa é a menor das suas preocupações, menina. É certo e sabido que levar aquela modista de Londres a Cameron Hall para lhe fazer todos aqueles vestidos elegantes nos poupou muito tempo para não termos de os mandar fazer lá. O Duncan, que Deus o abençoe, pensou em tudo, até mesmo em enviar as malas à nossa frente, uma por uma, para que o Geordie não suspeitasse de nada se estivesse de vigia.

E Nettie achara tudo aquilo uma bela partida, fugir à socapa a meio da noite, com as saias levantadas e calças velhas por baixo para que, à luz do luar, pudessem passar por homens. Verdade seja dita, Roslynn achara o mesmo. Na verdade, essa era a única parte daquela loucura da qual retirara algum prazer. Tinham cavalgado até à vila mais próxima, onde a carruagem e o condutor previamente combinados as aguardavam, e tiveram de esperar várias horas até terem a certeza de que não estavam a ser seguidos antes de partirem realmente para aquela viagem. Mas todo aquele procedimento furtivo e cuidados tinham sido necessários para despistar Cameron. Pelo menos, o avô tinha levado Roslynn a acreditar que eram necessários.

E Roslynn confirmou essas suspeitas depois de ver a cara de Geordie quando o testamento do avô foi lido. No fim de contas, Geordie era o sobrinho-neto de Duncan, o neto do seu irmão mais novo e o seu único familiar masculino ainda vivo. Geordie tinha todo o direito em partir do princípio de que parte da grande fortuna lhe seria deixada, nem que fosse apenas uma pequena parte. Mas Duncan deixara todos os seus bens a Roslynn, a sua única neta: Cameron Hall, as fiações, os inúmeros outros negócios, tudo. E Geordie tivera de se controlar ao máximo para não ter um ataque de fúria.

– Ele não devia ter ficado tão surpreendido – afirmara Nettie depois de Geordie ter partido no dia da leitura do testamento. – Ele sabia que o Duncan o odiava, que ele o culpava pela morte da sua querida mãe. Apre, foi por isso que ele lhe fez uma corte tão cerrada todos estes anos. Ele sabia que o Duncan ia deixar tudo para si. E é por isso que não temos tempo a perder, agora que o Duncan já não está entre

nós.

Não, não havia tempo a perder. Roslynn teve a certeza disso quando Geordie a pedira mais uma vez em casamento depois de o testamento ser lido e ela, mais uma vez, o recusara. Ela e Nettie tinham partido nessa mesma noite, sem tempo para fazer o luto, sem tempo para se arrepender da promessa que fizera ao avô. Mas ela fizera o seu luto nos últimos dois meses, quando já sabiam que a hora da morte de Duncan estava finalmente próxima. E, na verdade, a morte dele fora uma bênção, porque há já sete anos que vinha a definhar e a sofrer com dor, e fora apenas a sua teimosia escocesa que lhe permitira arrastar a vida aquele tempo todo. Não, não podia ter pena de o sofrimento do avô ter finalmente terminado. Mas ia sentir imenso a falta daquele querido ancião que desempenhara o papel de mãe e pai dela durante muitos anos.

– Nada de chorar a minha morte, menina – declarara-lhe ele semanas antes de morrer. – Proíbo-to. Já me deste demasiados anos, demasiados anos desperdiçados e não quero nem mais um dia assim que já não estiver cá. Também me vais prometer isso.

Mais uma promessa para o ancião que adorava, o homem que a criara, intimidara e a amara desde que a filha regressara para junto dele com uma Roslynn de seis anos pela mão. Que importância tinha mais uma promessa quando já lhe fizera a promessa fatídica que naquele momento lhe provocava tanta ansiedade? Em todo o caso, não houve mesmo tempo para fazer o luto, por isso, pelo menos tinha conseguido cumprir essa promessa.

Nettie franziu o sobrolho quando viu Roslynn desviar os olhos de novo para a janela, porque sabia que ela estava a pensar em Duncan Cameron mais uma vez. Tratara-o desrespeitosamente por «vovô» a partir do primeiro dia que a mãe a trouxera para morar em Cameron Hall, só para o irritar. O pequeno diabrete adorava provocar o temível ancião escocês e este deliciava-se com cada uma das provocações e travessuras que ela levava a cabo. As duas iam sentir falta dele, mas havia demasiadas outras coisas em que pensar naquele momento.

– Já não era sem tempo, estamos a chegar à estalagem – observou Nettie do lugar onde estava, de frente para a carruagem.

Roslynn inclinou-se para a frente e virou-se para o lado para olhar pela janela na mesma direção e o sol-poente atingiu-a em cheio no rosto, iluminando-lhe o cabelo e fazendo-o parecer um verdadeiro pôr do sol. Que cabelo bonito tinha aquela rapariga, ruivo dourado como o de Janet, a mãe dela. O cabelo de Nettie era preto como o carvão e os olhos dela eram semelhantes ao verde apagado de um lago ensombrado por carvalhos altos. Roslynn também tinha os olhos de Janet, aquele cinzento-esverdeado cujos laivos dourados e brilhantes os salvavam da monotonia. Pensando bem, tudo o que lhe dizia respeito a nível físico era bastante semelhante a Janet Cameron antes de esta partir com o seu inglês. Na verdade, não havia absolutamente nada do pai de Roslynn nela, aquele mesmo inglês que roubara o coração de Janet e a transformara numa sombra de si mesma após o trágico acidente que o matara. Talvez tivesse sido pelo melhor Janet ter morrido

um ano depois, porque nunca mais tinha sido a mesma. E Roslynn, graças a Deus, tinha o avô que lhe servia de apoio. Uma criança de sete anos, órfã dos dois pais, felizmente era bastante adaptável, especialmente com um ancião escocês a ceder a todos os seus caprichos.

Apre, sou tão má como a rapariga, a pensar nos mortos quando é o futuro que está tão incerto.

– Esperemos que pelo menos as camas sejam mais macias do que as da noite passada – comentou Roslynn ao mesmo tempo que a carruagem se detinha diante da estalagem rural. – Essa é a *única* coisa que me faz ficar impaciente por chegarmos a Londres. Sei que a Frances vai ter camas confortáveis à nossa espera.

– Isso quer dizer que não vai ficar contente por ver a sua melhor amiga passados todos estes anos?

Roslynn fitou Nettie, surpreendida.

– É claro que sim. Claro que sim. Mal posso esperar por a ver de novo. Mas as circunstâncias não vão permitir um reencontro agradável, pois não? Quer dizer, sem tempo a perder, como é que vou poder estar com a Frances? Oh, diabos levem o Geordie – acrescentou com um sobrolho franzido que aproximou as sobrancelhas castanho-arruivadas. – Se não fosse por causa dele...

– Não teria feito promessas e não estaríamos aqui agora, mas também não vale de nada lamentar-se, pois não? – retorquiu Nettie.

Roslynn esboçou um sorriso irónico.

– Quem se estava a lamentar na noite passada quando estava deitada numa cama dura que não servia nem para percevejos, quanto mais um corpo cansado?

Nettie soltou um resmungo, recusando-se a responder àquela recordação e enxotou Roslynn para fora da carruagem assim que o condutor abriu a porta e estendeu a mão para a ajudar a sair. Um riso abafado chegou aos ouvidos da criada enquanto caminhava à sua frente, ainda a pensar nisso, e Nettie soltou de novo um resmungo, desta vez para si própria.

Não és assim tão velha que não consigas aguentar algumas noites sem conforto, Nettie, minha rapariga, pensou, a observar o passo enérgico de Roslynn que, na verdade, a fez sentir que tinha o dobro da idade naquele momento. *A cama pode ser feita de pedra que não vou dizer uma palavra esta noite, senão vou ouvir esta rapariguinha até morrer.*

Mas depois Nettie fez um sorriso rasgado, abanando a cabeça. Um pouco de troça era exatamente aquilo que Roslynn precisava de estar a fazer para não pensar no futuro. *Aquela cama pode ser suave como uma pena, mas é melhor dizer que está cheia de pedras. Já faz muito tempo desde a última vez que a ouvi a rir e lhe vi um brilho travesso nos olhos. Ela precisa de arreliar alguém.*

Quando Roslynn se aproximou da estalagem, mal reparou num rapaz de dezasseis anos que estava em cima de um banco a acender o candeeiro por cima da porta, mas, infelizmente, ele reparou nela. Ao ouvir a risada rouca que era tão diferente de qualquer som de humor que já ouvira, ele olhou por cima do ombro e depois quase caiu do banco, com a atrapalhão provocada pela imagem dela.

Roslynn parecia iluminada como uma chama, no meio do clarão vermelho do sol que se punha e raiava sobre o pátio, aproximando-se a cada segundo que passava, até ele conseguir discernir cada um dos traços da cara em forma de coração, desde as maçãs do rosto finamente esculpidas ao pequeno nariz afilado, o pequeno queixo firme e os lábios generosos e cheios. E depois ela passou pela porta e a cabeça dele esticou-se para a seguir no interior, até uma interjeição feroz o fazer voltar-se repentinamente e pregar o olhar na criada de rosto severo de olhos erguidos para ele, o que provocou um rubor violento nas faces do rapaz.

Mas Nettie teve pena do rapaz e não o repreendeu como geralmente fazia a qualquer pessoa que apanhasse a olhar de boca aberta para a sua Roslynn. Aquilo acontecia onde quer que fossem, pois Lady Roslynn Chadwick tinha esse efeito na espécie masculina, e nenhuma idade parecia estar imune, desde pequenos fedelhos a velhos, e tudo o que estivesse pelo meio. E era esta a rapariga que estava prestes a tomar Londres de assalto.

— Querias saber quem era o alfaiate dele? — perguntou o ilustre William Fairfax, reprimindo o riso, ao seu jovem amigo. — Eu disse-te que o alfaiate dele não tinha nada a ver com isso, não disse? Se quiseses ficar com um aspeto exterior semelhante, o melhor a fazer é pegar num par de luvas. Ele dedica-se a isso há mais de uma dúzia de anos, segundo ouvi dizer.

O jovem amigo de William, Cully, retraiu-se com o som do couro a embater de novo contra carne sólida, mas manteve os olhos abertos dessa vez. Tinha-os fechado com força há alguns minutos quando a primeira gota de sangue surgira, caída de um nariz maltratado. Daquela vez, estremeceu, pois o mesmo nariz maltratado estava a jorrar sangue, assim como a boca intumescida e uma sobrancelha rasgada.

— Não te agrada, Cully? — William sorriu ironicamente, a observar a palidez esverdeada do amigo. — Imagino que o adversário dele está a pensar o mesmo, pelo menos hoje. — Interrompeu-se para soltar uma pequena gargalhada, achando as suas palavras engraçadas. — Mas se o Knighton subisse ao ringue com ele, podíamos ter alguma coisa em que apostar. Foi ele que o ensinou, sabes. É claro que o Knighton não sai vitorioso de um combate nos últimos dez anos, segundo dizem, mas proporciona àquele cavalheiro uma melhor exibição. Por outro lado, o Malory está a ficar exausto agora, por isso, as hipóteses de ambos podiam ficar mais equilibradas.

Mas enquanto estavam a observar o combate ao lado de mais uma dezena de cavalheiros que rodeavam o ringue de boxe, Sir Anthony Malory relaxou a sua postura e voltou-se para fuzilar com o olhar o dono do salão desportivo.

— Maldição, Knighton, eu disse-te que ele ainda não estava preparado. Ainda não se curou da última vez.

John Knighton encolheu os ombros, embora houvesse uma centelha de humor indiscutível nos seus olhos escuros ao fitar o pugilista descontente que considerava um amigo.

— Eu não ouvi mais nenhum voluntário a oferecer-se. Vossa Senhoria ouviu mais alguém? Se deixasse outra pessoa vencer para variar, talvez tivesse mais adversários por onde escolher para o seu exercício.

Ouviram-se bastantes risinhos à conta daquele comentário. Todos os presentes sabiam que há uma década que Malory não perdia um combate ou deixava alguém levar a melhor sobre ele mesmo apenas em combates de treino amigável. Estava numa condição física soberba, com os músculos polidos até à perfeição, mas era a sua perícia no ringue que o tornava tão extraordinário... e invencível. Os promotores de lutas de boxe, incluindo Knighton, dariam tudo para conseguir que ele lutasse num combate profissional. Mas, para um libertino como Malory, o boxe não era mais do que um modo de exercício que o mantinha em forma e contrabalançava a vida de devassidão que apreciava. As visitas trissemanais que

fazia a Knighton's Hall eram encaradas com a mesma postura que as suas saídas a cavalo matinais no parque, simplesmente pelo seu próprio prazer.

Metade dos cavalheiros presentes também eram pugilistas, à espera da sua vez para se exercitarem no ringue. Alguns, como o ilustre Fairfax, só tinham passado por lá para observar os peritos a treinar, embora, por vezes, surgisse a oportunidade de fazer pequenas apostas se fossem lançados desafios de peso. Outros dos que estavam presentes eram camaradas de Malory; apareciam com frequência para o observar a arrasar os parceiros de treino que Knighton tinha a infelicidade de providenciar, ao mesmo tempo que tinham o bom senso suficiente de não entrar no ringue com ele.

Um deles estava a fazer troça de Anthony naquele momento. Quase da mesma altura, mas um pouco mais delgado, Lord Amherst era um indivíduo despreocupado cujos olhos cinzentos estavam quase invariavelmente franzidos com uma expressão jocosa. Da mesma idade que Anthony, mas de cabelo loiro, em vez de escuro, partilhava com frequência os mesmos interesses, principalmente mulheres, jogo e mulheres.

– A única forma de veres alguém realmente empenhado aí dentro, Malory, é se provocares os ciúmes de algum jovem desportista do teu tamanho e o forçares a desafiar-te.

– Com a minha sorte, George – disparou Malory de volta –, ele ia escolher as pistolas em vez do ringue, e onde está a piada disso?

George Amherst riu-se com o tom seco do amigo, pois embora nem todos soubessem que Anthony era imbatível no ringue de boxe, era do conhecimento geral que não tinha rival num campo de duelo. Era comum perguntar com grande preocupação aos seus adversários em que parte infeliz da anatomia gostariam de receber a ferida de honra, o que, naturalmente, fazia os pobres indivíduos desatar a tremer da cabeça aos pés, se isso já não fosse uma realidade.

Tanto quanto George sabia, Anthony nunca ferira mortalmente ninguém num duelo, uma vez que quase todos estes eram provocados por uma mulher, e por conta da sua apetência pela libertinagem, e ele acreditava sinceramente que não existia nenhuma mulher no mundo pela qual valesse a pena morrer – bom, excluindo as mulheres da sua família, é claro. Malory era diabolicamente sensível em relação à sua família. Podia ser um solteirão, mas com três irmãos mais velhos com uma prole profícua, não tinha falta de sobrinhas e sobrinhos para adorar.

– Estás à procura de competição, Tony? Devias ter enviado um criado à minha procura. Tu sabes que fico sempre feliz por ajudar.

George deu meia-volta bruscamente, mal acreditando no som de uma voz que os seus ouvidos não ouviam há mais de dez anos. E, a seguir, as suas sobrancelhas ergueram-se de forma incrédula, porque não se tinha enganado. Junto à entrada, viu James Malory, obviamente mais velho, mas com o mesmo aspeto perigoso que tinha há dez anos quando fora o libertino mais célebre de Londres. Grande, loiro e ainda bem-parecido! Incrível!

A seguir, George virou a cabeça de novo para ver como Anthony reagira

àquela aparição inesperada. Os dois irmãos tinham sido próximos no passado, com apenas um ano de diferença e inclinação para os mesmos interesses, embora James fosse seguramente o mais desregrado dos dois – pelo menos no passado. Mas depois James tinha desaparecido, e por alguma razão da qual a família nunca falava, os outros irmãos tinham-no renegado, incluindo Anthony, e este nem sequer mencionava o nome dele. Por mais próximo que George fosse de Anthony durante todos aqueles anos desde essa altura, e ele gostava de pensar que eram o melhor amigo um do outro, Anthony nunca lhe confidenciara o que James fizera para ser afastado da família.

Mas, para surpresa de George, Anthony não mostrava sinais do seu terrível mau génio. Na verdade, nenhuma emoção era visível nas suas feições atraentes que os outros notassem. Era preciso conhecê-lo bem para identificar corretamente aquele brilho nos seus olhos azul-cobalto: prazer, não fúria.

Porém, quando ele falou, quase parecia que se estava a dirigir ao seu pior inimigo.

– James, que diabo ainda estás a fazer em Londres? Devias ter zarpado esta manhã!

James respondeu com um encolher de ombros enfadado.

– Mudança de planos, graças à teimosia recém-adquirida do Jeremy. Agora que ele conheceu o resto da família, está a tornar-se impossível de controlar. Juro que deve ter estado a receber aulas de manipulação da Regan, porque conseguiu, de alguma forma, convencer-me a deixá-lo terminar a educação aqui, embora não perceba exatamente como é que ele fez isso.

Anthony queria rir-se da expressão de perplexidade de James por ter sido vencido por um rapazinho de dezassete anos que parecia mais filho do próprio Anthony do que de James, e tê-lo-ia feito se James não tivesse mencionado o nome Regan na explicação. Aquele nome tocava sempre Anthony num ponto sensível, tal como a Jason e Edward, os irmãos mais velhos de ambos, e James sabia isso, motivo pelo qual utilizava «Regan» em vez de «Reggie», o nome pelo qual o resto da família tratava Regina Eden. Mas, desde que Anthony se lembrava, James sempre tivera de ser diferente, fazendo exatamente o que lhe apetecia e à sua maneira, pouco se importando com as consequências.

Ao mesmo tempo que James falava, caminhara em frente, despidendo descontraidamente o casaco e revelando o tipo de camisa solta que preferia usar enquanto capitaneava o *Maiden Anne*. Visto que ele dava todos os sinais de estar prestes a fazer a vontade a Anthony e juntar-se a ele no ringue, este absteve-se de o repreender por causa do termo escolhido, o que teria dado início à discussão habitual de ambos e, muito provavelmente, posto em risco um pequeno combate amigável.

– Isto quer dizer que também vais ficar por cá? – perguntou Anthony ao mesmo tempo que James passava o casaco a George e aceitava as luvas que John Knighton, sorridente, o ajudava a enfiar.

– Só o tempo suficiente para instalar e aperaltar o rapazote, acho eu, pelo

menos por agora. Embora o Connie tenha chamado a atenção para o facto de que a única razão pela qual estávamos dispostos a fixar-nos nas ilhas era para dar a Jeremy um lar.

Anthony não pôde deixar de rir.

– Dois velhos lobos do mar a brincar às mães. Meu Deus, quem me dera ter visto isso.

– No teu lugar, não dizia nada, Tony – disse James, impassível perante aquela observação mordaz. – Tu próprio desempenhaste o papel de uma mãe todos os verões durante seis anos seguidos, não foi?

– De um pai – corrigiu-o Anthony. – Ou talvez mais de um irmão mais velho, o que não é bem uma coisa nem outra. Estou surpreso que não te tenhas casado como o Jason, só para dar ao Jeremy uma mãe. É claro que, com o Conrad Sharpe disposto a ajudar a criar o rapaz, presumo que não achaste isso necessário.

James saltou para dentro do ringue.

– Estás a denegrir o bom nome do meu melhor amigo.

Anthony fez uma ligeira vénia.

– Tens razão. Então, quem fica com o querido rapaz enquanto tu e o Connie decidem se regressam a casa de vez?

A direita de James entrou firmemente em contacto com o torso de Anthony mesmo antes de responder:

– Tu.

Enquanto Anthony se dobrava para a frente, a encaixar o murro, bem como a resposta, as apostas começaram a voar no salão. Por fim, havia alguém que parecia ser minimamente capaz de bater o imbatível Lord Malory. Anthony Malory era mais alto alguns centímetros, mas o irmão era mais musculoso e parecia bem capaz de derrotar qualquer um dos presentes, incluindo Anthony. E estes iam ter o privilégio de assistir isso. Apenas alguns se deram conta de que aqueles dois homens eram irmãos.

Assim que Anthony conseguiu respirar fundo, fuzilou James com os olhos pelo murro surpresa, mas a respeito da revelação dele, afirmou simplesmente:

– Eu? Como é que tive essa sorte?

– Foste a escolha do rapaz. És o ídolo dele, não sei se sabes. A seguir a mim, é claro.

– É claro – respondeu Anthony e apanhou James igualmente de surpresa com um soco de baixo para cima que fez James cambalear uns passos para trás. Enquanto James contraía o maxilar, Anthony acrescentou:

– Recebo-o com todo o gosto desde que tenhas consciência de que não irei restringir as minhas atividades como fazia com a Reggie.

Os dois começaram a andar aos círculos, atingindo-se mutuamente com mais um soco antes de James responder:

– Não estava à espera disso, rapaz, quando eu não o fiz. É diferente quando tens um rapaz ao teu cuidado. Que diabo, ele frequenta mulheres da vida desde que tinha catorze anos.

Anthony desatou às gargalhadas com aquelas palavras, infelizmente baixando a guarda, o que o fez receber uma pancada ressonante num dos lados da cabeça. Mas foi bastante rápido no contra-ataque com um soco de baixo para cima no estômago de James que o ergueu uns bons dez centímetros do chão, um feito incrível, uma vez que James era quinze quilos mais pesado que ele, tudo na forma de músculos sólidos.

Anthony recuou, permitindo ao irmão um momento para recuperar o fôlego. Quando James ergueu o olhar, ainda dobrado sobre si, o seu rosto estava aberto num sorriso rasgado.

– Queremos mesmo levar mal-estar e dores para a cama esta noite, Tony?

Os dentes de Anthony surgiram em concordância.

– Não quando podemos encontrar qualquer coisa mais suave, e posso-te assegurar, podemos encontrar uma coisa mais suave. – Ele avançou para lançar um braço à volta do ombro do irmão.

– Então, vais receber o rapaz até a escola começar?

– É um prazer, mas, meu Deus, já estou a prever a má-língua que vou ter de suportar. Qualquer pessoa que olhe para o Jeremy vai pensar que ele é meu filho.

– É por isso que ele quer ficar contigo. – James fez um sorriso rasgado, revelando os seus próprios dentes branco-pérola. – Ele tem um sentido de humor diabólico. A propósito desta noite, conheço duas mulheres da vida...

– Pois claro, mulheres da vida. Foi pirata demasiado tempo, capitão Hawke. Já eu, conheço duas senhoras...

— Mas eu não percebo, Ros — declarou Lady Frances, inclinando-se para a frente. — Por que razão queres amarrar-te a um homem quando não és obrigada a isso? Isto é, se estivesses apaixonada, isso seria diferente. Mas estás a falar de te casares com alguém que ainda não conheceste.

— Frances, se eu não tivesse prometido, achas mesmo que eu faria isso? — perguntou Roslynn.

— Bom, espero sinceramente que não... mas quem vai ficar a saber se não cumprires essa promessa? O teu avô morreu e... — Frances interrompeu-se quando viu a expressão no rosto da amiga. — Esquece que eu disse isso.

— Vou esquecer.

— Mas acho uma pena! — suspirou Frances com ênfase.

Lady Frances Grenfell era uma mulher atraente de acordo com todos os critérios. Pequena e esguia, não era propriamente bonita, mas era muito agradável à vista, com cabelo loiro e olhos castanho-escuros. Em tempos, tinha sido a rapariga mais alegre e exuberante que Roslynn já conhecera, mas isso fora antes do seu casamento dececionante com Harry Grenfell há sete anos. Agora, mostrava-se séria, quase matronal, ainda que existissem alguns momentos que faziam lembrar a Roslynn a rapariga feliz que ela fora em tempos.

— Agora, és tão independente quanto uma mulher pode almejar vir a ser — prosseguiu Frances determinadamente. — Com tanto dinheiro que não sabes o que fazer com ele, e sem absolutamente ninguém que te diga o que tens de fazer. Eu precisei de sete anos e viver com um homem que não amava durante cinco desses anos para chegar ao ponto onde estás agora e, mesmo assim, tenho uma mãe que me está sempre a ralhar se ouvir dizer que fiz a mais pequena coisa que não merece a aprovação dela. Mesmo como uma viúva a viver sozinha com o meu filho, continuo a ter de dar satisfações a alguém. Mas tu, Roslynn, não tens absolutamente ninguém com quem te preocupar e, ainda assim, vais entregar-te a um homem qualquer que vai ter prazer em restringir a tua liberdade como Lord Henry fez comigo. E eu sei que não queres fazer isso. Tenho a certeza absoluta disso.

— Não importa o que eu quero, Frances. É isso que eu tenho de fazer.

— Mas porquê? — exclamou Frances, exasperada. — É isso que eu quero saber. E não digas de novo que prometeste isso ao teu avô. Conta-me por que motivo ele te obrigou a fazer uma promessa desse tipo. Se era assim tão importante para ele, teve tempo mais do que suficiente para te ter casado pelos seus próprios meios.

— Bom, em relação a isso — respondeu Roslynn —, não havia ninguém com quem eu me quisesse casar. E o vovô nunca me te teria obrigado a aceitar alguém que eu não quisesse.

— Em todos estes anos? Não houve ninguém?

— Apre, odeio a forma como disseste *todos estes anos*, Frances, francamente.

Não precisas de me lembrar o quanto isto vai ser difícil para mim.

Os olhos castanhos de Frances arregalaram-se.

– Difícil? – Ela quase se riu. – Nada disso! Nunca existiu nada tão fácil no mundo como te casar com alguém. Vais ter tantos pretendentes que não vais saber o que fazer com todos eles. E a tua idade, minha cara, não vai fazer a mais pequena diferença. Meu Deus, não sabes a beleza inacreditável que tens? E como se não bastasse, possuis uma fortuna que faria um banqueiro babar-se de satisfação.

– Tenho vinte e cinco anos, Frances! – declarou Roslynn de tal forma que bem podia ter dito cem.

Frances abriu o rosto num sorriso.

– Eu também e não me considero uma velha, para tua informação.

– É diferente quando és uma viúva. Já foste casada. Ninguém acharia estranho se te casasses de novo.

– Isso não vai acontecer porque eu jamais me casaria de novo.

Roslynn franziu o sobrolho com a interrupção.

– Mas a sociedade elegante vai olhar para mim ao lado de todas aquelas jovens debutantes e vai desatar às gargalhadas.

Frances sorriu.

– Francamente, Ros...

– É verdade. Apre, eu própria me ria se visse uma solteirona de vinte e cinco anos a fazer figura de idiota – resmungou Roslynn.

– Vais parar com isso agora. Estou-te a dizer... juro-te que a tua idade não vai fazer diferença.

Roslynn não conseguia acreditar nisso, por muito que quisesse. Disfarçava-o bem, mas estava muito perto das lágrimas. Aquela era exatamente a razão pela qual estava com tanto medo de se expor na procura de um marido. Ia fazer figura de idiota e isso era uma coisa que não conseguia suportar.

– Vão pensar que existe qualquer coisa muito errada comigo porque não me casei antes, Fran. Tu sabes que é provável que façam isso. É a natureza humana.

– Vão compreender perfeitamente quando souberem que passaste os últimos seis anos a cuidar do teu avô e vão louvar-te por isso. Agora, por favor, nem mais uma palavra a respeito da tua idade. Essa é a menor das tuas preocupações. E conseguiste evitar responder à minha questão, não foi?

Roslynn soltou uma pequena risada com a expressão severa no rosto da amiga, um som caloroso e rouco que era próprio dela. Ela e Nettie tinham chegado à casa de South Audley Street bastante tarde na noite passada, tão tarde que não houve tempo para as duas amigas falarem até aquela manhã. E era uma amizade antiga, uma amizade que sobrevivera doze anos com apenas uma visita nos últimos dez, quando Frances levara o filho, Timmy, às Terras Altas da Escócia para umas férias havia quatro anos.

Roslynn tinha outras amigas na Escócia, mas nenhuma tão próxima como Frances e com quem se sentisse à vontade para confidenciar todos os seus segredos. As duas tinham-se conhecido aos treze anos, quando o avô a tinha

despachado para um colégio interno em Inglaterra para fazer dela uma senhora, uma vez que estava convencido de que a neta se estava a transformar numa pequena maria-rapaz sem qualquer noção do seu estatuto social – o que estava absolutamente correto, para todos os efeitos, mas a Roslynn não parecia muito justo na altura.

Roslynn resistira dois anos no colégio antes de ser expulsa e despachada de volta para Cameron Hall por conta de um «comportamento incorrigível». O avô não a repreendeu. A verdade era que tinha sentido muito a falta dela e estava contente por a ter de volta. Porém, aliciou uma das professoras polidas da escola para sair do colégio e continuar a educação de Roslynn e não houve travessuras suficientemente terríveis que fizessem Miss Beecham desistir; o avô pagava-lhe demasiado bem.

No entanto, durante aqueles dois anos em Inglaterra, Frances e Roslynn tinham sido inseparáveis. E ainda que não tivesse tido a sua apresentação à sociedade quando fez dezoito anos, partilhara a de Frances através das cartas de ambas. Através de Frances, sabia o que era apaixonar-se. Através de Frances, sabia igualmente o que era ter um marido que não se ama. E embora nunca tivesse tido filhos, não havia nada que ela não soubesse acerca deles, pelo menos acerca de um filho, porque Frances partilhara cada fase do desenvolvimento de Timmy com a amiga.

Roslynn também partilhara tudo nas suas cartas ao longo dos anos, embora a vida nas Terras Altas da Escócia tivesse sido desprovida de excitação. Mas não quisera preocupar Frances naqueles últimos meses com os receios do avô, por isso não lhe contara nada acerca de Geordie. E como o podia fazer agora? Como a podia fazer entender que aquilo não era apenas o resultado da senilidade risível de um velho, mas uma situação muito real e perigosa?

Roslynn decidiu começar pelo início.

– Frances, lembras-te de eu te contar que a minha mãe se afogou no Loch Etive quando eu tinha sete anos?

– Sim, um ano depois de o teu pai ter morrido, não foi? – disse Frances compassivamente, apertando-lhe a mão.

Roslynn acenou com a cabeça, tentando não se lembrar da sensação desoladora que se seguiu a ambas as mortes.

– O vovô culpou sempre o sobrinho-neto, Geordie, pela morte da minha mãe. O Geordie era uma criança maldosa, sabes, sempre a fazer mal aos animais e a provocar acidentes para se poder rir à custa deles. Só tinha onze anos na altura, mas já tinha feito com que um dos nossos criados partisse uma perna, a nossa cozinheira ficasse gravemente queimada e um cavalo fosse abatido, e não há forma de saber o que aprontava na própria casa. O pai dele era primo da minha mãe e quando ele nos vinha visitar, trazia sempre o Geordie. E no dia em que a minha mãe se afogou, eles estavam de visita há uma semana.

– Mas como é que ele pode ter provocado o afogamento da tua mãe?

– Nunca houve quaisquer provas, Frances. Partiu-se do princípio de que o

barco que ela levou se virou e ela ficou com os movimentos demasiado restringidos por causa da roupa pesada que vestia, por ser inverno, para ser capaz de nadar até à margem.

– O que estava ela a fazer no meio do lago no inverno?

– Ela cresceu junto ao lago. Sentia-se bem na água. Adorava-o, nadava todos os dias no verão e utilizava-o para fazer todas as visitas que podia, em ambas as margens. Se conseguisse remar sozinha no barco, não queria ouvir falar de uma carruagem ou de um cavalo, independentemente do tempo que fazia. E tinha o seu próprio barco a remos que era fácil de manobrar. Tínhamos as duas um, embora eu estivesse proibida de sair com ele sozinha. Mas, seja como for, por muito boa nadadora que ela fosse, não conseguiu salvar-se naquele dia.

– Não havia ninguém para a ajudar?

– Ninguém viu o que aconteceu. Ela tinha planeado atravessar o lago naquele dia, por isso é provável que o barco se tenha afundado já muito longe da margem. Foi só alguns dias depois que um dos caseiros mencionou por acaso ao vovô que tinha visto o Geordie perto do lugar onde os barcos eram guardados, no início da semana. Se o Geordie não fosse um verdadeiro diabrete a provocar acidentes, o vovô não teria pensado duas vezes no assunto. Mas a verdade é que o Geordie reagiu quase tão mal à morte da minha mãe como eu, o que foi muito surpreendente, visto que ele nunca gostou realmente da minha mãe ou de mim.

– Então, o teu avô pensou que o Geordie tinha danificado o barco dela?

Roslynn acenou afirmativamente com a cabeça.

– Alguma coisa que teria provocado uma entrada lenta de água no barco. Teria sido exatamente o tipo de coisa que faria o Geordie desatar às gargalhadas, fazer com que alguém ficasse encharcado e perdesse um barco bom. Se ele o chegou a fazer, não creio que tenha sido mais do que uma partida maldosa que deu para o torto. Não creio que a intenção dele fosse *matar* alguém, só fazê-lo ficar molhado e zangado. Não podia saber que a minha mãe não ia remar perto da margem. Ela não atravessava o lago com muita frequência.

– Mas, ainda assim...

– Sim, ainda assim. – Roslynn suspirou. – Mas o vovô nunca o conseguiu provar, por isso o que podia fazer? O barco nunca foi encontrado de forma a tirar todas as dúvidas de que fora danificado de propósito. O vovô nunca confiou no Geordie depois disso, nunca mais o deixou vir a Cameron Hall, e incumbiu um dos criados de o seguir. Ele *odiava-o*, Frances, profundamente, mas, sem contar ao pai dele o que suspeitava, não lhe podia negar a casa dele. Mas jurou de forma categórica que o Geordie nunca iria levar nada que fosse dele. Quando o pai do Geordie morreu, só lhe deixou uma pequena herança. O vovô sabia que o Geordie alimentava um ressentimento por ele ter tanto enquanto o lado da família do Geordie tinha tão pouco, mas isso aconteceu porque o vovô era o filho mais velho e herdou a fortuna dos Cameron. E o vovô ficou com a certeza absoluta de que o Geordie queria o dinheiro quando ele me pediu em casamento.

– Estás a subestimar-te, Ros. O dinheiro não é o único atributo que possuis.

Roslynn ignorou as palavras da amiga.

– A verdade era que o Geordie nunca tinha gostado de mim, Frances, enquanto crescíamos, e esse sentimento era mais do que mútuo. Levava a mal o facto de eu ser a familiar mais próxima do vovô. Só quando o pai dele morreu e ele ficou a saber o pouco que lhe tinha deixado é que se deu uma reviravolta e ele começou a ser encantador comigo.

– Mas tu recusaste-o. – Frances declarou a conclusão óbvia.

– É claro que o recusei. Não sou uma patetinha estúpida que não consegue distinguir uma adulação falsa. Mas ele não desistiu. Continuou a fingir ter um grande amor por mim mesmo quando eu conseguia ver o ódio frio que sentia por mim naqueles olhos azuis gelados.

– Muito bem, agora que sei tudo isso, ainda não percebo por que razão tens de te lançar de cabeça numa caça a um marido.

– Sem o vovô, fiquei sem proteção. Não precisaria de proteção se não fosse pelo Geordie. Ele pediu-me em casamento demasiadas vezes, percebes. Deixou bem claro de todas as formas que quer a fortuna dos Cameron e que fará tudo para a conseguir.

– Mas o que pode ele fazer?

Roslynn fez um som de aversão.

– Eu pensava que ele não podia fazer nada. Mas o vovô era mais prudente do que eu.

Frances soltou uma exclamação abafada.

– O dinheiro não iria para o Geordie se alguma coisa te acontecesse, pois não?

– Não, o vovô certificou-se disso. O problema é que o Geordie me pode obrigar a casar com ele se me conseguir deitar as mãos. Há formas, através de drogas ou agressões, ou até mesmo um pastor sem escrúpulos, de impedir a assinatura do contrato de casamento que o vovô mandou redigir para mim. O Geordie ficaria com o controlo de tudo se pudesse, e tal como eu disse, bastava-lhe deitar-me as mãos. Assim que for a mulher dele, vou deixar de ter qualquer utilidade para ele, não é? Na verdade, ele nunca se atreveria a manter-me por perto para contar o que ele tinha feito.

Frances estremeceu, apesar da manhã quente de verão.

– Não estás a inventar esta história, pois não?

– Quem me dera que sim, Frances, a sério. O vovô teve sempre esperança de que o Geordie se casasse, mas isso nunca aconteceu. O vovô sabia que ele estava à espera do momento certo, à espera do dia em que eu ficaria sozinha sem ninguém para protestar com muita veemência se me obrigasse a casar-me com ele. E o Geordie é demasiado grande para lutar contra ele, ainda que eu tenha muito jeito com um punhal e guarde sempre um na minha bota.

– Não estás a falar a sério!

– Estou, pois. O vovô também garantiu que eu saberia usá-lo, se fosse preciso. Mas que ajuda seria um pequeno punhal se o Geordie contratasse reforços para me raptar? Agora já sabes por que razão tive de deixar a Escócia tão depressa e por

que motivo estou aqui.

– E por que motivo queres um marido.

– Sim, isso também. Assim que estiver casada, não há nada que o Geordie possa fazer. O vovô fez-me prometer que me casaria, e depressa. Ele planeou tudo, até a minha fuga. O Geordie vai procurar na Escócia primeiro antes de vir à minha procura aqui, por isso tenho algum tempo para escolher alguém, mas não muito.

– Com a breca, não é justo, nenhuma parte dessa história é justa – disse Frances com uma voz convicta. – Como é que te podes apaixonar com tanta pressa?

Roslynn fez um sorriso irónico, ao recordar-se da admoestação severa do avô.

– Protege-te primeiro, minha menina, com um anel no dedo. Podes encontrar o amor mais tarde. – E como tinha corado, ao perceber exatamente o que ele queria dizer. Mas ele também fora complacente. – É claro que, se o amor te cair no colo, não é preciso enxotá-lo. Agarra-o com força e não o deixes ir, porque pode dar resultado e depois não terás necessidade de o procurar.

O avô também tinha outros conselhos, a respeito de quem ela devia escolher.

– Dizem que um libertino dá um marido esplêndido, isto se uma rapariga formosa conseguir conquistar o coração dele, não os olhos dele, atenção, o coração. Ele já desfrutou de todos os excessos da mocidade, mais do que isso, já explorou o território, por assim dizer. Por isso, quando assentar, estará mesmo preparado para isso.

– Também dizem que, uma vez libertino, sempre libertino – Roslynn sentiu-se obrigada a lembrar. Ficara muito pouco entusiasmada com aquele conselho em particular do avô.

– E quem pode saber isso? Se isso acontecer, o coração dele não foi conquistado. Conquista-o, minha menina, e ele vai ficar contente com isso, isso é certo. Mas eu não estou a falar dos diabinhos mais novos, não, não. Tens de procurar um homem com idade suficiente para saber que já teve bastantes dias de desvario e não precisa de mais. Mas também não vais querer um que já está completamente saciado. Tem cuidado com isso.

– E como é que posso distinguir os dois?

– Se ele ainda sentir as coisas. Se tu o conseguires excitar... apre, não cores tanto, menina. Vais excitar mais rapazes do que imaginas e um bom número de libertinos igualmente, por isso terás muito por onde escolher.

– Mas eu não quero um libertino – insistira ela.

– Vais querer – previu Duncan. – São esses a quem as raparigas não conseguem resistir. Garante, porém, que tens um anel no dedo antes de o deixares...

– Vovô!

Ele soltou um resmungo com a exclamação dela.

– Se eu não te disser estas coisas, quem o irá fazer? Tens de saber como lidar com um homem desse tipo.

– Com as costas da minha mão, sem dúvida.

O avô soltou uma pequena risada.

– Vamos, minha querida, não estás a manter um espírito aberto acerca disto – declarou, numa voz persuasiva. – Se o homem te atrair e puser o teu coração a bater, vais ignorá-lo simplesmente porque se trata de um libertino?

– Sim!

– Mas eu estou-te a dizer que eles dão os melhores maridos do mundo! – Ele elevava a voz face à teimosia de Roslynn. – E eu quero o melhor homem para ti, mesmo que não tenhas muito tempo para o encontrar.

– Macacos me mordam, mas como é que tu sabes isso, vovô? Diz-me isso, se puderes. – Ela não estava zangada, apenas agitada. O avô não sabia que ela já tinha conhecimento do que era um libertino através de Frances, e, tanto quanto ela sabia, esses homens deviam ser evitados como uma praga.

– Eu fui um deles. Não precisas de ficar tão surpreendida. Andei a explorar o território durante dezasseis anos antes de conhecer e casar com a tua avó e fui fiel a essa mulher até ao dia em que ela morreu.

Uma exceção. Uma única exceção. Definitivamente não era o suficiente para fazer Roslynn mudar de ideias a respeito daquela estirpe específica de cavalheiros. Mas não disse isso a Duncan. Deixou-o pensar que tinha feito valer a sua opinião. Ainda assim, aquela era uma parte dos conselhos dele que não seguiria e, dessa forma, não fez qualquer promessa acerca disso.

Em resposta a Frances e à pergunta dela acerca do amor, Roslynn encolheu os ombros.

– Se não acontecer de imediato, não acontece. Tu conseguiste viver sem isso.

Frances franziu o sobrolho.

– Eu não tive escolha.

– Peço desculpa. Não to devia ter lembrado. Mas, quanto a mim, mostra-me um homem agradável à vista que não ande muito atrás de saias e ele servirá lindamente. Se eu achar que posso gostar dele, isso deve ser suficiente. – E depois sorriu. – Afinal, tenho a permissão do meu avô, uma sugestão até, para procurar o amor depois, se não o encontrar no meu casamento.

– Ele... e farias isso?

Roslynn soltou um riso abafado com o semblante chocada da amiga.

– Deixa-me encontrar o marido antes de começar a pensar no amante. Faz figas por mim para que eles acabem por ser o mesmo homem.

— Então, rapazote? Que comentário disparatado tens tu desta vez? Isto serve? — Anthony inclinou-se despreocupadamente à ombreira da porta, enquanto via Jeremy inspecionar o seu novo quarto com um deleite óbvio.

— Macacos me mordam, tio Tony, eu...

— Para. — Anthony ostentou a sua expressão carrancuda mais temível. — Podes chamar tio aos meus outros irmãos as vezes que quiseses, mas a mim basta-me Tony, obrigado.

Jeremy abriu o rosto num sorriso, nada intimidado.

— É esplêndido, Tony, é mesmo. O quarto, a casa, o Tony. Não lhe posso agradecer o suf...

— Nesse caso, não o faças, por favor — atalhou Anthony rapidamente. — E antes que continues com esta maldita mania de adoração, informo-te já que me vou dedicar a perverter-te moralmente, meu caro rapaz. É o que o teu pai merece por te confiar ao meu cuidado.

— Promete?

Anthony teve de reprimir uma pequena gargalhada ruidosa. O rapaz tinha-o levado a sério.

— Não, não prometo nada disso. Meu Deus, achas que quero que o Jason se atire ao meu pescoço? Seja como for, já vai ficar numa fúria quando souber que o James te entregou a mim em vez dele. Não, eu vou-te apresentar ao tipo de mulheres que o teu pai se esqueceu que existe.

— Como a Regan?

A expressão carrancuda de Anthony tornou-se bastante real.

— Nós vamos dar-nos bem, eu e tu, desde que eu nunca mais ouça esse nome. Maldição, és tão mau como o teu pai...

— Vamos, não o posso deixar falar mal do meu pai, tio Tony — interrompeu-o Jeremy, com uma voz muito séria.

Anthony deu um passo em frente e afagou o cabelo preto como carvão do rapaz, tão parecido com o dele.

— Percebe uma coisa, rapazola. Eu adoro o teu pai. Sempre adorei. Mas vou censurá-lo sempre que sentir vontade de o fazer. Ele era meu irmão antes de ser teu pai, no fim de contas, e não precisa que o defendas. Por isso, baixa a guarda. Isto não significa nada.

Jeremy soltou uma pequena risada, apaziguado.

— A Rega... a Reggie disse que não se sentiam felizes a não ser que estivessem a discutir com os vossos irmãos.

— Disse? Bom, aquela rapariga sempre foi uma sabichona — respondeu Anthony afetuosamente. — E, por falar da senhora, ela enviou um bilhete hoje. Parece que está na cidade sem o visconde dela, para variar, e a precisar de um acompanhante para um baile qualquer esta noite. Gostavas de ficar com essa tarefa?

– Eu? Está a falar a sério? – perguntou Jeremy, empolgado.

– Não vejo porque não. Ela sabe que eu não suporto esse tipo de coisas e não me teria pedido se outra pessoa estivesse disponível. Mas o Edward levou a família para Haverston durante esta semana para visitar o Jason, e o Derek também está lá, por isso, infelizmente, somos os únicos Malory presentes aos quais ela pode recorrer... a não ser, claro, que impinjamos a tarefa ao teu pai. Se o conseguirmos encontrar a tempo. Ele pode ter ancorado aqui mais uma semana, mas mencionou qualquer coisa acerca de ir à procura de uma velha amiga...

– Sarah – informou-o Jeremy, com os olhos azuis a brilhar. – Ela trabalha numa taberna no...

– Poupa-me os pormenores.

– Seja como for, muito dificilmente o apanhava a ir a um baile, nem sequer pela sua sobrinha preferida. Mas eu adorava ir. Até tenho a roupa adequada. E também sei dançar, a sério. O Connie ensinou-me.

Anthony quase se engasgou com o riso.

– Ensinou? Quem conduzia, tu ou ele?

Jeremy sorriu.

– Alternávamos, mas já pratiquei com raparigas das tabernas desde aí, e elas não se queixaram.

Anthony não estava interessado em saber a que outras formas de prática ele se tinha dedicado, porque não tinha qualquer dificuldade em imaginar isso. Era o resultado de demasiado contacto com os amigos duvidosos do pai, obviamente. Que diabo ia fazer com um fedelho tão charmoso? Tinha de fazer alguma coisa, porque Jeremy estava lamentavelmente desprovido de elegância social, graças ao pai. Um pirata cavalheiro – bom, um pirata reformado – e um libertino com má reputação, ele próprio, não eram os melhores modelos a seguir. Talvez devesse entregar o rapaz aos primos quando estes regressassem a Londres para ver se eles lhe conseguiam ensinar as noções rudimentares.

– Estou certo de que a Reggie vai ficar encantada por dançar contigo, rapazote, mas compara-a a uma rapariga das tabernas e é provável que te dê um bofetão pela calúnia. E ela já te conhece suficientemente bem agora, por isso vai ficar contente por ter a tua companhia durante um serão. Eu sei que gosta bastante de ti.

– Sim, ela engraçou logo comigo no dia em que a raptámos.

– Tens de me lembrar disso? E foi só depois de ela saber quem tu eras que ela engraçou contigo, meu caro rapaz. Meu Deus, o trabalho a que se deu o James para acertar contas com o visconde para depois descobrir que a Reggie se tinha casado com ele.

– Bom, isso mudou tudo.

– É claro que mudou. Mas ele não te devia ter arrastado com ele nessa busca de vingança, para começar.

– Era uma questão de honra.

– Ah, então sempre sabes o que é isso, certo? – perguntou Anthony, secamente.

– Nesse caso, ainda há esperança para ti, suponho... se conseguirmos remover a

expressão «raparigas das tabernas» do teu vocabulário, isto é.

Jeremy corou ligeiramente. Não tinha culpa de ter passado os primeiros anos da sua vida numa taberna até o pai dele descobrir a sua existência e assumir a responsabilidade por ele. Connie, o imediato e melhor amigo de James, estava sempre a repreendê-lo por causa da forma como falava; agora já havia mais alguém determinado a corrigi-lo.

– Talvez eu não seja suficientemente bom para acompanhar...

– Lá estás tu a levar aquilo que eu disse a sério de novo. – Anthony abanou a cabeça para o rapaz. – Alguma vez teria sugerido que fosses tu a acompanhar a *minha* sobrinha preferida se não achasse que eras capaz?

Jeremy estava a franzir o sobrolho naquele momento, mas por uma razão diferente.

– Não posso fazer isso. Com a breca, onde tinha a cabeça? É claro que não posso. Se fosse outra pessoa... Não, não posso mesmo.

– Que diabo estás para aí a gaguejar?

Jeremy fitou-o atentamente.

– Não a posso levar a nenhum baile se for a única proteção dela. E se alguém como o Tony a incomodar?

– Como *eu*? – Anthony não tinha a certeza se lhe apetecia rir ou estrangular aquele rapaz malcriado.

– Sabe aquilo que quero dizer, alguém que não aceite bem um «não» quando o ouve. Não digo que não esganasse quem quer que fosse que se atrevesse...

– Mas quem é que vai levar um rapaz de dezassete anos a sério? – terminou Anthony, com uma expressão carrancuda. – Maldição! Não suporto esses malditos bailes! Nunca suportei e jamais o farei. Mas tens toda a razão. Creio que vamos ter de arranjar uma solução. Tu vais acompanhá-la e eu também a vou manter debaixo de olho. O salão de baile dos Crandal dá para um jardim, creio eu, portanto, posso fazê-lo sem ter de estar efetivamente presente no baile. Isso deve deixar satisfeito até mesmo aquele marido superprotetor que ela tem. A ideia agrada-te, meu jovem Galahad?

– Sim, desde que eu saiba que está lá e pode intervir se ela tiver um problema a sério. Mas, com a breca, Tony, não se vai aborrecer preso no jardim toda a noite?

– Sem dúvida, mas acho que consigo tolerar isso por uma noite. Não sabes qual é alternativa se por acaso aparecer num baile desses e não me perguntes. É a cruz da minha vida, mas foi a vida que eu escolhi, por isso não me queixo.

E, com aquele comentário enigmático, Anthony deixou Jeremy para este se instalar nos seus novos aposentos.

—Então, minha querida, já acreditas em mim agora? – sussurrou Frances, surgindo atrás de Roslynn, que estava no meio de um círculo de admiradores, que não arredara pé de junto dela desde que chegara àquele baile, o terceiro acontecimento do género no mesmo número de dias.

A questão era suficientemente inocente, caso alguém a tivesse ouvido, mas tal não foi o caso. Embora os olhos dos cavalheiros presentes regressassem constantemente a Roslynn, num vestido de cetim verde-azulado, a atenção deles estava momentaneamente concentrada numa discussão amigável a respeito de uma corrida qualquer que devia acontecer no dia seguinte. Fora *ela* quem dera início à discussão, o que lhe parecera sensato, uma vez que interrompera a discussão anterior acerca de quem ia dançar com ela a seguir. Roslynn estava verdadeiramente cansada de dançar, especialmente com Lord Bradley, que devia ser o homem com os maiores pés daquele lado da fronteira.

Felizmente, ou infelizmente no caso de Roslynn, não precisou de pedir a Frances para explicar a pergunta. Frances tinha-a repetido demasiadas vezes nos últimos dias, extremamente empolgada por ter tido razão a respeito da receção de Roslynn pela sociedade elegante e Roslynn estar errada. Não se coibia de exultar a sua vitória, tomando o sucesso de Roslynn pessoalmente, como se fosse seu.

– Eu acredito em ti – suspirou Roslynn, esperando que aquela fosse a última vez que teria de o dizer. – Juro por Deus que acredito. Mas como é que vou escolher no meio de tantos?

Frances puxou-a para trás alguns passos para a repreender.

– Tu não *tens* de escolher nenhum deles. Céus, acabaste de dar início à caça. Existem outros bons partidos que ainda não conheceste. Não vais saltar para isto às cegas, pois não?

– Não, não, é claro que não. Não tenciono casar-me com um *completo* desconhecido. Bom, em boa verdade, é isso que ele será para mim, mas tenciono ficar a saber tudo o que puder acerca dele primeiro. Creio que é melhor conhecer a minha vítima o melhor possível de forma a evitar erros.

– Sem dúvida, uma vítima. – Frances revirou os olhos de forma dramática. – É assim que encaras o assunto?

Roslynn suspirou de novo.

– Não sei, Frances. Parece-me tão insensível, independentemente da forma como olho para isso, especialmente quando ninguém que tenha conhecido até agora tenha despertado o meu interesse nem que seja um bocadinho. Eu vou *comprar* um marido para mim. Não existe uma forma mais simpática de o dizer. E não me parece que vá gostar particularmente do homem em questão se forem estas as minhas únicas opções. Mas desde que ele cumpra os outros requisitos...

– Que disparate! – admoestou-a severamente Frances. – Estás a desistir quando acabaste de começar a busca. O que foi que aconteceu para te desanimar tanto?

Roslynn fez um esgar.

– São todos tão *jovens*, Frances. O Gilbert Tyrwhitt não pode ter mais do que vinte anos e o Neville Baldwin não é muito mais velho do que isso. O conde é da minha idade e o Lord Bradley é apenas uns anos mais velho, embora se *comporte* de tal forma que nunca devia ter sido autorizado a sair da escola. Aqueles outros dois não são melhores do que ele. Maldição, fazem-me sentir tão velha. Mas o vovô avisou-me. Ele disse que eu devia procurar um homem mais velho, mas onde estão? E se me disseses que eles já estão todos casados, acho que vou gritar.

Frances riu-se.

– Ros, estás a querer apressar as coisas. Existe um número razoável de cavalheiros distintos presentes, viúvos e alguns solteiros inveterados que tenho a certeza que vão repensar esse estatuto assim que te conhecerem. Mas não tenho dúvidas de que terei de os apontar para os veres, porque é provável que estejam intimidados por estes jovens peraltas a competir pelas tuas danças e pressentem uma competição muito cerrada. Se quiseres um homem mais velho, vais ter de dar ao pobre sujeito algum encorajamento, deixá-lo pensar que estás interessada... bom, tu sabes o que eu quero dizer.

– Macacos me mordam, Frances, não precisas de corar. Não tenho qualquer problema em ser atrevida se tiver de o fazer. Até estou preparada para expor a minha situação e fazer eu própria a proposta de casamento. Não faças essa cara de admirada. Tu sabes que estou a falar a sério e que o farei se tiver de ser.

– Tu sabes muito bem que ficarias demasiado embaraçada para ser assim tão ousada.

– Em circunstâncias normais, talvez. Mas nestas circunstâncias, não tenho muita escolha. Não tenho tempo para desperdiçar numa corte adequada e, seguramente, não tenho tempo para ficar à espera que o homem certo apareça. Por isso, aponta-me os bons partidos mais experientes e eu digo-te quais são aqueles a quem quero ser apresentada. Já tive a minha quota-parte destes jovens dândis.

– Muito bem – respondeu Frances e olhou despreocupadamente à volta do salão. – Ali, ao lado dos músicos, aquele alto. De momento, não me lembro do nome dele, mas sei que é um viúvo com dois filhos... não, três. Acho que é isso. Deve ter quarenta e um ou dois anos e é um indivíduo muito agradável, pelo que ouvi dizer. Tem uma grande propriedade no Kent onde os filhos vivem, mas prefere a vida cidadina. Era o género dele que tinhas em mente?

Roslynn fez um sorriso irónico com a tentativa desajeitada de sarcasmo de Frances.

– Ele não é mau, não é nada mau. Gosto do cabelo grisalho nas têmporas. Se não puder ter amor, tenho de insistir numa aparência agradável à vista e ele cumpre esse requisito, não achas? Sim, ele serve para começar. E a seguir, quem mais?

Frances lançou-lhe um olhar de profundo descontentamento, pois não havia dúvidas de que sentia que *ela* estava num mercado a escolher artigos, mesmo que Roslynn não sentisse o mesmo. Era tudo tão desagradável, a forma lógica e impessoal como Ros encarava aquilo. Mas, na verdade, a realidade das coisas era

essa, só que a maior parte das mulheres tinha um pai ou um guardião para tratar dos pormenores, enquanto elas se preocupavam unicamente com as fantasias felizes do amor para sempre, ou nos casos mais infelizes, no amor para nunca mais. Ros não tinha ninguém que pudesse tratar das realidades do casamento por ela, por isso teria de tratar de todos os preparativos sozinha, incluindo as estipulações financeiras.

Mais apaziguada com aquela situação, visto que lutar contra isso era inútil, Frances apontou para outro cavalheiro e, a seguir, para outro; passada uma hora, Roslynn tinha-os conhecido a todos e criara uma nova lista de «possíveis», desta feita, muito mais aceitável no que dizia respeito à idade. Mas os jovens fanfarrões não a tinham deixado em paz e insistiam em danças atrás de danças. Embora a sua popularidade aliviasse bastante a ansiedade que sentia, estava a tornar-se uma pequena maçada.

Tendo vivido tanto tempo em isolamento com o avô e os criados que conhecera a maior parte da sua vida, Roslynn tivera muito pouco contacto com cavalheiros. Os homens do seu círculo de conhecidos estavam habituados a ela e àqueles que não conhecia, não lhes prestava atenção, tal como ditava o decoro. Ao contrário de Nettie, que se inteirava de tudo com apenas um olhar e estava bem consciente do efeito de Roslynn no género masculino, Roslynn era demasiado circunspecta nas suas saídas para prestar atenção ao que se passava à sua volta. Não era uma surpresa que tivesse atribuído tão pouca importância à sua aparência, que nunca lhe parecera nada de extraordinária, e por outro lado, tanta importância à idade, que lhe parecia inadequada para o objetivo que tinha, e contasse apenas com o estatuto de herdeira para conquistar um marido rapidamente.

Partira do princípio, dada a idade avançada em comparação com todas as outras jovens a desfrutar da primeira temporada social, de que teria de se contentar com um segundo ou terceiro filho sem perspectivas futuras, ou até mesmo um malandro com o vício do jogo, um cavalheiro que estivesse nas ruas da amargura e altamente endividado. E ainda que existisse um contrato de casamento que deixaria o controlo da maior parte da fortuna nas suas mãos, seria generosa. Podia dar-se ao luxo de ser generosa. Era tão rica que chegava a ser embaraçoso.

Mas teve de reavaliar a sua situação depois da primeira festa a que Frances a levava. Descobriu rapidamente que todos os tipos de cavalheiros demonstravam interesse nela, e a dimensão da sua riqueza ainda nem sequer era conhecida. É claro que os vestidos e joias falavam por si próprios, mas, na verdade, havia aquele conde abastado que já a tinha visitado em South Audley Street, assim como o desagradável Lord Bradley. Os homens mais velhos na nova lista tão-pouco eram pobres, e todos tinham parecido extremamente lisonjeados pelo interesse que neles demonstrara. Mas estariam dispostos a casar-se com ela? Bom, isso ainda estava por descobrir. A prioridade de Roslynn agora era averiguar mais coisas acerca de cada um deles. Não queria hábitos ou surpresas desagradáveis revelados *depois* de estar casada.

Aquilo de que precisava naquela altura era um confidente e conselheiro,

alguém que já conhecesse aqueles homens há alguns anos e a pudesse ajudar a reduzir a lista. Frances estivera demasiado tempo resguardada e recolhida desde a viuvez para poder ser uma grande ajuda numa análise de carácter exaustiva. Não conhecia quaisquer homens pessoalmente além dos amigos do falecido marido, nenhum dos quais recomendaria para serem objeto de consideração. Os homens que apresentara a Roslynn naquela noite eram meramente conhecidos a respeito dos quais tinha um conhecimento vago.

A má-língua podia ajudar, mas era muito pouco fidedigna, e a má-língua antiga tendia a ser esquecida para dar lugar à mais recente, e isso não seria útil ao seu propósito, em todo o caso. Se ao menos Roslynn tivesse outras amigas em Londres, talvez fosse mais fácil, mas Frances era a única amiga a quem podia recorrer.

Nunca ocorreu a nenhuma das mulheres que Roslynn podia contratar alguém para descobrir tudo o que precisasse de saber acerca dos candidatos. E mesmo que tivesse ocorrido, não saberiam como começar a procurar uma pessoa desse tipo. Mas isso teria sido demasiado simples e Roslynn antevira desde o início que aquela questão de caça ao marido fosse difícil. Antevira a tortura de um processo como aquele, simplesmente porque sabia que não se podia dar ao luxo de ter o tempo necessário para tomar uma decisão prudente.

Pelo menos, estava a fazer progressos naquela noite, um progresso lento mas útil. Sir Artemus Shadwell, o viúvo de têmporas grisalhas, enfrentara a matilha dos dândis turbulentos, quando ela começara a pensar neles por causa da perseguição excessiva que lhe faziam, e roubara-a para uma dança. Infelizmente, não fora uma dança propícia a uma conversa e o máximo que conseguiu saber a respeito dele foi que com cinco filhos do primeiro casamento (Frances estava completamente enganada naquele ponto!), não estava minimamente interessado em dar início a uma família nova se alguma vez se casasse de novo. Roslynn gostava de saber de que forma podia evitá-lo, mas fora isso que ele afirmara.

Era uma pena, porque se Roslynn estava determinada a conseguir alguma coisa do marido que acabasse por escolher, eram filhos. Essa era a única coisa acerca do casamento pela qual ansiava. Queria filhos, não muitos, mas alguns, dois ou três, ou quatro, e isso era certo. Tão-pouco era uma coisa que podia deixar para depois tendo em conta a sua idade. Se ia ter uma família, teria de começar imediatamente. Esse ponto teria de ficar bem assente. Não haveria qualquer possibilidade de «talvez» ou «vamos ver» em relação ao assunto.

Mas não precisava de eliminar já Sir Artemus da lista. No fim de contas, ele não sabia que era um dos «possíveis», por isso não podia ter levado a sério a pergunta dela acerca dos filhos. E a opinião de um homem podia mudar. Pelo menos isso sabia acerca dos homens.

Depois da dança de ambos, ele levou-a de volta à companhia de Frances, que estava junto à mesa das bebidas e comidas com uma jovem que Roslynn ainda não conhecera. Mas uma valsa começou a tocar de imediato e Roslynn reparou que o persistente Lord Bradley se dirigia numa linha reta para ela. Solto um resmungo audível. Estava decidida. *Não* ia ficar com os pés esmagados por causa daquele

sujeito desastrado.

– O que foi agora, Roslynn? – inquiriu Frances, ao ouvi-la.

– Nada... ora, tudo – respondeu ela, exasperada e depois assaz determinada, sem reparar minimamente na desconhecida que ainda não lhe tinha sido apresentada. – Não vou dançar com aquele pateta do Bradley de novo, Frances. Juro que não. Desmaio primeiro, o que te vai deixar embaraçada, por isso tens de me desculpar enquanto eu me vou esconder durante toda esta dança.

E, com uma pequena risada satisfeita pela única decisão que fora capaz de tomar com facilidade, brindou ambas as senhoras com um sorriso conspiratório e desapareceu no meio das pessoas, deixando-as com a tarefa de explicar ao persistente Lord Bradley que a sua presa havia desaparecido.

Encaminhando-se rapidamente para uma das várias portas envidraçadas que davam para um terraço, Roslynn esquivou-se lá para fora, mas não prosseguiu caminho. Encostada à parede ao lado da porta, arriscou um apressado olhar em volta para se certificar de que não seria observada por ninguém que estivesse a tirar partido do bonito jardim iluminado pelo luar que se estendia ao longo de um grande relvado para lá do grande terraço de pedras planas, mas felizmente não viu ninguém. A seguir, virou-se e dobrou-se pela cintura para espreitar pela porta e ficar a saber se a fuga tinha sido bem-sucedida. Foi mesmo a tempo de ver Lord Bradley a deixar Frances para trás, com uma expressão de grande desapontamento.

Era indecente, mas não conseguia sentir ponta de remorso. Na verdade, continuou a observar Lord Bradley só para ter a certeza de que ele não se lembraria de a procurar ali fora quando não a conseguisse encontrar na pista de dança. Teria de encontrar outro esconderijo e podia imaginar-se a agachar-se de forma ridícula atrás de canteiros de flores no jardim, apesar de estar a fazer um espetáculo igualmente ridículo naquele momento, deu-se conta tardiamente, e lançou mais um olhar nervoso atrás de si para se assegurar de que o jardim estava deserto. Estava, tanto quanto conseguia ver. Depois de espiar Lord Bradley por mais alguns momentos, viu-o finalmente a pedir a outra pessoa para dançar.

Nesse momento, Roslynn endireitou-se com um suspiro, a congratular-se em silêncio por ter salvado os pés por enquanto. Devia ter fugido para o jardim mais cedo. O ar fresco era bem-vindo, um bálsamo para os seus pensamentos em desordem, tão repletos da complexidade que a sua vida adquirira. Precisava de uns minutos sozinha, para simplesmente não pensar em nada, para deixar tudo desaparecer ao som dos acordes amenos da valsa que escapavam através das portas abertas.

Uma luz suave e dourada estendia-se ao longo do terraço de pedra em porções retangulares vinda de cada uma das portas e janelas que davam para o relvado. Algumas mesas e cadeiras estavam espalhadas um pouco por todo o lado, mas eram demasiado visíveis do interior, por isso Roslynn evitou-as.

Avistou um banco escondido por baixo de uma árvore no limite do terraço, onde este se convertia em relvado, ou, pelo menos, as pernas daquilo que parecia ser um banco. A luz só chegava a esse ponto por causa de um ramo baixo que

curvava na direção da casa, quase como uma cortina protetora. O resto da área permanecia na obscuridade devido aos grandes ramos grossos da árvore, que tornavam impossível a luz do luar penetrar. Era perfeito. Podia pôr os pés em cima do assento e tornar-se quase invisível se alguém aparecesse cá fora. Invisível seria bom, para variar.

Estava a poucos metros de distância, mas Roslynn desatou a correr rumo àquele refúgio inesperado, com a esperança de que, naqueles poucos segundos, ninguém a avistasse por uma das janelas. Chegou a sentir uma ansiedade momentânea de não conseguir alcançar as sombras seguras a tempo. A importância que estas adquiriram era absurda. Estava desejosa de alguns minutos de descanso. O mundo não acabava se aquele desejo não lhe fosse concedido. Em todo o caso, não podia ficar longe muito tempo, senão Frances ficaria preocupada.

Mas nada disso parecia ter importância ao lado da sua ansiedade. Aquele banco pateta tinha-se tornado essencial por causa de uma necessidade puramente emocional. E depois, de forma abrupta, tudo o que estava a sentir ficou paralisado. Aquilo que alcançara estava longe de ser um refúgio. O banco, o banco *dela*, já estava ocupado.

Estacou num feixe de luz, a fitar de modo inexpressivo aquilo que parecera não mais do que uma sombra escura a meia dúzia de metros, mas que agora se revelava a perna vestida de preto de um homem, apenas uma perna, dobrada por cima do encosto do banco num dos cantos, com o pé colocado com firmeza no assento em que *ela* tencionara tornar-se invisível. Os olhos dela subiram, descobrindo o joelho dobrado, vendo finalmente que ele estava a equilibrar uma das ancas por cima do encosto do banco, meio sentado e meio de pé, sem dúvida numa posição confortável. Ergueu ainda mais o olhar e viu os antebraços pousados descontraidamente no joelho dobrado, as mãos soltas, com as palmas para baixo, os dedos longos e elegantes, pormenores visíveis apenas porque eram de uma cor mais clara do que o preto das calças dele. Mais acima um pouco estavam ombros amplos descontraídos, inclinados para a frente, e a tonalidade mais clara, contrastante, de um plastrão branco, não muito apertado. Roslynn olhou finalmente para o rosto, mas não conseguiu distinguir as feições dele mesmo àquela curta distância, apenas uma mancha cinzenta definida por cabelo escuro.

Ele estava completamente na sombra, onde ela queria estar. Não era mais do que um amontoado de sombras pretas e cinzentas, mas estava ali, real e silencioso. Os sentimentos anteriores dissiparam-se numa onda de fúria. Sentiu-se violada, e com uma raiva desmedida. Ela sabia que ele a podia ver claramente na luz que vinha da casa, e nos pontos que essa luz não alcançava, havia a luz prateada do luar. Era provável que ele a tivesse visto a agir de forma absolutamente ridícula a espreitar pela porta para o salão de baile, como uma criança pequena num jogo de escondidas. E ele não dissera palavra. Não se movera. Ficara simplesmente a olhar para ela.

A sua pele ardia com a vergonha que sentia. A raiva exacerbou-se por ele se manter mudo, como se ainda continuasse invisível para ela. Podia tê-la posto à

vontade. Um cavalheiro teria dito alguma coisa para a fazer crer que só reparara nela agora, mesmo que isso não fosse verdade.

O silêncio ininterrupto despertou o seu instinto de fuga, mas era insuportável, não saber quem ele era enquanto ele a poderia facilmente reconhecer. Havia uma probabilidade muito elevada de vir a conhecer homens novos no futuro próximo, e estar constantemente a perguntar-se se um deles era aquele homem, o homem que devia estar a rir-se silenciosamente dela. Mais uma preocupação a juntar a todas as outras que já tinha. Não podia ser.

Encheu-se de coragem para perguntar quem ele era, preparada para insistir, preparada até para o arrastar à força para a luz se tivesse de ser – Roslynn estava absolutamente furiosa. As palavras não eram necessárias e foram esquecidas. Uma luz apareceu num dos quartos do piso superior da casa, suficientemente perto da janela para lançar um feixe de luz dourada que penetrou na diagonal através dos ramos superiores da árvore. Era seletivo, aquele feixe de luz. Nos pontos em que irrompeu através das folhas lá no alto, tocou apenas em determinados sítios da parte superior do corpo do homem, as mãos, um ombro rodeado de veludo preto – o rosto dele.

Roslynn simplesmente não estava preparada. Ficou completamente sem fôlego. Durante longos momentos a sua mente ficou completamente em branco, a tal ponto que não seria capaz de se lembrar do seu próprio nome se lhe perguntassem.

A boca era larga e suavemente arqueada nos cantos e a linha do maxilar era forte e arrogante. O nariz tinha uma forma vincada, aquilina, orgulhosa. A pele tinha uma tonalidade escura, morena, mas, ainda assim, contrastava com o cabelo cor de ébano de ondas espessas. Os olhos – que Deus protegesse os inocentes daqueles olhos – eram do mais puro azul, com pálpebras semicerradas, e pareciam levemente oblíquos. Eram olhos exóticos, hipnóticos, rodeados de pestanas pretas e sobrelhas mordazes. Naquele momento estavam a avaliá-la, a examiná-la com uma ousadia sensual – e eram ardentes, demasiado ardentes.

Foi a fraqueza que sentiu com a falta de ar que fez Roslynn voltar a si com um abanão. Inspirou profundamente, devagar, e expirou com um suspiro. Não era justo. O avô avisara-a. Não precisava que lhe dissessem nada. Ela sabia. Ele era um deles, um daqueles homens «a não ter em consideração». Tinha um poder de atração demasiado implacável para isso não ser verdade.

A irritação anterior foi esquecida. Uma nova irritação interpôs-se. Sentiu um impulso estranho de lhe bater por ser aquilo que ele era. Porquê ele? Por que razão o único homem que a deixava sem fôlego tinha de ser o único homem inaceitável aos seus olhos?

– Não tira os olhos de mim, senhor. – De onde tinha vindo aquilo, quando o resto dos seus pensamentos estavam tão caóticos?

– Eu sei – respondeu ele simplesmente, intensificando o sorriso.

Ele absteve-se de chamar a atenção para o facto de que ela estava a fazer o mesmo. Sentia demasiado prazer apenas a observá-la. As palavras eram desnecessárias, uma intrusão, embora a voz rouca dela afagasse o seu rosto como

uma carícia.

Anthony Malory estava absolutamente fascinado. Já a tinha visto antes de ela sair para o terraço. Estivera a manter Reggie debaixo de olho através da janela mais próxima quando ela apareceu na sua linha de visão. Não lhe vira o rosto nessa altura, apenas as costas esguias envoltas em cetim verde-azulado – e o cabelo. O glorioso ruivo dourado atraiu imediatamente o interesse dele. Quando ela se afastou da linha de visão antes de ter conseguido vê-la melhor, ergueu-se, preparado para enfrentar as massas só daquela vez, guiado por um impulso irresistível de ver a cara que acompanhava aquele cabelo.

Mas ela viera cá para fora. Ele descontraíu-se contra o banco, paciente agora. Em contraluz, ainda não lhe conseguia distinguir as feições de forma clara, mas não ia demorar muito. Ela não ia a lado nenhum, tal como ele.

E depois limitou-se a observar o comportamento rocambolesco dela ao esconder-se atrás da porta e inclinar-se para a frente para espreitar lá para dentro. O traseiro torneado que lhe apresentou levou-lhe um sorriso rasgado aos lábios. *Querida, não sabe o convite que me está a fazer.*

Quase soltou uma gargalhada em voz alta, mas foi como se ela lhe tivesse lido os pensamentos. Endireitou-se, e fitou o terraço ao mesmo tempo. Quando olhou fixamente na direção dele, pensou que tinha sido descoberto. E, a seguir, conseguiu chocá-lo, ao encaminhar-se para ele, ao *correr* para ele, irrompendo numa mancha de luz brilhante, fazendo-o duvidar do sentido de visão com a beleza arrebatadora do seu rosto, finalmente revelado, e desaparecendo brevemente nas sombras antes de chegar à mancha de luz que caía diretamente à frente do banco. Ela deteve-se ali, tão chocada como ele, mas a surpresa de Anthony dissipou-se rapidamente quando se deu conta de que ela não tinha estado a correr para ele, nem tão-pouco sabia que estava ali. Mas agora já sabia.

Era divertido ver as emoções que se sucediam nas feições perfeitas dela. Choque, curiosidade e depois um embaraço tingido de cor-de-rosa, mas nenhum medo. Os olhos intensos e carregados de laivos dourados fixaram-se na perna dele e subiram. Anthony perguntou-se o que é que ela conseguia ver realmente. Não muito, provavelmente, estando ela no meio da luz, mas não sentia a mínima vontade de se revelar já.

Por um lado, estava espantado por ela não ter desatado a correr imediatamente, ou desmaiado, ou feito qualquer outra coisa que uma jovem debutante, até então superprotegida, provavelmente faria quando fosse confrontada com um homem desconhecido à espreita nas sombras. Inconscientemente, ele procurava uma razão para ela reagir de forma diferente de todas as outras inocentes que evitava a todo o custo. Quando se deu conta disso, foi outro choque. Ela não era assim tão jovem, não demasiado jovem para ele, em todo o caso. Não lhe estava interdita, portanto.

Esse conhecimento teve um efeito imediato no sistema de Anthony. Quando antes tinha simplesmente apreciado a beleza dela como um conhecedor, agora o cérebro registava que não precisava de se limitar a olhar, também podia tocar. E depois a luz acendeu-se no piso superior da casa e ela estava a fitá-lo com uma

nova expressão, obviamente fascinada, e nunca se sentiu tão contente por as mulheres o acharem fisicamente atraente.

De súbito, tornou-se imperativo perguntar-lhe:

– Quem a guarda?

Roslynn sobressaltou-se ao ouvir a voz dele de novo após o longo silêncio; sabia muito bem que se devia ter afastado depois das primeiras palavras entre ambos não terem continuado. Mas continuara presa ao lugar, incapaz de desviar os olhos, sem se importar com o facto de o estar a fitar e de ele estar a fazer o mesmo.

– Me guarda?

– Sim. A quem pertence?

– Oh. A ninguém.

Anthony sorriu, intrigado.

– Talvez seja melhor reformular a minha pergunta.

– Não, eu entendi-o. Assim como o senhor me entendeu. O meu avô faleceu recentemente, sabe. Eu morava com ele. Agora não tenho ninguém.

– Nesse caso, pode ter-me a mim.

As palavras suaves apanharam o coração de Roslynn desprevenido. O que não daria para o ter. Mas estava quase certa de que ele não queria dizer aquilo que ela queria ouvir, e o significado verdadeiro das palavras dele era embaraçoso. Mas ela não ficou embaraçada. Era algo que podia esperar que um homem como ele dissesse. Nunca eram sinceros, dissera-lhe Frances. E adoravam dizer coisas chocantes para intensificar a imagem de dissolução e ausência de princípios.

Ainda assim, Roslynn teve de perguntar. Foi mais forte do que ela.

– Nesse caso, casa-se comigo?

– Casar-me?

Tinha conseguido abalá-lo. Esteve prestes a soltar uma gargalhada com a expressão de horror dele.

– Eu não tenho papas na língua, senhor, embora geralmente não seja assim *tão* atrevida. Mas, tendo em consideração aquilo que me disse, a minha pergunta faz todo o sentido. Nesse caso, posso partir do princípio que o casamento não é um objetivo seu?

– Santo Deus, não!

– Não precisa de ser assim senhor perentório – disse ela, com o desapontamento apenas levemente perceptível na voz. – Também não achei que fosse.

Anthony também não estava muito satisfeito consigo próprio naquele momento, ao mesmo tempo que tirava as suas próprias conclusões.

– Não vai esmagar as minhas esperanças tão cedo, pois não, querida? Diga-me que não está à procura de um matrimónio como toda a gente.

– Estou sim, sem qualquer margem para dúvidas. Foi por esse motivo que vim para Londres.

– Não é isso que fazem todas?

– Perdão?

Ele sorriu-lhe de novo, o que teve um efeito extremamente estranho nela, semelhante à sensação de se derreter em mel.

– Ainda não é casada, pois não. – Ele não estava lhe estava a perguntar, mas a clarificar isso na mente de ambos. Inclinou-se para a frente e agarrou-a pela mão, puxando-a suavemente para mais perto. – Que nome acompanha tamanho encanto?

Que nome? Que nome? A mente dela estava preenchida por aqueles dedos sem luvas que seguravam levemente nos seus. Quentes, fortes. O braço nu de Roslynn ficou completamente arrepiado. As suas canelas chocaram contra a extremidade do banco ao lado do pé dele, mas ela não sentiu isso. Ele trouxera-a para as sombras.

– Tem um, não tem? – insistiu ele.

Um odor limpo e masculino tomou de assalto as narinas de Roslynn.

– O quê?

Ele soltou uma pequena risada, encantado com a confusão dela.

– Minha querida menina, um nome. Todos nós temos de ter um, bom ou mau. O meu é Anthony Malory. Tony, para os mais íntimos. Agora, por favor, confesse o seu.

Ela fechou os olhos. Era a única forma de conseguir pensar.

– Ros... Roslynn.

Ela ouviu a língua dele a dar um estalido.

– Não admira que se queira casar, Ros Roslynn. Quer simplesmente mudar de nome.

Os olhos dela abriram-se repentinamente e ficaram maravilhados com o sorriso dele. Ele estava a brincar. Era simpático que sentisse esse à-vontade. Os outros homens que conhecera recentemente estavam demasiado ocupados a tentar causar uma boa impressão para ficarem à vontade na presença dela.

Ela retribuiu-lhe o sorriso.

– Roslynn Chadwick, para ser mais precisa.

– Um nome que devia manter, queridinha... pelo menos até nos conhecermos melhor. E vamos fazer isso, sabe. Quer que lhe diga de que forma?

Ela riu-se e o som rouco arrepiou Anthony da cabeça aos pés.

– Está a tentar chocar-me de novo, mas isso não vai funcionar. Sou demasiado velha para corar e avisaram-me contra homens como o senhor.

– Como eu?

– Um libertino.

– Culpado. – Ele soltou um suspiro fingido.

– Um mestre da sedução.

– Eu espero que sim.

Ela riu-se e, mais uma vez, aquele não era um risinho pateta ou um sorriso afetado que lhe irritava os sentidos, mas um som quente e profundo que o fazia querer... não se atrevia. Aquela era uma mulher que não se queria arriscar a assustar. Podia não ser inocente em idade, mas ainda não sabia se ela era experiente noutros campos.

Aquela luz fatídica do piso superior da casa que lançara Roslynn no caminho da confusão foi subitamente apagada. O pânico foi instantâneo. Não importava que ela tivesse desfrutado da companhia dele. Não importava que se sentisse perfeitamente à vontade com ele. Agora, estavam rodeados pela escuridão, ele era um libertino e ela não se podia dar ao luxo de ser seduzida.

– Tenho de ir.

– Ainda não.

– Não, tenho mesmo de ir.

Tentou libertar a mão, mas Anthony agarrou-a com mais firmeza. A outra mão dele aproximou-se da face dela, com as pontas dos dedos a acariciá-la suavemente, e alguma coisa despertou dentro da barriga de Roslynn. Ela tinha de o fazer entender.

– Tenho... tenho de lhe agradecer, Mr. Malory. – O sotaque escocês irrompeu sem se dar conta, com metade da atenção no toque dele e a outra no seu pânico crescente. – Fez-me esquecer as minhas preocupações durante um bocado, mas não quero aumentá-las. É de um marido que eu preciso, não de um amante, e o senhor não reúne os requisitos necessários... infelizmente.

Roslynn conseguiu libertar-se, simplesmente porque foi capaz de surpreendê-lo mais uma vez.

Anthony ficou a observá-la a entrar e sair das diferentes manchas de luz antes de desaparecer no interior da casa e, mais uma vez, sentiu aquele impulso ridículo de ir atrás dela. Não o fez. Um sorriso lento começou a desenhar-se no seu rosto e ampliou-se. «Infelizmente», dissera ela com um pesar tão intenso. A jovem senhora não sabia, mas tinha selado o destino dela com aquelas palavras.

CAPÍTULO 6

— **A**cabámos de ver um mestre em ação, Connie.

— A mim, pareceu-me mais uma comédia de enganos – respondeu o homem ruivo e alto. — Uma oportunidade perdida é uma oportunidade perdida, independentemente da forma como se olha para a questão.

Anthony riu-se quando os dois se juntaram a ele por baixo da árvore.

— Andas a espiar-me, irmão?

James inclinou-se para a frente, apoiando descontraidamente os antebraços na parte de trás do banco e lançou um sorriso a Anthony.

— Verdade seja dita, não consegui resistir. Mas estava com receio de que a situação se tornasse embaraçosa.

— Não me parece provável. Acabei de a conhecer.

— E de a perder. — Conrad Sharpe pôs o dedo na ferida.

Anthony lançou ao imediato um olhar silenciador ao mesmo tempo que dava a volta e apoiava um pé na ponta oposta do banco, mas a expressão não foi eficaz no escuro.

— Vamos, Connie, não o podes censurar por isso – afirmou James. — Ela provocou-lhe um choque e tanto, a apelar à bondade do coração dele num sotaque escocês tão pitoresco. E eu a pensar que a auréola deste rapaz estava permanentemente corrompida.

— Uma rapariga daquelas era capaz de reabilitar qualquer auréola – respondeu Conrad.

— Sim, ela era magnífica, não era?

Anthony tinha ouvido o suficiente.

— E indisponível.

James soltou uma pequena risada.

— Estás a fazer valer os teus direitos, meu rapaz? Cuidado, ou eu posso considerar isso um desafio.

O sangue de Anthony gelou-lhe nas veias. Fora o desporto preferido de ambos quando eram mais novos competir pela mesma mulher, naqueles tempos em que percorriam Londres juntos em busca da presa seguinte. E cada desfecho resumira-se à simples questão de qual dos irmãos conseguia chegar à senhora primeiro. Mas os anos e o excesso de libertinagem tinham moderado a libido de Anthony. Já não era uma questão de tudo ou nada. Ou pelo menos não era, até àquela noite.

Mas James, bom, ele simplesmente já não conhecia James. A maior parte da vida de ambos tinham sido próximos, extremamente próximos. Tinham sido sempre os dois contra os outros dois irmãos, que eram cerca de dez anos mais velhos. Mas isso fora antes de James achar piada à ideia de tentar a pirataria no alto mar.

Durante dez anos, ele apenas vira James em raras ocasiões, a última das quais terminara numa desavença que fizera com que todos os irmãos o renegassem –

depois de lhe terem dado uma valente tarefa por ter levado Reggie com ele para fazer pirataria naquele verão. Mas agora, James estava reintegrado na família. Tinha desistido da pirataria. Agora, até era provável que regressasse a Inglaterra de vez. E, *naquele* momento, Anthony não sabia se ele falava a sério ou não a respeito de o desafiar por causa de Roslynn Chadwick.

Naquele momento, viu-a de novo através da janela e reparou que James fizera o mesmo.

– Maldição, James, o que estás aqui a fazer, afinal?

O irmão mais velho, apenas por um ano, endireitou-se até ficar completamente ereto, poucos centímetros a menos do que Anthony. Se alguém olhasse para ambos não saberia que eram irmãos. James era loiro e tinha olhos verdes, a marca de um Malory, e uma constituição mais forte. Apenas Anthony, Regina, Amy, a filha de Edward e agora Jeremy exibiam o cabelo preto e os olhos azul- -cobalto da avó deles, da qual se dizia ter tido sangue cigano a correr-lhe pelas veias.

– Se me tivesses dado mais informação naquele bilhete que me deixaste, não teria de estragar o meu serão ao vir aqui – respondeu James. – E agora que me lembraste disso, tenho uma questão a resolver contigo, irmão. Onde diabo tinhas a cabeça para deixar aquele meu fedelho acompanhar a Regan seja onde for?

Anthony rangeu os dentes ao ouvir o nome de Regan.

– Foi por isso que apareceste aqui?

– Foi só disso que achaste necessário informar-me. Não podias ter acrescentado mais algumas palavras para me dizer que também ias estar aqui, pois não?

Anthony olhou em volta no jardim.

– Se chamas ao meu esconderijo nas sombras estar aqui, bom, então, creio que estou.

– Não sejas desagradável, rapaz – interpôs-se Connie. – A não ser que também tenhas um filho, não sabes o que é preocupares-te com as confusões que eles podem estar a preparar.

– Que confusões aquele pobre rapaz podia arranjar com dois pais tão zelosos a persegui-lo? E, por outro lado, por muito que eu gostasse de o ignorar, foi o Jeremy que chamou a atenção para o facto de ele poder não estar à altura se fosse necessário protegê-la. Foi por isso que fui arrastado para cá.

– Percebeste mal, Tony. Não foi quem ia proteger a Regan dos outros que me fez ficar preocupado. Foi quem ia protegê-la do seu próprio acompanhante.

Passaram cinco segundos enquanto Anthony se perguntava quanta animosidade iria provocar ao rir-se daquelas palavras.

– Ela é prima dele, por amor de Deus!

– Achas que ele se importa com isso?

– Estás a falar a sério, não estás? – inquiriu Anthony.

– Ele está caidinho por ela – foi a única resposta que James lhe deu.

– Por muito que isso seja verdade, estás-te a esquecer do objeto dessa paixoneta. Ela ia pô-lo a clamar por misericórdia em menos de um minuto se ele sequer olhasse para ela de forma errada. Pensava que conhecias a tua sobrinha

melhor do que isso, meu velho.

– Sim, eu sei que ela se sabe defender. Mas também conheço o meu filho e ele não se deixa desencorajar facilmente.

– Preciso de te lembrar de que estamos a falar de um rapaz de dezassete anos?

– Preciso de te lembrar como é que *tu* eras quando tinhas dezassete anos? – contrapôs James.

Anthony esboçou finalmente um sorriso.

– Tens razão. Muito bem, vou manter os dois debaixo de olho.

– Isso, *se* ele conseguir desviar os olhos da escocesa – observou Connie.

– Nesse caso, fiquem, por favor – respondeu Anthony com secura. – Não existe nenhuma razão para que os três não possamos montar esta vigia. No fim de contas, é uma maneira tão agradável de passar um serão.

James sorriu.

– Creio que é a forma de ele nos dizer para irmos andando, Connie. Anda daí, vamos deixar o pobre rapaz dar azo ao seu desejo ardente. Nunca se sabe. Ela pode aventurar-se cá fora de novo e tornar esta tarefa de supervisão mais do seu agrado.

– Neste ponto, ele soltou uma risada. – O contrário não vai acontecer. Ele não se atreve a enfrentar aquele covil de abutres, tal como eu, nem sequer por ela.

James estava errado em ambos os casos.

— O que está ele aqui a fazer? É isso que eu quero saber. Lady Crandal não aprova os homens da laia dele. Ela nunca o convidaria.

— Sir Anthony não precisa de um convite, minha querida. Ele faz o que lhe apetece.

— Mas ele sempre teve a decência de se manter afastado das nossas festas.

— Decência? — Seguiu-se uma breve risada. — Não existe qualquer decência nisso. Ele simplesmente não suporta este tipo de festas. E não admira. É provável que não exista uma senhora aqui presente que não quisesse reformar aquele libertino em particular.

— Não vejo onde está a piada, Lenore. Ele aparece e metade das mulheres presentes apaixona-se por ele. Já vi isso acontecer antes. É por esse motivo que nenhuma anfitriã se atreveria a convidá-lo para uma festa se quisesse que ela corra sem percalços. Ele causa demasiado alvoroço.

— Mas a verdade é que nos dá alguma coisa para falar nos meses a seguir. Admite. Ele é um tema delicioso de conversa, não é?

— Tu bem podes dizer isso, Lenore. — Estas palavras vieram de outra senhora, claramente angustiada. — Não tens uma filha a debutar esta temporada. Meu Deus, olhem para a minha Jane. Não consegue tirar os olhos dele. Tenho a certeza de que ela nunca vai aceitar o Percy agora. Ela consegue ser *tão* difícil.

— Não há mal nenhum em olhar, Alice. Só tens de contar à tua filha algumas histórias acerca dele e ela vai ficar devidamente horrorizada e contente por ele não reparar nela.

— Mas o que está ele aqui a *fazer*? Gostava de saber. — A pergunta foi repetida de forma mais brusca.

— Provavelmente a manter o filho debaixo de olho — anunciou Lenore às senhoras com um ar presunçoso.

— O filho de *quem*?

— Deem uma olhadela ao rapaz que está a dançar com a Sarah Lordes. Então, se ele não é o reflexo de Sir Anthony, deviam acabar com todos os espelhos do mundo.

— Santo Deus, mais um bastardo dos Malory! Aquela família devia mesmo ser mais discreta.

— Bom, o marquês reconheceu o dele. Pergunto-me se Sir Anthony fará o mesmo.

— Isto é impagável! Como é que conseguiram mantê-lo em segredo este tempo todo?

— Deve ter estado escondido num local distante até agora. Mas parece que os Malory vão estar cheios de surpresas esta temporada. Soube que o terceiro irmão está de volta.

— O terceiro irmão? — Esta pergunta veio de uma nova interlocutora. — Mas só

existem três irmãos.

– Onde tens estado, Lidia? – disse Lenore maliciosamente. – São quatro irmãos e o terceiro é a ovelha negra da família.

– Mas eu pensei que Sir Anthony é que era a ovelha negra.

– Ao ser o mais novo, ocupa o segundo lugar desse título, muito próximo do primeiro lugar. Podia-te contar cada história sobre o outro. Esteve ausente anos sem fim, mas ninguém sabe para onde foi nem porquê.

– Nesse caso, não admira que eu não soubesse que ele existia – respondeu Lidia, com rigidez e na defensiva.

– Olá de novo.

Roslynn ficou irritada com a interrupção inoportuna, mas pelo menos não era um dos seus jovens admiradores. Felizmente, a maior parte havia-se retirado para a sala dos jogos de cartas durante algum tempo, deixando-a livre para conhecer melhor os cavalheiros da sua lista nova. Porém, em vez de ir procurar um deles, fora distraída pelas inúmeras conversas que irromperam um pouco por todo o lado quando Anthony Malory entrara no salão de baile.

Roslynn havia-se instalado discretamente atrás de um grupo de senhoras mais velhas e não teve qualquer pejo em ouvir a conversa alheia. Não valia a pena negá-lo. Considerava o tema de discussão extremamente fascinante e escutava avidamente cada uma das palavras. Mas agora alguém queria encetar uma conversa com ela e não havia nada a fazer.

Fitou de relance Lady Eden, tentando manter ao mesmo tempo um ouvido atento às senhoras mais velhas à frente dela.

– Já está cansada de dançar?

A mulher mais nova achou graça, reconhecendo a postura desinteressada de Roslynn. Achou mais graça ainda quando ouviu por acaso alguns comentários que estavam a ser feitos ali perto e se apercebeu da razão pela qual Roslynn estava distraída.

– Todos sabem que eu raramente danço, exceto com o meu marido, mas ele não pôde juntar-se a mim nesta noite.

– Que bom.

Regina Eden revirou os olhos, sorriu e uniu o braço ao de Roslynn.

– Venha, minha querida. Está um calor diabólico neste sítio. Vamos avançar um pouco, pode ser?

Roslynn suspirou enquanto era arrastada à força para longe. Lady Eden era sem dúvida demasiado assertiva para uma pessoa tão jovem. Roslynn ficara surpreendida, na verdade, ao saber que era casada e já tinha um filho, quando parecia não ter saído há assim tanto tempo de uma sala de aula. Ela era a senhora que estava com Frances um pouco antes, com a qual Roslynn não ficara tempo suficiente para ser apresentada, mas Frances encarregara-se das apresentações após o regresso dela do jardim. Na altura, ainda estava bastante abalada por causa do encontro com Malory. Na realidade, não se conseguia lembrar da conversa que tivera com Lady Eden, ou se tinha tido uma conversa.

Lady Eden parou junto da mesa das bebidas e comidas. Infelizmente, Roslynn tinha agora uma vista desimpedida do assunto que estava nos lábios de todos. Ele não entrara verdadeiramente no salão de baile. Com um ar desprendido, estava parado junto à porta do jardim, com um dos ombros apoiado ao caixilho, os braços cruzados por cima do peito, os olhos a percorrer lentamente a divisão – até se iluminarem quando pousaram nela. Ali ficaram, e ele esboçou aquele sorriso que a fazia sentir-se igual a mel derretido.

Vê-lo à luz, vê-lo *todo* à luz, foi uma experiência impressionante para os sentidos de Roslynn. Ele tinha um corpo que não se podia deixar de admirar pela sua simetria pura. Ombros largos, uma cintura estreita, ancas esguias e pernas compridas. Sim, era um homem alto. Não tinha reparado nisso no jardim. E transpirava a sensualidade. Nisso, *reparara* antes.

O corte das roupas era impecável, embora parecesse quase sinistro de preto. Mas o preto assentava-lhe bem. Não conseguia imaginá-lo a usar as cores vivas de um dândi. Isso atrairia ainda mais atenção para ele, mas, em todo o caso, ele dominava a atenção de todos apenas por aparecer.

– Ele é diabolicamente atraente, não é?

Roslynn sobressaltou-se, dando-se conta de que fora apanhada a olhar para Anthony. Mas, por outro lado, seria estranho se não o fizesse, porque estavam *todos* a olhar para ele.

Fitou Lady Eden e encolheu os ombros desinteressadamente.

– Acha que sim?

– Sem dúvida. Os irmãos dele também são terrivelmente bem-parecidos, mas eu sempre achei o Tony o mais bonito do grupo.

Roslynn não tinha a certeza se gostara de ouvir o que saíra da boca daquela bela jovem com cabelo da cor da asa de um corvo e olhos azuis intensos que cintilavam de bom humor. O que dissera ele? «Tony para os mais íntimos.»

– Depreendo que o conheça bem?

Regina fez um sorriso cativante.

– Conheço toda a família muito bem.

Roslynn deu por si a corar, uma coisa que raramente acontecia. Ficou aliviada com aquela resposta, mas irritada consigo própria pela rispidez com que tinha feito a pergunta. Se a viscondessa tinha boas relações com os Malory, era a última pessoa que Roslynn queria que se apercesse do seu interesse por Sir Anthony. Não devia estar minimamente interessada. Devia introduzir um assunto novo. Não conseguiu.

– Ele é bastante velho, não é?

– Bom, se acha que trinta e cinco anos é velho...

– Só trinta e cinco?

Regina teve de conter o impulso que sentiu de rir. Aquela mulher estava determinada a encontrar alguma coisa errada com Tony, mas só Deus sabia o que podia ser. Era óbvio que ele fizera outra conquista sem sequer tentar. Ou será que estava a tentar? Era realmente muito perverso da parte dele pregar os olhos nela

daquela forma. Se ela não estivesse ali ao lado de Lady Roslynn, a pobre mulher seria completamente arruinada por aquilo que a má-língua podia interpretar no interesse que ele demonstrava por ela.

Sim, realmente era muito perverso da parte de Anthony, porque aquilo não ia resultar em nada. Nunca resultava. E Regina gostava bastante de Lady Roslynn. Não gostaria de a ver magoada.

– Ele é um solteiro inveterado – Regina sentiu-se obrigada a dizer. – Com três irmãos mais velhos, nunca teve nenhuma razão para se casar, sabe.

– Não é preciso embelezar a história. Eu sei que ele é um libertino.

– Ele prefere a expressão «conhecedor de mulheres».

– Nesse caso, ele também gosta de embelezar as coisas.

Regina riu-se. Gostava daquela mulher. Roslynn podia estar a fingir indiferença em relação a Tony, mas, por outro lado, também possuía uma franqueza estimulante.

Roslynn lançou outro olhar sub-reptício a Sir Anthony. Sentia-se pateta por lhe ter chamado Mr. Malory, mas como é que podia saber que era um membro da nobreza? Tendo como irmãos mais velhos, respetivamente, o marquês de Haverston, um conde e a ovelha negra da família, se bem que Anthony não ficasse muito atrás deste último. Tinha ouvido muito acerca dele naquela noite. Porque é que não conseguia saber tanto a respeito dos seus «possíveis»?

– Ele não dança? – Roslynn ouviu-se a perguntar e poderou por que razão não conseguia esquecer o assunto.

– Sim, lindamente, mas não se atreve a convidar ninguém aqui. Se o fizesse, teria de dançar com algumas dezenas de mulheres também, só para confundir os abutres. Mas o Tony não se daria a tanto trabalho só para dançar com a senhora da sua eleição. É por isso que ele não suporta este tipo de coisas. Obrigam-no à discrição, quando a palavra nem sequer faz parte do vocabulário dele.

– A reputação dele é assim tão nefasta que ser vista a dançar com ele pode arruinar completamente uma rapariga?

– Já vi isso acontecer e é realmente uma pena, porque ele não é assim *tão* mulherengo. Não que ele alguma vez tenha falta de companhia feminina. Mas tão-pouco está decidido a seduzir a cidade inteira de Londres.

– Só a parte que lhe toca?

Regina reparou no sorriso rasgado da outra senhora e percebeu que Roslynn estava divertida com a reputação de Anthony, e não escandalizada. Talvez não estivesse interessada, no fim de contas. Ou talvez intuisse sensatamente que era inútil.

– A má-língua pode ser cruel, minha querida. – Regina inclinou-se para mais perto dela para lhe sussurrar ao ouvido. – Na verdade, não me atrevo a deixá-la agora. Ele *está* a portar-se mal, a olhar para si desta forma.

Roslynn evitou os olhos da outra mulher.

– Ele pode estar a olhar para si.

– É claro que não está. Mas desde que ninguém aqui presente esteja certo de

qual de nós ele está a devorar com os olhos, está a salvo.

– Cá estás tu, Ros. – Frances juntou-se a elas. – Lord Grahame estava a perguntar-me por ti. Afirmas que lhe prometeste uma valsa.

– O que é verdade. – Roslynn suspirou. Era altura de esquecer Anthony Malory e voltar ao trabalho. – Só espero que o homem consiga descontrair-se e ser um pouco mais revelador desta vez.

Demasiado tarde, apercebeu-se da impressão que aquelas palavras podiam causar em Lady Eden, mas Regina limitou-se a sorrir.

– Está tudo bem, minha querida. A Frances partilhou comigo um pouco da sua situação. Acho que vai gostar de saber que eu tive exatamente o mesmo problema quando andei à procura de um marido. Mas, ao contrário da sua, a minha escolha tinha de ser aprovada pela minha família, o que a tornou extremamente difícil porque, para eles, ninguém era suficientemente bom para mim. Graças a Deus que o meu Nicholas me comprometeu, ou eu ainda andaria à procura de um marido.

Desta vez, foi Frances quem pareceu ficar chocada.

– Mas eu pensei que lhe tinha sido prometida!

– Essa foi a suposição geral depois de o anúncio de casamento ter sido feito, mas na verdade, ele raptou-me, julgando que eu era a atual amante dele e esse pequeno erro tornou-se público. Ele levou-me para casa imediatamente depois de perceber o seu erro, mas o estrago estava feito. E foi a protestar e a estrebuchar até ao altar, uma vez que era um solteiro inveterado. No entanto, habituou-se lindamente à ideia do casamento. Isto só prova que se alguém parece desadequado em todos os aspetos, pode acabar por ser a melhor escolha, afinal de contas. Nunca se sabe.

Estas últimas palavras foram ditas para os ouvidos de Roslynn, mas esta obrigou-se a ignorá-las. A sua tarefa já era suficientemente difícil sem juntar a isso as opções pouco aconselháveis. Não ia acabar com um traste a apostar na hipótese pouco provável de ele poder emendar-se. Não gostava de arriscar.

Com aquela determinação firme em mente, Roslynn saiu em busca de Lord Grahame.

Nem que tivesse sido encomendado poderia o tempo naquela manhã ter sido mais perfeito. Quase triplicou o número de cavaleiros que geralmente se podia encontrar em Hyde Park a uma hora tão matinal. As tardes eram a altura mais popular para passear, quando qualquer tipo de carruagem imaginável podia ser vista a avançar lentamente ao longo das veredas, semelhantes a estradas rurais. As manhãs estavam reservadas para o exercício dos animais e dos corpos. Era um período em que as pessoas não se cruzavam com conhecidos e, dessa forma, não eram obrigadas a parar repetidamente para conversar, como aconteceria à tarde.

Naquela manhã, Anthony Malory resignara-se à ideia de abdicar da sua habitual cavalgada a toda a brida através do parque para dar lugar a um trote apressado. Não duvidava que Reggie estivesse disposta a isso, mas duvidava que a égua brincalhona dela fosse capaz de se manter a par do seu poderoso garanhão, e visto que ela insistira em juntar-se a ele, Anthony fora obrigado a acompanhar o passo dela.

Depois da noite anterior, suspeitava do motivo pelo qual Reggie se fizera convidada para o acompanhar, e não tinha a certeza se queria discutir a senhora em questão. Mas quando Reggie abrandou e puxou as rédeas com firmeza, fazendo sinal a James e Jeremy para seguirem caminho, percebeu que não podia fugir a isso. A sua encantadora sobrinha podia ser desagradavelmente persistente, por vezes.

– Quando lhe perguntei se podia acompanhá-lo a cavalo esta manhã, pensei que estaríamos sozinhos – começou Regina com um leve tom irritado. – Eu percebo que o Jeremy quisesse vir connosco, mas o tio James? Ele raramente se levanta antes do meio-dia.

Na verdade, Anthony tinha arrancado o irmão e o sobrinho da cama, ameaçando-os e persuadindo-os a juntar-se a ele. Porém, esse esquema não desviara Regina do seu propósito. E diabos levassem James. Ele sabia muito bem que a única razão para ter vindo era para manter a conversa impessoal, mas ali estava ele a trotar para longe, dirigindo a Anthony um sorriso divertido.

Anthony encolheu os ombros inocentemente.

– O que posso dizer? O James mudou consideravelmente de hábitos desde que se tornou pai. Aquele patife com quem te casaste não fez o mesmo?

– Que maravilha! Porque é que ataca sempre o Nicholas quando o seu próprio comportamento foi longe de exemplar? – E ela lançou-se imediatamente ao assunto em causa. – Ela é meio escocesa, sabe.

Anthony não se deu ao trabalho de perguntar quem, mas disse, com uma voz indiferente:

– É?

– Eles são conhecidos pelo seu terrível mau génio.

– Muito bem, minha menina. – Ele suspirou. – O que tens na cabeça que sentes

a obrigação de me dizer?

As sobranceiras de Regina franziram-se; os seus olhos azuis perscrutavam os do tio, de um tom semelhante.

– Está interessado nela, Tony?

– Eu morri e não dei por isso?

Ela riu-se, incapaz de evitá-lo.

– Sim, suponho que foi uma pergunta idiota. É claro que está interessado; o Tony e algumas dezenas de homens. Creio que a minha próxima pergunta deve ser, vai fazer alguma coisa em relação a isso?

– Isso, minha menina, não é da tua conta.

O tom dele era suave, mas firme, e o sobrolho franzido de Regina regressou.

– Eu sei. Mas achei que devia saber um pouco mais sobre a situação de Lady Roslynn antes de decidir ir atrás dela.

– Vais contar-me a história completa? – perguntou ele, secamente.

– Não seja difícil, Tony. Ela veio para Londres para se casar.

– Já fui informado dessa notícia chocante pela própria senhora.

– Está a dizer que falou com ela? Quando?

– Se queres mesmo saber, ontem à noite, no jardim.

Regina soltou uma exclamação chocada.

– Não fez...

– Não fiz nada.

Regina suspirou, mas sentiu apenas um alívio temporário. Se o facto de saber que Lady Roslynn procurava ativamente um marido não o fazia desistir, a pobre mulher estava condenada.

– Talvez não se tenha dado conta do quanto ela leva isso a sério, Tony. Ela tenciona estar casada no final do mês. Não, não precisa de erguer as sobranceiras. Não se trata disso. Na verdade, ela bem podia ter dezasseis anos, com toda a experiência que tem em relação aos homens.

– *Nisso*, já não acredito.

– Está a ver? Não sabe nada dela e, ainda assim, está a ponderar perturbar a vida dessa jovem. A verdade é que tem levado uma vida extremamente protegida até agora. Tem estado escondida com o avô nas Terras Altas da Escócia desde que os pais morreram e, aparentemente, estes últimos anos foram passados a cuidar dele, motivo pelo qual ainda não tinha ponderado casar-se até agora. Tinha conhecimento disto?

– A nossa conversa foi breve, Reggie.

Ela reparou na irritação dele, mas continuou a pressioná-lo.

– O pai dela foi um conde de alguma importância. Sabe que o tio Jason não irá gostar se...

Anthony interrompeu aquele aviso.

– Por muito que eu odeie estar na lista negra do meu irmão mais velho, não tenho de lhe dar satisfações, garota.

– Ainda não acabei, Tony. Ela é a herdeira de uma verdadeira fortuna. O avô

dela era extraordinariamente rico e deixou tudo a Lady Roslynn. Esta pequena informação ainda não é do conhecimento geral, mas pode imaginar o que irá acontecer se ela não estiver casada antes de isso acontecer.

– Toda a escória de Londres vai sair dos buracos onde está enfiada para lhe fazer a corte – respondeu Anthony, com uma voz tensa.

– Exatamente. Mas, felizmente, ela já selecionou alguns cavalheiros para futura consideração. Segundo depreendi, agora é só uma questão de saber o que puder acerca deles antes de escolher um. Na verdade, fiquei incumbida de perguntar ao Nicholas o que ele sabe acerca deles.

– Visto que sabes tanta coisa, minha menina, diz-me o porquê dessa pressa toda.

Anthony estava definitivamente interessado, o suficiente para não se importar com o facto de a sua irritação ser agora muito óbvia. Isso fez Regina parar porque era muito raro. Nunca o tinha visto perturbado por uma mulher antes. Havia demasiadas por onde escolher para uma em particular significar demasiado para ele. Teria de reformular a sua maneira de pensar acerca daquela situação.

De forma hesitante, Regina esclareceu:

– Tem alguma coisa a ver com uma promessa que Lady Roslynn fez ao avô no leito da morte dele, esta pressa, e é a razão pela qual ela está a procurar ativamente um marido. Segundo a amiga dela, Frances Grenfell, provavelmente não se casaria se não fosse essa promessa. Não vemos uma situação igual à dela muitas vezes, uma mulher tão bela, tão rica, e sem ter de prestar contas a ninguém exceto a si própria.

Era de facto uma situação única, mas Anthony não parou para pensar nela naquele momento, com o nome Grenfell a provocar algum mal-estar.

– A amizade que ela tem com Frances Grenfell é próxima?

Ele apanhou Regina de surpresa com aquela pergunta.

– Porquê?

– Lady Frances foi um dos erros da juventude do George, embora isso não deva ser repetido a ninguém, garota.

– Não, é claro que não – disse ela, num único fôlego, acrescentando no seguinte:

– Está-se a referir ao George de sempre, o seu melhor amigo, aquele que me arrelhiava de forma abominável? *Esse* George?

Anthony sorriu com a surpresa dela.

– É esse mesmo, e não respondeste à minha pergunta.

– Bom, não vejo a importância disso, mas são o mais próximas que duas amigas podem ser. Conheceram-se na escola e nunca perderam o contacto uma com a outra.

– O que equivale a confidências entre amigas – disparou ele, numa espécie de rosnido.

Maldição! Anthony ainda conseguia ouvir a voz rouca dela a confessar: «Avisaram-me contra homens como o senhor.» Achou que ela estava a brincar,

mas agora sabia de onde é que aqueles avisos altamente condenatórios tinham vindo. Não fora uma brincadeira. Ela tomaria as devidas cautelas em relação a ele em todos os momentos, lembrando-se sempre do que acontecera à amiga. De súbito, teve vontade de dar uma valente tarefa a George Amherst pela sua indiscrição juvenil. Que azar dos diabos!

Ao ver a expressão sombria do tio, Regina sentiu-se relutante em dizer o que sabia que era necessário dizer, mas mais ninguém se atreveria a ser tão ousado com ele, por isso cabia-lhe a ela fazer isso.

– Sabe, Tony, a não ser que esteja disposto a dar o grande passo pessoalmente, o que iria chocar toda a cidade de Londres, mas deixar a família absolutamente encantada, devia deixar a senhora em paz.

Ele riu-se, inesperadamente.

– Por amor de Deus, garota, quando é que te tornaste a minha consciência?

Ela corou com aquelas palavras.

– É muito injusto, sabe. Duvido que exista uma mulher viva que não conseguisse seduzir se estivesse decidido a isso.

– Estás a exagerar as minhas capacidades.

– Que disparate – retorquiu ela. – Já o vi a pôr todo o seu charme em prática, Tony, e é completamente devastador quando isso acontece. Mas eu gosto bastante da Roslynn Chadwick. E ela tem uma promessa a cumprir que é importante para ela e, por alguma razão, existe um limite de tempo para isso. Se interferir, é provável que lhe cause problemas, para não dizer mágoa.

Anthony sorriu-lhe afetuosamente.

– A tua preocupação por alguém que acabas de conhecer é louvável, Reggie, mas um pouco prematura, não achas? E, além disso, ela não é nenhuma pateta sem um mínimo de bom senso. É independente e não presta contas a ninguém exceto ela própria. Foram essas as tuas palavras. Sendo assim, não achas que tem idade e maturidade suficientes para se defender de um libertino como eu, se quisesse?

– A palavra *quisesse* assusta-me de morte – resmungou ela, o que provocou outra risada do tio.

– Falaste com ela muito tempo ontem à noite. Por acaso, ela mencionou o meu nome?

Santo Deus! O facto de ele fazer uma pergunta daquelas provava que levava aquilo definitivamente a sério, mesmo depois de tudo o que lhe tinha contado.

– Para sua informação, foi praticamente o único assunto de que falámos, mas isso não é invulgar, visto que quase toda a gente presente naquele baile ontem à noite estava a falar de si. Na verdade, estou bastante certa de que ela ouviu uma quantidade alarmante de má-língua antes de eu chegar perto dela.

– Embelezaste a minha imagem, garota?

– Tentei, mas ela não ficou convencida. Porém, creio que ficará encantado por saber que, por muito que tenha fingido indiferença, o interesse dela era tão óbvio como o seu. – O sorriso que aquela observação provocou quase a cegou. – Céus. Não lhe devia ter dito isso, mas já que o fiz, também tenho de lhe dizer que,

independentemente do interesse dela, não deixou de se separar de mim para ir conhecer melhor os cavalheiros que está a considerar para marido. Pode tê-la impressionado, mas isso não mudou minimamente os planos dela.

Regina podia ver que nada do que dissesse ia desencorajá-lo e já tinha dito tudo o que podia. Mais valia não ter feito o esforço. Nunca tentara interferir na vida amorosa de Anthony antes e percebia agora quão inútil fora tentar desta vez. Ele ia fazer o que lhe apetecia, tal como sempre. Só Deus sabia que o tio Jason tentara durante anos e anos refrear o hedonismo de Tony sem sucesso. O que a fizera pensar que teria melhor sorte do que ele?

Regina apercebeu-se subitamente do seu erro. Tinha estado a tentar mudar as mesmas qualidades que sempre achara mais cativantes em Anthony. Ele era um libertino encantador. Era essa a sua natureza e o que fazia dele o seu tio preferido. Se deixava inúmeros corações partidos atrás de si, era apenas porque as mulheres não conseguiam deixar de se apaixonar por ele, embora ele nunca levasse nenhuma das suas ligações amorosas a sério. Mas oferecia prazer e felicidade. Isso contava muito.

– Espero que não fique zangado comigo por meter o nariz onde não devo. – Ela fez-lhe o sorriso ao qual ele jamais resistia.

– É um nariz tão bonito.

– Mas demasiado grande neste momento. Peço desculpa, Tony, a sério. Só pensei... esqueça. Conseguiu safar-se até agora sem os conselhos de ninguém. Acho que devíamos tentar alcançar...

Regina não terminou a frase. Os seus olhos foram atraídos por um magnífico garanhão preto pavoneando-se a meio galope para que o pónei ao lado dele o acompanhasse, mas quando viu quem estava a controlar o poderoso animal resmungou interiormente. Que grande azar encontrar precisamente aquela pessoa naquele momento.

Olhou de relance para o lado para ver se Anthony já tinha reparado em Lady Roslynn. É claro que tinha. Se o espécime equestre de primeira qualidade não tivesse atraído a sua atenção, o traje de montar verde irlandês e cabelo iluminado pelo sol teriam dado conta do recado. Mas a expressão desprevenida dele tornou-se quase embaraçosa.

Santo Deus, nunca o tinha visto a olhar para uma mulher daquela forma antes e já o tinha visto com dezenas das suas conquistas amorosas. Na noite passada tinha-a olhado fixamente, sim, deliberadamente, um jogo de sedução jogado somente com os olhos. Aquilo era diferente. Este era um olhar que Nicholas podia lançar a Regina, de paixão à mistura com sentimentos mais ternos.

Aquilo resolvia a questão. Sentia-se ainda mais idiota por ter tentado desencorajar Anthony. Era óbvio, pelo menos para ela, que algo especial estava a acontecer ali. E não seria maravilhoso se resultasse alguma coisa dali?

A forma de pensar de Regina tinha sofrido uma completa reviravolta. Agora, estava a pensar de que modo podia ajudar aqueles dois. Anthony tinha as suas próprias ideias.

– Consideravas a hipótese de ficar aqui, Reggie, enquanto vou apresentar os meus cumprimentos? – A expressão dela dizia *Nem pensar*. O suspiro de Anthony foi longo e arrastado. – Também achei que não. Bom, vem daí, então. Deves-me um papel de acompanhante.

Anthony não esperou pela concordância da sobrinha e conduziu o cavalo em linha reta para interceder Roslynn, esperando, com insensatez, que Reggie lhe desse pelo menos alguns minutos a sós com ela primeiro. Essa preocupação seria em vão. James, diabos o levassem, escolheu aquele momento para regressar e ver o que os estava a atrasar e conseguiu interceder a senhora primeiro.

Anthony chegou e ouviu James a dizer:

– Encantado por voltar a vê-la, Lady Chadwick.

Roslynn sentiu-se suficientemente nervosa para ter problemas em controlar *Brutus*, uma circunstância que lhe provocou um embaraço intenso, uma vez que nunca acontecera antes. Vira Sir Anthony a aproximar-se, o que provavelmente era o motivo pelo qual o desconhecido loiro a tinha sobressaltado tanto, parecendo ter aparecido do nada. O pior e ainda mais irritante era o facto de ele se ter inclinado para a frente para acalmar o cavalo dela. O gesto era claramente indicativo de que não conseguia controlar *Brutus* sozinha.

O tom de voz de Roslynn era compreensivelmente ríspido.

– Eu conheço-o, senhor?

– Não, mas eu tive a oportunidade de a admirar na noite passada no jardim dos Crandal. Infelizmente, a senhora fugiu antes de eu me poder apresentar.

Anthony viu uma cor rubra a espalhar-se nas faces dela e ficou furioso.

– Por *isso*, querido irmão, acho que te vou convidar para voltar a Knighton's Hall.

James estava-se nas tintas. À luz do dia Roslynn Chadwick era a rapariga mais bonita com que se tinha cruzado. O facto de Anthony se ter cruzado com ela primeiro não tinha qualquer importância. Tornava tudo um pouco constrangedor, mas nada mais do que isso. Até a senhora declarar a sua preferência, era uma presa legítima no que lhe dizia respeito.

Roslynn pregara os olhos em James, agora que sabia quem ele era. Nunca teria adivinhado pela aparência dele que era o irmão de Anthony. E depois do que tinha ouvido acerca dele, podia perceber por que motivo Anthony era considerado o segundo pior libertino dos dois. Eram os dois espantosamente atraentes, mas ao mesmo tempo que Anthony era um malandro charmoso, pressentiu que o Malory loiro seria muito mais implacável nas suas atividades amorosas – ou em qualquer outra atividade, já agora. Ele transpirava a perigo. Porém, não ficou assustada. Era Anthony quem ameaçava a sua paz de espírito e perturbava a sua compostura.

– Nesse caso, o senhor é a ovelha negra do clã Malory? – perguntou Roslynn. – Diga-me, que feitos terríveis levou a cabo para conquistar essa denominação infeliz?

– Nada que possa ser provado, asseguro-lhe, minha doce senhora. – A seguir, lançou um sorriso de desafio a Anthony. – Onde estão as tuas maneiras, meu caro

rapaz? Apresenta-nos.

Anthony cerrou os dentes.

– O meu irmão, James Malory. – Sem a menor alteração no tom de voz, acrescentou:

– E aquele rapazote prestes a atropelar-nos é o filho dele, Jeremy.

Jeremy deteve o cavalo no último momento possível, entusiasmado com a corrida e o desastre iminente. Chegou mesmo a tempo de ouvir o comentário de Roslynn para James.

– O seu filho? Porque será que não adivinhei logo? – Havia tanta ironia na voz dela que todos ficaram a saber que ela não acreditara numa palavra do que fora dito.

Jeremy começou a rir-se de forma hilariante. James achou bastante piada à situação. Mas Anthony estava a ficar cada vez mais zangado a cada segundo que passava. Sabia que aquilo ia acontecer, mas por que razão tinha de acontecer pela primeira vez com ela? E com o jovem mariola a rir-se a bandeiras despregadas com o mal-entendido, não valia a pena tentar corrigir o equívoco naquele momento.

Roslynn estava rodeada de homens Malory agora e a desejar ardentemente não ter sido tão altiva ao dispensar o criado de Timmy naquela manhã. Para um simples passeio no parque, achara desnecessário trazer um homem para sua proteção. Era uma coisa que nunca fazia em casa. Mas Londres não era o mesmo que a sua casa.

Anthony pareceu adivinhar os pensamentos dela.

– Perdeu o seu criado?

Timmy, de seis anos, fez-se ouvir naquele momento.

– A Ros é a minha acompanhante e eu sou o dela. Ela disse que só precisávamos um do outro.

– E pode-se saber quem é o menino?

– Lord Grenfell – disse Timmy, com um ar importante.

Com o cabelo loiro e os olhos cinzentos de George Amherst a fitá-lo, Anthony cometeu uma indiscrição:

– Conheço... isto é, conheci o seu pai muito bem. Mas da próxima vez que Lady Ros sugerir ser a sua acompanhante, deve dizer-lhe que...

– Já cheguei à conclusão de que o parque não é tão seguro como supunha, Sir Anthony – interrompeu-o Roslynn, num tom categórico. – Posso assegurar-lhe que não vou assumir esse papel de novo.

– Fico contente por ouvir isso, mas entretanto, vou acompanhá-la a casa.

James ficou encantado por chamar a atenção para o seguinte:

– Odeio lembrar-te isto, irmão, mas já tens contigo uma senhora que foi confiada a teu cuidado. Eu, por outro lado, estou disponível para levar a senhora a casa.

– O diabo é que vais! – disparou Anthony de volta.

Regina tinha-se mantido à distância, a apreciar aquele pequeno encontro sem ser vista. Mas visto que estava prestes a ficar fora de controlo, fez finalmente sinal ao cavalo para avançar.

– Antes de vocês os dois chegarem a vias de facto, creio que é prudente salientar que o Jeremy está igualmente disponível e servirá lindamente de acompanhante para uma distância tão curta. E visto que eu tencionava visitar Lady Frances, acho que me vou juntar a eles, Tony, por isso agradeço-lhe agora por me ter feito a vontade esta manhã. – E dirigiu-se depois a Roslynn, um pouco tardiamente. – Aprova este plano?

Roslynn suspirou de alívio, porque não fora capaz de pensar numa forma de recusar educadamente qualquer um dos irmãos Malory depois de ter admitido o erro de sair a cavalo sem um acompanhante.

– Sem dúvida, Lady Eden.

– Por favor, minha querida, nada de formalidades. Pode tratar-me por Reggie. – Ela lançou um sorriso rasgado a James, antes de acrescentar:

– Tal como a maior parte das pessoas.

O comentário pareceu melhorar a disposição de Anthony. Ele sorria agora enquanto olhava para Roslynn, com um sorriso estonteante. Teve de se obrigar a não olhar para ele de novo mesmo quando trocaram palavras de despedida. Fora sensata na noite anterior ao concluir que não seria bom para ela voltar a ver aquele homem. Aquele encontro inocente, mas desconcertante, reforçara essa conclusão.

Anthony, ao ver o quarteto a afastar-se, ponderava tranquilamente a hipótese de dar umas boas palmadas a Reggie da próxima vez que a visse.

– Ela tornou-se insuportavelmente mandona desde que se casou com o Eden.

– Achas que sim? – James soltou uma pequena risada. – Talvez nunca te tenhas apercebido antes, visto que não era em ti que ela tentava mandar.

Acirrado pelo humor de James, Anthony fuzilou-o com o olhar.

– E tu...

James não lhe deu oportunidade de se lançar numa fúria justificada.

– Vamos, não fiques aborrecido, meu caro rapaz. Depois de ver a forma como ela reagiu a ti, posso ver que não tenho muitas hipóteses de ta roubar. – Deu meia-volta ao cavalo e depois acrescentou com um sorriso diabólico mesmo antes de o esporear: – Mas o facto de as probabilidades estarem contra mim nunca me impediu antes.

— Não me estás a ajudar nada, Frances — queixou-se Roslynn, imitando-a: — «Se quiseses, vai.» Gostava de saber que tipo de resposta é essa.

Frances estacou de repente no passeio movimentado em frente às lojas de Oxford Street, fazendo com que Nettie chocasse contra as costas dela por estar desatenta. Dois embrulhos caíram das mãos de Nettie e uma caixa de chapéus redonda começou a rolar para a beira do passeio. Anne, a criada de Frances, precipitou-se desesperadamente para a agarrar antes de continuar para a estrada. Frances não reparou em nada.

— O que se passa contigo, Ros? Se estás a ter tantas dificuldades com uma decisão simples como esta, nem quero pensar na agonia por que vais passar quando for altura de escolher o teu marido. Ou queres aceitar o convite dos Eden, ou não. Sim ou não, duas opções; não pode ser mais simples do que isso.

Roslynn fez um esgar de desagrado. Frances tinha razão, é claro, pelo menos tendo em conta o que sabia. A questão é que Roslynn não lhe contara acerca do encontro que tivera com Anthony Malory no baile dos Crandal. Tencionara fazê-lo, mas a conversa de ambas no regresso a casa naquela noite começara por uma pergunta acerca do marido de Lady Eden. Roslynn queria saber se ele tinha sido um libertino antes de se casarem.

— Sem dúvida.

Aquela resposta fora dita com tanta aversão que Roslynn tinha feito apenas mais uma pergunta.

— Eles são felizes juntos?

— Na verdade, nunca vi duas pessoas mais felizes ou mais apaixonadas uma pela outra.

Daquela vez, a amiga respondera num tom suave e incrédulo, como se Frances não conseguisse acreditar que era possível. Mas, depois disso, Roslynn sabia que a amiga ficaria demasiado transtornada se soubesse que tinha achado Anthony Malory atraente, por isso não mencionara o nome dele. Era demasiado óbvio que Frances ainda abominava homens como ele.

Porém, apesar de saber o que a amiga pensava, e mesmo sendo da mesma opinião, Anthony Malory ocupara-lhe todos os pensamentos naquela noite, de tal forma que Nettie reparara nisso no momento em que Roslynn entrara no quarto.

As primeiras palavras dela tinham sido:

— Bom, já vi que conheceu o seu homem. Como se chama?

Arrancada do seu devaneio, Roslynn respondera depressa e de forma evasiva que não havia apenas um homem, mas sim quatro e lançara-se imediatamente num relato de tudo o que sabia acerca deles até ali, o que não era muito, mas teve o mérito de deitar por terra com bastante sucesso a primeira suposição de Nettie. Agora, estava a dar muita importância ao convite de Lady Eden, quando qualquer outro convite que recebera desde a apresentação à sociedade fora decidido sem

pensar muito. Definitivamente estranho.

Não admirava que Frances achasse que alguma coisa se passava com ela. Mas pelo menos não conseguia adivinhar o que era. Nettie, por outro lado, andava a observá-la como um falcão desde que regressara do passeio a cavalo com Timmy no dia anterior. Roslynn não sabia como se tinha denunciado.

– A decisão pode ser simples para ti – disse a Frances, de forma bastante defensiva –, mas eu tenho outras coisas a ter em consideração.

– Tais como?

– O tempo despendido, para dar um exemplo. Estar fora da cidade durante três ou quatro dias só vai atrasar...

– Não me disseste que a Regina prometeu convidar também os teus cavalheiros?

– Isso não significa que eles vão estar presentes, Frances. A temporada social acabou de começar. Ela escolheu uma má altura para um convite de fim de semana no campo.

– Silverley fica no Hampshire, não a dias de distância. E, além disso, também mencionaste que ela prometeu falar com o marido e dar-te toda a informação que tenha acerca dos teus cavalheiros assim que chegues lá. Só por essa razão, eu achava que quisesses ir.

Lógica, lógica, como a refutar?

– Como é que eu sei se ele sabe alguma coisa pertinente? Pode acabar por ser um completo desperdício de tempo.

– Nesse caso, podes dar meia-volta de imediato e estar de regresso a Londres nessa mesma noite.

– E deixar-te lá? – protestou Roslynn. – Como é que regressarias?

Frances abanou a cabeça.

– Eu desisto. É óbvio que não queres ir, e eu também não vou. Temos meia dúzia de outros convites para este fim de semana, por isso vamos...

– Não, não estejas a colocar palavras na minha boca. Eu ainda não disse que não.

– Sim?

Roslynn continuou a andar, atirando as palavras seguintes por cima do ombro.

– Ainda preciso de pensar nisso.

Nunca devia ter mencionado aquele convite outra vez, revelando a ansiedade que sentia por causa dele. Quase conseguia ouvir as rodas a girar dentro da cabeça de Nettie. Pelo menos, Frances não fazia qualquer ideia de qual era o problema. Mas Nettie conhecia-a demasiado bem. E o que podia dizer a Nettie quando ela lhe perguntasse, o que certamente faria? Mais das mesmas desculpas, embora Frances tivesse acabado de salientar o facto de que eram despropositadas?

Com mil diabos! Estava quase a torcer as mãos de desespero. A lógica dizia-lhe que não havia nada a decidir. Precisava de ir a Silverley, quanto mais não fosse para obter a informação que Regina teria para ela. Além disso, só tinha de perguntar a si própria: e se não fosse, mas os seus quatro «possíveis» sim? Nesse

caso, estaria presa em Londres sem conseguir nada e *isso* é que seria um puro desperdício de tempo.

Por outro lado, e este era um argumento de peso, havia a possibilidade de Anthony Malory poder aparecer em Silverley naquele fim de semana, e vê-lo de novo era algo que Roslynn não queria arriscar, não se atrevia a arriscar. Ele era demasiado tentador. Aquela reação pateta e própria de uma rapariguinha que tinha tido no parque no dia anterior, em plena luz do dia, ainda que rodeados de outras pessoas, era uma prova irrefutável disso.

Devia ter sido mais específica e perguntar a Lady Eden se um determinado Malory que não queria ver de novo estaria presente. Mas não quisera denunciar-se. Em vez disso, perguntara desinteressadamente se algum dos Malory ia estar presente. Por isso, merecera a resposta evasiva de Regina:

– Nunca sei quando um ou mais deles vai aparecer. Eles sabem que são sempre bem-vindos na minha casa.

Era aquilo que merecia por ser tão reticente, por fingir uma indiferença que estava longe de sentir. Agora tudo se resumia à escolha entre retardar o seu objetivo durante alguns dias ou cruzar-se com aquele libertino mais uma vez por acaso.

Na realidade, só havia uma decisão a tomar, por isso bem podia parar de tentar adiá-la. Outro encontro com Sir Anthony Malory devia ser evitado a todo o custo. Tinha de aceitar o atraso correspondente.

– Já chegámos, Ros. Dickens and Smith, a minha última paragem do dia – declarou Frances, e depois reclamou:

– Sabes, não és uma companhia muito divertida para ir às compras. Pelo menos, podias entrar na loja, mesmo que não queiras comprar nada.

Roslynn não conseguiu esboçar um sorriso, no seu atual estado depressivo, para brincar com Frances e suavizar o seu descontentamento.

– Até podia entrar se não tivesses escolhido um dia tão quente para me arrastares contigo. Ir aos perfumistas e ao armazém de meias já me chegou perfeitamente, obrigada. Não sei como conseguiste suportar o armazém dos chapéus e os negociantes de sedas, mas suponho que estás habituada a isso. Mas estás-te a esquecer de que temos um clima mais frio na Escócia. Está demasiado abafado dentro dessas lojas. Pelo menos, há uma pequena brisa cá fora, mesmo que mal consigas reparar nela. Vai. Eu espero cá fora de novo com a Nettie.

Não foram precisos dois segundos para Nettie começar a importuná-la assim que a porta da loja dos cortinados se fechou atrás de Frances e Anne.

– Agora, menina, vai-me dizer...

– Ora, Nettie, não me aborreças – Roslynn antecipou-se rapidamente. – Não estou com a mínima disposição para ser interrogada.

Nettie não se deixava vencer facilmente.

– Não pode negar que está a comportar-se de forma bem estranha.

– Tenho direito a isso, tendo em consideração onde estamos e o porquê, e tudo em que tenho de pensar – respondeu Roslynn, num tom ríspidamente defensivo. –

Achas que esta questão de escolher um marido é uma tarefa fácil? Com mil diabos! Às vezes, não consigo pensar com toda a aflição que sinto!

Aquelas palavras conseguiram despertar a compaixão de Nettie.

– Vamos, queridinha, isto vai acabar antes de...

– Silêncio – interrompeu Roslynn com o sobrolho franzido. – Lá está ela de novo, Nettie. Sentiste isso?

– O quê?

– A sensação de que alguém nos está a observar.

Nettie lançou-lhe um olhar duvidoso, sem saber se Roslynn estava a tentar desviar o assunto de si própria ou se estava a falar a sério. Mas a rapariga examinava cuidadosamente a rua de ambos os lados.

– Se alguém nos *está* a observar, não será às duas, mas à menina. Um admirador, sem dúvida.

Roslynn voltou o olhar para Nettie com impaciência.

– Eu sei qual é a sensação de ser olhada dessa forma e não é nada semelhante a isto. Tenho vindo a senti-lo desde que ficámos à porta do armazém dos chapéus à espera da Frances. Tentei ignorá-la, mas a sensação continua.

– Bom, nesse caso, é sem dúvida algum larápio que nos marcou para sermos as próximas vítimas e isso não é de admirar com todas as joias que está a usar. Segure bem a sua bolsa, menina.

Roslynn suspirou.

– Provavelmente tens razão. É muito cedo para o Geordie me ter encontrado, não é? Ainda assim, preferia esperar na carruagem em vez de ficar cá fora à vista de todos. Consegues ver o nosso condutor?

Nettie pôs-se em bicos de pés.

– Sim, a cerca de cinco lojas mais abaixo, mas ele está preso atrás de uma carroça. Está a vê-lo? Podemos caminhar até lá, e levá-la lá para dentro. Depois eu volto para avisar Lady Frances.

Roslynn não estava paranoica, mas nunca tinha tido uma sensação tão estranha antes. A sua imaginação disparara, mas ainda assim, não valia a pena ficar à espera de pé à porta da loja de cortinados se a carruagem estava agora à vista. Mesmo assim, lançou mais um olhar à sua volta, mas havia tantos peões no passeio e veículos na rua que era impossível reparar numa pessoa que estivesse de olhos pregados nela.

Começaram a descer a rua, mas não tinha andado mais do que seiscentos metros quando um braço se enrolou à volta da cintura de Roslynn vindo de trás, erguendo-a de imediato do chão. Ela não pensou em gritar, mas foi quase um alívio constatar que as suas suspeitas não estavam erradas, e ela estava preparada. Não sentia pânico nem medo – ainda. Deixou cair a parte superior do corpo por cima do braço de ferro que a agarrava, puxou a ponta da saia e sacou o punhal para fora da bota.

Nettie, entretanto, deixou escapar um grito agudo que alertou toda a cidade de Londres. Atacou imediatamente o sujeito antes de ele mexer um pé, sacudindo a

bolsa para a direita e para a esquerda, atingindo-lhe a orelha e zurrando o rosto dele com os golpes para lhe partir o nariz. Também atingiu o chapéu de Roslynn quando ela se ergueu, atirando-o para a frente por cima dos olhos dela, e impedindo-a de ver. Mas ela conseguia sentir o seu alvo, que lhe estava a cortar a respiração nesse preciso momento. Não precisava de ver o braço carnudo para o retalhar com afino.

O indivíduo soltou um uivo e largou-a, e Roslynn deu por si sentada no chão no meio do passeio. Empurrou o chapéu de volta para o lugar a tempo de ver Nettie ainda a atacar o homem, desferindo mais alguns golpes na cabeça e ombros antes de ele saltar para uma carruagem velha e dilapidada e o condutor arrancar a toda a velocidade, instigando furiosamente os cavalos.

Roslynn ficou arrepiada ao ver que a carruagem tinha estado tão próxima, que bastavam alguns passos para ser atirada para o interior. E acontecera tudo tão depressa. Havia pessoas à volta dela, mas todas tinham sido obviamente demasiado lentas para servirem de ajuda. Só agora é que um dos criados da carruagem delas aparecia a correr para oferecer a sua assistência – demasiado tarde.

Nettie deu meia-volta, a puxar para baixo o casaco, que ficara torto no seu ataque contra o malfeitor, incapaz de impedir o sorriso triunfante que agora lhe arqueava os cantos dos lábios. Nem sequer o facto de ver Roslynn estatelada no chão podia atenuar o seu momento de vitória – até ter visto o punhal que Roslynn ainda agarrava com força no punho. Mas, ainda assim, fora *ela* que tinha feito com que o canalha se pusesse em fuga, mesmo que Roslynn o tivesse impedido de a levar consigo. Tinham levado a melhor sobre ele e sentia-se desmesuradamente satisfeita.

Tal como Roslynn, mesmo com o traseiro dorido. O avô ficaria orgulhoso por se ter mantido calma e por ter feito o que precisava de fazer sem qualquer hesitação. Ferira alguém pela primeira vez na vida, mas não se sentia indisposta com isso. Por outro lado, sentia-se muito mais segura, ao saber que podia realmente cuidar de si própria. É claro que tinha estado preparada. Nem sempre iria ter aquele aviso intuitivo que a deixara em alerta. E se mais do que um homem a tivesse tentado agarrar, a história teria sido diferente. Não se atrevia a ser arrogante em relação àquele sucesso.

Roslynn aceitou a ajuda do criado para se erguer do chão e devolveu calmamente o punhal à bota antes de sacudir a saia. Nettie fez sinal ao homem ansioso para se afastar, assim como à multidão que se juntou, com algumas palavras duras a respeito de a preocupação não ser bem-vinda quando surgia tão tardiamente. Irritada, juntou os embrulhos caídos, atirou-os com violência para as mãos do criado e agarrou no braço de Roslynn, praticamente a arrastando na direção da carruagem.

– Devia ter-lhe dado ouvidos, menina. Da próxima vez é isso que farei.

– Achas que foi alguém a mando do Geordie?

Nettie parou um momento para pensar.

– A verdade é que podia ter sido, mas duvido.

- Que mais podia ser, nesse caso?
- Olhe só para si, a usar essas safiras à volta do pescoço como um belo chamariz. Podiam ter pensado que era a mulher de algum lorde rico que pagaria uma bela maquia para a ter de volta.
- Pode ser que sim. – Ficaram ambas em silêncio por mais um momento e depois Roslynn acrescentou inesperadamente:
- Acho que afinal vou aceitar o convite dos Eden. Não é má ideia sair de Londres por alguns dias, só para estarmos mais seguras. Se o Geordie estiver aqui e a observar-nos, vai pensar que percebi as intenções dele e que me pus em fuga de novo. E até lá, vou manter os criados da Frances perto de mim quando sair.
- Sim, nisso estou de acordo. Temos de ser mais cuidadosas do que temos sido.

Foi simples escapar de Londres montada em *Brutus*, com dois criados corpulentos a ladeá-la. Roslynn não perdeu tempo a criar um artifício desta vez. Se a casa de Frances estava a ser vigiada, queria que Geordie ficasse a par da sua partida, que visse a sacola pesada de roupas que levava, para pensar que estava a fugir de Londres.

O subterfúgio pareceu desnecessário, porém, depois de percorrerem vários quilómetros e aparentemente ninguém os seguir. O amanhecer brilhante oferecia uma luz mais do que suficiente para se manterem de vigia, mas as estradas estavam obstruídas sobretudo com agricultores que levavam os seus produtos para o mercado e com viajantes a chegar a Londres para o fim de semana. Apenas uma carruagem requintada foi vista a abandonar a cidade, e ficou tão para trás que não tinha importância o facto de ter estado a segui-la ou não.

Tomou um pequeno-almoço agradável enquanto aguardava numa estalagem onde combinara encontrar-se com Frances, e quando esta apareceu sem nada suspeito a relatar, Roslynn sentiu-se segura ao viajar o resto do caminho para o Hampshire na carruagem dos Grenfell. A meio caminho, pôs de parte um receio e reavivou outro, mas não havia muito que pudesse fazer em relação ao último, exceto esperar que aquele receio não tivesse fundamento. A seu favor, tinha a grande probabilidade de um homem como Sir Anthony não apreciar deixar a excitação de Londres para estar presente num pequeno encontro rural, e Lady Eden confidenciara-lhe que naquele fim de semana, que já estava planeado há meses, grande parte dos convidados seriam seus vizinhos, membros da pequena nobreza local, como ela própria, que habitualmente evitavam Londres durante a temporada social.

Chegaram no início da tarde, e foram as primeiras, mas, por outro lado, poucos seriam os convidados que tencionavam passar lá a noite, visto que viviam tão perto. Frances optou por fazer uma sesta durante o resto da tarde. Roslynn deu a desculpa de que ia fazer o mesmo, porém, assim que se viu sozinha no quarto que lhe fora destinado, assentou arraias em frente de uma janela que dava para a frente da casa e ficou a observar ansiosamente o caminho de entrada. Cada carruagem que chegava não passava despercebida e cada passageiro masculino que saía era examinado minuciosamente. Manteve-se igualmente alerta às idas e vindas dos criados, e nenhum homem escapava à sua atenção.

Quando Nettie entrou no quarto muito mais tarde para ajudar a sua senhora a preparar-se para o serão, a paciência da criada foi posta à prova pela agitação nervosa de Roslynn e pelo seu correr constante na direção da janela ao mínimo som de uma nova chegada. Foi preciso cerca de meia hora só para terminar o penteado de Roslynn.

– Gostava de saber de quem está à procura para nem sequer conseguir ficar quieta dois minutos seguidos – inquiriu finalmente Nettie quando Roslynn se

sentou mais uma vez no toucador à sua frente.

– E de quem estaria eu à procura senão dos meus cavalheiros? – respondeu Roslynn, defensivamente. – Sir Artemus Shadwell foi o único a aparecer até agora.

– Se os outros vierem, vêm. Estar à procura deles não vai mudar nada.

– Tens razão – Roslynn foi obrigada a admitir, uma vez que a resposta não passava de uma mentira.

A verdade era que, desde que se cruzara com Anthony Malory, pensara muito pouco nos quatro «possíveis» da sua lista. *Isso* teria de mudar.

Felizmente para a sua paz de espírito, o último barulho que a fizera saltar da cadeira para ir investigar pareceu ser a última carruagem a chegar. Sem mais nenhum som vindo da frente da casa, Nettie foi capaz de a ajudar a vestir o vestido de seda azul-celeste que escolhera para aquela noite, generosamente complementado pelas safiras dos Cameron à volta do pescoço e dos pulsos delicados, e Roslynn pôde aliviar alguma da tensão que sentia.

Quando Frances se juntou a ela para poderem descer em conjunto, Roslynn estava bastante descontrainda. *Ele* não vinha e Roslynn ignorou com determinação a pontada irritante de desapontamento que acompanhava esse conhecimento.

Lady Eden foi ao encontro delas no fundo da escadaria ampla que se erguia do grande átrio principal para se dividir a meio, com uma das secções apontada para a frente da casa, onde ficavam os quartos de hóspedes, e a outra para as traseiras da casa, que albergava os quartos dos senhores da casa. Uma passagem com balaustrada rodeava o átrio no primeiro andar para chegar aos muitos quartos do andar de cima, deixando toda a área por baixo visível daquele ponto, com um lustre gigantesco pendurado no centro do teto abobado, que naquele momento cintilava, criando um contraste com o piso de mármore.

Roslynn estava ansiosa por uma visita guiada ao resto da casa e Regina não a desapontou, insistindo que os seus convidados podiam esperar. Continuou a colocar Roslynn à vontade com a sua tagarelice animada e maneiras encantadoras enquanto as três passavam de divisão em divisão nos pisos inferiores.

Silverley era uma imensa casa senhorial rural, quase remanescente de um castelo com o seu bloco central principal e torreões nos cantos, mas não havia nada medieval no seu interior, exceto talvez as tapeçarias antigas que adornavam muitas das paredes. Estava mobilada com bom gosto ao estilo de diferentes períodos, com peças Queen Anne e Chippendale em destaque numa das divisões e Sheraton noutra, e ainda outra com uma combinação, incluindo algumas peças engraçadas de estilo francês provençal. Roslynn ficou com a impressão de um lar, não de uma ala de um museu, embora esta última expressão pudesse ser igualmente aplicada.

A visita guiada terminou nas traseiras da casa, onde os convidados estavam reunidos, e, na pequena antecâmara com as janelas de vitral do chão ao teto, podiam ver o interior da sala de estar à esquerda, que dava para uma sala de música a seguir. Uma grande sala de jantar ficava à direita e depois desta, uma bonita estufa interior, que Roslynn prometeu a si própria visitar com atenção mais tarde.

Porém, naquele momento, com convidados a deambular pelas divisões ligadas entre si, que davam para um parque vasto atrás da casa, Regina viu-se obrigada a fazer apresentações antes de sequer entrarem na sala de estar.

– Há um vizinho meu que acho que vai gostar de conhecer – comentou Regina a Roslynn quando foi finalmente capaz de a levar e a Frances para dentro da sala de estar. – Nem toda a gente corre para Londres na temporada social, como sabem. Eu própria não teria ido se não tivesse feito essa promessa, mas fico contente por tê-lo feito, visto que isso me deu oportunidade de a conhecer. E não se preocupe, mais tarde teremos tempo para falar do que o Nicholas teve a dizer a respeito dos cavalheiros em que está interessada.

– Só estou a ver Sir Artemus, Ros – disse Frances com inquietação, lembrando-se do receio de Roslynn de os seus «possíveis» estarem presentes.

– Isso é verdade – disse Regina. – Mas ainda temos o dia de amanhã, por isso não poria já de parte os outros cavalheiros. Recebi respostas positivas dos quatro. Mas, entretanto, tem mesmo de conhecer Lord Warton. O Nicholas tem muitos ciúmes dele, sabem. Na verdade, por vezes pergunto-me o que teria acontecido se tivesse conhecido Justin Warton primeiro. – Era fácil de ver pelo sorriso travesso dela que não estava a falar a sério.

– O Justin não é tão velho como os seus outros cavalheiros, Roslynn – prosseguiu Regina. – Só tem cerca de vinte e oito anos, creio eu, mas é *tão* simpático que estou certa de que vai gostar dele. É dedicado à família e abomina Londres, por isso não o poderia conhecer se não fosse esta ocasião. Ele só vai à cidade uma vez por ano para levar a mãe e a irmã às compras, e só o faz fora da temporada social. Onde estará ele? – Com a sua altura diminuta, Regina teve de se pôr em bicos de pés para ver por cima de alguns ombros, mas, por fim, sorriu. – Está ali, ao lado da lareira. Venham comigo, minhas queridas.

Roslynn deu dois passos em frente e estacou. Vira imediatamente o homem grande e atraente sentado num sofá creme e dourado perto da lareira, ladeado por uma jovem loira como ele e, do outro lado, por uma mulher mais velha, obviamente a irmã e a mãe de Lord Warton, respetivamente. Mas, no mesmo instante, tinha visto os dois cavalheiros elegantemente trajados alguns metros mais à frente, posicionados de pé diretamente à frente da lareira, os irmãos Malory, e foi o irmão de cabelos pretos em quem prendeu o olhar que a fez deter-se, soltar um murmúrio de desagrado e sentir uma onda estranhíssima de tontura...

Foi preciso um grande esforço da sua parte para descolar os olhos de Anthony Malory e continuar a seguir a anfitriã, que não reparara na pausa que ela fizera. Preferia ter dado meia-volta, batendo em retirada, em vez de encurtar a distância da lareira para uns meros dois metros, até onde o sofá estava situado, mas não havia nada a fazer. E, sendo assim, decidiu que lhe convinha concentrar-se nos Warton, em Justin Warton em particular, e manter-se de costas para os irmãos Malory.

Era fácil perceber o motivo pelo qual Regina achava que Justin a podia interessar. Era um homem espantosamente atraente com cabelo loiro, feições fortes e marcantes e bonitos olhos azul-escuros, olhos enlevados numa admiração sincera

quando se iluminaram ao ver Roslynn. Também era o homem mais alto que já conhecera, como descobriu quando ele se ergueu do sofá para pegar na mão dela e a levar aos lábios. Um homem enorme, com ombros muito amplos, e tinha uma presença sólida, com músculos firmes. Mas, com o seu tamanho descomunal, se não fosse o sorriso arrapazado e as maneiras encantadoras, seria bastante intimidante.

Desta forma, pôs Roslynn à vontade imediatamente e, durante vários minutos, ela quase se esqueceu de quem estava atrás de si – quase. O problema era que conseguia sentir na pele aqueles olhos sensuais a percorrerem o seu corpo, conseguia vê-los na sua mente ao recordar a forma como tinham olhado para ela naquela noite no baile dos Crandal. Olhado? Não – *devorado* do outro lado do salão, como faziam agora a poucos centímetros de distância. Foi precisa toda a sua força de vontade para não imaginar o que *ele* estava a imaginar enquanto a fitava.

A interrupção de um recém-chegado foi uma distração bem- -vinda.

– Aqui estás tu, amor – disse Nicholas Eden ao mesmo tempo que deslizava uma mão possessiva à volta da cintura minúscula da mulher. – Porque será que sempre que saio de uma divisão, este calmeirão parece aparecer sempre ao teu lado?

Se ele estava a gracejar ou a falar a sério, não era evidente na sua expressão ou tom de voz, mas Justin Warton não ficou ofendido. Em vez disso, riu-se, como se estivesse acostumado a comentários desse tipo da parte do anfitrião.

– Se estivesse decidido a roubar-ta, Montieth, tu saberias – respondeu Justin com uma piscadela de olho para Regina, que ouvia aqueles comentários calmamente.

– Não comecem, vocês os dois – admoestou Regina com ligeireza. – Ou vão fazer estas senhoras acreditar que estão a falar a sério. Não estão, sabem, não falam nada a sério – confidenciou ela às convidadas. – Este, se ainda não adivinharam, é o meu marido. – E prosseguiu com as apresentações, porque embora Frances já tivesse ouvido falar dele, nunca lhe fora formalmente apresentado.

Roslynn partira do princípio de que uma mulher tão bela como Regina Eden tivesse um marido excepcionalmente atraente e o 4.º Visconde Eden de Montieth era indiscutivelmente atraente. Tinha um cabelo castanho com madeixas loiras e olhos castanho-claros que fulguravam como âmbar sempre que pousavam na mulher, e era fácil perceber porque ainda há um ano era apelidado de libertino e fazia jus a essa reputação, e igualmente fácil perceber que estava agora domesticado e completamente apaixonado pela mulher. O mais surpreendente era o facto de ele ser tão jovem, não tendo mais do que alguns anos do que a sua mulher, supôs Roslynn, e contudo a sua atitude era a de um homem mais velho; na verdade, ele fazia-a lembrar vivamente Sir Anthony, o que trouxe aquele indivíduo dissoluto de volta aos seus pensamentos.

– Então, garota, quanto tempo é que tencionas ignorar-nos? – A voz grave de Anthony interpôs-se subitamente numa pausa da conversa.

– Toda a maldita noite, se depender de mim – retorquiu Nicholas, de forma

muito pouco agradável.

Durante um momento estarrecedor, Roslynn pensou que Anthony se estava a dirigir a ela. Mas a resposta surpreendente de Nicholas, que fez a mulher presenteá-lo com uma súbita cotovelada nas costelas, corrigiu a sua suposição leviana.

– Credo, terei de fazer sempre o papel de árbitro? – declarou Regina para ninguém em particular, e depois avançou de imediato, impaciente, até à lareira e deu um beijo a cada um dos irmãos Malory. – Como se alguém *conseguisse* ignorar qualquer um dos dois durante muito tempo – acrescentou com uma risada. – Mas eu não suponho nem por um minuto que é pela minha atenção que estão tão impacientes. Venham comigo, então, e eu apresento-vos. – Ela enfiou um braço no meio do braço de cada um e arrastou-os consigo para a frente. – Lady Frances, creio que ainda não conhece os meus tios, James e Anthony Malory, pois não?

Tios? *Tios!* Por que razão aquela informação importante não fora revelada antes?, perguntou-se Roslynn furiosamente. Nunca teria vindo para ali se soubesse que os Malory eram assim *tão* próximos de Regina Eden. Sobrinha deles. Com mil diabos!

O mal-estar era evidente em quatro pessoas do grupo: os Warton e Frances. Justin retirou-se a toda a velocidade com as mulheres da sua família, tirando a irmã de forma protetora da presença de dois libertinos tão afamados. Roslynn quase sentiu vontade de ter alguém que cuidasse dela de forma tão diligente, alguém que a levasse para longe daquele encontro. Mas manteve-se firme. Não revelou pela expressão ou pela palavra que estava a sentir um mal-estar semelhante com a situação. Frances não se mostrou tão indiferente. De lábios cerrados, e seca durante as apresentações, a animosidade que sentia por aqueles dois homens não podia ter sido mais aparente e não hesitou muito em dar a sua própria desculpa e avançar para o próximo grupo de pessoas.

O que deixou Roslynn numa situação difícil e aborrecida. Retirar-se seria extremamente grosseiro naquele momento. Por isso, teve de fincar os pés, por algum tempo, pelo menos, e suportar o escrutínio próximo dos dois irmãos Malory. E nenhum dos dois tinha qualquer pudor em fitá-la abertamente.

Nem James achou necessário ignorar o que acabara de acontecer.

– Creio que a jovem está embaraçada por nossa causa, Tony. Não precisa de ficar assim, Lady Roslynn. O meu irmão e eu estamos bastante imunes a este tipo de reações.

– *Tu* podes estar, meu velho – observou Anthony com um brilho indiscutível nos olhos azul-cobalto. – Pela parte que me toca, não diria que não a um pouco de paixão.

Roslynn não teve dúvidas em relação ao tipo de paixão que ele gostaria de receber, visto que estava a olhar diretamente para ela quando disse aquilo. Não conseguiu deixar de sorrir. Anthony nem sequer conseguia esperar até a encontrar sozinha para a pressionar com a sua sedução. Era definitivamente *incorrigível*.

Regina também deve ter pensado a mesma coisa.

– Então, Tony, prometeu-me que se ia portar bem.

– E é isso que estou a fazer – protestou ele com toda a inocência. – Se fizesse aquilo que é o meu hábito, garota, terias um escândalo entre mãos.

Roslynn ficou com a sensação de que ele estava a falar muito a sério, embora Regina se risse como se o tio a estivesse a arrelhar.

– Vai acabar por assustá-la, Tony, se não tiver cuidado.

– De maneira nenhuma – objetou Roslynn.

– Aí está, vês, meu doce? – interpôs James. – Podes sentir-te à vontade para nos deixar e continuar com o teu papel de anfitriã. A senhora ficará completamente a salvo nas nossas mãos.

– Nunca duvidei disso – disse Regina, embora tivesse acrescentado à saída:

– Nicholas, não percas de vista nenhum dos dois.

– Que maravilha. – Nicholas ficou com uma expressão carrancuda.

James soltou uma pequena risada.

– Uma falta de confiança absurda, é o que isso é.

– Infelizmente merecida – resmungou Nicholas baixinho.

– Creio que ele ainda não nos perdoou, Tony – disse James.

– Fala por ti, irmão. Eu só me limitei a chamar-lhe à atenção que seria prejudicial para a saúde dele se não se casasse com a Reggie. Tu, por outro lado, foste responsável pelo facto de ele ficar preso à cama durante várias semanas, para não mencionar o pormenor de o teres arrastado das Caraíbas quando ele revelou ser um marido tão relutante.

– Eu nunca fui...

Roslynn interrompeu a imprecisão de Nicholas.

– Antes que isto descambe, acho que vou...

Anthony não a deixou terminar.

– Uma ideia excelente. Enquanto eles brigam, a senhora e eu iremos ver o que está a florir na estufa interior.

Sem lhe dar uma oportunidade para recusar, Anthony tomou-

-lhe o braço e começou a levá-la para fora da divisão. Não tinham caminhado mais do que um metro e meio quando ela se tentou afastar dele. Ele não a largou.

– Sir Anthony...

– Não se vai acobardar agora, pois não? – A voz dele soou junto ao ouvido de Roslynn.

Roslynn indignou-se por ele tornar aquilo um desafio.

– Eu simplesmente não quero sair da sala consigo.

– Mas é isso que vai fazer.

Ela parou de andar, obrigando-o a arrastá-la atrás de si ou a deter-se também. Ele parou e a sombra de um sorriso surgiu, ao mesmo tempo que ele baixava a cabeça junto à dela.

– Deixe-me colocar as coisas nestes termos, minha querida. Ou eu a beijo na estufa ou a beijo aqui mesmo neste momento. De qualquer das formas, *vou* tomá-la nos meus braços e...

– O diabo é que vai! – bramiu Roslynn antes de reparar no número de pessoas que os observavam. – Muito bem – corrigiu-se numa voz baixa e sibilante. – Eu gostava de ver a estufa, mas nada de beijos, seu patife, e quero a sua promessa primeiro.

Ele fez um sorriso atrevido de orelha a orelha.

– Venha daí, então.

E continuou a acompanhá-la, parando aqui e ali para trocar algumas palavras com pessoas que conhecia, como se ambos estivessem apenas a passear pelas divisões. Roslynn cruzou um olhar com Frances enquanto isso acontecia e a expressão da amiga era intensamente desaprovadora, com boas razões para isso. Mas Roslynn não queria abusar da sorte e tentar libertar-se de novo daquela situação. A probabilidade de Anthony a ter realmente beijado à frente de todos era irrelevante. Simplesmente não podia correr esse risco.

Mas devia ter firmado aquele acordo com mais certezas. As palavras dele «Venha daí, então» não eram de forma nenhuma uma promessa, o que veio a descobrir não muito tempo depois de terem entrado na grande estufa.

– Isto é realmente encantador – disse Roslynn, constrangida, quando o braço deslizou à volta da sua cintura e ele começou a guiá-la ao longo do caminho pejado de plantas que dava a volta ao espaço.

– Não podia concordar mais consigo – respondeu ele, mas estava a olhar para ela.

Roslynn manteve os olhos desviados, fitando atentamente as estátuas ao longo do caminho, a miríade de flores em flor, a fonte que estava num nível mais baixo no centro do espaço. A única coisa que lhe ocupava os pensamentos era a mão que estava apoiada na sua anca, que a queimava através do tecido fino do vestido de cintura subida.

– Eu... eu realmente devo repreendê-lo, Sir Anthony. – A voz dela era débil, trémula e teve de pigarrear antes de prosseguir com mais força. – Foi diabolicamente injusto da sua parte deixar-me sem escolha ali atrás.

– Eu sei.

– Era necessário ser assim tão prepotente?

Ele parou, virando-a para ele, percorrendo-lhe lentamente o rosto com o olhar ao mesmo tempo que considerava a pergunta dela. Alarmada, Roslynn deu-se conta de que ele os conduzira à parte mais distante do espaço, de que os ramos grossos de uma das árvores que cresciam mais abaixo se estendiam ao nível deles, ocultando-os de forma eficaz da entrada para a estufa. Na verdade, estavam completamente sozinhos naquele momento, com o som dos convidados abafado pelo correr da água da fonte.

– Sim, era necessário – respondeu ele finalmente, com uma voz rouca. – Quando a única coisa em que consigo pensar é a senhora desde a primeira vez que lhe pus os olhos em cima.

Roslynn não conseguiu encontrar força de vontade dentro de si para protestar quando o braço de Anthony a aproximou mais dele. A outra mão deslizou ao longo

do pescoço dela, um dos polegares inclinou-lhe a cabeça para cima e, por um instante, ela olhou-o nos olhos. A seguir, sentiu os lábios dele, quentes, sedutores, a fazer uma leve pressão nos seus, e as suas pálpebras fecharam-se, aceitando o inevitável. Tinha de saber, e agora sabia-o. E, naquele momento, nada mais importava a não ser o sabor dele, a sensação de ter toda a extensão do seu corpo junto ao dele.

Anthony não a assustou com a paixão que sentia, e refreou-a fortemente, ainda que o seu corpo fosse um inferno prestes a explodir. Não se conseguia lembrar de querer alguma coisa com tanta força e tomou todos os cuidados para não a sobrecarregar com aquilo que estava a sentir, para atizar o desejo dela pouco a pouco até ela o querer com a mesma intensidade.

Foi a coisa mais difícil que fez na vida, refrear-se quando o corpo dele bradava para a possuir ali e agora. E, na verdade, ele não tinha o autocontrolo que supunha. Quase fora de si com o desejo, não tinha consciência das pequenas coisas que lhe estava a fazer, de que os dedos deslizavam pelo cabelo dela, deslocando alfinetes do penteado cuidado, de que o joelho tinha deslizado entre os dela, de forma suficientemente profunda para ela ficar praticamente sentada em cima da sua coxa. Porém, felizmente para ele, naquele momento Roslynn estava tão fora de si como ele. Mas Anthony não sabia disso.

Na realidade, a fricção daquela coxa foi a desgraça de Roslynn, associada aos beijos cada vez mais profundos de Anthony. Ele trouxera gradualmente a língua para o meio do jogo, ensinando-lhe as sensações extraordinárias que podia invocar, usando-a para lhe abrir a boca, para saborear a doçura do seu interior. Acabou por incitar a língua dela a explorar igualmente e quando esta passou de forma hesitante entre os lábios dele, ele não a largou, sugando-a com suavidade para dentro da boca dele.

Impotente sob a mestria de Anthony, Roslynn estava completamente seduzida, preparada e disposta a deixá-lo fazer tudo o que quisesse. Quando Anthony finalmente se deu conta desse facto, soltou um resmungo de frustração, porque escolhera aquele espaço de forma imprudente, sem sonhar que seria tão bem-sucedido tão depressa.

Aproximou os lábios da orelha dela e rogou-lhe:

– Vá para o seu quarto, querida. Eu sigo-a até lá.

Ela estava aturdida, quase hipnotizada, incapaz de ligar um pensamento ao outro.

– O meu quarto?

Anthony sentiu vontade de a abanar. Aquela não era altura para ficar confusa, por amor de Deus! Em vez disso, agarrou-lhe os ombros com firmeza.

– Olhe para mim, Roslynn – disse ele, com um tom de urgência na voz. – Não podemos ficar aqui. Percebe? Aqui não temos privacidade.

Ela franziu-lhe o sobrolho.

– E por que motivo vamos precisar de privacidade?

Com mil demónios! Será que Regina tinha razão? Será que Roslynn podia ser

assim tão inocente na idade dela? Anthony sentiu-se dividido entre a contrariedade e o prazer que esse pensamento lhe provocava. Se fosse verdade, arriscava-se a perder o terreno que tinha conquistado ao fazê-la recuperar a razão. No entanto, um ponto sensível nele fora despertado, até ali dormente, que queria que aquela suspeita fosse verdade.

Anthony suspirou, desenterrando dentro de si um resquício de paciência para poder chegar até ela.

– Vamos fazer amor, nós os dois. É a conclusão natural daquilo que estivemos a fazer. E visto que ambos o queremos, o melhor é encontrar um lugar onde não sejamos perturbados. Naturalmente, vai concordar comigo que o seu quarto é o lugar mais lógico.

Roslynn já estava a abanar a cabeça antes de ele ter terminado.

– Ora, homem, o que fez? Não ia haver beijos: já lhe tinha dito isso.

O sotaque escocês melodioso só fez com que ele sentisse uma urgência ainda mais ardente e puxou-a de novo com firmeza contra o peito.

– É demasiado tarde para manobras de evasão, querida, depois de se ter rendido a mim de todas as formas exceto uma. Agora, seja uma boa rapariga e faça o que lhe digo, ou eu possuo-a aqui mesmo, juro que sim, e que se dane se alguém nos encontrar por acaso.

Se Anthony tencionava assustá-la para garantir a sua obediência, não resultou. Ela quase se riu dos esforços dele, mas achou que ele não ia apreciar isso no estado de espírito que o levava a dizer uma coisa daquelas. O bom senso disse-lhe que ele não faria nada que pudesse provocar embaraço à sobrinha. Devia ter percebido isso mais cedo, antes de entrar ali com ele.

– Não pode usar esse *bluff* comigo duas vezes seguidas, meu rapaz.

Naquele momento, Anthony não estava certo se fora um *bluff*. Mas o facto de ela estar a desafiá-lo de forma audaz fê-lo recuperar o bom senso, mesmo que não tivesse esfriado completamente o seu ardor. Tinha deitado a perder aquela oportunidade e, se ela não estava zangada, tinha todo o direito de estar.

O sorriso dele apareceu com um efeito devastador. Era o sorriso que derretia tudo à sua passagem.

– Se agora não pode mesmo ser, então irei até ao seu quarto mais tarde esta noite.

Ela empurrou-o para longe de si, abanando a cabeça.

– Não vai passar da porta, garanto-lhe.

– Deixe-a aberta.

– Também não vou fazer isso.

– A sua janela, então.

Os olhos cor de avelã faiscaram.

– Isso quer dizer que me vai fazer sufocar no quarto, ao fechar todas as janelas? Porque é que não pode aceitar um não? Será que não fui suficientemente clara?

– É a resposta errada, querida, e até ser a resposta certa, não pode estar realmente à espera que eu desista, pois não? Tenho de pensar na minha reputação,

sabe.

Roslynn riu-se ao ouvir aquilo, aliviando alguma da tensão que sentia. Céus, ele era incorrigível, completamente desprovido de princípios morais e extremamente tentador. Não sabia que um homem podia exercer um fascínio sexual tão poderoso, tão forte que até mesmo nos momentos mais lúcidos, com toda a consciência de que ele não era o homem mais adequado para ela, continuava a sentir-se atraída por ele. Mas quer estivesse a falar a sério quer não a respeito daquela perseguição ostensiva que lhe estava a fazer, a única forma que tinha de sobreviver ao encontro presente era não o levar a sério de maneira nenhuma.

De novo serena, com os olhos a censurá-lo, Roslynn disse:

– A sua reputação é precisamente aquilo em que *estou* a pensar, Sir Anthony.

– Nesse caso, tenho de ver se sou capaz de afastar esse tipo de pensamentos... de novo.

– Não!

Ela soltou uma exclamação abafada quando ele a puxou para si, e antes de se dar conta, estava sentada no gradeamento da estufa, num equilíbrio extremamente precário, e ele esboçava-lhe um sorriso irónico. Roslynn achou que ele ia beijá-la de novo. *Aquilo* não tinha qualquer piada. A queda por trás dela era de pelo menos dois ou três metros do cimo do gradeamento, onde estava sentada, até ao chão, os pés dela estavam suspensos no ar e não tinha nada a que se agarrar se perdesse o equilíbrio – exceto ele.

De sobrolho franzido, começou a tentar saltar para baixo, mas Anthony deu um passo em frente e, para horror de Roslynn, subiu-lhe rapidamente a saia até às coxas. Depois, aproximou-se ainda mais, obrigando as pernas dela a separar-se para dar lugar às ancas dele e inclinou o peito para ela, empurrando-a cada vez mais para trás...

– Segure-se a mim, ou vai cair lá em baixo. – A voz dele irrompeu no meio do pânico dela.

Roslynn obedeceu porque não havia mais nada que pudesse fazer naquele momento. Porém, ele não se endireitou para que ela pudesse recuperar o equilíbrio. Manteve-a quase metade fora do gradeamento e suspensa no ar, com o corpo dele a servir de única âncora.

– Esforce-se um pouco mais, querida. Ponha os braços à volta do meu pescoço.

– Com um dos braços, ele fez pressão com a barriga e o peito contra a barriga e o peito dela. – Agora, agarre-se com força porque eu vou largá-la.

– Não, não faça...

– Silêncio, querida. – O hálito dele aflorou a orelha de Roslynn, provocando-lhe tremores deliciosos pelas costas abaixo. – Se não quer ceder, pelo menos dê-me isto. Preciso de lhe tocar.

Roslynn prendeu a respiração quando sentiu uma mão em cada joelho, a subir lentamente pela parte exterior das coxas, arrastando o vestido ao mesmo tempo.

– Pare! Não passa de um maldito... Ponha-me no chão! – E depois, num murmúrio rouco: – Anthony.

Ele estremeceu com a forma como ela disse o nome dele. Mas antes que Roslynn pudesse dizer mais alguma coisa, as mãos dele alcançaram-lhe as ancas e, com um movimento brusco, juntou com firmeza as ancas de ambos.

Roslynn gemeu suavemente, com a cabeça a cair para trás e todos os membros do corpo tomados pela lassidão. Aquela sensação foi tão evocativa que ele quase podia ter entrado nela. E agora os lábios de Anthony deixavam um rasto ardente e húmido ao longo do pescoço que ela lhe tinha exposto e Roslynn esqueceu-se, compreensivelmente, da sua posição precária.

– Não me parece que me vás agradecer por me estar a intrometer, Tony, mas Lady Grenfell está à procura da tua pequena escocesa e é mais do que certo que deve vir procurar aqui a qualquer momento.

Com uma imprecisão, Anthony voltou bruscamente a cabeça para James, que estava a alguns metros de distância e viu-o a olhar com atenção e tato para a fonte, e não para os dois. Ergueu Roslynn do gradeamento, com as mãos ainda nas suas ancas e, apenas por mais um momento, segurou-a contra si, saboreando a sensação do corpo dela naquela posição, com as pernas quase enroladas à volta da cintura dele. Ela estava mais uma vez completamente entregue à paixão, de lábios afastados, olhos fechados e rosto ruborizado. Anthony duvidava que ela tivesse ouvido James falar.

– Meu Deus – disse ele enquanto a deixava deslizar lentamente até pousar os pés no chão, extraordinariamente frustrado. – Vamos ter de continuar isto noutra altura, querida.

Ela deu um passo atrás, com as pernas pouco firmes, e por longos momentos, ele observou os olhos dela a focarem-se de forma gradual, a arregalarem-se por fim e depois a semicerrarem-se de imediato. Fascinado, Anthony não se apercebeu do movimento da mão dela, mas a palma embateu com firmeza contra a face dele com um ruído seco.

– Não vai haver outra altura, homem, para aquilo que quer fazer – afirmou ela tranquilamente, mas com força suficiente para não lhe deixar dúvidas de que estava com a fúria à flor da pele. – Não conhecia as regras do seu jogo, e não posso confiar em si para jogar limpo, por isso fique longe de mim.

Roslynn disparou na direção que tinham estado a seguir, dando a volta à estufa. Anthony não tentou segui-la. Apoiou-se de novo ao gradeamento, levando os dedos à face, e seguiu-a com o olhar até ela ficar fora de vista.

– Perguntava-me quando é que o mau génio daquela escocesa se revelaria. – Ele fez um sorriso irónico quando James apareceu ao lado dele.

– Eu diria que ela foi muito branda contigo.

O sorriso de Anthony ampliou-se.

– Ela nem sequer sabia que estavas aqui.

– Estás a gabar-te do teu feito, irmão?

– Apenas me sinto extraordinariamente satisfeito com isso, meu velho.

– Bom, agora que a deixaste tão enfurecida, não te importas que eu tente a minha sorte, certo?

O bom humor de Anthony desapareceu instantaneamente.

– Fica longe dela, James.

Uma das sobrancelhas loiras de James arqueou-se.

– Estamos um pouco possessivos, não estamos? Mas creio que essas palavras eram dela... dirigidas a ti. E, afinal de contas, meu caro rapaz, ainda não a conquistaste.

Justin Warton revelou-se uma companhia tão agradável que o mau génio de Roslynn dissipou-se completamente em menos tempo do que esperava, tendo em consideração o mau génio que tinha quando era provocada. E ela tinha ficado furiosa, ainda mais quando Frances a encontrara a sair da estufa interior e a arrastara prontamente lá para cima para lhe arranjar o penteado, que a própria Roslynn nem sequer percebera que ficara num estado de desordem tão denunciador. Que homem horrível era, para a deixar com aspeto de quem acabara de ser maltratada, o que era a verdade, e a obrigar a suportar um sermão severo de Frances, embora merecido.

Ela *sabia* que tinha sido insensata, *sabia* que tinha corrido um risco terrível. Não precisava que lhe dissessem isso com todas as letras. Mas não podia ficar ofendida com a fúria de Frances, porque esta tinha origem no amor e na preocupação. Só podia ficar ainda mais furiosa consigo própria, por afligir Frances e não ter mais juízo.

Depois de uma longa arenga acerca da reputação sórdida de Sir Anthony, Frances concluíra com o seguinte:

- Não podes ficar sozinha com ele de novo, Ros, especialmente visto que sentes uma atração tão óbvia por ele.
- Eu nunca disse isso, Frances.
- Não precisaste de o fazer. Eu percebi no momento em que a Regina trouxe Sir Anthony para nos ser apresentado. E também vi a forma como ele olhou para ti. Beijar-te na estufa foi uma coisa, mas tu sabes que não teria ficado por ali se estivessem num lugar menos visível.

Roslynn não lhe confessou que o que acontecera fora um passo além de alguns beijos, mesmo naquele lugar público, ou que não estava certa de que não pudesse ter ido muito, muito mais longe se felizmente Anthony não tivesse recuperado a razão e a tivesse libertado. Era inegável que não fora *ela* a afastar-se, e nem sequer tentara fazê-lo, assim que se viu presa no abraço firme dele.

- Devias ter-me dito que o conhecestes no baile dos Crandal. – O tom de voz de Frances ficou subitamente magoado. – Podia ter-te avisado mais cedo, porque é óbvio que ele te marcou para seres a próxima conquista.

- Frances, Frances, não precisavas de me ter avisado. Eu já tinha ouvido a má-língua que circulava no baile a respeito dele. Eu sabia o libertino com má reputação que ele era.

- E mesmo assim, deixaste que ele te manipulasse.

- Já te disse, ele enganou-me! – exclamou Roslynn, exasperada, arrependendo-se de imediato do tom que utilizara. – Peço desculpa, mas tens de parar de te preocupar. Já lhe disse para ficar longe de mim.

Frances franziu os lábios e as sobancelhas primorosamente arqueadas estreitaram-se com firmeza.

– Achas que aquilo que tu queres faz alguma diferença para ele? Os homens como ele não aceitam a rejeição, Ros. Por alguma razão absurda, apenas ficam mais intrigados quanto mais difícil se torna a perseguição. E *aquele*, Sir Anthony, é o pior de todos, simplesmente porque é o mais bonito, o mais solicitado e o solteiro mais inveterado do reino. Ele jamais se casará, Ros. Jamais vai ficar satisfeito com uma única mulher. E por que razão o faria quando centenas de mulheres se desdobram em intrigas e maquinações para conquistar os favores dele?

– Frances, estás a esquecer-te das circunstâncias únicas da minha situação. Eu não sou mais uma debutante cheia de esperanças à procura de um marido. Tenho um objetivo a cumprir e não vou deixar ninguém pôr isso em perigo. As consequências são demasiado nefastas para mim, para não dizer perigosas, se não for capaz de assegurar rapidamente um casamento.

Frances suspirou e fez um pequeno sorriso contrito.

– Tens razão, estava a esquecer-me disso. Mas tem cuidado, Ros. Um homem como o Malory, com a experiência dele, é capaz de te seduzir antes de te dares conta disso. Podemos estar gratas por aquele irmão dele, igualmente desprovido de princípios, também não ter posto os olhos em ti.

Roslynn lembrar-se-ia daquelas palavras mais tarde, mas quando regressaram ao piso inferior e Justin Warton se apressou a convidá-las a partilhar o bufete com eles, ela ainda estava demasiado furiosa com a ingenuidade com que lidara com Anthony Malory para perder tempo a pensar no irmão dele. E depois Justin fê-la esquecer a sua quase catástrofe e ela sentiu prazer na companhia dele durante algum tempo. Ele era tão encantador e os seus olhos azul-escuros continuavam tão cheios de admiração que deu por si a considerá-lo seriamente como um provável candidato a juntar à sua lista, apesar da sua juventude. Pelo menos, era mais velho do que ela e era óbvio que não fazia qualquer tentativa de esconder o interesse que sentia por ela, o que era gratificante, especialmente depois de *ela* ter sido obrigada a ser ousada ao ponto de ir ao encontro dos seus outros candidatos. O que teria de continuar a fazer, aparentemente, visto que Sir Artemus ainda não se aproximara dela naquela noite, embora soubesse que ele a tinha visto.

Infelizmente, Lady Warton desfez o trio pouco depois da refeição, a queixar-se de uma dor de cabeça, e Justin foi obrigado a levá-la a casa, embora tivesse arrancado a Roslynn a promessa de que o acompanharia na caçada planeada para a manhã seguinte.

– Bom, foi uma conquista fácil – observou Frances depois de Justin ter saído com a mãe.

– Achas mesmo que sim? – Roslynn fez um sorriso rasgado. – Ele é muito agradável, não é?

– E tão respeitável. Só ouvi coisas boas...

– Frances, não precisas de enaltecer as qualidades admiráveis dele. Se reparares, Sir Anthony parece ter-se ausentado. Podes parar de te preocupar.

Frances apertou-lhe a mão com força.

– Muito bem. Eu sei que tens o bom senso para distinguir o bom do mau. E

visto que Lord Warton não volta mais esta noite, não devias travar um conhecimento mais aprofundado com Sir Artemus enquanto tens essa oportunidade?

– Tens razão. – Roslynn suspirou. – E também preciso de encontrar Lady Eden por causa da informação que ela me prometeu. Quanto mais cedo a minha lista for reduzida, melhor.

Mas Regina Eden estava no meio de uma conversa animada com vários vizinhos que Roslynn não quis interromper, e encontrou Sir Artemus no meio de um jogo de *whist*; vários jogos semelhantes de cartas tinham começado após o jantar.

Roslynn aproximou-se de uma das portas envidraçadas abertas para esperar até poder atrair a atenção de Regina, aproveitando a brisa suave que deslizava vinda do vasto parque. Por mais quente e desconfortável que a sala de estar se tivesse tornado e adorasse sair lá para fora, não se atrevia, não depois de a última vez que pensara escapar para um jardim ter precipitado o seu primeiro encontro com Sir Anthony. E mesmo que não o visse desde que o deixara na estufa, isso não significava que ele ainda não estivesse algures na casa.

Roslynn estava quase a ponderar ir buscar Frances para a arrastar lá para fora só para poder refrescar-se um pouco, quando se sobressaltou com um movimento atrás dela.

– Está a divertir-se, Lady Roslynn?

Deu meia-volta cautelosamente, reconhecendo a voz de James Malory e receando que Anthony estivesse com ele, tal como antes. Desconstraiu-se, porém, ao ver que ele estava sozinho, com o cabelo loiro ligeiramente despenteado, obviamente acabado de vir lá de fora. Mas o seu alívio durou apenas alguns segundos, porque a forma penetrante como ele a fitava, à espera de uma resposta, lembrou-a de que aquele era o irmão que intuitivamente achara perigoso e nada a respeito dele naquela noite mudara essa opinião, embora agora estivesse mais inclinada a achar que Anthony era o mais perigoso, pelo menos para ela.

Acenou ligeiramente com a cabeça.

– Sim, a sua sobrinha fez-me sentir absolutamente à vontade, embora deva dizer que fiquei surpreendida por saber que ela é sua sobrinha. Ela deve ser a filha de um dos seus irmãos mais velhos, suponho?

– Da nossa única irmã, Melissa – corrigiu-a ele. – Mas ela morreu quando a Regan ainda era bebé, por isso os meus irmãos e eu tivemos o prazer de a criar.

Roslynn ficou com a nítida impressão de que quatro jovens realmente *tinham* considerado um prazer criar a única filha da irmã, o que fez aquele Malory em particular parecer menos ameaçador, em teoria, até ele sugerir:

– Quer dar um passeio até ao lago?

Foi um convite inesperado e colocou-a instantaneamente em alerta.

– Não, obrigada.

– Nesse caso, só até lá fora? Tem ar de quem está a precisar de um pouco de ar fresco.

– Na verdade, estou com um pouco de frio e estava mesmo agora a pensar em ir buscar um xaile.

James soltou uma pequena risada com a desculpa pouco convincente.

– Minha cara jovem, essa camada fina de transpiração na sua testa diz o contrário. Venha daí. Não precisa de ter medo de mim, sabe. Sou bastante inofensivo em todos os aspetos.

Quando a mão dele lhe agarrou com firmeza o cotovelo para a levar lá para fora, Roslynn teve a sensação estranha de que aquilo já acontecera antes, há pouco, de que estava a ser levada pelo mesmo caminho, rumo ao desastre. A única diferença naquele caso é que não tinha qualquer hipótese de fazer James parar, como tinha feito com Anthony quando tentara levá-la para fora da sala de estar. Bastaram dois passos e estavam lá fora e aquilo aconteceu antes de ela sequer pensar em libertar-se, e tão-pouco ele lhe deu oportunidade para o fazer. Em vez de continuar a andar, puxou-a para o lado da porta e encostou as costas dela contra a parede, com a boca dele a abafar o pequeno grito de alarme dela.

Foi feito de forma tão veloz, tão inteligente, que Roslynn não teve oportunidade de antecipar a armadilha ou fugir dela. Nem tão-pouco se atrevia a protestar em voz alta, caso contrário iria atrair a atenção dos ocupantes do interior da casa, a poucos metros de distância do outro lado da parede, e não se podia dar ao luxo da má-língua que isso iria ocasionar. O máximo que podia fazer era tentar empurrá-lo para longe de si, mas era como se estivesse esmagada entre duas paredes, com o peito grande e sólido de James tão inamovível. E depois deixou de o fazer. Conseguia sentir o coração a ressoar furiosamente nos ouvidos, por causa do perigo da descoberta, disse a si mesma, mas na verdade, o beijo de James Malory pareceu-lhe tão remissivo do beijo do irmão, que podia ser Anthony que a estava a beijar naquele momento. Mas não era e ela agarrou-se a esse pensamento com todas as suas forças.

– O senhor e o seu irmão devem aprender um com o outro – disparou num murmúrio irado no momento em que ele ergueu a cabeça.

James riu-se, apesar do seu desapontamento.

– Acha que sim, minha pequena escocesa? Porque diz isso?

Ela corou furiosamente por quase ter admitido que Anthony também a tinha beijado. De forma defensiva, disparou:

– É esta a sua ideia de inofensivo?

– Menti – disse ele, com uma evidente ausência de remorsos.

– Sem dúvida! Agora, deixe-me passar, Lord Malory.

Ele recuou apenas o suficiente para separar os corpos de ambos, não para a deixar fugir.

– Não fique zangada, meu doce. Não pode censurar um homem por tentar, embora agora tenha de admitir que o Tony me levou a melhor desta vez. É verdadeiramente injusto que o tenha conhecido primeiro.

– Que disparates está para aí a dizer? – Ela soltou uma exclamação abafada, com medo de saber. – Se vocês os dois fizeram apostas sobre mim...

– Nada disso, minha cara jovem. Isto não passa de rivalidade fraterna e o simples facto de partilharmos os mesmos gostos, ele e eu. – Um dos dedos dele subiu para lhe afastar os caracóis húmidos do rosto, e por um momento, Roslynn ficou hipnotizada pelos seus olhos verdes intensos. – É incrivelmente encantadora, sabe... incrivelmente. O que torna extremamente difícil aceitar a derrota. – A voz dele baixou e enrouqueceu de repente. – Posso fazer o seu sangue pulsar nas veias, minha cara jovem. Tem a certeza absoluta de que prefere o Tony?

Roslynn obrigou-se a despertar, para combater o encantamento poderoso que ele lhe lançava com tão pouco esforço, mas com tanto sucesso implacável. Santo Deus, aqueles Malory tinham poderes devastadores na arte da sedução.

De forma hirta, a rezar para que ele levasse as suas palavras a sério, insistiu:

– Eu nunca disse que preferia o seu irmão, mas isso também não significa que o prefira a si. A verdade, Lord Malory, é que não quero nenhum dos dois. Agora, vai deixar-me passar ou tenho de esquecer a cautela e gritar por ajuda?

Ele deu um passo atrás, com uma pequena mesura, e um sorriso completamente exasperante surgiu nos lábios sensuais.

– Não a posso deixar fazer isso, minha cara senhora. Ser encontrada sozinha aqui fora comigo ia arruiná-la completamente.

– Coisa que devia ter tido em consideração antes de me ter arrastado aqui para fora! – retorquiu ela e abandonou-o de imediato a toda a velocidade.

E, tal como Anthony fizera antes, James observou-a a sair disparada, mas não podia ter a certeza de um sucesso final como no caso de Anthony para o ajudar a manter a boa disposição. Muito pelo contrário. Por muito que tivesse gostado de conquistar aquela mulher em particular, e não havia dúvida de que o podia fazer se realmente estivesse decidido a isso, a reação dela ao beijo dele fora apenas um eco distante da forma como reagira ao beijo de Anthony. Não a deixara num estado de desorientação, como o irmão tinha tão obviamente feito. A escolha dela era clara, mesmo que ainda não estivesse consciente de que a tinha feito. Mas se fosse qualquer outra pessoa que não Tony...

Raios, ela era uma bela mulher. O sentido de humor de James regressou, à mistura com a ironia. Ela tinha conseguido despertar o corpo dele e agora estava a precisar desesperadamente de consolo feminino, o que significava que teria de se deslocar até à aldeia mais próxima ou irritar Regan ao seduzir uma das vizinhas dela. Por isso, não havia nada a fazer senão pôr-se a caminho, embora não o desejasse. Com mil raios, maldito fosse o amor à primeira vista!

Roslynn virou-se para o outro lado na cama, esfregou os olhos sonolentos e olhou para o relógio na prateleira da lareira com os olhos semicerrados. Raios. Queria mesmo ter participado na caçada daquela manhã. Até prometera a Justin que ficaria ao lado dele e ficara ansiosa por se exhibir um pouco para o impressionar com os seus dotes equestres. Mas o grupo da caça devia regressar em breve, se já não tivesse chegado. Falara-se de um piquenique que estava planeado para o meio-dia junto ao lago e era quase essa hora. Mais um motivo de irritação.

Roslynn sentou-se no leito, mas não antes de fitar, carrancuda, a cama que não lhe oferecera qualquer paz durante a noite. Nettie tentara acordá-la. Lembrava-se disso. Mas duvidava que alguma coisa, exceto um incêndio, a tivesse conseguido arrancar da cama de manhã cedo, porque só fora capaz de sucumbir ao sono ao amanhecer. Mais uma coisa que podia atribuir a Anthony Malory, aquele maldito homem.

E não tinha qualquer desculpa. Retirara-se pouco depois da meia-noite. Como no dia anterior se levantara muito antes do amanhecer para fazer a viagem até Silverley e não fizera uma sesta à tarde como Frances, à noite sentira-se exausta. E tivera várias horas para ultrapassar a mortificação que a invadira com as conclusões grotescas do irmão de Anthony sobre as suas preferências. Chegara a ter a conversa que queria com Regina e sabia agora muito mais acerca dos seus «possíveis» do que antes, embora, infelizmente, nada tivesse sido revelado que a pudesse realmente auxiliar a reduzir a lista, como esperava.

Sir Artemus Shadwell era um jogador ávido, mas Roslynn já chegara a essa conclusão sozinha, e era suficientemente rico para sustentar o seu passatempo. Lord Grahame, o distinto conde de Dunstanton, tinha visto morrer as suas três mulheres. Pelo menos, o pobre sujeito continuava a tentar a sua sorte. Lord David Fleming, o visconde que era igualmente herdeiro de um ducado, era um solteiro inveterado, e os seus casos amorosos tão discretos que o nome dele nunca fora ligado ao de nenhuma mulher. Louvável. Mas o respeitável Christopher Savage continuava a ser um enigma para ela. Os Montieth não tinham quaisquer relações com ele.

Mas estes cavalheiros, por mais que isso fosse desejável, não tinham ocupado os pensamentos dela na noite passada enquanto dava voltas na cama. O descaramento de James Malory também fora esquecido. Era aquele patife de cabelo preto e olhos azuis ardentes que lhe tinha provocado hora após hora de insónia, ao reviver os minutos fatídicos que passara com ele na estufa interior.

Não ia haver mais nada *daquilo*, mais pensamentos desperdiçados em malandros perversos e mais procrastinação. *Ia* concentrar-se no que tinha para fazer e esperava, não, rezava, para que o resto dos respeitáveis e altamente adequados cavalheiros da sua lista aparecesse naquele dia.

Impaciente para deixar o quarto, tocou a campainha para chamar Nettie, mas

não esperou por ela para começar a sua *toilette*, e já trajava um bonito vestido de dia cor de pêssego, de percal, com mangas curtas em balão e generosamente guarnecido com folhos na bainha antes de Nettie chegar. O facto de ter apressado Nettie a tratar do penteado deu origem a um resmungo e a um breve sermão a propósito das oportunidades que as pessoas perdem quando se deixam dormir até tarde, mas, ainda assim, o puxo enstrançado com firmeza e os pequenos caracóis de cabelo que lhe emolduravam o rosto acabaram por ficar bastante graciosos.

Mas Roslynn não desperdiçou um momento para admirar o resultado final. Agarrou num chapéu de cetim branco adornado com penas de avestruz que condizia com os sapatos e uma sombrinha rendada, e disparou para fora do quarto, deixando Nettie a arrumar a confusão que fizera no armário antes da chegada tardia da criada. E a seguir estacou subitamente porque junto ao final do corredor estreito que conduzia aos quartos de hóspedes, encostado despreocupadamente ao corrimão com vista para o átrio principal, estava Anthony Malory.

Aquilo era inaceitável, era realmente inaceitável, porque ele estava obviamente à espera dela. De ancas encostadas ao corrimão, braços cruzados por cima do peito, tornozelos igualmente cruzados, dispunha de uma vista desimpedida para a porta do quarto dela e dado que a esperava naquele local, Roslynn não tinha qualquer hipótese de o evitar.

Estava vestido de forma descontraída, quase demasiado descontraída, sem um plastrão e com vários botões abertos na camisa de cambraia bordada, uma abertura em V, que revelava um peito muito bronzeado, com alguns pelos a sugerir que havia uma mancha mais espessa imediatamente por baixo. O casaco era azul-escuro e a zona dos ombros e antebraços estava firmemente preenchida. Pernas longas e musculosas estavam envoltas numas calças de camurça macias com botas altas reluzentes moldadas à barriga das pernas. Tudo o que via indicava que era um entusiasta de atividades ao ar livre, atlético, um desportista amador, o que era completamente contrário à reputação que o apregoava como uma criatura da noite debochada, dedicada aos prazeres sensuais e a horas tardias de dissipação. Bom, o que quer que ele fosse, era perigosamente apelativo para os sentidos de Roslynn.

Quando se tornou aparente que a senhora não ia dar mais um passo que a levasse para mais perto dele, Anthony disse:

– Mais vale sair agora, querida. Estava a começar a ter fantasias acerca de entrar de mansinho no seu quarto e de a encontrar ainda na cama...

– Sir Anthony!

– A porta estava aberta? – brincou ele, mas perante um olhar furioso, resolveu dar uma risada. – Não precisa de me atacar com esses bonitos olhos, minha cara. Não leve a sério as minhas palavras. Na verdade, pode avançar sem qualquer receio. Hoje, tenho todas as intenções de apresentar um comportamento irrepreensível, de cumprir tudo aquilo a que o decoro obriga e de enterrar todos aqueles instintos perversos que a possam deixar alarmada.

– Promete?

Ele fez um sorriso rasgado.

- Tenho de o fazer?
- Sim.
- Muito bem. Dou-lhe a minha palavra, solene e deveras sincera, até ter compaixão de mim e me libertar dela.

O som da gargalhada rouca foi como música para os ouvidos dele.

- Será libertado dela, Sir Anthony, quando for demasiado velho para querer ser libertado, e nem um dia mais cedo.

Roslynn avançou nessa altura, detendo-se mesmo à frente dele, com a sombrinha debaixo do braço e o chapéu a balançar no cordão que segurava na mão. Céus, ela era uma verdadeira visão, com os lábios generosos arqueados num sorriso clemente, o pequeno queixo firme que se revelara tão teimoso e aqueles belos olhos com laivos dourados que brilhavam, bem-humorados agora.

Tomara a decisão certa em deixar Silverley na noite passada, refletiu naquele momento, a decisão mais certa. Se tivesse ficado, seria atraído para junto de Roslynn de novo quando ela precisava de tempo para acalmar a fúria. Por isso, dirigira-se à aldeia para celebrar, pois tinha bastantes motivos para tal. Ela podia tê-lo esbofetado, mas conseguira despertar a sensualidade dela e essa era uma razão suficiente para a sua excelente disposição e motivo para procurar consolo feminino, visto que ela também despertara todos os seus sentidos.

Anthony teve vontade de se rir, ao lembrar-se de como os seus planos não tinham corrido como esperava. O problema era que, na altura em que encontrara uma rapariga disposta a isso, e agradável à vista também, na pequena taberna onde fora parar, já não precisava nem queria isso, só queria a rapariga que deixara em Silverley. Por isso, quando James apareceu inesperadamente na mesma taberna não muito depois dele, entregou alegremente a pequena odalisca ao irmão e contentou-se em embebedar-se enquanto maquinava o próximo passo.

De forma astuta, decidira mudar a abordagem temporariamente, seguindo a indicação daquele sorriso. E depois de uma conversa demorada com a sua sobrinha preferida naquela manhã, tinha descoberto o estratagema perfeito. Ia oferecer à senhora aquilo que ela não podia recusar – ajuda para alcançar os seus objetivos. É claro que se os conselhos que desse criassem mais obstáculos do que facilidades, não perderia o sono à conta disso. Os objetivos dela não estavam em sintonia com os dele.

Roslynn esperava, pacientemente, para ouvir por que motivo ele se tinha atravessado no caminho dela. O poder que algumas palavras tinham. Ela estava à vontade, baixara a guarda, depositando uma confiança total na promessa de Anthony. Não tinha forma de saber que a paixão que ele sentia pesava muito mais do que a sua caprichosa honra, pelo menos no trato com o sexo feminino.

Afastou-se do corrimão, com uma atitude tranquila e um tom de voz impessoal.

- Teria todo o interesse, Lady Roslynn, em vir comigo para um lugar onde possamos conversar em privado.

A inquietação regressou.

– Não estou a ver...

O sorriso dele desarmou-a.

– Minha cara, eu disse falar, nada mais. Se não for capaz de confiar em mim, como é que a vou poder ajudar?

Desorientação.

– Ajudar-me?

– É claro – respondeu ele. – Era isso que tinha em mente. Agora, venha comigo.

Foi a mais pura curiosidade que fez com que Roslynn se abastivesse de falar e o deixasse conduzi-la pelas escadas abaixo até à biblioteca. Não conseguia imaginar como ele achava que ia conseguir ajudá-la. As únicas dificuldades com que se deparava de momento eram a atração que sentia por ele e a sua incapacidade para esquadrinhar a fachada que os cavalheiros dela apresentavam ao público. Os cavalheiros dela? Não, ele não podia saber isso, pois não?

Quer soubesse quer não, Roslynn deu por si horrorizada por estar a corar com essa possibilidade. Felizmente, Anthony não reparou e levou-a diretamente para um sofá, antes de atravessar a grande divisão e parar junto a um carrinho de bebidas espirituosas.

– *Brandy?* – perguntou ele por cima do ombro.

– A esta hora?

O tom incrédulo de Roslynn fê-lo sorrir para si próprio.

– Não, é claro que não. Que pergunta pateta.

Mas ele estava a precisar de um, porque ocorreu-lhe de súbito que a tinha finalmente só para si e só precisava de trancar as portas. Mas não fora para isso que a trouxera para ali e tinha de dar prioridade a *esse* pensamento dentro da cabeça.

Pousou o *brandy* e regressou vagarosamente até se deter diante do sofá onde ela estava sentada com decoro, com as pernas encostadas uma à outra, sombrinha e chapéu no colo. Estava colada a um dos cantos, deixando-lhe um bom metro e meio de espaço para ocupar. Seria muito importuno se se sentasse ao lado dela quando era perfeitamente claro que ela não o desejava. Fê-lo na mesma, embora tivesse transigido o suficiente para permitir um espaço de quinze centímetros, para evitar que ela entrasse em pânico.

Roslynn entrou em pânico na mesma.

– Sir Anthony...

– Acha que me pode começar a tratar por Anthony, ou melhor ainda, por Tony? Afinal, se vou ser o seu confidente...

– O meu *quê?*

Ele ergueu uma sobrancelha.

– É uma palavra demasiado forte? Será que amigo e conselheiro serão mais adequadas? Depois de uma longa conversa com a minha sobrinha esta manhã, percebi que precisa desesperadamente de ambos.

– Ela contou-lhe tudo! – exclamou acusadoramente Roslynn. – Com mil diabos, não tinha esse direito!

– Foi com a melhor das intenções, minha cara. Ela queria impressionar-me com a seriedade com que está encarar o casamento. Parece achar que tenho intenções desonrosas em relação a si. Não consigo imaginar como é que ela ficou com essa ideia.

Roslynn fuzilou-o com o olhar, mas era impossível manter a indignação depois daquele absurdo. O riso dela irrompeu, profundo e delicioso.

– É um verdadeiro malandro, seu rapazote. *Nunca* leva nada a sério?

– Não, se o puder evitar. – Ele fez um sorriso irónico.

– Bom, faça um esforço e diga-me por que motivo o senhor, justamente, gostaria de me ajudar no meu caminho rumo ao matrimónio.

– Ocorreu-me que quanto mais cedo estiver casada e aborrecida com isso, mais cedo a terei na minha cama – respondeu ele, de modo grosseiro.

Se fosse qualquer outra coisa, Roslynn não teria acreditado. *Naquilo*, acreditou completamente.

– Está a apostar numa hipótese bastante remota, não acha? – gracejou. – Eu posso apaixonar-me perdidamente pelo meu marido, sabe?

– Não diga isso – disse ele com um horror fingido. – Ninguém se apaixona perdidamente nos dias de hoje, minha cara, exceto jovens românticos e velhos patetas com membros trémulos. E está a agir com demasiada sensatez nesta questão para essa possibilidade se tornar uma realidade.

– Admito que tem razão, por agora. Então, o que está exatamente a oferecer-se para fazer por mim?

A pergunta armadilhada provocou um brilho divertido nos olhos de Anthony.

– A sua situação não é diferente da de Reggie quando ela estava à procura de um marido. Sentia-se pressionada pelo facto de já ter passado por uma temporada social, assim como uma viagem pelo continente, sem qualquer sorte. Sem qualquer culpa da parte dela, é claro. Tinha a difícil tarefa de encontrar um homem em relação ao qual eu e os meus irmãos estivéssemos de acordo.

– Sim, recordo-me de ela ter mencionado qualquer coisa do género.

– Ela disse-lhe de que forma resolveu o problema dela?

– Foi comprometida.

Roslynn ficou surpreendida por ver a reação carrancuda de Anthony àquela resposta.

– Ela não teve nada a ver com *isso*. Foi uma brincadeira descarada que o Montieth se lembrou de pregar à amante que correu mal. E não vamos mencionar isso de novo, por favor. Mas, antes disso, a Reggie tinha contratado um velho lorde que conhecia absolutamente toda a gente e arrastou-o com ela em todos os acontecimentos sociais, assim como na viagem pelo continente, para que, com um sinal que tinham combinado, ele lhe pudesse dizer quais dos homens que ela conhecia mereciam ser objeto de consideração ou não.

Os olhos de Roslynn faiscaram.

– Espero que não esteja a sugerir que eu o leve *comigo* para onde quer que vá, Sir Anthony, porque...

Ele antecipou-se a ela.

– De maneira nenhuma e, além disso, seria desnecessário. Segundo a Reggie, a senhora já tem várias hipóteses em ponderação. Acontece que eu conheço-os bastante melhor do que o Montieth, visto que estão todos mais próximos da minha idade do que da dele. Três deles também são membros do meu clube; o quarto frequenta o mesmo salão desportivo que eu. Só tenho uma pergunta para si, minha cara. Por que motivo colocou de parte alguém mais perto da sua idade?

Roslynn evitou os olhos dele enquanto murmurava:

– É mais provável que um homem mais velho tenha mais paciência com os meus defeitos do que um homem mais novo.

– A senhora tem defeitos? Nunca diga isso.

– Toda a gente tem defeitos! – disparou ela.

– Um temperamento explosivo porventura não seria um dos seus, pois não?

O olhar semicerrado de Roslynn provocou-lhe uma gargalhada, mas ela continuou, irritada.

– Um homem mais velho terá mais estabilidade, depois de os dias de desvario juvenil terem ficado para trás. Se eu vou ser fiel neste casamento, vou insistir no mesmo da parte do meu marido.

– Mas não vai ser fiel, querida – lembrou-a ele.

– Se eu não for, nesse caso, não espero que ele seja. Mas se for, é isso que vou esperar. Vamos deixar as coisas assim. A verdade é que foi o meu avô quem sugeriu que eu procurasse um homem com uma boa dose de experiência e, verdade seja dita, os homens mais novos que conheci até agora não me impressionaram... bom, exceto um, e decidi adicioná-lo à minha lista.

– Quem?

– Justin Warton.

– O Warton! – Anthony endireitou as costas abruptamente, exclamando: – Ele é um menino da mamã!

– Não precisa de o denegrir – respondeu ela, secamente.

– Minha cara jovem, se tudo aquilo que quiser de mim forem relatórios exemplares dos seus felizardos, não vejo que utilidade poderei ter para si. Todos eles apresentam uma imagem exterior que está acima de qualquer censura, como seria de esperar de cavalheiros do estatuto deles. Parti do princípio de que estava interessada na porcaria escondida debaixo do tapete.

Ela sentiu as faces quentes sob a censura de Anthony.

– Tem razão, é claro, peço desculpa. Muito bem, na sua opinião, que homem daria o melhor marido?

– Não tem nenhuma preferência?

– Nem por isso. Acho-os a todos atraentes, apresentáveis e perfeitamente adequados por aquilo que consegui saber acerca deles até agora. É essa a minha dificuldade. Não sei em qual me devo concentrar para decidir esta questão.

Anthony descontraíu-se, recostando-se e pousando descontraidamente o braço nas costas do sofá, mesmo por trás da cabeça de Roslynn. Ela não pareceu reparar

nisso. Estava impacientemente à espera que ele respondesse à pergunta, enquanto ele estava a evitar cuidadosamente o mesmo.

– Ajudar-me-ia saber aquilo a que dá mais valor – sugeriu ele.

– Um temperamento fácil, um trato gentil, sensibilidade, inteligência, paciência, como já disse...

– Que maravilha. – O sorriso dele era malicioso e exasperante. – Vai aborrecer-se de morte, minha cara, o que nos tornará intimamente familiarizados um com o outro muito mais cedo do que esperava. – Os lábios franzidos e olhar fulminante de Roslynn provocaram um riso abafado, nada contrito. – Por favor, continue.

– Também existe um contrato de casamento que deve ser assinado – disse ela, com firmeza. – Proíbe o meu marido de ter um controlo completo sobre mim ou o meu património.

– A ideia foi sua?

– Do meu avô. Ele era um velho teimoso com ideias fixas. Como me deixou toda a sua fortuna, queria certificar-se de que permanecia comigo e não era colocada nas mãos de um desconhecido qualquer que podia ou não aprovar. Mandou preparar o contrato antes de morrer.

– Se ele era assim tão meticuloso, por que razão não foi ele a procurar-lhe um marido?

A expressão dela era melancólica.

– Nós tínhamos uma ligação especial, Anthony. Eu não o quis deixar enquanto ele era vivo e ele nunca me teria obrigado a isso.

Ele sorriu por causa da forma como Roslynn usou o seu nome próprio, sem pensar. Isso provava-lhe que ela se sentia mais à vontade na sua companhia. Chegara ao ponto de fletir um joelho para se virar para ele enquanto falava, estando mais ou menos de frente para ele agora. Seria tão fácil deixar o braço cair por cima dos ombros dela e puxá-la para si...

Anthony afastou estes pensamentos.

– É uma questão controversa, na verdade. O único que eu acho que pode levantar objeções a esse contrato é o Savage. Mas não porque vai cobiçar a sua fortuna. Ele é um homem com bastantes posses, creio, para o património não ser um critério quando se casar. Mas ele não é um homem que goste de ter limitações impostas por terceiros. Ainda assim, se a quiser, isso não deve ter importância.

– Nesse caso, recomenda-o?

– Minha cara, posso dizer com toda a segurança que a inteligência é o único dos seus critérios que ele cumpre. Na verdade, nenhum desses sujeitos cumpre todas as qualidades de que está à procura. O Warton, admito, é o que se aproxima mais, mas se se casar com ele, também se irá casar com a mãe dele... isto é, se ela permitir que ele se case. Nunca vi uma mulher com uma mão tão firme nas rédeas como aquela senhora impressionante.

Roslynn adotou uma expressão carrancuda muito antes de ele acabar de falar.

– Muito bem, então não recomende nenhum. Diga-me apenas o que sabe dos outros.

– Isso é fácil. Vejamos, vamos começar pelo Fleming? Conhecido afetuosamente como o visconde desastrado, deve estar a fazer alguma coisa errada para nenhuma mulher ser vista com ele duas vezes seguidas, mas talvez a senhora seja a exceção à regra. Tem uma personalidade branda. Alguns chegaram ao ponto de lhe chamar covarde. Parece que ele foi desafiado uma vez por um jovem para um duelo, mas não aceitou. Nunca soube a razão que esteve por trás disso. Ele mostrou um interesse claro?

Na verdade, não mostrara, mas não era disso que estavam a falar naquele momento.

– Continue, por favor.

Anthony deu uma pequena risada ao vê-la evitar responder à sua pergunta. Não era necessário dizer-lhe que a predileção do jovem Fleming se inclinava para aqueles que usavam botas em vez de sapatinhos de cetim. Se Roslynn conseguisse que o sujeito se casasse com ela, o que duvidava, depressa começaria a procurar um amante fora do leito matrimonial.

– O conde de Dunstanton é um sujeito bastante agradável; só tem um jeito de falar que consegue deixar qualquer homem de rastos. Parece que foi marcado pela tragédia, com três mulheres mortas no espaço dos cinco últimos anos. Isto não é do conhecimento geral, mas com a morte de cada mulher, o seu património duplicou.

– O senhor não está a sugerir...

– De maneira nenhuma – assegurou-lhe, aproveitando a distração do alarme de Roslynn para trazer o joelho para junto do dela, tocando-o ao de leve. – Não passa de mera especulação posta a circular por sujeitos invejosos que não estão assim tão bem na vida.

A semente da desconfiança fora plantada, ainda que não fosse exatamente correta. Duas das mulheres tinham morrido ao dar à luz, o que era verdadeiramente uma tragédia, uma a seguir à outra. A terceira tinha caído de uma falésia, uma questão confusa, mas o conde não era certamente culpado disso a não ser que estivesse no seu poder produzir a tempestade anormal que assustara o cavalo da senhora e levara à sua queda.

– E Sir Artemus?

– Gosta do jogo, mas todos nós padecemos desse vício. – Isto foi dito com um piscar de olhos. – E teria uma família pronta a usar se o escolher. Tem dezenas de pequenos diabretes...

– Disseram-me que só havia cinco crianças!

– Cinco que reivindicam legitimidade. Sim, não teria mãos a medir e muito pouca ajuda da parte do Shadwell, visto que ele tende a esquecer-se do facto de que tem filhos. Tenciona ter filhos?

O rubor absolutamente cativante que se seguiu foi a gota de água que fez as boas intenções de Anthony voar para longe. A sua mão deslizou para o pescoço dela e, sem se mexer, aproximou-a do seu peito, enfiando-lhe os dedos no cabelo para conseguir posicionar a boca dela para receber um beijo.

Isso não chegou a acontecer. Roslynn empurrou-o para trás tão depressa e de

forma tão enérgica que ele a soltou com a surpresa que sentiu.

– O senhor prometeu!

Anthony endireitou-se, passando uma mão pelo cabelo num gesto repleto de impaciência e contrariedade, mas a voz dele era um exemplo de tranquilidade.

– Por favor, tenha a bondade de se lembrar, minha cara, que este papel de confidente é novo para mim e vou precisar de algum tempo para me habituar a ele. – E depois, com um olhar de viés que reconheceu a fúria nos olhos dela, disse: – Por amor de Deus, não me crucifique pelos meus instintos naturais. Não vai acontecer de novo, pode ter certeza disso.

Roslynn pôs-se de pé, olhou para ele, agarrando a sombrinha com força como se fosse uma arma que o pudesse manter à distância.

– Se não tem mais nada para me dizer...

Querida, se soubesse que é apenas a minha força de vontade que a mantém a salvo por enquanto.

– Os factos terão de ser distanciados dos rumores. Dê-me uma semana ou duas...

– Uma semana.

Ele recostou-se de novo, apoiando os dois braços atrás no sofá, observando-a langorosamente. O facto de ela continuar a falar com ele, continuar disposta a confiar nos seus conselhos, dizia-lhe o que precisava de saber. Roslynn não estava assim *tão* zangada com ele.

– Componha o cabelo, minha cara, e eu acompanho-a até ao lago.

Anthony reprimiu uma gargalhada com o murmúrio de exasperação de Roslynn ao descobrir o penteado uma vez mais desarranjado por ele. Com dedos impacientes, alisou o cabelo e depois esmagou-o por baixo do chapéu. Anthony não pôde deixar de se rir nesse momento, conquistando um olhar assassino que só o deixou mais bem-disposto.

No entanto, alguns minutos depois, enquanto avançavam vagarosamente pelo relvado das traseiras, aplicou toda a força do seu charme nela, o que a fez sorrir involuntariamente, disposta a perdoá-lo pelo seu lapso. Mas o bom humor dela não durou. Roslynn não se dera conta da imagem que podia dar, o facto de ter ficado para trás, e ele ter ficado para trás, enquanto todos os outros estavam na caçada. Mas bastou um olhar para o sobrolho franzido e perplexo de Justin enquanto se aproximavam da comitiva reunida junto ao lago para ela estacar.

– Não me parece que seja boa ideia sermos vistos juntos – disse à parte para Anthony quando avistou mais alguns dos seus cavalheiros no grupo.

– Eu concordaria consigo se estivéssemos noutro lugar que não fosse aqui, minha cara – respondeu ele. – Aqui, eu sou um familiar da anfitriã e é bastante natural que eu conviva com os convidados dela.

A ausência total de preocupação de Anthony deixou-a subitamente irritada, porque Lord Grahame e Lord Fleming, recém-chegados ao grupo, também tinham reparado nela. Não conseguiu perceber se acharam que havia alguma coisa incorreta na sua chegada tardia de braço dado com Sir Anthony. Mas tão-pouco

conseguiu deixar de se lembrar do aviso amigável de Regina de que *qualquer* senhora vista a conquistar o interesse daquele libertino em particular se transformava numa presa fácil nos círculos de má-língua.

De qualquer forma, a escolha dele até ao lago depois e o facto de ambos terem estado ausentes da caçada não pôde deixar de a preocupar, especialmente quando os homens que estava atualmente a «cortejar» iriam especular a respeito disso. Anthony devia saber isso. Ele era muito mais experiente nessas coisas do que ela. Por esse motivo, a irritação de Roslynn foi dirigida unicamente para Anthony, o suficiente para querer acabar com a boa disposição dele.

– Sabe, Anthony, mesmo que acabe aborrecida com o meu marido, isso não significa que vai beneficiar disso.

Ele pareceu ver a verdade por trás da provocação deliberada, ou pelo menos o seu sorriso rasgado assim o indicava, e a resposta dele provocou-lhe um arrepio repleto de preocupação pelas costas abaixo.

– Pelo contrário. *Vai* acabar por ser minha amante, querida. Se eu não estivesse absolutamente certo disso, nunca teria concordado em ajudá-la.

—Não! Meu Deus, que isto seja um sonho!

Na realidade, era um pesadelo, acordar num quarto diferente daquele onde tinha adormecido, e ser incapaz de se recordar como tinha ido ali parar. Roslynn olhou em volta de olhos arregalados, a rezar para que não estivesse realmente acordada, mas sabendo ao mesmo tempo que estava. Papel de parede manchado e a soltar-se das paredes. Uma bacia de água lascada e uma barata a rastejar apressadamente pelo cântaro que estava ao lado, precariamente pousados sobre uma mesa com três pernas encostada a um canto porque lhe faltava a quarta perna. Uma cama estreita, um cobertor grosseiro de lã a cobri-la até à cintura. O chão, as paredes e a janela sem quaisquer adornos.

Como é que aquilo era possível? Encostou as palmas das mãos às têmporas, a tentar desesperadamente lembrar-se. Ficara doente? Ou tivera um acidente? Mas só se lembrava da noite anterior, se é que se tratava da noite anterior e não de dias atrás, sem ter qualquer memória do tempo que tinha passado entretanto.

Não conseguira dormir, uma coincidência irritante, recorrente desde que conhecera Anthony Malory. Ela e Frances tinham regressado do campo há três dias, mas fora incapaz de esquecer o tempo que passara com Anthony, tal como a reviravolta inesperada da sua oferta de ajuda, em vez de tentar seduzi-la.

Porém, apesar da promessa que fizera para pôr um fim à perseguição que lhe fazia, pelo menos até ela se casar, não a deixara sozinha naquele dia. Tinha-a libertado para que ela pudesse circular no meio dos outros convidados e trabalhar no plano de sedução com os cavalheiros selecionados, mas sempre que reparava nele no meio das pessoas, os olhos dela cruzavam-se com os seus, como se ele estivesse constantemente a observá-la. Naquela noite, para seu grande embaraço, ele dançou não uma, mas três vezes com ela, tudo sob a máscara do convívio. E não dançou com mais ninguém, nem sequer com a sobrinha.

Ficara furiosa quando se dera conta do que ele estava a fazer, mas nessa altura, o estrago já estava feito. Lord Grahame, o conde de Dunstanton, pedira para o dispensar do compromisso que assumira com ela de a levar ao teatro quando regressassem a Londres, um compromisso que só assumira naquela tarde. Afirmara que se lembrara subitamente de um compromisso anterior, quando era bastante óbvio que ele estava simplesmente intimidado pelo interesse ostensivo de Anthony por Roslynn.

Sim, não conseguira adormecer na noite passada, repleta de energia furiosa, porque nenhum dos seus cavalheiros a visitara após o regresso a Londres e não se iludiu a si própria ao pensar que estavam apenas demasiado ocupados. O «convívio» inocente de Anthony tinha-a prejudicado gravemente.

Então, se se lembrava de tudo aquilo, como era possível que não conseguisse recordar como é que viera parar àquele quatinho horrível? Anthony não seria capaz... não, não seria. E duvidava que Frances tivesse enlouquecido e fosse de

alguma forma responsável por aquilo. Isso só lhe deixava uma alternativa, a não ser que estivesse tão doente que aquilo fosse tudo parte de um delírio, e era demasiado real para isso. Geordie tinha-a apanhado. De uma maneira ou outra, tinha conseguido raptá-la diretamente do interior da casa em South Audley Street, em Mayfair, e não fazia a menor ideia de onde estava agora. Era inconcebível, mas que mais podia pensar?

Porém, havia uma parte dela que não estava disposta a aceitar que Geordie tinha ganhado, uma parte que era demasiado otimista, com esperança de que pudesse existir outra explicação. Por esse motivo, a sua surpresa foi genuína quando viu a verdade com os seus próprios olhos. O seu medo era igualmente real, quase a sufocando com o aperto que sentia na garganta, e as palmas das mãos subitamente repletas de suor. Geordie Cameron, em carne e osso, entrou despreocupadamente no quarto, com uma expressão de um triunfo inegável. E depois de todas as coisas que imaginara se ele lhe deitasse a mão, não admirava que ela estivesse tão dominada pela ansiedade que não conseguisse fazer mais nada do que olhá-lo fixamente.

– Ora, estou muito contente por ver que Mrs. Pym tinha razão, que está finalmente acordada. Ela tem sido muito prestável, e tem estado sentada à porta do quarto à espera de a ouvir a fazer barulho para me poder vir avisar. Ela sabe como tenho estado impaciente, embora as moedas que tem no bolso também lhe tenham aguçado a solicitude. Mas não pense que ela vai ser sensível aos seus disparates, menina, porque estive a contar-lhe uma bela história, a respeito do seu salvamento e regresso ao seio da família. Ela não vai acreditar numa palavra se tentar dizer-lhe alguma coisa que contradiga a minha história.

Depois de dizer aquilo tudo, ele sorriu, lembrando Roslynn por que razão nunca fora capaz de tolerar aquele Cameron em particular. Os sorrisos dele nunca eram genuínos, mas sempre escarnecedores ou trocistas, ou, a maior parte das vezes, maliciosos, e espelhavam a maldade dos olhos azul-claros, olhos que podiam ser encantadores, de outro modo.

Roslynn sempre o achara alto até ter conhecido os Malory, que eram muito mais altos. O cabelo ruivo estava demasiado comprido e hirsuto desde a última vez que o vira, mas duvidava que ele tivesse tido tempo para cuidar da aparência com a perseguição desenfreada que ela lhe tinha proporcionado. Não era de maneira nenhuma gordo, mas havia uma musculatura no corpo dele que podia usar para a subjugar se decidisse lutar para sair dali para fora. Porém, exibia o bom aspeto dos Cameron, pelo menos quando a sua verdadeira natureza não assomava por trás dessa expressão; um aspeto que, tristemente, era bastante parecido com o de Duncan Cameron, quando tinha a mesma idade de Geordie, como o único retrato do avô que existia em Cameron Hall comprovava.

– Está muito calada – provocou-a Geordie quando ela continuou a olhá-lo fixamente. – Não tem umas boas-vindas calorosas para dar ao seu único primo?

A incongruência daquela pergunta despertou Roslynn do seu transe e aprofundou a sua raiva. Ele tinha-se atrevido, *atrevido* a fazer o que temia! É claro

que era por esse motivo que ela estava ali em Londres, que estava a planejar casar-se quando não tinha de o fazer, que se envolvera numa relação bizarra com Anthony, que o aceitara como confidente quando sabia muito bem que o devia evitar. Mas agora sabia que tinha razão! Esqueceu o medo à luz de todos os problemas e ansiedades por que aquele canalha ganancioso a tinha feito passar.

– Boas-vindas calorosas? – perguntou ironicamente. – A única coisa que quero saber, *primo*, é como conseguiu fazê-lo!

Geordie riu-se, feliz com a oportunidade de explicar a sua astúcia e satisfeito por ela não ter perguntado o motivo de tudo aquilo. O facto de ela saber por que razão estava ali tornava desnecessária a sua explicação e facilitava a tarefa de convencê-la a fazer o que ele queria. Não gostava de estar em Inglaterra ou de ter de lidar com a escória inglesa e quanto mais depressa estivessem a caminho de casa, melhor.

– Foi tão fácil, minha menina, tão, tão fácil – gabou-se ele. – Eu sabia que ia tentar qualquer coisa assim que o velhote fosse depositado na campa, mas não pensei que viesse para cá. Mas eu tinha a maior parte das estradas vigiadas, sabe, por isso o único lugar para onde podia ter viajado sem o meu conhecimento era Inglaterra.

– Que inteligente da sua parte fazer essa dedução.

Os olhos dele semicerraram-se com o sarcasmo dela.

– Sim, inteligente, suficientemente inteligente para a ter onde eu quero.

Roslynn sentiu o corpo retrair-se de apreensão porque ele tinha razão.

– Mas como é que me descobriu tão depressa, Geordie? Londres não é uma cidade assim tão pequena, pois não?

– Lembrei-me de que tinha uma amiga aqui. Não foi difícil encontrá-la e, dessa forma, encontrá-la a si. Mas tê-la-ia trazido mais cedo se aqueles malditos idiotas que eu contratei não fossem tão cobardes ao ponto de virarem costas só porque as pessoas que estavam na rua foram em seu auxílio naquele dia em Oxford Street.

Então, o culpado por quase ter sido raptada do meio da rua naquele dia *fora* mesmo Geordie. Mas o pormenor do auxílio das pessoas da rua provocou uma risada que Roslynn rapidamente transformou num acesso de tosse. Podia imaginar a história inventada que aqueles dois bandidos tinham contado a Geordie para justificar o fracasso e evitar a sua ira.

– E depois deixou a cidade e eu pensei que a tinha perdido – prosseguiu Geordie com um sobrolho franzido. – Fez-me passar por muitos inconvenientes e despesas à conta disso, minha menina, não haja dúvida. Tive de enviar homens em todas as direcções para encontrar o seu rasto, mas não deixou nenhum, nem um que desse para ser seguido, pois não? Mas acabou por voltar sem a minha ajuda. – Ele sorria de novo, como se estivesse a dizer que era uma atitude tipicamente feminina cometer esse deslize. – E depois foi só uma questão de esperar... e aqui estamos nós.

Sim, ali estava ela, ainda sem saber como Geordie conseguira fazer aquilo. Mas a expressão dele dizia que estava disposto a esclarecê-la, que desejava fazê-lo,

porque estava muito satisfeito consigo mesmo por ver o seu plano funcionar tão bem e queria que ela apreciasse a sua esperteza. Ela apreciava-a tanto como uma praga. O problema de Geordie fora sempre esse. Era demasiado esperto e manhoso, como uma maldita raposa. Passara toda a vida a maquirar e a engendrar as pequenas partidas e acidentes que tanto prazer lhe davam. Por que motivo aquela situação seria diferente?

De forma perversa, Roslynn decidiu não lhe dar importância em vez de encorajar ainda mais o ego dele com a sua curiosidade ávida. Bocejou em resposta às suas explicações e disse com uma voz fatigada:

– E agora, primo?

A boca abriu-se.

– Não está nem um pouco interessada em saber como é que acordou aqui?

– Que interesse tem isso? – perguntou ela num tom cansado. – Como disse, eu estou aqui.

Roslynn achou que ele ia rebentar alguma costura da roupa que trazia vestida com a força com que bufou, contrariado.

– Bom, vou contar-lhe na mesma, visto que foi a parte mais simples e engenhosa dos meus planos.

– Está à vontade – respondeu ela.

Mas soltou outro bocejo para o irritar e deliciou-se com a forma como os olhos azul-claros dele a fuzilaram. Ele era tão fácil de ler, tão mesquinho, egoísta e impulsivo. Achou melhor não o provocar mais. Podia estar mais calma depois do choque inicial, mas ele continuava a ser uma ameaça. E até conseguir descobrir uma forma de sair daquela situação, se é que existia alguma forma, era melhor apaziguá-lo.

– Foi a criada, percebe, uma rapariga esperta que contratei para entrar dentro da casa. Bastou impedir uma das criadas habituais de aparecer para trabalhar e fazer com que fosse substituída pela minha rapariga, que afirmou que estava ali para ocupar o lugar da outra, visto que estava doente.

O mau génio de Roslynn despertou quando ouviu aquilo.

– E o que fez exatamente à pobre rapariga que não apareceu para trabalhar?

– Não se apoquente, prima. – O humor dele melhorou agora que tinha a atenção completa dela. – Ela não foi maltratada, salvo um pequeno galo na cabeça e já enviei um homem para a soltar, visto que a ausência dela vai ser notada a partir de agora. Mas, como estava a dizer, com a minha criada dentro da casa e numa posição em que a podia servir, ela só tinha de esperar até pedir alguma coisa para comer ou beber antes de se retirar, para poder misturar nela uma droga para a fazer dormir.

O leite! O maldito leite quente que tinha pedido na noite passada, na esperança de que a ajudasse a dormir, sem sonhar que ia adormecer de forma tão pesada que nem sequer despertaria com o seu próprio rapto!

– Pois, agora já consegue ver como é que isto foi feito, não consegue? – Geordie soltou uma pequena risada. – Assim que a rapariga conseguiu, deixou

entrar os meus homens à socapa dentro da casa, escondeu-os e foi para a sua própria casa, tendo feito a sua parte. Depois, quando todos os criados internos se tinham retirado e a casa estava silenciosa, os meus homens simplesmente levaram-na para fora e trouxeram-na até mim sem acordar uma única vez.

– Então, quais são os seus planos agora? – perguntou ela com firmeza e sarcasmo. – Tenho a certeza de que deve ter alguma coisa vil em mente.

– Encontrei um homem da Igreja que foi persuadido de que não precisa de ouvir o seu consentimento para levar a cabo o nosso casamento. O imbecil encharcado em *gin* estará aqui assim que os meus homens conseguirem descobrir em que viela se enfiou na noite passada. Mas já não deve demorar muito agora, prima. E nem pense em armar um pé de vento enquanto esperamos. Mrs. Pym vai ficar com os ouvidos atentos e ela está mesmo aqui à porta.

Enquanto o via a sair e ouvia o trinco a fechar-se na porta, pensou em chamá-lo de volta. Se ele soubesse que tanto Nettie como Frances estavam a par da aversão que sentia por ele e que jamais se casaria voluntariamente com ele, será que podia mudar de ideias? Mas a cobiça feroz que sabia que ele tinha fê-la morder a língua. Casar-se com ela ia abrir-lhe as portas a uma verdadeira fortuna, e visto que chegara àquele ponto, era provável que não hesitasse em dar o próximo passo e eliminar quem quer que se opusesse a ele. No presente, o plano de Geordie podia ser simplesmente fechá-la à chave em qualquer lado sem ninguém saber. Podia igualmente ter um «acidente lamentável» planeado. Mas era certo que não a manteria viva se soubesse que ela tinha amigas que podiam desmentir um casamento entre os dois, e também elas ficariam em perigo se Roslynn as identificasse.

Então, em que situação é que isso a deixava? *Casada com o canalha*, era a resposta horripilante. Com mil diabos, não enquanto ainda tivesse todas as suas faculdades mentais intactas. Mas o pânico começava a apoderar-se dela. Não faltava muito, dissera Geordie. Quanto tempo é que isso lhe dava? O pastor embriagado podia estar a chegar naquele preciso momento. E onde diabo é que ela estava?

Os olhos de Roslynn voaram para a janela e atirou para trás o cobertor para correr até lá. O coração caiu-lhe aos pés quando viu uma altura de dois andares, sem nada lá em baixo para suavizar a queda. Não admira que Geordie não tivesse tomado a precaução de entaipar a janela. E se tentasse pedir ajuda, a iludida Mrs. Pym ia abrir a porta passado um momento e Roslynn ia dar por si atada e amordaçada.

Por breves momentos, ponderou a ideia de chamar Mrs. Pym à razão, mas apenas por breves momentos. Era provável que a mulher pensasse que ela estava louca ou algo semelhante. Geordie era suficientemente inteligente, e as suas intrigas bem pensadas, para cobrir todas as possibilidades. Não deixaria nada ao acaso, não com a fortuna que cobiçava há tanto tempo em risco.

Inspecionou o quarto de novo apressadamente, mas o jarro de água era a única coisa que podia transformar numa arma e apenas a poderia usar contra a primeira

pessoa que entrasse pela porta. Não tinha qualquer garantia de que essa pessoa fosse Geordie, nem que o jarro iria feri-lo o suficiente para o deixar inconsciente, ou que estivesse sozinho.

A janela, nesse caso, era a sua única oportunidade. Dava para uma espécie de ruela, uma viela, na realidade, embora fosse suficientemente ampla para passar algum tráfego. Mas não havia qualquer tráfego naquele momento. A ruela estava completamente deserta, escura e cheia de sombras, porque os edifícios de cada lado eram suficientemente altos para bloquear a luz do dia. Quando pôs a cabeça fora da janela, conseguiu ver em cada extremidade da viela ruas profusamente iluminadas, carroças a passar, uma criança a correr, um marinheiro a passear de braço dado com uma mulher vestida de forma berrante. Era provável que um bom grito pudesse atrair a atenção de alguém. Nenhuma das extremidades da viela ficava *assim* tão longe. Mas um bom grito ia atrair igualmente a atenção de Mrs. Pym.

Roslynn correu de volta para a cama, puxou com força o cobertor áspero e, dando uma meia-volta apressada, lançou-o pela janela. Agitou-o furiosamente, debruçando-se do parapeito, até os braços ficarem exaustos e a respiração ofegante. Nada. Se alguém tinha reparado no gesto, pensara que estava simplesmente a sacudir o cobertor, nada que despertasse a curiosidade.

E depois, ouviu a carroça. A cabeça dela girou repentinamente e viu-a a entrar lentamente na ruela, o que fez com que o seu coração comesse a disparar de entusiasmo. A carroça estava cheia de barricas e era possível que o condutor usasse a viela como atalho para chegar à outra rua. O único condutor da carroça assobiava enquanto instigava a mula a avançar, detendo-se apenas para incentivar o animal a prosseguir.

Roslynn deixou cair o cobertor, desistindo de acenar com ele, e, em vez disso, acenou com os braços. Mas sem fazer qualquer som, o condutor simplesmente não reparava nela. O chapéu dele tinha uma aba larga e obstruía-lhe a visão, tendo em conta que ela estava acima dele. Quanto mais se aproximava, menos hipóteses havia de ele chegar a vê-la e mais pânico ela sentia. Produziu um som sibilante com os lábios, disse *pst* e acenou ainda mais freneticamente para chamar a atenção dele, mas sem sucesso. Quando teve a ideia de lhe atirar o jarro de água, ele já estava demasiado longe da janela. Além disso, com o barulho que a carroça fazia na viela calcetada, duvidava que o condutor tivesse ouvido o jarro a despedaçar-se no chão a não ser que ela lhe acertasse em cheio, o que era improvável devido aos braços doridos.

Sentiu uma onda de desapontamento e deixou-se cair contra a parede ao lado da janela. Aquilo não ia funcionar. Mesmo se o homem tivesse reparado nela, como lhe ia explicar a situação em sussurros? Ele não seria capaz de a compreender. E se falasse mais alto do que um sussurro, ia expor-se a Mrs. Pym.

Com mil diabos, não havia mais nada que pudesse fazer? Fitou o jarro de água de novo, mas tinha pouca esperança de ser bem-sucedida. Quando Geordie regressasse, era provável que trouxesse o reverendo com ele, assim como os homens que tinham ido à procura dele, pois seriam necessárias testemunhas para

aquela cerimónia infame.

Roslynn sentia-se tão angustiada ao imaginar-se casada com Geordie Cameron que quase não ouvia o segundo veículo a passar pela viela até ser demasiado tarde. Quando se voltou na direção do som, a carroça de feno estava quase por baixo da janela. O condutor, igualmente sozinho, amaldiçoava as duas pilecas velhas que puxavam a carga de feno, reforçando a sua aparente ira ao abanar a garrafa de *gin* que tinha na mão, dando um longo trago para depois a sacudir acompanhada de outra praga. *Ele* não a ia ouvir com o barulho que ele próprio estava a fazer, e já estava tão perto.

Não havia outra solução. Podia não ter outra oportunidade. Por isso, sem pensar muito, porque isso ia aterrorizá-la e mantê-la no interior da casa, Roslynn subiu para o parapeito, esperou os poucos segundos que faltavam até a carroça estar diretamente por baixo da janela e saltou.

Aquilo era uma loucura. Este pensamento passou pela cabeça de Roslynn enquanto caía, caía, com os pés a voar para cima à frente dos olhos, as mãos instintivamente a agarrar o ar, certa de que ia morrer. Amaldiçoou Geordie com o seu último fôlego, mas pelo menos sentia alguma satisfação em saber que ele ia pensar que ela preferia a morte a casar-se com ele, embora talvez nem isso fosse suficiente, porque era ela que ia morrer enquanto aquele canalha ganancioso ia provavelmente falsificar uma certidão de casamento e reivindicar a fortuna de Roslynn na mesma.

Aterrou de costas, com um impacto que sacudiu violentamente todos os ossos do seu corpo. Tanto a consciência como o fôlego abandonaram-na momentaneamente e ela desmaiou. Uma pedra da calçada em falta foi responsável pelo solavanco que a trouxe de volta à consciência. Roslynn soltou um gemido, a pensar que devia ter uma dezena de ossos partidos. Mas o solavanco seguinte da carroça não lhe provocou qualquer desconforto. Incrível. Tinha feito uma coisa extremamente estúpida e saíra incólume. Não havia dúvida de que fora abençoada, mas os loucos eram habitualmente abençoados e ela era a maior de todos naquele dia. Podia ter partido o pescoço e sabia bem disso! Mas graças a Deus pela almofada de feno. Se aquela carroça levasse qualquer outro tipo de carga...

Por milagre, o condutor embriagado ignorava o facto de ter ganhado um passageiro, mas Roslynn supôs que o impacto da sua queda na carroça não lhe parecera diferente das alturas em que a carroça batera num sulco da estrada especialmente fundo, naquele estado embrutecido pelo álcool. Ou isso, ou o homem era surdo.

Estava praticamente coberta de feno da cabeça aos pés, mas depois de olhar para a janela de onde tinha acabado de saltar, arrancou pedaços inteiros dos fardos para completar a sua camuflagem. E foi no momento certo. A carroça rodou para fora da viela envolta em sombras para a rua congestionada e profusamente iluminada e Roslynn deu-se finalmente conta, horrorizada, de que envergava apenas a camisa de noite de algodão branca e fina que vestira para dormir na noite passada e que estava igualmente descalça.

Mas também podia dar graças. Pelo menos, a camisa de noite não era um dos *négligés* minúsculos que tinham sido feitos para o seu enxoval. Cobria-a do pescoço aos tornozelos, com mangas compridas e soltas presas nos punhos, e achou que se conseguisse encontrar alguma coisa que servisse de cinto, podia passar por um vestido à primeira vista.

Infelizmente, Roslynn teve pouco tempo para pensar nisso ou de que forma ia chegar a casa sem dinheiro. A carroça entrou num estábulo e deteve-se e ela mal teve tempo para descer apressadamente e esconder-se atrás de uma baia vazia antes de o condutor dar a volta para começar a descarregar o feno. Outro homem, grande e corpulento, juntou-se a ele, rogando-lhe pragas de forma bem-humorada por estar

atrasado. Enquanto os dois tratavam da carga, Roslynn fez o ponto de situação.

Um estábulo não era um lugar assim tão mau onde terminar a viagem que a levava até ali. Na verdade, era o lugar ideal. Se pudesse alugar um cavalo e pedir indicações de como chegar a Mayfair, pois ainda não fazia ideia em que parte da cidade se encontrava naquele momento, podia estar em casa dali a pouco tempo e sem mais incidentes. O problema era que a única coisa de valor que tinha era o crucifixo da mãe, que usava sempre que não estava adornada com as suas joias mais dispendiosas, e era impensável separar-se dele. Ainda assim, não lhe parecia que tivesse muita escolha, a não ser que estivesse mais perto de Mayfair do que se apercebera. Nesse caso, podia aventurar-se a sair a pé, mesmo descalça.

Roslynn não gostou dessa ideia. Não era uma das melhores que já tinha tido e estava a esquecer-se do tipo de tráfego e transeuntes que tinha visto a passar pela viela – carroças de entrega de mercadorias, bêbedos, marinheiros a passear com as suas amantes de ocasião, mas nem uma única carruagem. E aquele estábulo não era muito longe do quarto de onde havia escapado. Qualquer que fosse aquela parte da cidade, sem dúvida que não era uma parte nobre e tentar atravessá-la a pé iria causar-lhe provavelmente mais problemas do que aqueles com que começara. O que a trouxe de novo à necessidade desesperada de alugar um cavalo.

O facto de não saber se Geordie já tinha descoberto a sua fuga e se já a procurava nas proximidades transformou Roslynn numa pilha de nervos enquanto esperava que o grande bebedor de *gin* partisse com a sua carroça de feno. Mas decidira arriscar ficar sozinha com o outro homem para expor o seu caso, porque quanto menos pessoas a vissem na situação atual, melhor. Conseguia imaginar o escândalo se alguma parte daquela história se tornasse conhecida. *Lady Chadwick passeia nos bairros degradados da cidade em camisa de noite*. A sociedade elegante teria recebido essa notícia com um prazer perverso e, dessa forma, a sua última oportunidade para um casamento rápido e decente iria por água abaixo.

No entanto, teve de se obrigar mentalmente a sair do esconderijo assim que se tornou óbvio que ficara finalmente sozinha com o homem do estábulo, mortificada por alguém, desconhecido ou não, a poder ver na roupa que usara para dormir. E o embaraço de Roslynn aumentou cem vezes quando o homem corpulento reparou nela e os olhos dele quase lhe saíram das órbitas. De pé, com um pé nu a tentar, sem sucesso, esconder o outro, com os braços cruzados por cima do peito porque muito embora estivesse completamente tapada, *sentia-se* nua. Com o cabelo a cair-lhe à volta da parte superior do corpo, adornado com palha, ela era uma visão impressionante – uma visão deveras cativante, na verdade, embora ela fosse a última pessoa a pensar isso.

O homem devia ter pensado o mesmo porque continuou de olhos pregados em Roslynn, imóvel, mudo e boquiaberto. Era um homem de meia-idade, com cabelo castanho à mistura com madeixas grisalhas, e barba grisalha num queixo largo demasiado amplo. Roslynn não conseguiu perceber se ele era o proprietário ou um empregado do estábulo. Mas isso não era importante. Ele era o único que a podia ajudar e saber isso enchia-a de um nervosismo que não sentiria de outro modo.

Roslynn falou bruscamente da situação difícil em que se encontrava com uma explicação breve, mas de modo tão veloz que era discutível se o sujeito compreendera duas palavras do que dissera. E, na verdade, passaram vários e longos momentos até ele dar alguma indicação de que a tinha ouvido. A seguir, soltou uma risada, puxando as calças para cima e aproximando-se dela.

– Um cavalo, é? Devia ter dito isso logo, menina. Já estava a pensar que o meu bom amigo Zeke me tinha enviado um belo presente de aniversário. Um cavalo? – Ele soltou uma risada de novo, abanando a cabeça. – Não se pode censurar um homem por sonhar.

Roslynn corou violentamente antes de ele parar de se rir.

– Tem algum para alugar?

– Tenho dois, duas pilecas velhas, mas os melhores vão logo cedo, para falar a verdade.

– Será que pode aceitar isto? – Ela ergueu a cruz do pescoço e passou-lha. – É suficiente para comprar os dois animais e mais alguns, mas eu quero-a de volta. Vou enviar alguém de volta com o cavalo e o pagamento adequado.

Ele deu uma volta à cruz na mão e depois teve a audácia de a morder antes de acenar com a cabeça.

– Isto serve.

– Será possível pedir-lhe igualmente um par de sapatos que me possa emprestar?

Ele fitou os pés delicados de Roslynn e soltou um resmungo em resposta.

– Não me parece, menina. Os meus filhos já estão todos crescidos e saíram de casa, a bem dizer.

Desesperada, ela perguntou:

– Uma capa, então, ou alguma coisa com a qual me possa cobrir?

– Isso, posso arranjar-lhe. Sim, e é melhor que o faça ou ainda vai provocar um maldito motim nas ruas, não tenho dúvidas disso.

Roslynn ficou demasiado aliviada para se sentir irritada com o som da gargalhada do homem quando lhe foi buscar o animal que lhe estava destinado.

As sombras do crepúsculo ficavam mais escuras a cada segundo que passava. O que devia ter sido uma viagem de trinta minutos transformara-se numa excursão de três horas de sentidos errados, obstáculos e uma ansiedade crescente. Mas pelo menos Roslynn sabia onde estava agora e, na verdade, estava grata pela escuridão, porque, na ânsia de chegar a casa, não pensara no facto de ter de atravessar South Audley Street, onde qualquer pessoa a podia reconhecer. A escuridão veio mesmo a propósito para a encobrir, assim como o capuz da velha capa comida pelas traças que o homem do estábulo lhe atirara para as mãos.

Com mil diabos, não via a hora de aquele dia terminar, mas estava longe disso. Não podia continuar hospedada na casa de Frances, nem sequer por mais uma noite. E não podia retardar mais o seu casamento. O facto de Geordie a ter encontrado mudara tudo. Temia deparar com ele nos degraus da porta da entrada à espera dela ou escondido numa carruagem pronto a lançar-se sobre ela assim que chegasse a casa.

A sorte acompanhou-a, porém, pelo menos no facto de chegar a casa sem mais contratempos. E considerou igualmente uma sorte Frances não estar em casa, porque teria desaprovado o que Roslynn tencionava fazer, tentaria impedi-la e Roslynn não tinha o tempo necessário para a convencer de que sabia o que estava a fazer.

Nettie era um caso diferente. Depois de enviar um dos criados de volta ao estábulo com a pileca velha e o dinheiro para recuperar a sua cruz e de assegurar rapidamente ao mordomo e aos outros criados pelos quais passava que estava bem, mas sem lhes dar uma explicação, Roslynn apressou-se a subir ao piso superior e deparou-se com Nettie no seu quarto, a andar ansiosamente de um lado para o outro e com a expressão mais perturbada que já tinha visto. Porém, ao pousar os olhos em Roslynn, o rosto dela encheu-se de surpresa e alívio.

– Ora, minha querida, deu-me o maior susto da minha vida! – E, a seguir, quase na mesma expiração, o tom dela mudou. – Gostava de saber onde diabo esteve! Tinha a certeza de que o seu primo lhe tinha posto as mãos em cima.

Roslynn quase sorriu com a capacidade de Nettie saltar de uma emoção para a outra com uma ligeireza tão surpreendente, mas ela própria estava tão ansiosa que nem sequer perdeu um momento para apreciar o entretenimento que a criada provocara, tão bem-vindo depois de um dia tão pavoroso. Correu diretamente para o armário, disparando por cima do ombro:

– Foi o que ele fez, Nettie. Agora ajuda-me a vestir, depressa, enquanto te conto tudo.

Ela fez o que prometera e Nettie interrompeu-a apenas uma vez com «Fez o quê?» quando chegou à parte de saltar pela janela. Quando terminou, a ansiedade regressara à expressão de Nettie.

– Sendo assim, não podemos continuar aqui.

– Eu sei – respondeu Roslynn. – E eu vou partir esta noite, vamos as duas, mas não juntas.

– Mas...

– Escuta-me agora – interrompeu impacientemente Roslynn. – Tive toda a tarde para pensar no que é melhor fazer a seguir. O Geordie tomou a iniciativa. Agora que o plano dele foi revelado, o que o impede de usar a força onde quer que eu esteja e me levar de novo, e, da próxima vez, talvez ferir alguém pelo meio? Demorei tanto tempo a chegar a casa que tinha a certeza de que ele ia estar aqui à minha espera. Mas talvez ele não achasse que eu podia chegar até aqui sem dinheiro nem roupas.

– Então, acha que ele ainda está à sua procura perto do lugar onde escapou das garras dele?

– Ou isso ou ele já está a maquinar um plano novo. Mas também é provável que tenha enviado alguém para vigiar a casa. Embora não tenha visto ninguém, isso não significa que não esteja alguém lá fora, por isso, temos de o baralhar e rezar para que seja um único homem. Se sairmos as duas ao mesmo tempo, mas em direções diferentes, ele não vai saber a quem seguir.

– Mas para onde vamos?

Roslynn sorriu finalmente.

– Vamos voltar para Silverley. Ele não tem forma de nos encontrar lá.

– Não sabe isso.

– Foi o Geordie que esteve por trás da tentativa de rapto no meio da rua naquele dia. Ele sabia onde é que eu estava, mas pelos vistos ninguém estava a vigiar a casa na manhã em que eu parti tão cedo para o campo. Quando ele se deu conta de que eu já cá não estava, enviou homens em todas as direções, mas perderam o nosso rasto depois de abalarmos daquela estalagem onde nos encontrámos. Desde que evitemos lugares públicos e não sejamos seguidas, estamos a salvo.

– Mas, menina, isso não lhe serve de muito a não ser poder esconder-se durante algum tempo. Não a torna uma mulher casada e não vai estar realmente a salvo daquele canalha até se casar.

– Eu sei, e é por isso que vou mandar chamar o cavalheiro que escolher para se encontrar ali comigo e apresentar-lhe a minha proposta. Se tudo correr bem, posso casar-me igualmente em Silverley, se a Regina não se importar.

As sobranceiras de Nettie ergueram-se repentinamente.

– Isso quer dizer que já decidiu com quem se vai casar?

– Quando eu chegar lá, já saberei quem é que quero – respondeu vagamente Roslynn, porque essa era a única coisa que ainda estava em dúvida. – O mais importante neste momento é chegar lá sem deixar um rasto que o Geordie possa seguir. Já pedi a um dos criados para nos ir buscar um cavalo de aluguer para cada uma.

– E o que fazemos ao *Brutus*? – perguntou Nettie, e depois olhou de relance com olhos arregalados para o armário repleto de roupas de Roslynn. – E a todas as

suas roupas? Não há tempo para fazer malas...

– Tudo isso terá de ficar aqui até eu me casar, Nettie. Nós as duas podemos levar algumas coisas agora e estou certa de que a Regina tem uma costureira competente que nos pode ajudar com o que precisemos para o casamento. Só preciso de deixar um bilhete à Frances; a seguir, podemos partir. Onde está ela, por falar nisso?

Nettie resmoneou.

– Depois de passar a manhã a andar de um lado para o outro, até quase gastar o tapete, uma das criadas mencionou que tinha um irmão que conhecia um certo indivíduo, que sabia como contratar o tipo de homens que a podia descobrir mais depressa do que as autoridades...

– Autoridades! – Roslynn soltou uma exclamação chocada, horrorizada por o escândalo que a preocupara todo o dia rebentar à sua volta de qualquer forma. – Maldição! Ela não comunicou o meu desaparecimento, pois não?

Nettie abanou rapidamente a cabeça.

– Esteve perto de o fazer no meio da sua aflição, mas sabia que assim que o fizesse, o assunto nunca seria mantido em segredo. E ainda que a sua reputação não ficasse completamente arruinada, o falatório iria prejudicar os seus esforços em arranjar um marido decente. Foi por isso que ela agarrou a sugestão da criada com unhas e dentes e chegou ao ponto de insistir em ir tratar pessoalmente da situação.

Roslynn franziu o sobrolho.

– Mesmo assim, com tantos criados a saber o que se passou...

– Vamos, não precisa de se apoquentar com isso, menina. Lady Frances tem boas pessoas a trabalhar aqui, mas para jogar pelo seguro, tive uma pequena conversa com cada um deles. Não me parece que digam uma palavra fora desta casa acerca do seu desaparecimento.

Roslynn deu uma pequena risada.

– Um dia destes vais ter de me dizer que ameaças fizeste, mas agora não temos mais tempo. Vai meter numa mala várias mudas de roupa e eu faço o mesmo, e depois vem ter comigo lá abaixo. Temos de sair exatamente ao mesmo tempo. E, Nettie, segue para norte até teres a certeza de que não estás a ser seguida; depois, podes encaminhar-te para o Hampshire. Eu vou para sul e depois também vou voltar para trás. Mas se não chegar logo a seguir a ti, não te deves preocupar. Vou fazer um grande desvio primeiro, para jogar pelo seguro. Não tenciono cair nas mãos do Geordie de novo, aconteça o que acontecer. Ele não será tão descuidado da próxima vez.

Pareceu passar uma eternidade até a porta da frente finalmente se abrir em resposta ao bater insistente de Roslynn. Ela estava num tal estado de nervos, de facto, à espera de ser capturada a qualquer momento, que até a própria sombra a fez estremecer quando olhou para trás para se certificar de que a velha carruagem continuava à espera e o condutor ainda a mantinha debaixo de olho. Não que ele fosse de grande ajuda se Geordie e os homens dele a encontrassem.

Era o risco que a deixava tão agitada. Não devia ter feito aquela paragem. Prometera a Nettie que sairia de Londres o mais depressa possível, mas dirigira-se diretamente para ali, sem dar tempo a si própria para despistar quem quer que a tivesse seguido. Era isso que fazia com o que o seu coração batesse desalmadamente ao mesmo ritmo que o punho batia contra a porta. Geordie podia estar a aproximar-se sorrateiramente nas suas costas naquele preciso momento, a aproximar-se cada vez mais, enquanto ela estava ali à espera que a maldita porta se abrisse.

Quando esta finalmente se abriu, Roslynn abriu passagem para entrar de forma tão violenta que quase derrubou o mordomo. Foi ela quem fechou a porta, encostando-se a ela, e depois olhou aterrada para o serviçal, que parecia ainda mais aterrado do que ela.

Ele recuperou a compostura primeiro, alisando o casaco com um puxão firme.

– Francamente, menina...

Roslynn deu um salto em frente para se antecipar a ele, transmitindo-lhe irrefletidamente uma impressão ainda pior.

– Ora, homem, não ralhe comigo. Peço desculpa por entrar à força, mas trata-se de uma emergência. Tenho de falar com Sir Anthony.

– Isso está fora de questão – declarou o mordomo com um desdém altivo. – Sir Anthony não vai receber ninguém esta noite.

– Ele não está cá, então?

– Ele está indisponível para visitas – afirmou o homem de forma mais seca. – Eu tenho as minhas ordens, menina. Agora, se quiser ter a bondade de...

– Não! – exclamou ela, numa voz sufocada, quando ele fez menção de agarrar o puxador da porta para se despedir dela. – Não ouviu o que eu disse, homem? Eu *tenho* de falar com ele!

Sem se deter, ele abriu a porta, forçando-a a afastar-se dela.

– Não pode haver exceções. – Mas quando ele lhe agarrou o braço para a empurrar literalmente lá para fora, Roslynn bateu-lhe com a bolsinha. – Esta agora! – arfou o homem, indignado.

– Apre, mas que homenzinho pateta – disse ela, suficientemente calma, mas a fuzilá-lo furiosamente com os olhos. – Não vou arredar pé até falar com o Anthony. Não corri o risco de vir até aqui só para ser mandada embora, sabia? Agora vá dizer-lhe... diga-lhe só que está aqui uma senhora para falar com ele.

Faça isso, homem, ou eu juro que...

Dobson deu meia-volta antes de ela conseguir completar a ameaça. De costas hirtas, subiu as escadas, num passo deliberadamente lento. Uma senhora, essa agora. Jamais, em todos os longos anos em que estava ao serviço de Sir Anthony, havia visto uma coisa semelhante àquilo. As senhoras não interpelavam com agressividade um homem só por este cumprir o seu dever. Mas que ideia. A que *ponto* tinha descido Sir Anthony para se envolver com uma criatura tão descarada?

Fora de vista do átrio onde a deixara, Dobson ponderou esperar alguns momentos e depois regressar simplesmente para tentar pôr de novo a mulher na rua. No fim de contas, Sir Anthony chegara a casa de mau humor porque estava atrasado para um encontro de família na casa do seu irmão Edward. Lord James e o menino Jeremy já tinham saído. Mesmo se Sir Anthony se sentisse inclinado a falar com aquela mulher em particular, não tinha tempo para isso. Estava a mudar de roupa naquele preciso momento e a verdade era que ia descer em breve. Não *ia* gostar de ser confrontado com atrasos adicionais na forma de uma mulher violenta de origem questionável. Se fosse qualquer outro compromisso, não seria tão importante. Mas a família vinha em primeiro lugar para Sir Anthony. Sempre fora e seria assim.

Porém... Dobson não conseguia esquecer a ameaça implícita. Nunca se deparara com uma visita tão determinada a levar a sua avante, tirando a família de Sir Anthony, é claro. Será que ela ia gritar, ou pior, ficar violenta de novo? Impensável. Mas talvez fosse melhor pelo menos informar Sir Anthony do problema.

Quando bateu à porta, a resposta foi seca. Dobson entrou cautelosamente no quarto. Só precisou de olhar uma vez para Willis, o criado particular de Sir Anthony, para ver que não tinha havido qualquer melhoria de humor. A expressão do homem era atormentada, como se já tivesse sofrido a sua cota-parte com a língua mordaz de Sir Anthony.

E depois Sir Anthony deu meia-volta, obrigando Dobson a fazer uma pausa. Ele raramente o via naquele estado de seminudez. Estava a usar apenas as calças e a meio de secar o cabelo negro e espesso com uma toalha.

De novo, a secura impaciente.

– O que foi, Dobson?

– É uma mulher, senhor. Ela entrou à força, a exigir falar consigo.

Anthony voltou-lhe as costas.

– Livre-se dela.

– Eu tentei, senhor. Ela recusa-se a sair.

– Quem é ela?

Neste ponto, Dobson não conseguiu esconder a sua aversão.

– Não quis revelar o nome, mas afirma que é uma senhora.

– E é?

– Eu tenho as minhas dúvidas, senhor.

Anthony atirou a toalha para o lado num gesto óbvio de irritação.

– Com mil diabos, o mais provável é que ela esteja aqui por causa do James. Eu já devia saber que as mulheres das tabernas que ele frequenta iam começar a aparecer à minha porta se ele ficasse aqui durante um certo período de tempo.

Dobson clarificou de forma relutante:

– Peço desculpa, senhor, mas ela mencionou o seu nome, não o de Lord Malory.

Anthony franziu o sobrolho.

– Nesse caso, use a cabeça, homem. As únicas mulheres que vêm cá, vêm com um convite. Estou certo?

– Sim, senhor.

– E parece-lhe que eu faria um convite desse género esta noite, com um compromisso anterior?

– Não, senhor.

– Então, por que razão me está a incomodar com isto?

Dobson conseguia sentir o rubor a subir sob o colarinho.

– Para ter a sua permissão para a expulsar, senhor. Ela não se vai embora de livre vontade.

– Com certeza – respondeu Anthony, com frieza. – Peça ajuda a um dos criados se achar que não é capaz de o fazer sozinho, mas livre-se dela antes de eu descer.

O rubor alcançou as faces de Dobson.

– Obrigado, senhor. Parece-me que vou pedir ajuda. Não quero voltar a enfrentar o mau génio daquela escocesa sozinho.

– O que foi que disse? – perguntou Anthony de forma tão violenta que a cor de Dobson extinguiu-se num ápice.

– Eu... eu...

– Disse que ela era escocesa?

– Não, não, ela só parecia...

– Maldição, homem, porque é que não disse logo isso? Traga-a até aqui e depressa, antes que ela decida ir-se embora.

– Antes que... – A boca de Dobson abriu-se desmesuradamente, mas depois de olhar rapidamente em volta do quarto, insistiu: – *Aqui*, senhor?

– *Agora*, Dobson.

Anthony não conseguia acreditar. Mesmo quando Roslynn entrou pela porta e lançou a Dobson um olhar fulminante, voltando depois o mesmo olhar furioso para Anthony, ele continuou a não acreditar.

– Tem um homem muito rude a trabalhar para si como mordomo, Sir Anthony.

Ele limitou-se a sorrir a Roslynn, que estava parada com o pé a bater impacientemente no chão e os braços cruzados por cima do peito.

– Quando lhe dei a minha morada, querida, foi para me poder enviar uma mensagem se tivesse necessidade disso, não para me aparecer à porta. Tem noção de quão imprópria é esta da situação? Esta é a casa de um homem solteiro. Até tenho o meu irmão e sobrinho aqui hospedados...

– Bom, se eles estão aqui, não estou sozinha consigo, pois não?

– Odeio desapontá-la, minha querida, mas eles saíram esta noite e, na verdade, está sozinha comigo. Como vê, eu próprio me estava a preparar para sair, razão pela qual o Dobson se mostrou tão relutante em recebê-la.

Aquilo que ela viu, quando olhou bem para ele através da névoa da sua fúria, foi que ele parecia estar mais a preparar-se para ir para a cama. Usava um robe curto acolchoado de cetim azul-prateado por cima das calças e mais nada. Naquele momento estava a apertar esse robe, mas não antes de ela conseguir ver de relance o peito nu e o emaranhado esparsos de caracóis negros que ali existia. O cabelo dele estava húmido, penteado com os dedos para trás a partir da testa, com madeixas meio secas que começavam a encardar por cima de cada têmpora. Parecia mais sensual do que nunca e Roslynn teve imensa dificuldade em despegar os olhos dele e sequer recordar o motivo pelo qual estava ali.

O problema foi que os olhos dela pousaram sobre uma cama a seguir, e apercebeu-se com um choque repentino de onde é que Anthony a tinha recebido. No *quarto* dele. Maldição!

– Sabia que era eu... não, não podia – respondeu a si própria, com os olhos a voar de novo para ele. – Recebe todas as suas visitas aqui?

Anthony soltou uma risada em resposta.

– Só quando estou com pressa, minha querida.

Roslynn franziu o sobrolho, sem achar qualquer piada à situação, mas fez um esforço deliberado para recuperar a compostura. Para fazer isso, teve de desviar o olhar dele de novo.

– Não lhe vou tomar muito tempo, Sir Anthony. Eu própria não tenho muito tempo a perder. Aconteceu uma coisa... bom, isso não lhe diz respeito. Basta saber que fiquei sem tempo. Preciso de um nome da sua parte, e preciso dele agora.

O bom humor de Anthony desvaneceu-se. Temia saber exatamente do que ela estava a falar e essa certeza provocou-lhe um aperto no estômago deveras desconfortável. Ser o confidente dela não fora mais do que uma desculpa para se aproximar dela. Não tinha qualquer intenção de ajudá-la a casar-se. Tencionara

protelar essa eventualidade indefinidamente e seduzi-la antes de se tornar um facto. Agora ali estava ela a exigir-lhe um nome, o qual devia ter, se efetivamente tivesse feito aquilo que lhe dissera que ia fazer, coisa que não acontecera. Era óbvio que a necessidade que ela tinha de um confidente chegara ao fim. Se não lhe desse um nome, ela faria a sua própria escolha, boa ou má. Não tinha quaisquer dúvidas disso.

– Que diabo aconteceu?

Roslynn ficou surpreendida com o tom duro da voz dele, tão inesperado.

– Já lhe disse, isso não lhe diz respeito.

– Nesse caso, faça-me a vontade, e já agora, também me pode dizer por que motivo está a lidar com este assunto do casamento de um modo tão radical e porquê a pressa.

– Não é da sua conta – insistiu ela.

– Se quer um nome, minha cara, é melhor que se torne da minha conta.

– Isso... Isso...

– Não é muito justo da minha parte, eu sei.

– Sua besta!

O bom humor dele regressou quando foi confrontado com a raiva de Roslynn. Céus, ela ficava ainda mais bela quando os olhos relampejavam daquela forma. Os laivos dourados pareciam faiscar, condizendo na perfeição com o cabelo cor de fogo. De súbito, deu-se conta de que ela estava realmente na sua casa, no seu quarto, onde a imaginara inúmeras vezes, apesar de não ter sido capaz de imaginar uma forma de a levar para ali.

O sorriso que fez os lábios dele arquear-se enfureceu-a ainda mais. *Veio ao meu covil, querida*, Anthony não conseguiu deixar de pensar. *Agora, já a tenho na minha mão.*

Para ela, sugeriu:

– Toma uma bebida?

– O senhor faria um santo perder a cabeça – ripostou ela, mas acenou na mesma e bebeu um grande trago do *brandy* que ele lhe passou um momento depois.

– Então? – incitou-a ele quando Roslynn não fez mais nada senão continuar a fuzilá-lo com um olhar cheio de ressentimento.

– Tem a ver com o meu avô e o facto de ele me ter feito prometer que me casaria assim que ele falecesse.

– Eu já sei isso – disse Anthony, calmamente. – Agora, diga-me por que motivo é que ele queria uma promessa desse género.

– Muito bem! – disparou Roslynn. – Tenho um primo afastado que tenciona casar-se comigo a qualquer custo.

– E depois?

– Eu não disse que ele quer fazê-lo, mas tenciona fazê-lo, quer *eu* queira ou não. Percebeu agora? Se o Geordie Cameron me puser as mãos em cima, vai obrigar-me a casar com ele.

– Depreendo, então, que prefere não se casar com ele?

– Não seja pateta, homem – disse ela impacientemente, começando a traçar um círculo à volta dele. – Estaria disposta a casar-me com um quase desconhecido por qualquer outra razão?

– Não, não me parece.

Roslynn soltou uma exclamação, ao ver o sorriso dele.

– Acha piada a isto?

– O que eu acho, querida, é que está a dar demasiada importância a isto. Só precisa de arranjar alguém para persuadir esse seu primo de que era benéfico para a saúde dele se fosse à procura de uma esposa noutro lugar.

– O senhor?

Ele encolheu os ombros.

– Porque não? Não me importaria de lhe fazer esse tipo de serviço.

Ela quase lhe bateu. Em vez disso, terminou o *brandy* que tinha nas mãos, grata pelo seu efeito calmante.

– Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Anthony Malory. É a minha vida que está a sugerir que arrisque, não a sua. Não conhece o Geordie. Não sabe o quanto ele está obcecado por deitar as mãos à fortuna do meu avô através de mim. Ele fará tudo para conseguir isso e, assim que o fizer, quem o vai impedir de planejar um acidente conveniente para mim, ou de me fechar à chave algures e declarar que enlouqueci ou algo do género? Um mero aviso da sua parte não o ia assustar, mesmo que o conseguisse encontrar. Nada o assustará. A única forma que eu tenho de me proteger é casar-me com outra pessoa.

Anthony pegara no copo dela, enchera-o de novo e devolvera-lho enquanto ela lhe expunha aqueles factos. Ela não pareceu reparar em nada.

– Muito bem, agora já sei por que motivo acha que tem de se casar rapidamente. Por isso, diga-me, o que tornou isso imediato? O que aconteceu para arriscar a sua reputação ao vir aqui esta noite?

Roslynn retraiu-se com a lembrança desnecessária *daquele* perigo, que lhe parecera o menor dos males na altura.

– O Geordie encontrou-me. Na noite passada, ele conseguiu drogar-me e raptar-me diretamente do interior da casa da Frances.

– Que diabo está a dizer?

Ela continuou como se não tivesse ouvido a imprecisão dele.

– Hoje acordei trancada num quarto desconhecido junto à zona do porto, só à espera da chegada do pastor pérfido que o Geordie tinha encontrado. Se não tivesse saltado pela janela...

– Santo Deus, mulher, não pode estar a falar a sério!

Ela parou de andar às voltas durante um momento para o fitar com um olhar que exibía um desprezo absoluto.

– Tenho a certeza de que ainda tenho palha no meu cabelo da carroça de feno em que aterrei. Demorei tanto tempo a encontrar o caminho para casa que não houve tempo para a tirar toda. Eu mostrava-lhe, mas a Nettie não está aqui para

voltar a arranjar o meu penteado se eu o desmanchar e eu duvido que o seu Dobson fosse capaz de o fazer. E *não* vou sair da sua casa com aspeto de quem... de quem...

Anthony lançou a cabeça para trás com uma gargalhada quando ela não conseguiu completar o pensamento provocador. Roslynn voltou-lhe as costas e dirigiu-se diretamente para a porta. Ele chegou lá ao mesmo tempo, com uma mão a deslizar por cima do ombro dela para bloquear com firmeza a única saída.

– Foi alguma coisa que eu disse? – perguntou ele com toda a inocência junto à orelha dela.

Roslynn não hesitou em atingi-lo com o cotovelo com toda a força que tinha, o qual teve um impacto certo a uma distância tão próxima. Satisfeita com o gemido de desconforto de Anthony, esgueirou-se para longe dele, criando uma distância maior entre ambos.

– Creio que já se divertiu o suficiente às minhas custas, Sir Anthony. Só tencionava estar aqui alguns minutos e desperdicei todo este tempo em explicações desnecessárias. Tenho um condutor à minha espera e uma longa viagem à minha frente. O senhor disse que também estava com pressa. O nome, se fizer o favor.

Anthony encostou-se à porta, a sentir tremores de pânico em todo o corpo provocados pelas palavras «longa viagem».

– Não vai abandonar Londres, pois não?

– É claro que vou. Não acha que posso ficar aqui agora que o Geordie me encontrou, pois não?

– Nesse caso, como pretende aliciar um dos seus admiradores a fazer uma proposta de casamento se não estiver aqui para fazer esse processo avançar?

– Com mil diabos! Como se eu tivesse tempo para isso agora – exclamou ela, exasperada pelas perguntas intermináveis. – Sou eu quem vai fazer a proposta de casamento, se o senhor... se decidir... a dar-me um nome!

A ênfase furiosa que ela colocou em cada palavra advertiu-o para mudar de tática, mas, naquele momento, não sabia o que fazer. Não lhe daria um nome, ainda que tivesse um para lhe recomendar, mas se lhe dissesse isso, ela ia sair num abrir e fechar de olhos do quarto e ir sabe Deus para onde. Perguntou-se se se atrevia a questioná-lo acerca do destino. Não, ela estava farta de evasões deliberadas.

Anthony caminhou na direção dela, fazendo sinal para o grande divã que estava à frente da lareira.

– Sente-se, Roslynn.

– Anthony... – começou ela a dizer, em tom de aviso.

– Não é assim tão simples.

Os olhos dela semicerraram-se com desconfiança.

– Teve tempo mais do que suficiente para separar os factos dos rumores, como prometeu que ia fazer.

– Eu pedi uma semana, se se recorda.

Os olhos dela flamejaram.

– Nesse caso, não conseguiu...

– Pelo contrário – interrompeu ele rapidamente. – Mas não vai gostar daquilo que eu descobri.

Ela soltou um gemido, ignorando o divã oferecido, e começou a andar de um lado para o outro de novo.

– Diga-me.

A cabeça de Anthony disparou, a procurar freneticamente possíveis podres que pudesse imputar aos candidatos de Roslynn. Começou pela única parte que era realmente verdadeira, com esperança de que a inspiração pegasse nessa deixa e o ajudasse nos restantes.

– Lembra-se daquele duelo de que lhe falei em que o Daniel Fleming se recusou a participar? Não só marcou o pobre sujeito como um cobarde, mas também... Bom, na verdade...

– Desembuche! Havia uma mulher envolvida? Isso não é nenhuma surpresa.

– A alteração não foi por causa de uma mulher, minha cara, mas por causa de outro homem, mas tratou-se na mesma de um arrufo entre amantes. – Ele tirou partido do momento de choque dela para voltar a encher-lhe o copo de *brandy*.

– Quer dizer que...

– Receio que sim.

– Mas ele parecia tão... Apre, não vale a pena. *Ele* não serve, isso é mais do que certo.

– Também vai ter de riscar o Dunstanton – declarou Anthony. Tendo em conta que ela ia deixar Londres, não podia confirmar as palavras seguintes dele. – Acabou de anunciar o seu noivado.

– Não acredito! – exclamou ela, numa voz abafada. – Ora, ainda na semana passada me convidou para ir ao teatro. É claro que cancelou, mas... Muito bem. Eu queria reduzir a lista, e foi isso que aconteceu. E o que sabe em relação ao Christopher Savage?

Anthony inspirou-se no nome.

– Ele não é de maneira nenhuma adequado, minha cara. A certo ponto na juventude dissoluta que teve, deve ter começado a levar o nome dele à letra. O homem é um sádico.

– Oh, deixe-se disso...

– É verdade. Ele sente prazer em magoar o que quer que seja mais fraco do que ele próprio: animais, mulheres. Os criados dele vivem em terror...

– Muito bem! Não precisa de entrar em pormenores. Isso ainda nos deixa Lord Warton, que até a sua sobrinha me recomendou, e Sir Artemus.

Foi a vez de Anthony começar a andar de um lado para o outro no quarto, pois a sua mente estava em branco no que dizia respeito a Warton. O amor ao jogo de Shadwell podia ser empolado, mas não havia absolutamente nada que pudesse desacreditar Warton. Na verdade, o sujeito tinha tudo para ser um marido ideal para Roslynn. Felizmente para Anthony, saber isso irritava-o tanto que conseguiu encontrar o pedaço de lama perfeito para lançar ao indivíduo.

Voltou-se para Roslynn, fingindo uma expressão convenientemente relutante.

– Mais vale também pôr de parte o Warton. O interesse que ele mostrou por si foi só para despistar a mãe.

– Que diabo é que isso quer dizer?

– Ele está apaixonado pela irmã.

– *O quê?*

– É um segredo muito bem guardado – assegurou-lhe Anthony. – Tenho a certeza de que a Reggie não sabe de nada, pois o Montieith não lhe quer dar essa desilusão. No fim de contas, ela tem uma relação de amizade bastante próxima com todos os Warton. E ele não me teria dito nada se eu não lhe tivesse mencionado o seu interesse súbito no sujeito. Mas ele encontrou-os nas matas uma vez, um momento assaz embaraçoso, imagino eu...

– Já chega! – Roslynn terminou o seu terceiro *brandy* e deu-lhe o copo. – Fez exatamente o que lhe pedi e agradeço-lhe por isso. Sir Artemus foi o primeiro a entrar para a minha lista, por isso parece-me adequado que ele acabe por ser a minha escolha.

– Ele está na miséria, minha cara.

– Não há problema. – Ela sorriu. – Eu tenho dinheiro suficiente para engordar a bolsa dele de novo.

– Não me parece que me esteja a compreender, Roslynn. Nos últimos anos, o vício de jogo tornou-se uma doença. Ele deixou de ser um dos homens mais abastados de Inglaterra e ficou sem nada. Teve de vender ao desbarato todas as propriedades que possuía exceto a que fica no Kent, e mesmo essa está pesadamente hipotecada.

– Como é possível que saiba isso tudo?

– É o meu irmão Edward quem se tem ocupado das vendas.

Roslynn estava a franzir o sobrolho, mas insistiu teimosamente:

– Não tem importância. Na verdade, isso garante-me que ele não tem outra opção senão aceitar a proposta que vou levar até ele.

– Ele vai agarrar-se a essa oportunidade com unhas e dentes, sem dúvida. E daqui a um ano, ficará tão na miséria como ele.

– Está a esquecer-se de que eu terei controlo sobre a minha fortuna, Anthony.

– É verdade, mas também se está a esquecer do facto de que um homem pode jogar a crédito, o que é completamente impossível de controlar. E os credores dele não hesitarão em vir até si na qualidade da mulher legalmente casada com ele para exigir um pagamento, nem tão-pouco em levá-la a tribunal. E os tribunais, minha cara, dificilmente respeitarão o seu contrato quando se puder provar que se casou com o Shadwell com plena consciência da inclinação dele por um hábito de jogo excessivo.

Roslynn empalideceu, com olhos arregalados e incrédulos. Com tão pouco conhecimento da lei, não tinha motivos para duvidar das antevisões de Anthony. Foi obrigada a acreditar nele. E pensar que partira do princípio de que um jogador compulsivo arruinado seria uma escolha perfeita para ela, sem sonhar que, na realidade, ele podia ser o homem perfeito para a levar à penúria. Mais valia

oferecer a sua herança a Geordie do que contentar-se com um jogador.

– Eles eram todos tão adequados – disse ela de forma absorta, desolada, antes de voltar os olhos cor de avelã para Anthony. – Sabe que me deixou sem escolha?

A expressão inconsolável atingiu-o em cheio no coração. Ele era o responsável por isso, com as suas meias-verdades e invenções. Tinha interferido na vida dela por causa do mais egoísta dos motivos. Porém, não era capaz de a empurrar na direção de outro homem. Simplesmente não era capaz. E não era só porque a queria para si próprio. A ideia de outro homem a tocar provocava-lhe uma sensação dolorosa estranhíssima.

Não, não podia lamentar o facto de a ter deixado sem escolha, porque o alívio que sentia era demasiado grande. Mas tão-pouco era capaz de suportar a infelicidade dela.

Num esforço para a animar, sugeriu com ligeireza:

– O Fleming aceitá-la-ia, sabe, nem que fosse por uma questão de manter as aparências. – Se achasse que *ela* o aceitaria a *ele*, teria de matar o sujeito. – Para os seus objetivos, ele seria o ideal e depois eu teria a certeza de que a teria toda para mim.

Quando muito, conseguiu mais uma vez despertar a raiva de Roslynn com aquela observação.

– Não vou aceitar um homem que seria avesso à ideia de me tocar. Se tenho de me casar, vou querer filhos desse casamento.

– Isso pode-se arranjar, minha cara, de muito bom grado da minha parte – respondeu ele suavemente.

Mas ela já não o estava a ouvir.

– Acho que o melhor é voltar para casa e casar-me com um caseiro qualquer. Que diferença faz com quem eu me caso agora? O mais importante é fazer o casamento acontecer.

Anthony viu todos os seus esforços a ir por água abaixo.

– Com mil diabos! Não pode...

Ela ainda estava perdida no mundo das poucas opções que lhe restavam.

– Era isso que devia ter feito desde o início. Pelo menos já sei o que me espera.

Ele agarrou-lhe os ombros, obrigando-a a escutá-lo.

– Raios, mulher! Não vou permitir que se atire para os braços de um agricultor sujo qualquer! – E antes de Anthony se aperceber do que ia dizer, as palavras saíram intempestivamente. – Vai casar-se comigo!

1 «Savage» significa «selvagem». (*N. do E.*)

Quando o riso de Roslynn esmoreceu, ela apercebeu-se tardiamente de que as gargalhadas podiam ser interpretadas por Anthony como um insulto grosseiro. Enquanto ficara temporariamente cega pelas lágrimas do riso, ele afastara-se dela. Agora, encontrava-o sentado na cama, numa posição descontraída, apoiado num dos cotovelos.

Ele não *parecia* insultado. Parecia bastante perplexo, na verdade. Bom, pelo menos a sua gafe não despertara a ira dele, emoção pela qual não o teria censurado minimamente. Mas, ao mesmo tempo, era tão ridículo. Casar-se com ele, francamente. Com o libertino mais célebre de Londres? Em todo o caso, ele não devia estar a falar a sério.

Mas Roslynn sentiu-se melhor depois de ter dado umas boas gargalhadas, tendo em conta o que ainda tinha à sua frente. Com um sorriso fixo nos lábios, deu alguns passos na direção dele, inclinando a cabeça de forma a tentar atrair-lhe a atenção.

– Tem um talento raro, Anthony, para elevar os ânimos, afinal, ninguém o pode acusar de falta de charme. Mas é evidente que está fora do seu elemento no que diz respeito a propostas de casamento. Creio que as palavras deviam surgir na forma de um pedido, não de uma exigência. Tem mesmo de se lembrar disso da próxima vez que o seu sentido de humor cair no absurdo.

Ele não disse nada a princípio, mas os olhos ergueram-se para se encontrarem com os dela. Roslynn sentiu-se subitamente desconfortável sob aquele olhar fixo.

– Tem toda a razão, minha cara. Receio ter perdido a cabeça. Mas a verdade é que eu raramente faço as coisas de uma forma convencional.

– Bom... – Roslynn apertou com mais força a peliça debruada a arminho contra si. Era um gesto de nervosismo da parte dela. – Já lhe tomei demasiado tempo.

Anthony endireitou as costas, com as mãos apoiadas nos joelhos.

– Ainda não se vai embora, não sem me dar a sua resposta.

– Resposta a quê?

– Quer casar-se comigo?

Formulada de um modo mais convencional, a pergunta não parecia menos absurda.

– Mas estava a brincar! – disse ela, incrédula.

– Receio que não, querida. Embora seja tanto uma surpresa para si como é para mim, estou a falar muito a sério.

Os lábios de Roslynn comprimiram-se com firmeza. *Aquilo* não tinha piada nenhuma.

– Está fora de questão. Quero tanto casar-me consigo como com o Geordie.

O riso anterior dela era compreensível. E a reação à exigência de se casar com ele era moderada comparada com a sua própria surpresa. Mas embora as palavras tivessem saído por vontade própria, uma vez ditas, Anthony apercebeu-se de que a

ideia do casamento, antes sempre tão aterradora, subitamente tinha valor.

É claro que podia ser dissuadido dessa ideia se Roslynn não estivesse à sua frente com um aspeto tão cativante. Tinha passado trinta e cinco anos sem precisar de uma esposa e não precisava de uma agora. Nesse caso, que diabo estava a fazer ao insistir que falara a sério quando ela lhe tinha dado uma saída para aquela situação ao duvidar dele?

O problema era que não gostava de se sentir encurralado e a ameaça dela de se casar com quem quer que fosse provocara exatamente essa sensação. E gostava ainda menos da ideia de ela sair da sua vida, coisa que estava igualmente a ameaçar fazer. Mais, a ideia de ela sair daquele quarto era a última coisa que Anthony queria. Ela estava ali. E ele estava firmemente decidido a tirar partido disso.

A recusa categórica em aceitá-lo, porém, foi a gota de água que fez transbordar o copo. Ela *ia* aceitá-lo, nem que tivesse de a comprometer para conseguir o que queria.

– Corrija-me se estiver errado, minha cara, mas não tem mais nenhuma proposta de casamento iminente, pois não? E recorde-me de a ouvir dizer que não faz diferença com quem se case desde que o faça.

O semblante de Roslynn era severo.

– Isso é verdade, mas acontece que o senhor é a única exceção.

– Porquê?

– Digamos apenas que daria um marido terrível.

– Foi o que eu sempre pensei – surpreendeu-a ele ao concordar. – Por que razão teria evitado o matrimónio durante tanto tempo?

– Bom, então, está a dar-me *razão*, não está?

Anthony esboçou um sorriso irónico naquele momento.

– Estou apenas a dar uma oportunidade a essa possibilidade, querida. Mas, vamos olhar para o outro lado da moeda. Existe a mesma probabilidade de eu assentar de forma exemplar na vida de casado. O Montieth fez isso, e eu seria o primeiro a dizer que ele estava condenado ao fracasso.

– Acontece que *ele* ama a mulher dele – fez notar Roslynn com uma ênfase irritante.

– Santo Deus, não está à espera de me ouvir dizer que a amo, pois não? É muito cedo...

– Certamente que não! – interrompeu-o Roslynn, de forma hirta, com as faces em chamas.

– Mas ambos sabemos que a desejo, não sabemos? E ambos sabemos que a Roslynn...

– Sir Anthony, por favor! – Não podia ter ficado mais corada. – Não há nada que possa dizer que me faça mudar de ideias. O senhor simplesmente não serve para mim. Jurei que não me ia casar com um libertino e confessei-me que é isso que é. E não pode mudar aquilo que é, homem.

– Posso partir do princípio de que devo agradecer a Lady Grenfell a sua inflexibilidade neste assunto?

Apanhada de surpresa, Roslynn nem sequer se perguntou como é que ele chegara a essa conclusão.

– Sim, a Frances sabe por experiência própria o que acontece quando perdemos o nosso coração para um libertino. O dela fugiu a sete pés quando ela precisava de se casar, obrigando-a a aceitar o que podia, o que foi um homem velho que ela abominava.

A inclinação exótica dos olhos dele ficava muito mais pronunciada quando exibia um semblante severo.

– Acho que chegou a altura de ouvir a história completa, Roslynn. O meu velho amigo George simplesmente entrou em pânico quando foi confrontado de forma tão inesperada com a paternidade. Partiu numa viagem de folia que durou duas semanas para se conformar com a perda da vida de solteiro e quando recuperou o bom senso, a Frances já estava casada com o Grenfell. Ela nunca lhe permitiu ver o filho dele. Recusou-se a recebê-lo quando o Grenfell morreu. Se a sua amiga ficou extremamente infeliz com toda esta situação, o meu amigo não lhe ficou atrás. A verdade é que o George se casaria com ela agora se ela o aceitasse.

Roslynn aproximou-se do divã e sentou-se, com o olhar fixo e desorientado na lareira apagada. Porque é que ele tinha de conhecer George Amherst? Porque é que lhe contara aquilo? Era provável que Frances se casasse com ele num minuto se fosse capaz de o perdoar por aquilo que tinha sido uma reação muito natural da parte dele, tendo em conta o jovem dissoluto que era na altura. E o que ia fazer em relação a si própria?

Com mil diabos, a ideia de se casar com Anthony Malory era extremamente apelativa... *se* ele a amasse, *se* ele lhe fosse fiel, *se* conseguisse confiar nele. Nenhuma daquelas coisas era verdade. Nicholas Eden podia amar Regina, o avô podia ter amado a avó, era provável que George Amherst tivesse amado Frances e ainda amasse, mas Anthony já confessara que não a amava. E infelizmente, seria demasiado fácil para ela amá-lo. Se não fosse assim, aceitaria a proposta dele. Mas não era idiota ao ponto de deixar uma porta aberta para o tipo de mágoa que Anthony podia e iria provocar-lhe.

Voltou a cabeça para trás para o olhar de frente, e descobriu que a cama estava vazia. Em sobressalto, sentiu um puxão no chapéu e este a ser arremessado para a ponta do divã. Deu meia-volta e encontrou Anthony inclinado despreocupadamente por cima do divã, com os braços apoiados no encosto.

Roslynn precisou de um segundo para se adaptar à proximidade dele e, depois de pigarrear, conseguiu declarar:

– Lamento, mas o que disse acerca da Frances e do George não me fez mudar de ideias em relação a si.

– Também não me pareceu que fizesse – disse ele, abanando a cabeça, e o sorriso lento que apareceu aumentou o constrangimento de Roslynn. – É uma escocesa teimosa, Lady Chadwick, mas essa é uma das coisas que acho encantadora em si. Dou-lhe aquilo de que precisa desesperadamente, e prejudica-se a si própria ao recusá-lo, e por uma razão ridícula que é pura suposição. Podia

acabar por ser o mais exemplar dos maridos, sabe, mas não me dá oportunidade de descobrir isso, de uma forma ou de outra.

– Já lhe disse, não gosto de correr riscos, Anthony. Prefiro não arriscar o resto da minha vida num «talvez» quando as probabilidades estão tão pouco a favor disso.

Ele inclinou-se para a frente para apoiar o queixo nos braços cruzados.

– Tem consciência de que se a mantiver aqui esta noite, a senhora ficará irremediavelmente comprometida? Nem sequer teria de lhe tocar, minha cara. As circunstâncias são bastante elucidativas. Foi isso que fez com que a Reggie se casasse, quando o primeiro encontro dela com o Montieith foi bastante inocente.

– Não era capaz!

– Creio que era.

Roslynn pôs-se de pé num salto, fulminando-o com os olhos, com a segurança do divã entre eles.

– Isso... Isso... de qualquer forma, não ia funcionar! Eu estou de regresso à Escócia. O que me importa se a minha reputação fica arruinada aqui? Ainda teria a minha... – Ela não conseguiu fazer sair a palavra íntima, por isso pôs de parte esse pensamento. – O meu marido saberia a verdade e é só isso que me importa.

– É? – perguntou ele, com um brilho diabólico nos olhos azul-cobalto. – Nesse caso, não me deixa muita escolha, querida, se eu quiser ajudá-la, mesmo contra a sua vontade. Então, quer ser comprometida de verdade em vez de ser a fingir?

– Anthony!

A súplica dela provocou um sorriso.

– Duvido muito que me tivesse contentado pelo fingimento, em todo o caso. Foi generoso da minha parte ponderar uma coisa dessas, mas sou demasiado libertino, como está sempre a observar, para não tirar partido da sua presença no meu quarto.

Roslynn começou a recuar na direção da porta, e acelerou o passo quando ele deu a volta ao divã para a seguir.

– Eu... eu aceito o fingimento.

Ele abanou-lhe a cabeça.

– Minha cara, se todos vão partir do princípio de que partilhou a minha cama, porquê negar a si própria esse prazer?

Roslynn teve de reprimir o arrepio de antecipação que aquelas palavras lhe causaram, muito embora estivesse certa de que ele estava a brincar com ela. E o comportamento bem-humorado de Anthony impediu que ela ficasse verdadeiramente alarmada, mas quanto mais ele se aproximava, mais ela ficava alarmada de outra forma.

Roslynn sabia o que podia acontecer se ele a beijasse. Já vira isso acontecer antes. Quer levasse a sério ou não aquela suposta sedução, se ele lhe tocasse o mais provável era que a seduzisse de qualquer forma, e não teria de se esforçar muito.

– Eu não quero...

– Eu sei – disse ele suavemente quando lhe agarrou nos ombros e a puxou para

junto do peito. – Mas vai querer, querida. Posso prometer-lhe isso.

Ele tinha razão, é claro. Sabia o que ela queria, bem lá no fundo, aquilo que ela não conseguia confessar nem a si própria. Podia lutar contra isso até o sol deixar de brilhar no céu, mas esse sentimento não ia desaparecer. Ele era o homem mais excitante e irresistível que já conhecera e desejara-o desde o momento em que o vira pela primeira vez. Essa intensidade de sentimentos não tinha nada a ver com a lógica ou a razão. Era uma ânsia ardente do coração e do corpo, e o bom senso não era para ali chamado.

Roslynn deixou-se ir, rendendo-se aos sentidos enquanto ele a tomava suavemente nos braços. Teve a sensação de que era como voltar para casa, tantas tinham sido as vezes em que imaginara estar de novo nos braços dele. O calor do corpo, a força dos braços, o arrebatamento da paixão, recordava-se de tudo, mas era tudo novo mais uma vez, maravilhoso e muito bem-vindo.

Mas o beijo dele, quando aconteceu, foi tão hesitante que mal o sentiu. E Roslynn deu-se conta de que ele lhe estava a dar uma última oportunidade para o impedir antes de assumir o controlo total da situação. Anthony sabia que era suficientemente experiente e hábil para ultrapassar qualquer relutância que ela ainda pudesse guardar. Já o fizera antes. O facto de ele se estar a conter amoleceu-lhe o coração mais do que tudo, fazendo com que o desejasse ainda mais.

Roslynn disse que sim ao colocar os braços à volta do pescoço dele. Nesse momento, foi esmagada pela força poderosa do alívio de Anthony, até ele se dar conta disso. Mas ela não se importou. Respirar era secundário à luz da magia que Anthony exercia agora com a sua boca. Os lábios dele eram quentes, secos e moviam-se cuidadosamente por cima dos dela, ateando lentamente o fogo entre os dois.

Ele manteve-a nos braços daquela forma durante um longo momento, beijando-a, deixando-a saborear as sensações deliciosas que estava a evocar. Quando se inclinou para trás, foi para começar a desapertar os botões do vestido dela. O chapéu e a capa já tinham sido postos de parte sem ela se aperceber de nada. Agora, observava-o a começar a despi-la lentamente e não se conseguia mexer, nem queria. Os olhos dele estavam a hipnotizá-la, mais escuros e com as pálpebras pesadas, a fitar-lhe a alma. Roslynn não conseguia desviar o olhar, nem quando sentiu o vestido a escorregar pelas ancas e cair junto aos pés, ou a roupa interior a seguir o mesmo caminho.

Ele não lhe tocou depois, exceto com o olhar, que fez uma viagem lenta ao longo de todo o seu corpo, de cima a baixo. Nos lábios dele apareceu o sorriso sensual que tinha o poder de derreter os membros de Roslynn, uma coisa perigosa quando os seus sentidos já estavam praticamente liquefeitos. Ela vacilou e as mãos dele avançaram para a estabilizar, agarrando-lhe as ancas com força, mas não se detendo naquele ponto. Com uma lentidão minuciosa, ele saboreou a sensação da pele nua à volta das ancas, por cima da cintura estreita, parando finalmente nos seios, com os polegares apoiados por baixo. Não lhe tocou de mais nenhuma forma, mas os seus mamilos endureceram, o ritmo do coração acelerou e um novo

calor despertou dentro dela.

E o sorriso dele ampliou-se. Era absolutamente triunfante, como se ele conseguisse ver o interior dela e soubesse exatamente o que estava a sentir. Era um homem vitorioso, repleto de regozijo. E ela não se importava. Ela própria estava a sorrir, por dentro, porque se ele tinha vencido, ela também, derrotando o seu próprio bom senso para ter o que sempre desejara, fazer amor com aquele homem, fazê-lo iniciá-la e ser o primeiro amante dela, porque com ele, Roslynn sabia que ia ser sublime.

No entanto, uma vez que ia ceder aos seus desejos, também queria participar ativamente. Antes, pensara em despi-lo, perguntando-se como é que ele seria. A sua imaginação produzira um Adónis. Diante dela estava o homem, que era muito mais intimidante do que uma fantasia, mas o desejo fazia-a sentir-se ousada.

Puxou-lhe o cinto com força para lho soltar e o robe abriu-se, e, depois de colocar as palmas das mãos junto à pele dele da mesma forma que ele fizera com a dela, subiu as mãos, tocando-lhe como ansiara, pele contra pele, abrindo o robe de par em par, empurrando-o para junto dos ombros. Ele deixou-o cair no chão depois de deslizar pelos seus braços e estendeu a mão para ela, mas Roslynn manteve-o à distância, para o fitar até se sentir satisfeita. O que acabara de ser revelado diante dos seus olhos era uma pele quente e músculos, pelos escuros e encaracolados, um peito que fazia os seus dedos vibrar de expectativa. Sólido, poderoso, ele era muito mais do que ela imaginara. Roslynn sentiu uma vontade forte e compulsiva de enrolar as pernas e os braços à volta dele, de se aproximar o máximo possível, e havia tanto para tocar.

– Apre, és um homem bonito, Anthony.

Ele ficara enfeitiçado, a observar o exame fascinado de Roslynn, mas as palavras roucas dela foram o estímulo que quase o fez perder o controlo. Puxou-a bruscamente para junto de si, unindo vigorosamente os seus lábios aos dele. Ao mesmo tempo, ergueu-a no ar com os braços e levou-a para a cama.

Pousou-a cuidadosamente e depois inclinou-se para trás, com olhos ardentes fixos nela, descendo mais uma vez pelo seu corpo, ali deitado na cama. Tantas tinham sido as vezes em que a imaginara ali, com a pele ruborizada de desejo, os olhos brilhantes, chamativos. Ela era encantadora, mais do que tinha antecipado, com curvas perfeitas e redondas, femininas, e estava ali, era dele e desejava-o.

Anthony teve vontade de soltar um grito de alegria pura. Em vez disso, tomou-lhe as faces com uma ternura extrema, com dedos que se moviam pelo rosto, pelo cabelo, e desciam pelo pescoço. Nunca se fartaria da sensação de lhe tocar.

– Não imagina aquilo que me faz.

– Eu sei o que me faz a mim – disse ela suavemente, observando-o. – É a mesma coisa?

O som que ele fez era metade gemido, metade riso.

– Céus, espero que sim.

E beijou-a, com a língua a separar-lhe os lábios para mergulhar no interior e o peito encostado ao dela. Quando Roslynn ergueu os braços para o enlaçar, ele

abriu-lhos, entrelaçando os dedos nos dela para os segurar. Roslynn não se conseguia mexer, mas conseguia sentir, e o que sentiu foi o peito dele a roçar contra os mamilos, para cima e para baixo, eletrizando os pequenos botões duros com um toque sensual muito subtil.

A seguir, Anthony baixou a cabeça para levar um dos seios sensíveis à boca, sugando-o suavemente, ou traçando um círculo lento com a língua. Mas não lhe soltou as mãos, e Roslynn sentiu que ia enlouquecer com a necessidade que sentia de o abraçar, de o acariciar.

O gemido veio das profundezas da sua garganta. Ele fez uma pausa, sorrindo-lhe lá de baixo.

– É um verdadeiro demónio – disse-lhe ela, vendo o deleite malicioso de Anthony.

– Eu sei. – E lambeu-lhe o outro mamilo. – Não gosta disto?

– Se eu não gosto disso? – repetiu ela, como se nunca tivesse ouvido uma pergunta tão ridícula. – Aquilo que eu gostava era de também lhe poder tocar. Vai soltar-me as mãos?

– Não.

– Não?

– Mais tarde, pode tocar-me quanto quiser. Neste momento, não me parece que eu fosse capaz de o suportar.

– Oh – suspirou ela. – Bom, quanto a isso, eu também não consigo suportar muito mais.

Ele enterrou a cabeça entre os seios dela, com um gemido.

– Querida, se não se cala, vai fazer com que eu me comporte como um rapazinho inexperiente.

Roslynn soltou uma pequena risada e o som rouco foi a desgraça de Anthony. Arrancou as calças que ainda tinha vestidas, mas felizmente recuperou o controlo antes de literalmente a atacar, tratando de a libertar das meias e sapatos rapidamente. O desejo comandava-o de forma poderosa agora, e o ritmo pausado anterior tinha sido posto de parte.

Foi o punhal que caiu do sapato de Roslynn que o fez recuperar uma fração de controlo. Anthony sorriu interiormente, maravilhado. Ela era cheia de surpresas, a sua pequena escocesa. O casamento com ela não só ia ser extremamente prazeroso, como igualmente interessante, e, subitamente, estava ansioso por isso, com todas as dúvidas anteriores esquecidas.

Ele avaliou o peso do punhal na mão.

– Sabe usar uma coisa destas?

– Sim, e já o fiz quando um dos homens do Geordie tentou raptar-me no meio da rua.

Anthony atirou o punhal para o lado, com um sorriso que pretendia ser tranquilizador.

– Essa é uma preocupação que vai deixar de ter depois desta noite, querida.

Roslynn tinha as suas dúvidas acerca disso, mas guardou-as para si. Nada

estava decidido. Ele continuava a não ser o tipo de homem ao qual podia unir-se em casamento, independentemente do quanto desejasse o contrário. Ele era um amante, e, nessa qualidade, podia aceitá-lo sem reservas. Para que precisava ela da sua virgindade, uma vez que os acontecimentos recentes a faziam ter a certeza de que o seu casamento, quando tivesse lugar, agora não seria mais do que um acordo de negócios?

Mas as decisões de amanhã ainda estavam muito longe e as mãos de Anthony subiam-lhe pelas pernas, separando-as e tornando impossível que ela pensasse noutra coisa qualquer. Ele inclinou-se para beijar o interior das suas coxas enquanto subia, e depois mergulhou-lhe a língua no umbigo. Labaredas quentes explodiram dentro de Roslynn, fazendo-a arrepiar-se de prazer, fazendo-a contorcer-se toda. Ela agarrou-lhe a cabeça com firmeza, puxando-o para cima, mas ele ainda se deteve nos seios dela, apertando as pontas hipersensíveis até ela ficar fora de si de desejo. As costas dela arquearam-se, moldando a barriga ao peito dele, a exigir o contacto. Não foi suficiente. Ela não sabia exatamente o que era preciso, mas compreendeu instintivamente que tinha de existir alguma finalidade para as chamas que lhe tomavam os sentidos de assalto.

Puxou-o para si de forma frenética então, mas ele estava inabalável, completamente dominante. Só quando estava pronto é que subiu um pouco mais, beijando-lhe o pescoço com lábios que agora escaldavam, avançando na direção de uma orelha. Quando a língua dele deslizou para o interior, o corpo de Roslynn estremeceu tão violentamente, arqueando-se num salto que quase o expulsava, e depois foi acometido por um tremor delicioso que a fez querer enrolar-se à volta dele.

Uma ânsia dolorosa invadiu-lhe o sexo, um inferno de calor húmido, e quando Roslynn sentiu algo a tocá-la ali pela primeira vez, o seu corpo abriu-se instintivamente para o acolher, ávido pela pressão naquela região ardente. E aquilo conseguiu preenchê-la, uma plenitude gloriosa e bem-vinda contra a qual ela também fazia pressão, prendendo as pernas à volta dele para não a perder, sentindo finalmente que conquistara um pouco de controlo. Ela não cedeu e a pressão aumentou dentro dela, cresceu, até parecer rebentar, abrindo um novo canal de sensações bem fundo dentro dela que trouxe um certo alívio à tensão, mas não o alívio suficiente.

Ele estava a beijá-la de novo, profundamente, com um desejo tão feroz como o dela, com os braços presos de ambos os lados do corpo de Roslynn como barras de ferro, os dedos enfiados no seu cabelo, a segurá-la, a controlá-la. E o corpo dele estava a mover-se contra o seu com um tipo de urgência a que ela respondia, e que também sentia, ao mesmo tempo que a tensão aumentava de novo, latejava e depois finalmente explodia numa inconsciência divina.

Momentos depois, Anthony caiu pesadamente em cima dela, com o seu próprio clímax a exauri-lo de forma tão completa que durante um bocado se sentiu demasiado fraco para sequer erguer a cabeça. Nunca tinha sentido nada semelhante e estava prestes a dizer-lhe isso quando se apercebeu de que ela tinha perdido a

consciência. Não sabia se adormecera devido à exaustão ou desmaiara. Anthony sorriu, desviando-lhe o cabelo das faces, extremamente satisfeito consigo próprio e com Roslynn.

Sentiu um impulso irresistível para acordar, para começar tudo de novo, mas reprimiu-o, recordando-se da barreira que sentira e que marcara a sua virgindade. Reggie havia dito que ela era virgem. As reações apaixonadas de Roslynn desmentiam isso. A verdade encheu-o de um prazer inexplicável. E embora ela não tivesse parecido reparar na quebra da sua virgindade, essa perda exigia uma recuperação. Havia a manhã seguinte. Havia o resto da sua vida.

Anthony abanou a cabeça, perplexo. Quando é que se tornara tão abominavelmente cavalheiresco?

Deixou a cama cuidadosamente, puxando os lençóis por cima dela. A forma lânguida como Roslynn se esticou e o suspiro que deu fizeram-no sorrir. Céus, ela era linda e tão tentadora que fazia um homem sofrer com a necessidade de ficar a conhecer cada centímetro do seu corpo. Prometeu a si próprio que o faria. Mas, por agora, vestiu o robe, reuniu as roupas dela e saiu do quarto silenciosamente. Era preciso dispensar o condutor da carruagem, tratar de determinados preparativos – aquela senhora não ia a lado nenhum.

Roslynn despertou com o roçar de pétalas de rosa junto a uma das faces. Abriu os olhos, focou-os na flor cor-de-rosa a princípio com confusão, de sobrolho franzido, e depois viu o homem atrás dela, a sorrir-lhe.

– Bom dia, minha querida. E realmente está um belo dia. O sol decidiu brilhar para o nosso casamento.

Roslynn soltou um gemido e voltou-se para enterrar a cabeça na almofada, sem vontade de enfrentar o dia e as consequências das suas próprias ações. Com mil diabos, o que tinha feito? Nettie devia ter seguido viagem para Silverley e era bem provável que estivesse fora de si com preocupação, a pensar que o estratagema de ambas fracassara e que Geordie lhe deitara de novo as mãos. E o condutor da carruagem! Como é que se pôde esquecer de que tinha deixado o homem à sua espera? Era certo que lhe dera uma boa gorjeta, mas não o suficiente para esperar a noite toda. Provavelmente tinha abalado com a sua mala de roupas, que também levava a maior parte das joias e papéis importantes, incluindo o contrato de casamento. Malditos fossem aqueles três *brandies*!

No meio das consequências que se amontoavam na sua cabeça, Roslynn sentiu a mão de Anthony a passear pelo seu traseiro a par de uma pequena risada.

– Se realmente quer ficar na cama...

– Vá-se embora! – exclamou, com a voz sufocada pela almofada, furiosa consigo própria por sentir a pele a vibrar com o toque dele, mesmo face à sua infelicidade, e furiosa com ele por parecer tão bem-disposto.

– Não estou a ver qual é o problema – disse ele, sensatamente. – Tirei a tarefa cansativa da tomada de decisão das suas mãos. Está absoluta e verdadeiramente comprometida, querida.

Roslynn voltou-se.

– Não diga disparates. Não senti dor nenhuma, só...

Anthony riu-se ao mesmo tempo que o rubor se espalhava pelas faces dela e a boca se fechava bruscamente.

– Admito que houve uma certa subtilidade, mas não me dei conta de que fui assim tão *hábil*. Senti a sua virgindade a ceder, minha cara jovem. – Ele arqueou as sobrancelhas, com um sorriso exasperante. – Está a dizer-me que não sentiu o mesmo?

– Oh, esteja calado e deixe-me pensar!

– O que há para pensar? Enquanto desperdiçava a noite passada num sono profundo e reparador, obtive uma licença especial que nos vai permitir casar imediatamente sem nos obrigar a partir disparados rumo a Gretna Green. Nunca me tinha apercebido até este momento da grande vantagem que existe em saber chegar a homens com influência.

Ele parecia tão extraordinariamente orgulhoso de si próprio que ela teve vontade de lhe bater.

– Eu não disse que me casava consigo.

– Não, não disse. Mas vai dizer. – Ele foi até à porta, abriu-a, permitindo que o mordomo com boa memória entrasse no quarto.

– Lady Chadwick queria as roupas dela e alguma coisa para o pequeno-almoço, Dobson. Está com fome, não está, querida? Eu fico sempre esfomeado depois de uma noite de...

A almofada atingiu-o em cheio na cara e ele teve de engolir o riso a custo quando viu a expressão incrédula do mordomo.

– É tudo, Dobson.

– Sim, sim, é claro, senhor. Muito bem, senhor.

O pobre e embaraçado homem não se mostrou rogado e saiu a toda a velocidade da divisão, mas no momento em que a porta se fechou, Roslynn lançou-se a Anthony com fúria.

– Não passa de uma maldita besta, de um patife odioso! Porque é que lhe tinha de dizer o meu nome?

Ele encolheu os ombros, nem um pouco arrependido do ardil deliberado.

– Trata-se apenas de um pequeno seguro, querida. O Dobson não se atreveria a espalhar histórias acerca da futura Lady Malory. Por outro lado... – Ele deixou a frase inacabada, mas não era necessário explicar-lhe com todas as letras aquelas novas consequências.

– Está a esquecer-se de que eu não me importo se a minha reputação ficar arruinada aqui.

– Isso não é propriamente verdade – respondeu ele suavemente, pleno de confiança. – A senhora importa-se. O problema é que não tem as suas prioridades bem organizadas neste momento.

Era verdade, mas irrelevante. Ela tentou virar o jogo contra ele.

– Pergunto-me por que razão um homem como o senhor teria vontade de se casar de forma tão repentina. É na minha fortuna que está interessado?

– Santo Deus, onde foi buscar essa ideia?

Ele parecia tão surpreendido que ela se sentiu deveras envergonhada por ter mencionado isso, mas observou na mesma:

– O senhor é um quarto filho.

– Isso é verdade. Mas está a esquecer-se de que eu já estou a par do seu contrato de casamento invulgar, o qual, já agora, estou bastante disposto a assinar. Está igualmente a esquecer-se do facto de que fizemos amor na noite passada, Roslynn. Neste momento, pode estar de esperanças do meu filho.

Ela desviou o olhar e mordeu o lábio inferior. Aquilo era verdade e ela podia estar de esperanças. Teve de reprimir o prazer que aquele pensamento lhe dava.

– Que mais-valia lhe trará este casamento, nesse caso? – perguntou ela sensatamente.

Anthony voltou para o lado da cama onde ela estava. Puxou um pedaço de palha do cabelo dela e examinou-o, a sorrir.

– A Roslynn – disse ele, simplesmente.

O coração dela pareceu virar-se ao contrário. Parecia-lhe demasiado bom, tão bom que não era capaz de recordar quais eram as suas objeções. Assim não podia ser.

Deixou escapar um suspiro exasperado.

– Não consigo pensar quando acabo de acordar. Também não me deu tempo para pensar na noite passada. – Aquilo foi dito num tom acusatório.

– É a Roslynn quem está com uma pressa dos diabos. Só estou a tentar fazer-lhe a vontade.

Ele *tinha* de chamar a atenção para as coisas daquela forma?

– Preciso de tempo para pensar.

– Quanto tempo?

– Estava a caminho de Silverley. A minha criada já foi para lá, por isso também tenho de ir. Se me der até esta tarde, terei uma resposta para si. Mas tenho de lhe dizer, Anthony, não me vejo a casar-me consigo.

Abruptamente, Roslynn deu por si a ser erguida da cama e beijada com uma minúcia que a fez arrepiar-se de prazer.

– Não?

Ela empurrou-o para longe até Anthony a deixar cair de volta na cama.

– Só provou que é impossível pensar quando estou perto de si. Vou partir agora, se me devolver as minhas roupas. E em que diabo estava a pensar quando as levou daqui?

– Estava só a assegurar-me de que ainda estaria aqui quando voltasse da minha busca pela licença.

– Dormiu... aqui comigo?

Anthony fez um sorriso rasgado com a hesitação de Roslynn.

– Minha querida, eu fiz amor consigo. Dormir consigo é bastante irrelevante, não acha?

Roslynn decidiu não dizer mais nada, arrependendo-se de ter mencionado o assunto. Ele conseguia dar a volta a qualquer assunto que lhe dissesse respeito.

– As minhas roupas, Anthony?

– O Dobson vai trazê-las. E a mala grande que deixou na carruagem está no meu quarto de vestir, se precisar de alguma coisa de lá.

As sobancelhas de Roslynn ergueram-se subitamente.

– Foi buscá-la? Graças a Deus.

– Céus, não me diga que foi descuidada ao ponto de deixar alguma coisa de valor numa carruagem de aluguer?

Ela não apreciou a censura.

– Eu estava perturbada quando vim aqui – disse ela com acrimónia, em sua defesa. – E fiquei ainda mais perturbada depois de aqui chegar, se se recordar.

– É verdade – admitiu ele. – Mas é melhor ir verificar se não falta nada.

– Só estava preocupada com o contrato de casamento. Ia demorar muito tempo mandar redigir outro.

– Ah. – Anthony sorriu, com os olhos azul-cobalto bem-humorados. – O

contrato infame. Mais vale deixá-lo comigo para eu poder ter a oportunidade de o ler.

– E para depois o perder convenientemente? Não me parece provável.

– Minha cara jovem, devia realmente tentar confiar em mim só um pouco. Ia ajudar-nos a ter uma relação mais agradável, não acha? – Quando ela se recusou teimosamente a responder, ele suspirou. – Muito bem, faça como entender. – Para lhe dar uma amostra da sua desconfiança, acrescentou: – *Vai* estar em Silverley quando eu aparecer, não vai?

Roslynn teve a elegância de corar.

– Sim. Foi amável ao ponto de fazer a proposta. Devo-lhe uma resposta. Mas não vai ser passível de discussão. Tem de aceitar a minha decisão, seja ela qual for.

Com um sorriso desprovido de anuência, Anthony saiu do quarto. A verdade era que ele confiava nela tanto como ela nele, naquele ponto. Teria de pedir a alguém para a seguir, certificando-se assim de que ela não abalava diretamente para a Escócia. Também precisava de alguém para manter Warton longe de Silverley enquanto ela lá estivesse. Não podia correr o risco de os dois se cruzarem de novo depois de ele ter difamado o homem com uma mentira tão monstruosa.

Quanto à parte de ela lhe dar a resposta certa, isso não o preocupava. O primo dela não era o único homem com os recursos necessários para os casar de uma forma ou de outra.

— Não posso crer! O Tony pediu-a em casamento? O meu tio Tony?

— Eu entendo-a perfeitamente — disse Roslynn, achando o espanto do olhar arregalado de Regina extremamente engraçado. — Eu própria tenho dificuldade em acreditar nisso.

— Mas é tão repentino... bom, é claro que ele conhece as suas circunstâncias. Teria de ser repentino, não é verdade, se ele a pedisse em casamento? Que maravilha! O tio Jason vai ficar de boca aberta! Toda a família vai ficar de boca aberta. Achávamos que ele nunca faria isto, sabe. Oh, isto é mesmo maravilhoso!

O facto de ser maravilhoso ou não era discutível, mas Roslynn sorriu, sem querer estragar o prazer óbvio de Regina. Tomara uma decisão na longa viagem até Silverley, o que era uma sorte, porque não tivera um momento de paz desde que chegara. Primeiro, Nettie tinha-se lançado contra ela, merecidamente, fustigando-lhe os ouvidos com uma descompostura monumental pela sua falta de consideração. A seguir, Regina quisera ouvir tudo a respeito do rapto e fuga atribulada em primeira mão, acontecimentos que Nettie já avançara como motivo para a visita inesperada.

Agora, Roslynn tivera de admitir que Anthony chegaria em breve para saber a sua resposta. O facto de Regina não se ter lembrado de perguntar qual seria essa resposta era revelador. É claro que ela era parcial. Não seria capaz de compreender por que razão uma mulher pudesse ter dúvidas em casar-se com alguém com a aparência e o charme pecaminoso de Anthony, mesmo que ele tivesse um passado de devassidão.

— Todos terão de ser informados — prosseguiu Regina, entusiasticamente. — Posso encarregar-me disso, se quiser. E estou certa de que vai querer que o casamento se realize assim que os banhos de casamento...

— Não vai haver banhos, garota. — Anthony entrou descontraidamente na sala de estar sem aviso. — Podes informar a família de que nos podem dar os parabéns, mas já mandei chamar o pastor, e convidei-o para jantar. Depois disso, vamos ter uma pequena cerimónia. É suficientemente rápido para si, Roslynn?

Roslynn não imaginara que ele a obrigaria a revelar a sua decisão no momento em que entrasse pela porta. Mas ele estava a olhar diretamente para ela, à espera da sua confirmação ou negação e, estranhamente, podia jurar que ele parecia diferente. Nervoso, talvez? Será que a resposta podia ser assim tão importante para ele?

— Sim, esses preparativos parecem-me adequados... mas temos algumas coisas a discutir primeiro.

Anthony expirou lentamente, com um grande sorriso desenhado nos lábios.

— Com certeza. Dás-nos licença, garota?

Regina pôs-se de pé num salto e lançou os braços à volta do pescoço do tio.

— Dar-lhe licença? A minha vontade era bater-lhe! Nunca deu a entender nada!

— E estragava a surpresa?

– Oh, isto é maravilhoso, Tony – concordou ela alegremente.
– E mal posso esperar para contar ao Nicholas, por isso vou andando. – Ela deteve-se para dar uma risada. – Antes que me expulse.

Anthony fez um sorriso afetuoso ao observar a partida da sobrinha, protelando o momento em que teria de enfrentar Roslynn. Sabia que não a devia ter colocado naquela situação desagradável. E as palavras dela tinham-lhe parecido bastante sérias.

– Espero que não seja sempre assim tão tirânico.

A voz gélida de Roslynn podia ter cortado aço. Anthony deu meia-volta, oferecendo-lhe um sorriso contrafeito.

– De modo nenhum. Nas mãos da mulher certa, posso ser altamente maleável.

Ela não achou piada. Quando muito, a sua expressão tornou-se mais frígida.

– Sente-se, Anthony. Há algumas coisas com as quais terá de concordar antes de me casar consigo.

– Isto vai ser doloroso? – Quando os olhos dela começaram a semicerrar-se, ele suspirou. – Muito bem, comece pelo pior.

– Quero um filho.

– Só um?

Roslynn sentiu uma vontade irresistível de lhe atirar alguma coisa à cabeça! Será que ele não conseguia levar nada a sério?

– Na verdade, gostava de ter pelo menos três, mas contento-me com um por agora – disse, entre dentes.

– Bom, esta conversa é motivo suficiente para eu me sentar, certo? – disse ele e juntou-se a ela no sofá. – Também tem preferência pelo género? Isto é, se quiser raparigas, mas só tivermos rapazes, estou disposto a continuar a tentar, se também estiver.

O tom dele podia ser jocoso, mas ela teve a impressão de que estava a falar a sério.

– Não se importa de ter filhos?

– Minha querida, o que a fez pensar o contrário? No fim de contas, o meio através do qual são gerados sempre foi uma das minhas práticas preferidas.

O rubor espalhou-se até às raízes dos cabelos de Roslynn, que baixou os olhos para as mãos, presas com firmeza no colo. Consequia sentir os olhos dele a sorrir para ela, divertidos com o seu embaraço. Bom, ainda não tinha ouvido tudo.

Ainda a evitar o olhar de Anthony, disse:

– Fico contente por estar a ser tão complacente em relação a isso, mas tenho outra condição com a qual terá de concordar que não é nada ortodoxa, embora esteja relacionada com a primeira, de certa forma. A sua amante, ou amantes, se for esse o caso...

A mão dele no seu queixo silenciou-a, voltando-lhe o rosto para ele.

– Isto não é necessário, sabe – disse Anthony, com suavidade. – Um cavalheiro desiste sempre das suas amantes quando se casa.

– Nem sempre.

– Pode ter razão, mas no meu caso...
– Devia ter-me deixado acabar, Anthony. – A voz dela estava ríspida de novo, e o pequeno queixo elevou-se num ângulo teimoso.
– Não lhe estou a pedir para desistir de nada. Pelo contrário. Insisto que mantenha as suas amantes.

Anthony deixou-se encostar ao sofá, abanando a cabeça.

– Já ouvi falar de mulheres bastante tolerantes, mas não acha que está a exagerar um pouco?

– Estou a falar a sério.

– O diabo é que está. – Ele franziu o sobrolho, furioso não só por ela parecer estar a falar a sério, mas também com a própria sugestão. – Se acha, nem que seja por um segundo, que eu vou concordar com um casamento de fachada...

– Não, não, percebeu mal. – Ela estava sinceramente surpreendida com aquela manifestação de fúria. Pensava que ele ia ficar encantado com aquele acordo. – Como é que eu posso ter um filho se o nosso casamento for apenas de fachada?

– Não faço ideia! – disparou ele.

– Anthony. – Ela suspirou, dando-se conta de que ele devia estar a exhibir orgulho ferido. Era óbvio que estava à espera de uma mulher ciumenta, e o facto de não vir a ter uma era humilhante. – Tenciono ser a sua mulher de todas as formas possíveis. É o mínimo que posso fazer, depois de vir em meu socorro, por assim dizer. Escute-me por um momento.

– Tem toda a minha atenção.

Roslynn suspirou de novo. Por que motivo estava ele a ser difícil em relação àquele assunto? Há pouco, tinha-lhe parecido a situação ideal. Na verdade, não se casaria com ele de outra forma.

Tentou de novo.

– Não estou a perceber por que razão está tão reticente. Não me ama. Já deixou isso bem claro. E os meus sentimentos também ainda não estão envolvidos. Mas eu gosto de si e nós estamos... eu, pelo menos, sinto-me atraída por si.

– Sabe muito bem que a atração é mútua!

Ela ignorou a interrupção vociferante.

– Esse era um dos meus pré-requisitos, de que o marido que eu finalmente escolhesse tivesse pelo menos uma aparência agradável para eu não me importar muito de...

Ela deteve-se com o resmungo de indignação dele, consciente de que ele estava a pensar na noite anterior e no prazer que ela tivera. Não, não era necessário mencionar que, com ele, determinados deveres conjugais seriam deveras prazerosos.

– É um homem muito atraente – continuou ela. – E charmoso. Não vou negar isso. E estou certa de que nos podemos entender bem. Mas como não existe nenhum amor envolvido, não sente qualquer compromisso. Eu também não, para que saiba, embora seja eu quem está a precisar desesperadamente de um marido. No seu caso, porém, seria irrealista da minha parte esperar que seja completamente

fiel aos seus votos, não percebe isso? Sendo assim, não peço que seja. O que nós teremos é um acordo de negócios, um casamento de conveniência, se preferir. A fidelidade não é fundamental.

Anthony estava a fitá-la como se ela tivesse perdido a cabeça. Roslynn admitiu que aquilo *era* um pouco exagerado, mas que outro eufemismo podia utilizar para dizer que não confiava nele e provavelmente jamais iria confiar? Ele era o primeiro a admitir que era um libertino. E um libertino não se emenda a não ser que o seu coração seja conquistado – palavras do avô e palavras nas quais podia acreditar piamente porque faziam sentido. Anthony não tinha o direito de ficar irritado com ela. *Ela é* que devia ficar zangada por ser necessário impor aquela condição.

– Talvez seja melhor esquecermos isto – disse ela, numa voz hirta.

– Uma boa ideia, finalmente – respondeu ele, num tom de voz arrastado.

Os lábios de Roslynn transformaram-se numa linha fina perante a rapidez com que ele concordara com *aquilo*.

– Eu nunca me quis casar consigo. Já lhe tinha dito isso.

– O quê? – Ele endireitou-se bruscamente. – Um minuto, Roslynn. Não quis dizer que não nos casarmos era uma boa ideia. Pensei que se estava a referir...

– Pois, mas não estava! – disparou ela, finalmente perdendo a cabeça. – E se não concordar em manter as suas amantes, não temos mais nada a discutir! Não pense que não lhe estou a pedir direitos iguais ao seu corpo. Mas eu sei aquilo que é, homem, e que os seus olhos vão começar a vaguear de novo assim que a novidade passar. Não o consigo evitar. É a sua natureza.

– O tanas é que é!

Roslynn continuou como se não tivesse ouvido a imprecisão.

– Mas eu estava disposta a aceitá-lo assim, porque sou uma idiota. Podia dar-me crianças bonitas. Podia salvar-me do Geordie. Isso era suficiente. Não ia pedir mais do que isso.

– Talvez eu esteja disposto a dar-lhe mais do que isso. Ou esse pensamento não lhe passou pela cabeça quando se lembrou deste gesto magnânimo?

Roslynn retraiu-se ao ouvir aquelas palavras irónicas, mas perdera de novo o controlo das suas emoções.

– Isto resume-se a uma coisa simples, Anthony. Nunca podia confiar em si no que diz respeito a outras mulheres. Se eu acabar... acabar por nutrir sentimentos por si, uma traição seria demasiado dolorosa. Preferia saber desde o início que não me vai ser fiel; assim sendo, a nossa relação não irá progredir mais do ponto em que está agora. Seríamos amigos, assim como...

– Amantes?

– Sim, bom, é isso mesmo. Mas visto que não concorda, vamos pôr um ponto final no assunto, não é assim?

– Eu disse que não concordava? – A voz dele estava calma de novo, mas era uma calma forçada. A sua expressão e postura rígidas mostravam que ele ainda fervia de fúria. – Deixe-me ver se eu percebi bem, minha cara. Quer ter um filho comigo, mas ao mesmo tempo não quer a minha devoção completa. Vai

comportar-se como uma esposa de todas as formas possíveis, mas eu devo continuar a fazer o que tenho feito, a estar com tantas mulheres quantas quiser.

– Discretamente, Anthony.

– Ah, sim, discretamente. Consigo ver por que motivo não quer que isso se espalhe, especialmente porque me está a empurrar pela porta fora antes de eu sequer poder entrar. Assim sendo, se eu não voltar para casa duas ou três noites por semana, ficará satisfeita?

Ela não se dignou a responder àquilo.

– Concorda?

– Claro que sim. – O sorriso dele era débil, desprovido de calor, mas Roslynn não reparou. – Que homem conseguia resistir a um bolo com uma cobertura tão deliciosa?

Roslynn não sabia se gostava daquela analogia. Também não sabia se gostava da cedência dele, agora que a tinha. Quase não discutira com ela. Expressara uma resistência simbólica e depois uma aceitação de má vontade. Que homem desprezível. Estava indiscutivelmente encantado com as condições dela e agora ela tinha de viver com elas.

A carruagem dos Eden era espaçosa, confortável, com comodidades como almofadas e mantas, copos e champanhe. Roslynn não sentia qualquer necessidade das almofadas, com o ombro do marido a servir de forma eficaz para essa finalidade. Recusou igualmente o champanhe, depois de ter bebido o suficiente em brindes após a cerimónia.

Tinham mesmo casado um com o outro. Tinham feito amor numa noite e casado na seguinte. Era tão incrível que Roslynn teve de se perguntar se inconscientemente não queria que aquilo acontecesse desde o início, se aquele não era o motivo pelo qual fora à casa de Anthony na noite passada em vez de se dirigir diretamente a Silverley como tencionava. Mas não, não ia ser um casamento ideal. A sua própria perversidade tratara do assunto e não se podia esquecer disso. Mas tinha-o na mesma, não tinha? Ele era o marido dela, a tempo parcial ou não.

Roslynn sorriu, aconchegando-se mais a ele, contente por se encontrar suficientemente ébria para não se sentir inibida. Quanto a Anthony, beberricava champanhe e fitava, pensativo, o mundo à janela. O silêncio era confortável e o champanhe que ela já tinha consumido provocava-lhe sonolência.

Não sabia ao certo por que motivo não iam passar a noite em Silverley, como presumira. Anthony dissera qualquer coisa acerca de não querer ter de se preocupar com o barulho, a sua própria cama, e começar as coisas com o pé direito. Parecera bastante sinistro na altura, a parte acerca do barulho, mas não se conseguia lembrar porquê agora. Provavelmente eram apenas nervos próprios de uma noiva. No fim de contas, acabara de renunciar à sua independência, entregando-se nas mãos de um homem que mal conhecia, um homem cheio de surpresas, a menor das quais fora o facto de querer casar-se com ela.

Tinha todo o direito de estar nervosa antes e depois desse acontecimento. Ele já não a tinha surpreendido duas vezes naquele dia, primeiro ao contestar as suas condições, e depois ao assinar o contrato de casamento sem o ler primeiro? Nicholas, que testemunhara a assinatura, havia protestado. Ela também, na verdade. Mas mesmo depois de assinar aquele maldito papel, Anthony continuou a recusar-se a lê-lo. E agora levava-a de volta a Londres, a última coisa que esperava naquela noite.

Com franqueza, ia sentir-se muito mais segura se ficasse com os Eden na primeira noite do seu casamento. Mas já fizera exigências suficientes por um dia e, por esse motivo, não protestara quando Anthony encurtara a celebração para partir. A verdade era que tinham jantado cedo e a cerimónia de casamento fora bastante breve. Não era assim tão tarde, embora fosse provável que só chegassem por volta da meia-noite à casa de Anthony na cidade.

Achou que devia aproveitar a viagem e dormir um pouco enquanto podia. Sorriu de novo, porque os primeiros pensamentos ao ver as mantas e almofadas empilhadas nos assentos não tinham nada a ver com dormir. Ficara horrorizada ao

pensar que iam passar a noite de núpcias na carruagem. No fim de contas, Nettie fora relegada para uma carruagem mais pequena que os seguia a um passo mais lento. Estavam sozinhos numa carruagem que era suficientemente espaçosa para lhes permitir fazer o que quisessem. O clarão dourado do candeeiro da carruagem emitia uma luz romântica e suave. Mas não, Anthony limitara-se a sugerir que ela dormisse uma sesta na viagem de regresso a Londres. Nem sequer tirara partido do isolamento de ambos para a beijar, só a puxara para perto de si e a aconchegara.

Roslynn podia culpar o champanhe por a fazer pensar que a noite de núpcias ia começar cedo. Nem sequer tinha a certeza de que ia ter uma noite de núpcias. Depois do alvoroço que Anthony fizera a propósito das suas condições, mesmo que tivesse acabado por concordar com elas, não ficaria surpreendida se se limitasse a deixá-la em casa e fosse visitar uma das suas muitas mulheres. E o que podia dizer acerca disso? Nas palavras dele, ela empurrara-o para fora da porta.

Anthony ouviu o suspiro da mulher e perguntou-se em que estaria a pensar. Provavelmente estava a imaginar mais formas de se manter desapegada daquele casamento. Era motivo para rir, mas é claro que não tinha achado isso quando tinham conversado. Ali estava ele a aceitar uma esposa pela primeira vez na vida e ela não queria mais do que ser uma amante, e nem sequer uma amante possessiva. Será que não sentia nada por ele ao ponto de o deixar ir com indiferença dos braços dela para os braços de outra mulher? Se quisesse continuar a sua vida de mulherengo, tinha-se mantido solteiro.

Foi talvez meia hora depois que o estampido de uma pistola desfez o silêncio da hora avançada e a carruagem se deteve com um solavanco. Roslynn endireitou-se bruscamente, pestanejando repetidamente para despertar, a tempo de ouvir a imprecação suave de Anthony.

– Já chegámos? – perguntou ela, confusa, enquanto olhava pela janela e não via nada que não fosse uma escuridão negra como breu.

– Ainda não, minha querida.

– Então...

– Creio que estamos prestes a ser assaltados.

Os olhos dela voaram para os dele.

– Salteadores de estrada? Nesse caso, por que motivo está aqui parado, homem? Não vai fazer nada?

– Minha querida, estamos em Inglaterra e os assaltos são uma ocorrência tão comum que quase os podemos considerar donativos para os necessitados. Ninguém no seu juízo perfeito viaja por estas estradas à noite com alguma coisa de valor real. Esvaziamos os nossos bolsos e seguimos o nosso caminho, sem qualquer problema sério. Tudo estará terminado numa questão de momentos.

Ela fitou-o, chocada.

– É só isso o que tem para dizer? E se eu não quiser ser assaltada?

Anthony suspirou.

– Parto do princípio de que esta é a primeira vez que é assaltada?

– É claro que é! E estou abismada por conseguir ficar aqui sentado calmamente

sem fazer nada.

– E o que sugeria que eu fizesse quando não tenho uma arma à minha disposição?

– *Eu* tenho uma.

Ele agarrou-lhe o pulso quando ela estendeu o braço para a bota e o punhal escondido.

– Nem pense nisso – avisou ele.

– Mas...

– Não!

Roslynn recostou-se, zangada, fulminando-o com o olhar.

– É bonito ver um marido que não quer proteger a própria mulher de salteadores.

– Desista, Roslynn – respondeu ele impacientemente. – São apenas algumas libras e uns quantos adornos.

– E uma fortuna em joias na minha mala grande.

Ele lançou-lhe um olhar sério, fitou a mala no lugar à frente de ambos, a mesma mala que tinha deixado de forma descuidada na carruagem alugada na noite passada, e disparou com rispidez:

– Maldição! É *bem* possível que arraste consigo uma fortuna, não é? Muito bem. – Um exame rápido ao interior não inspirou qualquer estratégia. Os olhos dele detiveram-se em Roslynn especulativamente. – Atire a capa para trás por cima dos ombros... sim. – A profundidade do decote dela revelava a parte superior dos seios, mas o decote era bastante modesto, em comparação com outros que se podiam ver naquela época. – Agora, baixe um pouco o vestido...

– Anthony!

– Este não é o momento certo para modéstias ofendidas – explicou ele, aborrecido, ao mesmo tempo que passava para o lugar à frente dela. – Vai ser uma distração.

– Ah, bom, nesse caso...

– Já está suficientemente baixo, minha querida. – Ele franziu-lhe o sobrolho. – *Pode* não se importar se um número indeterminado de mulheres veem o meu corpo nu, mas eu não sou assim tão generoso no que diz respeito aos outros homens e aos seus atributos.

– Só estava a tentar ajudar – retorquiu Roslynn, irritada com a lembrança do acordo que insistira em fazer.

– Uma atitude louvável, mas queremos que o sujeito a devore com os olhos, e não que rebente com as calças.

– Rebentar com as calças dele? De que diabo está a falar?

Anthony sorriu, finalmente.

– Terei todo o prazer em demonstrar isso noutra altura.

Anthony podia ter dito mais, mas o salteador fez a sua entrada nessa altura, abrindo a porta com brusquidão e enfiando a cabeça no interior. Roslynn sobressaltou-se. Uma coisa era falar de ser assaltado mesmo enquanto o assalto

decorria, mas era outra completamente diferente ver-se cara a cara com o assaltante.

A carruagem elevava-se a uma certa altura do chão e só a parte superior do tronco do homem era visível na porta, um tronco enorme, com ombros grandes e maciços enfiados num casaco demasiado justo, um cabelo escuro e desgrenhado numa grande cabeça e um rosto oculto por um lenço sujo. Dedos gordos agarravam uma pistola velha e enferrujada, que também tinha sido impelida com violência na carruagem e apontada diretamente a Anthony.

Roslynn não conseguiu fazer nada a não ser olhar fixamente para a pistola, com o coração a martelar dentro do peito. Não fora assim que imaginara aquilo... Bom, na verdade, não tinha imaginado nada. Sem conhecer pessoalmente nenhum salteador de estradas, como poderia saber o quanto poderiam ser perigosos? Mas havia incitado Anthony a fazer alguma coisa, por isso a culpa seria dela se ele fosse baleado. E para quê? Por algumas joias estúpidas que eram substituíveis?

Olhou de relance para Anthony, perguntando-se como lhe podia dizer para esquecer aquilo, quando o salteador falou.

– Boa noite, meu senhor – disse ele, de forma agradável, com a voz abafada sob o lenço. – Foi simpático da sua parte ficar aqui sentado à minha espera, foi mesmo. Tive um pequeno problema com o meu cavalo depois de ensinar uma lição ao seu condutor. Mas agora vou libertá-lo do seu.

Foi então que o sujeito avistou Roslynn à luz ténue do interior da carruagem. Anthony precisou apenas de um momento para agarrar o pulso dele e puxá-lo com força para a frente, o que trouxe o rosto do homem diretamente contra o punho fechado de Anthony.

Aconteceu tudo tão depressa que estava tudo acabado antes de Roslynn ter tempo para ficar alarmada por Anthony ter agarrado a mão que tinha a pistola. O salteador, o patego incauto, perdera os sentidos, de cara no chão. E, da forma mais calma possível, Anthony pousou um pé nas costas dele para o impedir de deslizar pela porta enquanto lhe retirava a pistola dos dedos.

– Seja uma boa menina e fique aqui enquanto eu vou ver se ele estava sozinho ou tem camaradas aqui perto à espreita.

Antes de Roslynn conseguir dizer uma palavra, Anthony estava fora da porta, o salteador deslizou para fora pela outra e ela ficou sozinha na carruagem vazia, com as palavras a morrer-lhe nos lábios. Nunca se sentira tão assustada na vida, nem sequer por si própria. Ver Anthony em perigo foi uma revelação. Descobriu que não conseguia aguentar o *suspense*, à espera para ouvir se mais tiros eram disparados.

Felizmente, foi só uma questão de momentos até ele estar de volta, desta feita a sorrir.

– De acordo com o nosso condutor bastante abalado... parece que também foi o primeiro assalto dele... o sujeito estava sozinho.

O alívio de Roslynn irrompeu de forma explosiva:

– Em que diabo estava a pensar, a assustar-me daquela forma? Podia ter

morrido!

As duas sobranceiras de Anthony ergueram-se com espanto com a veemência das palavras dela.

– Minha querida, de que estava à espera quando exigiu que eu *fizesse* alguma coisa?

– Não queria que morresse por minha causa!

– Fico contente por ouvir isso – foi a resposta seca dele. – Mas agora já está feito, por isso já chega.

– Não me diga para...

Ele puxou-a bruscamente para cima do colo e abafou as palavras dela com um beijo firme. Pouco depois, o beijo transformou-se em dentadinhas suaves e, por fim, ele sorriu-lhe.

– Assim está melhor. Agora já tem outra coisa em que pensar e pode ter a certeza de que vamos continuar isto mais tarde. – Pousou-a com cuidado no lugar ao lado dele e agarrou na garrafa de champanhe. – Mas, neste momento, preciso de mais uma bebida. Pode voltar a dormir.

– Como se fosse capaz disso – retorquiu Roslynn, mas a fúria perdera o vigor.

– É melhor tentar, querida, porque prometo-lhe que não vai ter muita oportunidade de dormir mais tarde.

Roslynn não respondeu, mas esperou até Anthony se recostar de novo com um copo na mão para se aconchegar a ele. O batimento cardíaco regressara ao normal, embora tivesse preferido não passar por aquela experiência. Era a sua noite de núpcias, pelo amor de Deus. Coisas daquelas simplesmente não aconteciam numa noite de núpcias.

Sentindo-se rabugenta por ter ficado tão assustada por nada, disse:

– Da próxima vez, não me preste atenção e não seja tão heroico. As joias não eram *assim* tão importantes.

– Talvez, mas como seu marido seria a mim que me caberia substituí-las e eu preferia não fazer uma mocha tão grande no meu bolso.

– Então, *sempre* se casou comigo pelo meu dinheiro?

– Por que outro motivo o faria?

O tom dele estava carregado de tanta ironia que ela ergueu o olhar para ele e viu os olhos fixos no corpete do seu vestido, que ainda não tinha subido. Quase soltou uma gargalhada. Que outro motivo teria ele, na verdade? O homem era um libertino sem remédio, mas ela sabia isso, sabia que não havia qualquer esperança de o mudar.

Roslynn suspirou, perguntando-se momentaneamente se devia dizer-lhe que se isso fosse verdade, ia ficar agradavelmente surpreendido. O contrato de casamento era bastante generoso para com ele. E embora fosse óbvio que Anthony estava numa boa situação financeira, ao ponto de não ter de trabalhar para viver, continuava a ser um quarto filho e não era possível que fosse suficientemente rico para menosprezar o que ela lhe trouxera através do casamento.

Tinha de lhe dizer isso, mas não naquele momento. A excitação da tentativa de

assalto esgotara-a. Passados momentos, voltou a adormecer profundamente.

Anthony abanou Roslynn para a despertar quando saíram de King's Road e viraram para Grosvenor Place. Estavam a aproximar-se de Piccadilly, onde ficava a casa dele, em frente a Green Park. Tinha esperanças de que James ainda estivesse fora a desfrutar do serão e que Jeremy estivesse na cama, porque, àquela hora tardia, a última coisa que lhe apetecia fazer era ter de dar explicações melindrosas. Além disso, passara toda a viagem de regresso, exceto a curta interrupção do saltador de estrada, a contemplar os encantos da sua cama. Não podia esperar muito mais.

Roslynn estava completamente alheia a tudo isso. Dormira profundamente daquela segunda vez e parecia não ser capaz de despertar o suficiente para apreciar o facto de que tinham finalmente chegado. Só queria continuar a dormir. Todos os pensamentos relativos à noite de núpcias, ao novo marido, a seja o que for, estavam bem distantes. E ainda assim, alguém continuava a abaná-la.

Anthony ficou sem saber o que fazer quando Roslynn apenas soltou um gemido irritado e lhe deu uma palmada na mão, afastando-a e recusando-se a abrir os olhos. Por norma, as mulheres não dormiam na sua presença, por isso não estava habituado a lidar com uma que se recusava a acordar. Sugerira uma sesta para ela se sentir revigorada, não para ficar inconsciente a noite toda, por amor de Deus.

Tentou de novo.

– Vamos, minha cara, ou já se esqueceu de que dia é hoje?

– Hum?

– O repicar dos sinos de casamento fazem-na lembrar alguma coisa? Ou um marido a imaginá-la a vestir qualquer coisa transparente e sensual exclusivamente para o prazer dele?

Ela bocejou, mas conseguiu endireitar-se, piscando os olhos várias vezes antes de os esfregar de forma infantil para afastar o sono.

– Eu não viajo com nada semelhante a *isso*.

Anthony sorriu para si próprio. Pelo menos, a mente dela estava finalmente a funcionar, ainda que demorasse a perceber que ele estava brincar.

– Não se preocupe, minha cara. Mande-i ir buscar as suas coisas esta manhã.

Aquilo acordou-a num ápice.

– Não acredito! Foi insensato fazer isso quando ainda nem sequer sabia se eu me casaria consigo. O Geordie podia estar à espreita e à espera disso para as poder seguir e descobrir o meu paradeiro.

Anthony tinha muitas esperanças de que aquilo fosse verdade. Fora exatamente por isso que dera aquela ordem. E, com alguma sorte, o homem que encarregara de seguir os «seguidores» teria uma morada para lhe dar no dia seguinte. Mas relativamente à preocupação dela, deu uma pequena risada.

– Eu sei que não é todos os dias que se torna numa noiva, querida, mas é um pouco desconcertante, para não falar de um golpe pesado para o ego, o facto de

estar sempre a esquecer-se da mudança do seu estado civil. Agora é uma mulher casada. Quanto mais cedo o seu primo souber isso, mais cedo deixará de ser um problema para si.

O sorriso começou de forma hesitante, mas desabrochou numa expressão de prazer ofuscante.

– Isso é verdade, não é? Estou tão habituada a esconder-me do Geordie, que acho que vou demorar um pouco a conseguir desconstrair agora que já não sou obrigada a isso. Está feito. Estou livre.

– Não exatamente livre, minha querida.

– Não, não quis dizer...

– Eu sei. – Ele segurou-lhe no queixo. – Mas a verdade é que é minha agora, e estou a descobrir muito depressa o marido conservador e possessivo que posso ser.

Era uma afirmação completamente absurda, mas Roslynn tinha a certeza de que ele estava a gracejar, como era seu hábito. Se e quando ele tratasse um assunto de forma séria, o mais provável era desmaiar com o choque sofrido.

Com um pensamento novo em mente, perguntou:

– Anthony, por que razão insistiu em regressar a Londres esta noite?

Os olhos dele brilharam, divertidos.

– As noivas já estão suficientemente nervosas na noite de núpcias. Achei que se ia sentir mais à vontade numa cama com a qual já está familiarizada.

Ruborizada, Roslynn sussurrou num fio de voz:

– Estava a pedi-las.

– Estava, sim.

– Mas também falou em barulho.

– Falei? Não pense nisso. Gostando ou não, vamos ser muito silenciosos.

Estava a fazer troça dela mais uma vez. Roslynn não tinha a certeza se aquilo lhe agradava naquela noite. Não sabia se alguma vez se ia habituar a isso, às alusões a respeito das relações conjugais. Mas naquela noite...

Abriu a boca num bocejo, Anthony fez um sorriso rasgado e a carruagem deteve-se.

– Finalmente – disse ele e saltou para fora sem esperar pelo degrau da carruagem. – Venha, minha querida e eu vou fazer o possível por a levar ao colo para dentro de casa.

Ela aceitou a mão dele e foi erguida da carruagem.

– Não é necessário...

– Deixe-me desempenhar o meu papel – interrompeu ele, ao mesmo tempo que a tomava nos braços. – No fim de contas, devem ter inventado este costume bizarro por alguma razão. Talvez para que a noiva não tivesse hipótese de escapar?

– Que disparate. – Ela soltou uma pequena risada, passando um braço à volta do pescoço do marido. – O mais provável é que tenha começado por algumas noivas terem desmaiado na soleira da porta e depois terem de ser levadas para dentro nos braços de alguém.

– Apenas algumas? – provocou ele. – Garanto-lhe que a ignorância em torno

do leito matrimonial é mais comum do que isso. As mães simplesmente não têm coragem para discutir esse tipo de coisas nos dias de hoje, sabe. É uma pena, porque torna a tarefa dos pobres noivos estupidamente difícil, a ter de aliviar medos e nervosismos quando preferiam passar diretamente ao desfloramento.

– Anthony! – exclamou ela, embora fosse difícil não sorrir perante o sorriso malicioso dele. – Tem *mesmo* de dizer esse tipo de coisas? – Mas depois acrescentou, para ficar com a última palavra: – Além disso, algumas noivas não têm mães que as possam esclarecer.

– Ah, agora está levar as coisas a peito. – Ele estendeu a mão para a porta e bateu nela com força antes de lhe lançar um olhar terno. – Mas a Roslynn não estava assustada, pois não, querida?

– Não me deu propriamente tempo para ficar assustada – admitiu ela, sentindo o rosto a aquecer com um novo rubor.

– E agora que sabe do que se trata?

– Acho que estou a começar a sentir um desmaio.

Ele desatou às gargalhadas, mas disfarçou-as com uma tosse súbita quando a porta se abriu e Dobson, com uma expressão estoica, os fitou. Roslynn ficou um pouco desapontada por o homenzinho parecer tão pouco impressionado, como se estivesse acostumado a encontrar o patrão à porta com uma mulher nos braços. Mas ficou apaziguada um momento depois quando passaram por ele e apanhou a expressão desprevenida de Dobson. Assim era melhor, espanto ao extremo. Ela escondeu o sorriso contra o ombro de Anthony.

No entanto, ao concentrar-se no mordomo, não viu James Malory a entrar no átrio, com uma bebida na mão. Se ficou surpreendido, não o mostrou. A voz que atraiu a atenção de Roslynn era igualmente neutra.

– Parece-me que não devia estar a testemunhar isto.

– Tinha esperanças de que não o fizesses – retorquiu Anthony, sem abrandar o passo na direção das escadas. – Mas visto que foi isso que aconteceu, mais vale saberes que eu me casei com a rapariga.

– Que diabo estás a dizer?

– É verdade. – Roslynn soltou uma pequena risada, encantada com a reação dele, mais ainda do que com a de Dobson. – Acha que eu ia permitir que qualquer um me levasse ao colo para dentro de casa?

Anthony estacou de súbito, ele próprio deveras espantado por ter sido capaz de tirar do sério aquele irmão em particular.

– Santo Deus, James, esperei a vida inteira para te ver sem palavras. Mas compreendes se eu não ficar à espera que recuperes, não é? – E não esperou, continuando o seu caminho.

No cimo das escadas, Roslynn sussurrou, com uma voz risonha:

– Não devíamos ter feito aquilo, pois não?

– Nem por sombras, minha querida – discordou ele prontamente. – Se quero estar consigo sem interrupções durante um bom bocado, fazer o meu irmão ficar sem palavras não só foi necessário, como impagável. Vamos ser bombardeados

com os votos de felicidades e perguntas intermináveis da família muito em breve. – No interior do quarto, encostou-se contra a porta e suspirou. – Finalmente a sós.

Antes de Roslynn poder dizer alguma coisa, ele deixou cair as pernas dela, voltando-a para si ao mesmo tempo. Ela acabou praticamente deitada em cima dele, uma posição que ambos saborearam durante longos momentos enquanto ele lhe mordiscava suavemente os lábios.

As costas dos dedos dele acariciaram-lhe a face, fazendo com que os seus olhos se abrissem lentamente. Os olhos dele tinham escurecido e as pálpebras estavam pesadas com a paixão que sentia. E a voz dele era igualmente uma carícia, com um hálito quente junto aos lábios de Roslynn.

– Já parou para pensar que esta é a única noite da sua vida em que todos sabem que tenciona fazer amor? Ah, querida, adoro quando cora para mim.

– É uma coisa que comecei a fazer muito recentemente, desde que o conheci.

Por alguma razão, aquela resposta rouca pôs em polvorosa os sentidos de Anthony. Afastou-a dele, com as mãos a tremer e um resmungo suave a subir na garganta.

– Fui um idiota por ter esperado tanto tempo. Dou-lhe cinco minutos para fazer o que quer que tenha de fazer, mas, por amor de Deus, tenha pena de mim, Roslynn, e esteja na cama quando eu voltar.

– A usar alguma coisa transparente e sensual?

– Céus, não! – exclamou ele. – Acho que não ia conseguir suportar isso agora.

Com aquelas palavras, ele desapareceu no quarto de vestir, deixando Roslynn com um sorriso tonto nos lábios e uma sensação de calor e de expectativa a dar-lhe voltas ao estômago. Fizera-o mesmo perder o controlo daquela forma? Extraordinário. Mas ela própria não era um exemplo de serenidade. Saber o que ia acontecer era muito diferente de não saber. Tornava tudo mais fácil. Havia uma ansiedade impaciente. Mas continuava a ser demasiado inexperiente para não se sentir um pouco nervosa também.

Os seus dedos foram bastante desajeitados ao despir as roupas, embora tenha concluído rapidamente essa tarefa. O seu coração batia a um ritmo anormal. Os seus ouvidos estavam atentos à porta, esperando ouvi-la a abrir-se. Depois de subir para a cama, estava indecisa se devia puxar o lençol por cima dela completamente ou deixá-lo apenas parcialmente dobrado. A modéstia venceu, por agora. Perguntou-se se a frequência iria ajudar, se acabaria por conseguir um determinado distanciamento. Com Anthony, duvidava disso. Era mais provável que aquilo se transformasse num hábito.

Ele vestia um longo robe de veludo escarlata quando finalmente regressou. Com um embaraço intenso, Roslynn deu-se conta de que nem sequer se lembrara de vestir uma camisa de noite. Esta não ia ficar vestida durante muito tempo, mas não seria indecente uma mulher esperar nua na cama pelo seu marido? Talvez não – pelo menos, não naquela noite. E o sorriso apreciador de Anthony quando se aproximou da cama dizia que aprovava sem hesitação a decisão dela.

– Posso? – Ele sentou-se ao lado dela e começou a retirar-lhe os ganchos do

cabelo.

Roslynn tocou numa madeixa ruiva dourada que caiu no ombro.

– Esqueci-me.

– Fico feliz por isso.

Ele estava realmente feliz. Adorava o cabelo dela, adorava tocá-lo e enfiar os dedos nele. Depois de pôr de lado os ganchos, massajou-lhe o couro cabeludo até os olhos dela se fecharem e um sorriso sonhador lhe surgir nos lábios.

– Isso é bom – murmurou ela suavemente.

– É? E isto?

Os lábios de Anthony encostaram-se à frente dela, deslizando até se deterem na boca para um beijo longo e profundo antes de continuarem a descer pelo pescoço num caminho que levou aos seios. Ondas de calor dispararam ao longo das terminações nervosas do corpo de Roslynn, fazendo-a arrepiar-se de prazer.

– Isso é *muito* bom – murmurou ela.

A risada de Anthony estava plena de prazer.

– Querida, foi mesmo na noite passada que fizemos amor? Parece que passou uma eternidade entre o antes e o agora.

Ela estendeu um braço para lhe envolver a face com a palma de uma mão e acabou a passar um dedo pelos lábios dele.

– Apenas uma eternidade?

Ele disse o nome dela apaixonadamente antes de lhe agarrar o pulso e lhe beijar a palma da mão, sem desviar os olhos escuros dela. Uma corrente elétrica passou entre os dois, quente e latejante. E o olhar intenso de Anthony continuou a paralisá-la enquanto ele se libertava do robe, puxava com violência o lençol para baixo e cobria o corpo dela com o seu. A seguir, começou a beijá-la de forma tão longa e apaixonada que ela estava num estado de necessidade irracional quando Anthony finalmente a penetrou, de tal forma que o clímax dela foi imediato e transcendente e o seu grito de júbilo catapultou Anthony para um prazer intenso.

Num casulo de contentamento, Roslynn abraçou o corpo transpirado do marido, à espera que a respiração de ambos voltasse ao normal. Não tinha pressa para que ele se mexesse, por isso, agarrava-o com força. Isso não o teria mantido junto a ela, mas ele também não tinha qualquer pressa em mexer-se. Tinha a cabeça pousada no ombro dela, e o seu hálito soprava-lhe no pescoço, movendo o cabelo que estava ali e fazendo-lhe cócegas. Os seus braços ficaram com pele de galinha e ela sentiu um pequeno arrepio a atravessar-lhe o corpo, mas foi o suficiente para ele reparar.

– Acabei por me comportar como um noivo típico – disse ele, com um suspiro.

– Impaciente, apressado e agora, arrependido. – Apoiou o peso nos cotovelos, o que lhe provocou um pequeno estremecimento, porque as virilhas de ambos ficaram mais próximas. – Dou-lhe licença para me castigar, minha querida.

– Porquê?

– Bom, se não sabe...

– Porquê, Anthony?

– Pela minha falta de controlo, é claro. Um homem da minha idade e experiência não tem desculpa, por isso tenho de dizer que a culpa é sua. Faz-me perder completamente a cabeça.

– É assim tão mau?

– Vou deixá-la tirar as próprias conclusões daqui a pouco, quando fizer amor consigo a um ritmo menos apressado.

A gargalhada dela foi rouca e grave.

– Se eu não o conhecesse bem, diria que está à caça de elogios. Tenho a certeza de que sabe que o seu desempenho não foi medíocre. Muito pelo contrário. Foi maravilhoso.

Ele fez o sorriso que derretia tudo à sua passagem e que lhe provocava uma fraqueza fulminante em todo o corpo. Roslynn soltou uma exclamação abafada, separando os lábios, tentando-o a curvar-se e a beijá-los ao de leve.

Mas depois Anthony ergueu-se, surpreendendo-a ao tapá-la com o lençol e recuperar o robe do lugar onde o deixara cair despreocupadamente no chão. Sentou-se na ponta da cama, mas a alguma distância dela, o que a devia ter posto de sobreaviso.

Com um suspiro fingido, disse:

– E agora, chegou o momento do barulho.

Os olhos cor de avelã de Roslynn fitaram-no espantados.

– O barulho?

– O mau génio escocês em toda a sua glória.

Roslynn sorriu-lhe, a pensar que ele estava mais uma vez a gracejar com ela.

– Vou perder a cabeça, nesse caso?

– É mais do que provável que sim, visto que a honra me obriga a dizer-lhe que lhe menti hoje.

O bom humor dela desapareceu instantaneamente.

– Acerca de quê?

– Não consegue adivinhar, minha cara? Não tenho qualquer intenção de manter uma amante agora que estou casado. Isso iria contra toda a finalidade do casamento, não acha?

– Mas o Anthony concordou!

O sorriso dele foi de pura satisfação masculina.

– Posso dizer com toda a segurança que teria concordado com qualquer coisa hoje para a tornar legalmente minha, até colocar isso por escrito, coisa que, felizmente, não se lembrou de exigir.

Roslynn fitou-o incrédula, com uma raiva quente a dissolver a languidez que se apoderara do corpo. Sentia-se enganada, traída. Estava furiosa.

– Casou-se comigo de má-fé!

– Eu casei-me consigo de boa-fé.

– Ofereci-lhe uma situação ideal, homem!

– Uma situação que eu não pedi nem quero. E, minha querida, se pensar um pouco nisso, vai ver o quanto a sua exigência foi absurda. Não me pediu para se

casar comigo, fui eu quem a pediu em casamento, e fica a saber que nunca fiz isso antes. Nem é uma coisa que teria feito de ânimo leve. Tive amantes suficientes para a vida inteira. O que eu quero agora é uma esposa.

Era ridículo o quanto ele estava calmo ao lado da fúria dela, obrigando-a a baixar a voz.

– Diz isso agora, mas e no próximo mês, ou no próximo ano? Não tarda muito, os seus olhos vão começar a vaguear de novo.

Anthony fez um sorriso irônico, com plena consciência de que isso iria enfurecê-la ainda mais.

– Os meus olhos têm andado a vaguear, como diz, durante os últimos dezanove anos. Deixe-os descansar, Roslynn. Eles pousaram em si e não querem continuar a andar.

Os olhos dela semicerraram-se até formar uma expressão fulminante de raiva.

– Então, acha que este é um assunto com o qual pode brincar, não é assim? Bom, deixe-me dizer-lhe...

Roslynn não teve oportunidade para isso. Ele estendeu os braços e agarrou-a pela cintura, arrastando-a por cima da cama e encostando-a ao peito. O lençol perdeu-se com isto, mas Roslynn estava demasiado zangada para reparar. Anthony não. E a nova agitação sob a cintura dele exigia que colocasse um fim naquela discussão em breve e voltasse aos prazeres da noite de núpcias. Que rapariga tontinha. Todo aquele alvoroço porque ele não queria mais ninguém além dela. Roslynn devia estar feliz por isso em vez de fazer aquela tempestade. Mas estava à espera daquilo e tinha uma resposta para ela.

– O que me diz a uma cedência de ambas as partes, querida? Continua a insistir que eu mantenha uma amante?

– Com mil diabos! Não é isso que tenho estado a dizer? – retorquiu ela.

– Muito bem. – Os olhos dele acariciaram-lhe a face, pararam nos lábios e a voz dele ficou mais grave. – Está preparada para desempenhar esse papel?

– Eu?

O sorriso irônico regressara, de forma desesperante.

– Quem mais? É a única mulher em que estou interessado de momento.

– A minha intenção não era essa, e sabe muito bem disso!

– Talvez, mas é o melhor que consigo fazer.

Roslynn não acreditou minimamente naquilo.

– Deve estar envolvido com alguma mulher neste momento.

– Sem dúvida. Várias, na verdade. Mas nenhuma delas podia ser chamada verdadeiramente de minha amante, minha querida. E para que saiba, não vejo nenhuma delas desde que a conheci. Mas isso não importa, pois não? O que importa é que não tenho nenhum desejo de levar qualquer uma delas ou outra mulher para a minha cama de novo. Não se vai conseguir livrar de mim.

– Anthony, fale a sério uma vez que seja! – implorou Roslynn, exasperada.

– Minha querida, nunca falei tão a sério na minha vida. Como é que eu posso fazer amor com outra mulher quando a Roslynn é a única que eu quero? É

impossível, sabe. O desejo não é uma coisa que possa ser comandada pela força de vontade. Ou será que não pensou nisso?

Ela estava a olhar para ele com confusão e ligeiramente fascinada, mas aquelas expressões transformaram-se rapidamente num semblante carregado de lábios crispados.

– Mas isso não significa que não vai acabar por ver alguém que seja do seu agrado.

Anthony soltou um suspiro cansado.

– Se esse dia chegar, prometo-lhe, Roslynn, não vai fazer qualquer diferença. Só terei de a imaginar, aqui, desta forma, para ser um homem satisfeito.

Ela fez um som bastante próximo de um resmungo incrédulo.

– Muito bem dito, admito. Mas está a esquecer-se de que não me ama.

Ele atirou-a de volta para cima da cama e cobriu rapidamente o corpo dela com o seu.

– Nesse caso, vamos examinar aquilo que sinto, está bem? – A voz dele assemelhava-se a um ronronar, mas era óbvio que tinha perdido a paciência com ela. – Existe desejo em abundância. Tem sido um verdadeiro inferno manter as mãos longe de si até agora. Existe um sentimento de posse exagerado, coisa que descobri muito recentemente em mim. Existem ciúmes, que duram há semanas. – Anthony ficou espantado quando os olhos dela se arregalaram. – Não me diga que consegui surpreendê-la, minha cara...

– Teve ciúmes? De quem?

– De praticamente toda a gente, até do meu maldito irmão. E mais vale ficar a saber, já que estamos a falar nisso, que os cavalheiros que estava a ponderar para o casamento eram todos muitíssimo adequados, com exceção do Fleming, que tem realmente uma inclinação homossexual. Foram mentiras atrás de mentiras, Roslynn, porque não fui capaz de suportar a ideia de qualquer um deles a ter.

Ele prendeu-a com os braços naquele momento, porque estava convencido de que ela se ia tornar violenta depois daquela confissão em particular. Mas Roslynn ficou completamente imóvel, com a raiva por aquilo que ele tinha feito suplantada por um espanto absoluto.

– Então tem de... sentir alguma coisa por mim, certo? – A voz dela era suave como um murmúrio e hesitante.

– Com mil diabos! – explodiu finalmente ele. – Teria casado consigo se não sentisse?

Nada intimidada, Roslynn lembrou-o:

– Casou-se comigo para me ajudar a sair de uma situação horrível, e estou-lhe grata por isso.

Anthony fechou os olhos por um momento, agarrando-se ao seu autocontrolo. Quando os abriu, exibiam um clarão duro. Mas a voz dele foi comedida, se bem que um pouco arrogante:

– Minha querida, se apenas a quisesse ajudar, como disse, podia ter provocado a morte precoce do seu primo incómodo sem grandes dificuldades. Mas eu queria-a

para mim, é tão simples como isso. – O tom dele mudou, tornou-se severo. – E se me diz mais alguma vez para desfrutar de outras mulheres quando isso é o completo oposto daquilo que eu quero, vou encarnar o papel de um marido medieval e dou-lhe uma valente tarefa. Fui claro? Não vai haver outras mulheres, nem agora, nem nunca!

Ele esperou que o mau génio dela explodisse de novo. Em vez disso, foi brindado com um sorriso, um sorriso muito belo que chegou aos olhos dela, iluminando os laivos dourados que lá existiam.

Anthony não sabia o que pensar daquela mudança súbita até ela declarar:

– Não tinha dito que ia fazer qualquer coisa a um ritmo menos apressado? Eu é que devia avaliar...

O riso dele interrompeu-a, profundo e exultante.

– Nunca mude, querida, não a queria de outra forma.

E tratou de a possuir como preferia, com a total cooperação e deleite de Roslynn.

— Ora, o que é isto? Está aí sentada a sorrir sozinha?

Roslynn voltou ligeiramente o espelho que tinha na mão e apanhou o reflexo de Nettie atrás de si. O seu sorriso ampliou-se e os olhos, já brilhantes, tentaram adotar uma expressão inocente quando deu meia-volta no banco.

— Estava a sorrir? Não imagino porquê.

Nettie soltou um resmungo desconfiado, mas os lábios dela também estavam a tremer nos cantos.

— Está contente consigo própria, não está?

Roslynn desistiu de fingir.

— Sim! Oh, Nettie, nunca pensei que podia ser assim tão feliz!

— Sim, não é para admirar. Consegui prender um homem bem bonito. Mas tinha de fazer dele um segredo assim tão grande?

— Não houve segredo nenhum. Ele não estava propriamente em consideração, Nettie. O facto de ele me ter pedido em casamento foi uma surpresa tão grande para mim como foi para toda a gente.

— Bom, desde que esteja feliz com ele, é só isso que podia pedir e é muito mais do que esperava, com toda a pressa que havia. Nem sequer tem importância o facto de esta casa ser tão despida e os criados uns snobes malcriados.

Roslynn soltou uma pequena risada.

— Já conheceste o Dobson?

— Sim, aquele patego. Que nariz empinado. Mas não é de admirar que ele seja assim tão presumido, porque está à frente de todos os criados da casa. Não há nenhuma governanta, nenhuma mulher a trabalhar aqui, a não ser duas criadas que vêm à casa várias vezes por semana para limpar. Até o cozinheiro é um homem e é mais um emproado a viver debaixo deste teto.

— Estou a ver que tens algumas queixas, Nettie. Mas não leves isso tão a peito. Estás a esquecer-te de que esta era a casa de um homem solteiro até agora. Estou certa de que o Anthony não se vai opor se quisermos fazer algumas alterações. Temos de comprar mobiliário novo. — Depois de falar, olhou em volta do seu novo quarto, a imaginar uma forma de lhe dar o seu toque. — Contratar criados novos. Vamos estar ocupadas nas próximas semanas, podes ter certeza disso.

— Não se ponha a gastar de forma desalmada por minha causa. E lembre-se de que agora tem um marido a quem tem de perguntar antes de se pôr a gastar o dinheiro dele. Essas criaturas são esquisitas em relação a isso.

— Não te apoquentes tanto, Nettie. Não vou usar o dinheiro *dele* quando tenho tanto dinheiro à minha disposição.

— É melhor falar primeiro disso com ele, menina. Os homens costumam ser teimosos no que diz respeito a querer pagar as contas da mulher, sabe? O problema é que é senhora de si própria há demasiado tempo, mesmo antes de o Duncan, que Deus o abençoe, ter falecido. Mas agora está casada. Tem de fazer cedências e as

coisas de forma muito diferente se quisesse manter a paz entre os dois. – Bateram à porta nesse momento e Nettie explicou: – Deve ser a água do seu banho. Está com pressa para se juntar ao seu marido para almoçar, ou temos tempo...

– Temos tempo de sobra, Nettie. O Anthony saiu, creio eu. – Roslynn corou naquele ponto. – Ainda estava meio a dormir quando ele me disse. Mas mencionou qualquer coisa acerca de um passeio matinal a cavalo e de tratar de alguns assuntos. Não espero vê-lo de volta antes do jantar, por isso posso passar o dia a familiarizar-me com a casa e os criados. E tenho mesmo de enviar um bilhete à Frances a contar-lhe o que aconteceu. – Depois de dormir tão pouco na noite passada, Roslynn achou que aquelas eram prioridades suficientes para um dia.

Uma hora depois, a usar um vestido fresco de musselina com um padrão de flores primaveris amarelas e cor-de-rosa num fundo bege, Roslynn saiu do quarto de Anthony, o quarto de *ambos* agora, e começou a atravessar o pequeno corredor. Tinha visto muito pouco daquela casa da última vez que lá estivera, assim como na noite passada, mas isso seria corrigido em breve. Ia precisar da ajuda de Dobson. Como estavam lá a residir outros Malory, não podia começar a abrir portas indiscriminadamente.

Pensou momentaneamente nos outros dois ocupantes da casa, o irmão e o filho de Anthony. Perguntou-se se o marido iria admitir agora que Jeremy Malory era filho dele. Não havia qualquer razão para continuar a negá-lo, pelo menos em relação a ela. Ele era um belo rapaz, um rapaz de quem se podia orgulhar, e a imagem do pai. Na verdade, era ridículo Anthony negar-lhe a herança quando bastava olhar para Jeremy para saber quem era o seu pai.

Teria de criar uma relação de amizade com o rapaz, mas não antecipava qualquer dificuldade. James Malory era outra questão. Não havia motivo para estabelecer uma relação demasiado próxima com ele e todos os motivos para não o fazer. Devia contar a Anthony que James a beijara uma vez? Talvez ele já soubesse. Ele *afirmara* ter sentido ciúmes do irmão.

Roslynn sorriu, ao lembrar-se da conversa disparatada dos dois na noite anterior. Não sabia como é que ele tinha feito aquilo, mas deixara-se convencer que Anthony ia ser um marido maravilhoso. Todas as suas ideias preconcebidas e enraizadas a respeito de libertinos foram postas de parte. Ele ia ser fiel. Sentia isso, acreditava nisso agora com todo o coração e estava exultante. O que mais podia ter pedido do que ter Anthony Malory só para ela? O amor dele, lembrou a si própria. Mas esse dia ia chegar. Ia chegar. Tinha de chegar.

– Com a breca, o que *está* aqui a fazer?

Roslynn deteve-se no cimo das escadas. Jeremy Malory, a meio da subida, estacou abruptamente também, com a boca aberta e arredondada de espanto depois de lançar a sua pergunta. O lado travesso de Roslynn decidiu dar um ar da sua graça, tendo em conta que era óbvio que ele ainda não sabia do casamento.

– Passei cá a noite, não sabia?

– Passou cá a noite? – repetiu ele.

– Sim, e estou a pensar em mudar-me para cá.

– Mas... Mas só vivem homens solteiros aqui!

– Mas há imenso espaço, não acha? E esta casa está a precisar de um toque feminino.

– Está? – disse ele, perplexo, antes de abanar a cabeça. – Mas isso não seria respeitável, pois não? Isto é, é uma senhora... bom, sabe a que me refiro. Simplesmente não seria respeitável.

– Não? – Roslynn sorriu. – Nesse caso, terei de falar com o seu pai. Foi ele que insistiu para eu ficar.

– *Foi?* – Jeremy quase se engasgou. – Com mil diabos, ele foi demasiado longe agora! O tio Tony vai aos arames. Ele também a tinha debaixo de olho. Com a breca, o mais provável é pôr-nos daqui para fora agora.

– Jeremy – começou ela a dizer suavemente, pondo de lado a farsa. Não sabia que ele ia ficar tão transtornado. – Não é preciso manter as aparências. Eu sei que o Anthony é o seu pai. E peço desculpa por ter brincado consigo dessa forma. Vou ficar porque me casei com o seu pai ontem. Ele devia ter-lhe dito.

A boca dele escancarou-se de novo, mas agora ele foi mais rápido a recuperar.

– Quando diz o meu pai, está-se a referir... ao Anthony? Casou-se com Anthony Malory?

– Não precisa de ficar assim *tão* surpreendido.

– Mas... não acredito nisto. O Tony casado? Não é possível.

– E porque não, posso saber?

– É simplesmente impossível. Ele é um solteiro inveterado. Tem todas as mulheres que pode querer a persegui-lo. Para que precisaria ele de uma esposa...

– Cuidado, rapazinho – advertiu-o Roslynn, de forma hirta. – Está muito perto de me insultar.

As faces dele incendiaram-se.

– Eu... eu peço-lhe desculpa, Lady Chadwick. A sério, não tinha qualquer intenção de a ofender.

– Agora é Lady Malory, Jeremy – declarou Roslynn, erguendo a mão à frente dele e batendo ao de leve na aliança. – A cerimónia realizou-se na noite passada em Silverley, com a sua prima Regina como testemunha. Por isso, mais vale acreditar no que lhe digo, rapaz. Não tenho motivos para mentir acerca disso e pode perguntar ao seu pai assim que ele chegar a casa.

– O meu pai também estava lá?

Roslynn suspirou.

– Como é que ele não podia estar no seu próprio casamento?

– Não, referia-me ao James. Ele é mesmo o meu pai, sabe.

Foi a vez de Roslynn ficar surpreendida, porque Jeremy parecia demasiado sincero para estar a mentir naquele momento.

– Mas é tão parecido com o Anthony!

– Eu sei. – Ele sorriu. – Mas a Reggie também é, assim como a Amy, a filha do tio Edward. E a minha tia Melissa, a mãe da Reggie, também se parecia connosco, embora nunca a tenha conhecido. Ela morreu quando a Reggie ainda era bebé.

Todos os outros Malory são loiros. Só nós os cinco é que saímos à minha bisavó Malory.

– Estou a ver que tenho muito a aprender acerca desta família. São tantos Malorys!

– Quer dizer que ele se casou mesmo consigo? Mesmo?

– Sim, Jeremy, ele casou-se mesmo comigo. – Ela sorriu, descendo alguns degraus para lhe dar o braço. – Venha daí que eu conto-lhe tudo. O James, o seu pai, estava aqui na noite passada quando o Anthony me trouxe ao colo pela porta. Se acha que *ficou* surpreendido, devia ter visto a cara dele.

– Aposto que sim. – O riso dele era muito grave para alguém tão jovem, mas contagiante.

Quando Anthony e James entraram na taberna e pararam para olhar para a sala apinhada, ocorreu o mesmo fenômeno que acontecera repetidamente ao longo da tarde. Um a um, os ocupantes repararam neles, acotovelaram as pessoas ao lado e a sala começou a ficar silenciosa, até o silêncio ser tão palpável como a nuvem de fumo que flutuava acima das mesas gastas.

A ralé das docas não apreciava que as classes mais altas invadissem o seu território e por norma havia sempre um indivíduo em maré de azar repleto de ressentimento pelas classes mais altas, que se lançava numa altercação com os incautos curiosos pelo modo de vida das classes mais baixas, ou seja, todos os cavalheiros bem vestidos que por lá apareciam. Podia ser o ponto alto de uma noite, uma oportunidade para as classes mais baixas saborearem uma pequena vingança das pessoas ricas que achavam que tinham o direito de as explorar, ao limpar o chão com os corpos derrotados dos nababos e lançá-los para a rua meio mortos, e por vezes, verdadeiramente mortos.

Mas o tamanho daqueles dois nobres fez pensar duas vezes até os brutamontes mais belicosos que estavam presentes. Não se pareciam nada com os dândis que achavam piada à ideia de frequentar estabelecimentos que desdenhavam à luz sóbria do dia. Não, era óbvio que aqueles dois eram de uma qualidade diferente, e a aura ameaçadora que os rodeava conseguiu penetrar até os cérebros mais embrutecidos pela bebida. Quem pensou por momentos em causar problemas mudou de ideias rapidamente ao olhar pela segunda vez para eles e continuou a beber e a divertir-se, determinado a ignorar aqueles nababos em particular.

O silêncio durara talvez vinte segundos. Anthony nem sequer reparou nisso desta vez. Estava cansado, frustrado, e um pouco ébrio, tendo em conta que tinham pedido bebidas em cada uma das nove tabernas em que entraram para interrogar os proprietários. James reparou e repreendeu-se mais uma vez por não se ter vestido de forma adequada para aquela missão. As roupas adaptavam um homem aos elementos à sua volta e as deles eram claramente desajustadas àqueles elementos. Mas como podiam eles saber que aquilo se ia tornar numa missão que duraria o dia inteiro?

Anthony estava a decidir que já era suficiente para um dia quando os seus olhos pousaram numa mancha de cabelo ruivo vivo. Olhou para o irmão e voltou os olhos para o bar. James seguiu a direção indicada e também viu o indivíduo. O cabelo ruivo não fazia dele Geordie Cameron, mas aumentava as hipóteses de ele ser escocês. James suspirou, com esperança de que aquilo ditasse o fim da sua busca. Buscas infrutíferas não eram a sua forma preferida de passar o tempo.

– E que tal ocuparmos aquela mesa perto do bar e vermos o que conseguimos ouvir? – sugeriu James.

– E se eu for simplesmente perguntar-lhe o nome? – contrapôs Anthony.

– Os homens da laia dele não gostam de ser interrogados, meu caro. Por norma,

todos eles têm uma coisa ou outra a esconder. Ainda não percebeste isso?

Anthony franziu o sobrolho, mas anuiu com a cabeça. James tinha razão. Tinham tido muito pouca cooperação da parte de todos aqueles que tinham interrogado naquele dia, mas que diabo, queria terminar aquilo para poder voltar para casa. Tinha uma esposa à espera e não era assim que se imaginara a passar o segundo dia do casamento.

O que devia ter demorado apenas algumas horas no máximo naquela manhã transformara-se numa comédia de exasperação. Anthony estava a explicar a James tudo acerca de Geordie Cameron, e o motivo pelo qual se casara com tanta pressa, quando o homem dele, John, interrompera o pequeno-almoço de ambos com a morada do sujeito, depois de ter seguido com sucesso os homens de Cameron até ao covil dele.

Devia ter sido a expressão de deleite predatório no rosto de Anthony que levara James a oferecer-se para o acompanhar. Não que Anthony tivesse realmente intenção de ferir seriamente o canalha. Não, ia apenas impressioná-lo com uma valente sova, dar-lhe a boa nova de que Roslynn estava fora do alcance dele, uma vez que não ia correr o risco de o anúncio de casamento de ambos nos jornais lhe passar despercebido, e mandá-lo para longe com um aviso para não a incomodar mais. Muito simples. Não precisava da ajuda de James, mas ficou contente com a companhia do irmão à medida que o dia foi avançando.

A primeira de uma longa lista de frustrações foi descobrir que Cameron tinha deixado vazios os aposentos que arrendara. O facto de só o ter feito na noite passada, quando Roslynn lhe escapara no dia anterior a esse, era interessante. Ou estava confiante de que ela não ia alertar as autoridades a propósito do seu rapto, ou era simplesmente estúpido. Em qualquer dos casos, tinha ficado mais esperto na noite passada e mudado de lugar. E tendo em conta que era muito cedo para ter descoberto acerca do casamento de Roslynn, Anthony duvidava que o sujeito tivesse desistido e regressado à Escócia, motivo pelo qual passara o resto do dia a perguntar por ele em todos os estabelecimentos de alojamento e tabernas nas vizinhanças, mas em vão.

Só tinha a descrição de Geordie Cameron fornecida pela dona da pensão onde se hospedara, mas era uma descrição que batia certo com o sujeito do bar. Alto, cabelo cor de cenoura, olhos azul-claros, apresentável e, oh, sim, muito bem-parecido, segundo Mrs. Pym. Anthony ainda não tinha visto os olhos e o facto de o sujeito ser bem-parecido ou não era uma questão de opinião, mas o resto correspondia à descrição, até no pormenor das roupas razoavelmente decentes que exibia. O homem tinha um acompanhante, talvez um dos homens que tinha a mando, ao seu lado, um indivíduo pequeno com um gorro de lã que enterrara tanto na cabeça que as feições dele permaneciam na sombra mesmo para alguém que estivesse ao lado.

Seja como for, estavam a falar um com o outro e a sugestão de James para escutar a conversa de ambos era sensata, apesar de a paciência de Anthony estar por um fio. Depois de todos os inconvenientes pelos quais passara naquele dia, já

não via com bons olhos uma simples sova, e ponderava com algum prazer uma alternativa de uma natureza mais permanente. Perdera o almoço, perdera o jantar, perdera a oportunidade de fazer amor com a mulher o dia todo. Esperava que Roslynn desse o devido valor aos esforços que fizera em prol dela.

Seguiu o irmão através da sala até chegar a uma mesa que já estava ocupada por dois homens de aspeto rude, e sentiu uma pequena parte do seu bom humor a regressar quando viu James a parar e a olhar fixamente para os indivíduos até estes deixarem apressadamente os lugares vagos.

– É espantoso como fazes isso, meu velho.

James fez um sorriso inocente.

– Fazer o quê?

– A forma como concentras intenções assassinas e tumultuosas nessas tuas pequenas órbitas verdes.

– Que culpa tenho eu se os sujeitos acharam que lhes tencionava fazer mal? Não era verdade, sabes. Sou o sujeito mais pacífico deste lado do...

– Inferno? – sugeriu Anthony com um sorriso sarcástico. – Ainda bem que o Connie não está aqui, senão ainda se engasgava de tanto rir com esse conto de fadas.

– Já chega, rapazote. Precisamos de uma bebida se não quisermos dar mais nas vistas do que já estamos a dar.

Anthony virou-se para procurar uma empregada e conseguiu mais do que estava à espera. A rapariga era curvilínea sem ser roliça, espantosamente bonita para um estabelecimento tão rude e tinha-se sentado ao colo dele, lançando-lhe braços suaves à volta do pescoço num convite flagrante. Tudo isto foi feito demasiado depressa para ele a desencorajar e ficou tão surpreendido com o gesto que, por momentos, ficou sem saber como se podia livrar dela.

James compadeceu-se dele, imensamente divertido com o dilema de Anthony.

– Escolheu o colo errado, minha jovem. – O tom seco fez a cabeça da empregada voltar-se na direção dele, e perante o seu olhar de espanto, James sorriu. – Tem diante de si uma das criaturas mais deploráveis do mundo, um homem casado, e, além disso, um homem com muitas preocupações na cabeça esta noite. Mas se quiser saracotear o seu bonito traseiro para este lado da mesa, pode vir a ter uma grande recompensa pelo seu incómodo.

A criada soltou risinhos com a crueza das palavras de James, palavras às quais estava habituada, mas que não esperava de um nababo com um aspeto tão elegante. Ainda assim, lançou um último olhar ansioso a Anthony, aquele que lhe fizera inicialmente arregalar os olhos quando os dois homens tinham entrado. Ele valia pelo menos mais uma tentativa, embora o outro fosse igualmente apelativo, agora que olhara melhor para ele.

Ignorou a expressão de desagrado na cara de Anthony, provocada pelas palavras de James, e enrolou o longo cabelo loiro à volta do pescoço dele para o puxar para mais perto de si ao mesmo tempo que, debaixo da mesa, sacudia as nádegas provocantemente no colo dele.

– De certeza que não está interessado, docinho? Gostava muito de...

Recuperando a perspicácia *demasiado* depressa, Anthony ergueu-a, pondo-a de pé, e deu-lhe um pequeno empurrão na direção de James.

– Fica para outra vez, meu doce – disse ele, com alguma amabilidade, mas os seus olhos estavam semicerrados quando olhou para a expressão divertida de James.

James não ficou minimamente perturbado. Agarrou na rapariga pela cintura, afagou-lhe o traseiro num gesto de promessa, sussurrou-lhe algumas palavras ao ouvido e despediu-se dela com um pedido de duas cervejas.

– Engraçaste com ela? – escarneceu Anthony.

– Quer este seja o teu homem, quer não, meu caro, por mim já chega por hoje. Mais vale ter alguma compensação pelo tempo perdido, e ela servirá na perfeição para isso.

Anthony sorriu finalmente.

– Sim, creio que sim. Mas por favor lembra-te de que colo é que ela preferiu.

– Pelos vistos, a tua vitória recente subiu-te à cabeça, rapaz. Odeio trazer-te de volta à realidade, mas é óbvio que precisas de ser recordado de que a única coisa que podes fazer agora é olhar, enquanto eu, por outro lado, ainda posso experimentar tudo aquilo que me apetecer.

– Não me vês a lamentar o meu estado, pois não?

– Lembra-te dessas palavras quando isso acontecer. As mulheres existem para serem saboreadas durante o momento presente. Qualquer coisa mais longa do que isso é uma ameaça à sanidade de um homem.

Anthony sorriu serenamente, muito embora aquela também fosse a sua opinião não há muito tempo. James não reparou. Os olhos dele tinham vagueado para os dois homens junto ao balcão absortos numa conversa deveras privada, particularmente para o sujeito mais baixo, e franziu o sobrolho, a fitar o pequeno traseiro mais adorável que já tinha visto agradecer uma anatomia supostamente masculina.

Anthony também ficou distraído um momento depois quando o homem ruivo, a menos de dois metros de distância, ergueu um pouco a voz. O sotaque escocês cerrado era indiscutível, lembrando-o à força do motivo pelo qual estavam ali.

– Já ouvi o suficiente – disse Anthony bruscamente, pondo-se rapidamente de pé.

James agarrou-lhe o braço, e falou entre dentes.

– Não ouviste nada. Usa o teu bom senso, Tony. Não temos forma de saber quantos destes sujeitos que estão aqui dentro podem estar a mando dele. Podemos muito bem esperar um pouco mais para ver se ele sai deste lugar.

– *Tu* podes esperar um pouco mais. Eu tenho uma esposa nova em casa que já está à minha espera há tempo suficiente.

Antes de ele dar outro passo, porém, James chamou em voz alta pelo nome Cameron, com esperança de que não houvesse resposta, visto que Anthony já não estava num estado de espírito racional. Infelizmente, teve uma resposta

impressionante, com ambas as personagens a darem meia-volta de imediato à procura na sala, um com receio e o outro com uma postura agressiva. Os olhos de ambos pousaram em Anthony quando com um abanão da mão ele se soltou de James e se aproximou deles em dois passos, mas só tinha olhos para o escocês alto.

– Cameron? – perguntou num tom enganadoramente tranquilo.

– Chamo-me MacDonell, homem, Ian MacDonell.

– Está a mentir – vociferou Anthony, segurando as lapelas do homem com os punhos e puxando-o para a frente e para cima, até os olhos de ambos estarem ao mesmo nível, a apenas alguns centímetros de distância.

Anthony apercebeu-se do seu erro demasiado tarde. Os olhos semicerrados que agora o fitavam furiosos eram cinzento-claros, não azuis. Mas no mesmo instante em que Anthony se deu conta disso, o homenzinho ao lado deles puxou uma faca da manga.

James interveio neste ponto, visto que Anthony estava demasiado focado no homem ruivo para reparar no acompanhante dele. Empurrou habilmente a faca para o lado, e foi atacado por isso, com punhos e pés a voar na sua direção. Seguiram-se muito poucos danos. O pequeno artista tinha tanta força como uma criança. Mas James não estava disposto a ficar ali parado a suportar o ataque contínuo dele. Sem qualquer esforço, deu meia-volta ao seu oponente e ergueu-o no ar. Por algum motivo, não ficou surpreso ao encontrar um seio cheio e suave colado à palma da mão.

Anthony olhara de relance para eles no início do alvoroço, mas agora os olhos dele arregalaram-se quando assimilou o queixo delicado, os lábios suaves e o pequeno nariz arrebitado. O gorro descera um pouco mais até cobrir completamente os olhos, mas as maçãs do rosto perfeitamente delineadas também eram deveras femininas.

A voz dele saiu um pouco alta com a surpresa.

– Santo Deus, *ele é* uma mulher!

James sorriu.

– Eu sei.

– Agora é que a fizeram bonita, seus miseráveis! – vociferou a rapariga para ambos quando vários homens voltaram as cabeças na direção deles ao ouvi-los. – Mac, faz alguma coisa!

MacDonell assim fez. Puxou o braço para trás e arremessou-o a Anthony. Anthony tomou rapidamente a decisão de não lutar, por muito que precisasse desse escape para soltar alguma frustração. Agarrou no punho e bateu ruidosamente com ele no balcão.

– Não há necessidade disso, MacDonell – declarou Anthony. – Cometi um erro. Peço desculpa.

MacDonell ficou desconcertado com a facilidade com que tinha sido desarmado. Não era muito mais pequeno do que o inglês, mas não conseguia erguer o punho do balcão por mais força que fizesse. E tinha a sensação de que,

mesmo que fosse capaz, não lhe ia servir de muito.

Prudente, o escocês acenou com a cabeça, indicando a sua concordância, e assim foi libertado. Mas a acompanhante dele ainda estava imobilizada e foi contra James que a sua agressão se voltou.

– Se souber o que é bom para si, vai largá-la, homem. Não o posso deixar tratar assim...

– Calma, MacDonell – interpôs Anthony num tom de voz baixo. – Ele não quer fazer mal à rapariga. Talvez seja melhor deixar-nos acompanhá-los até lá fora.

– Não há necessidade...

– Olhe à sua volta, meu caro homem. – James interrompeu o escocês. – Parece-me que há muita necessidade disso, graças à gafe em alto e bom som do meu irmão.

Dito isto, içou a rapariga para debaixo do braço e encaminhou-se para a porta. Os protestos dela foram suprimidos com um aperto firme em torno das costelas, e como MacDonell não ouviu qualquer queixa da parte dela, seguiu no encalço de James. Anthony fez o mesmo, depois de lançar algumas moedas para a mesa pelas cervejas que nunca tinham chegado. Olhou em volta da sala e viu que a maior parte dos olhos ainda estavam fixos em James e na rapariga, ou melhor, apenas na rapariga. Perguntou-se há quanto tempo estaria ela na taberna antes de o disfarce ter sido revelado. Não tinha importância. Vestida como estava com calças justas ao corpo, ainda que a camisola fosse extremamente larga, provavelmente não existia um homem ali que não tentasse alguma coisa se James não a estivesse a agarrar com firmeza.

Anthony achou que seria esperar muito conseguirem sair daquele lugar sem acontecer mais algum incidente. Conseguiu alcançar os outros só porque a empregada da taberna apareceu do nada, aparentemente, e se colou de forma possessiva ao braço de James, detendo-o.

Ao chegar perto deles, Anthony conseguiu ouvir a pergunta dela:

– Ora, não se vai já embora, pois não?

James, em vez de a enxotar, dirigiu-lhe um sorriso deslumbrante.

– Volto mais tarde, minha querida.

O rosto dela iluminou-se, e nem sequer desviou o olhar para o fardo que ele levava sob o braço.

– Acabo aqui o trabalho às duas da manhã.

– Nesse caso, até às duas.

– Duas já é uma a mais, no meu entender. – Estas palavras saíram da boca de um marinheiro entroncado que se tinha posto de pé e estava agora a bloquear o caminho de James até à porta.

Anthony suspirou, avançando até se colocar ao lado do irmão.

– James, será que queres pousá-la e tratar disto?

– Não particularmente.

– Também não me pareceu.

– Não se meta nisto, companheiro – avisou o marinheiro a Anthony. – Ele não

tem o direito de vir aqui e roubar não uma, mas duas das nossas mulheres.

– Duas? Esta pequena maltrapilha é sua? – Anthony fitou o fardo em disputa, que puxara o gorro de lã para cima o suficiente para conseguir ver e os fitava com um olhar assassino. Ele estava quase hesitante em pôr aquele olhar à prova. – Pertence-lhe, querida?

Ela teve o bom senso suficiente para abanar negativamente a cabeça. Felizmente, o marinheiro era um brutamontes feio ou podia ter dado uma resposta diferente por estar tão zangada com a forma como estava a ser tratada. Anthony não a podia censurar. James estava a segurá-la com mais força do que seria necessário e a posição em que a tinha colocado estava longe de ser digna.

– Creio que isso resolve a questão. – Aquilo não era uma pergunta. Anthony estava cansado de toda aquela história, especialmente quando não tinha quem culpar por estar ali a não ser ele próprio. – Agora, seja um bom camarada e saia do nosso caminho.

Surpreendentemente, o marinheiro manteve-se firme no seu lugar.

– Ele não a vai levar daqui para fora.

– Diabos levem isto – disse Anthony, com aborrecimento, mesmo antes de enfiar o punho no queixo do indivíduo.

O marinheiro aterrou a alguma distância deles, completamente inconsciente. O homem com quem estava sentado ergueu-se da mesa com um rosnido, mas não foi suficientemente rápido. Bastou um golpe seco e caiu de novo na cadeira, erguendo uma mão para estancar o sangue que agora lhe jorrava do nariz.

Anthony deu meia-volta devagar, com um sobrolho preto arqueado de forma interrogadora:

– Há mais voluntários?

Atrás dele MacDonell tinha um grande sorriso na cara, dando-se conta naquele momento da sorte que tivera por não lutar contra o inglês. Mais nenhum homem na sala fez menção de aceitar o desafio, chegando à mesma conclusão. Aquilo acontecera demasiado depressa. Reconheciam um pugilista experiente quando estavam na presença de um.

– Muito bem, meu caro – felicitou-o James. – Agora já podemos sair deste lugar?

Anthony fez uma vénia profunda, erguendo-se com um sorriso rasgado.

– Tu primeiro, meu velho.

Lá fora, James pousou os pés da rapariga no chão à sua frente. Ela olhou bem para ele pela primeira vez nessa altura, à luz do clarão do candeeiro da taberna, que estava por cima da porta, o suficiente para a fazer hesitar um milésimo de segundo antes de o pontapear nas canelas e sair disparada pela rua fora. Ele praguejou com violência e começou a correr atrás dela, mas parou ao fim de alguns metros, ao ver que era inútil. Ela já estava fora de vista na rua escura.

Deu meia-volta e praguejou de novo quando viu que MacDonell também tinha desaparecido.

– Onde diabo é que aquele escocês se meteu?

Anthony estava demasiado ocupado a rir-se para o ter ouvido.

– Como?

James fez um sorriso forçado.

– O escocês. Desapareceu.

Anthony parou de rir, dando meia-volta.

– Bom, a isto é que se chama gratidão. Queria perguntar-lhe por que motivo se tinham os dois voltado para trás quando ouviram o nome Cameron.

– Quero lá saber disso! – disparou James. – Como é que a vou encontrar de novo quando não sei quem ela é?

– Encontrá-la? – Anthony soltou mais uma risada. – Caramba, gostas mesmo de ser castigado, irmão. O que podes querer com uma mulherzinha que insiste em maltratar-te quando tens outra a contar os minutos até ao teu regresso?

– Ela deixou-me intrigado – respondeu simplesmente James e depois encolheu os ombros. – Mas acho que tens razão. A empregadinha da taberna também é uma excelente distração. – Ainda assim, fitou a rua vazia de novo antes de se encaminharem para a carruagem que os esperava.

Roslynn estava junto à janela na sala de estar, com uma das faces encostada ao vidro frio e as mãos a agarrar com força as borlas azuis dos cortinados ao lado. Estava naquela posição há trinta minutos, desde que abandonara a sala de jantar depois de um jantar desconfortável com Jeremy e o primo dele, Derek, que tinha aparecido para levar o mais novo a sair.

Pelo menos a chegada de Derek Malory revelara-se uma distração durante algum tempo. O herdeiro do marquês era um jovem bem-parecido da mesma idade que Roslynn, com uma trunfa indomável de cabelo loiro e olhos mais cor de avelã do que verdes. Exibia uma figura assaz elegante na roupa que escolhera para o serão e Roslynn só precisou de meio minuto para descobrir que ele estava a seguir rapidamente as pisadas dos tios – mais um libertino numa família que já tinha demasiados. Mas Derek Malory ainda retinha uma certa qualidade pueril que o fazia parecer inofensivo e deveras charmoso.

Ele reagiu às notícias do casamento do tio tal como Jeremy fizera, a princípio com incredulidade e depois com o mais puro deleite. Também foi o primeiro a chamar-lhe tia Roslynn, sem qualquer intenção trocista, provocando-lhe um forte sobressalto. Ela era mesmo uma tia agora, para um conjunto inteiro de sobrinhos e sobrinhas. Uma família instantânea, graças ao seu casamento com Anthony, uma família acolhedora e carinhosa, se quisesse acreditar nas palavras de Jeremy.

Mas Jeremy e Derek já tinham saído e Roslynn voltara à sua melancolia, sem se dar conta de que estava no mesmo lugar há meia hora, a fitar o tráfego que passava em Piccadilly.

Por um lado, estava a morrer de preocupação. Alguma coisa tinha acontecido a Anthony. Ele estava ferido e incapaz de lhe fazer chegar notícias. Essa era a única razão pela qual um dia inteiro se passara e não tivera quaisquer notícias da parte do marido. Por outro lado, o que começara como uma ligeira irritação por ter sido abandonada, por assim dizer, transformara-se numa raiva latente à medida que as horas se arrastavam, especialmente quando Derek chegou e não conseguiu explicar a ausência de Anthony. Ele passara o dia sem lhe dar qualquer satisfação, sem pensar que agora tinha uma mulher que se podia preocupar com ele.

Aqueles sentimentos discordantes não se tinham dado bem juntos e estragaram-lhe o apetite para o jantar especial que atrasara mais do que uma hora, na esperança de que Anthony chegasse a tempo. Isso não acontecera, obviamente, e a ansiedade dela crescia agora, ganhando primazia sobre a raiva e provocando-lhe nós no estômago.

Com mil diabos, onde estava ele? Não passava do segundo dia do casamento de ambos. Será que se esquecera completamente desse facto? Deviam ter passado o dia juntos, a conhecerem-se melhor.

Uma carruagem parou finalmente à frente da casa. Roslynn saiu a correr da sala, fazendo sinal a Dobson para se afastar quando ele começou a encaminhar-se

para a porta. Foi ela própria que a abriu com violência antes de Anthony conseguir lá chegar, e esquadrinhou a figura alta à procura de ferimentos. Não havia sinais de nada. Ele estava bem. Queria abraçá-lo e bater-lhe ao mesmo tempo. Em vez disso, ficou parada com os punhos cerrados para não ceder a qualquer um dos impulsos.

Quando Anthony a viu, tal e qual um doce requintado num vestido verde-pálido ornamentado com uma renda branca delicada, o seu rosto iluminou-se num sorriso ofuscante.

– Céus, que visão magnífica para estes meus olhos, querida. Nem queira saber o dia miserável que tive hoje.

Roslynn não se mexeu para ele poder entrar e manteve-se firme no centro da entrada.

– E se eu lhe dissesse que queria saber na mesma?

O sotaque escocês atraçou-a. Ele deu um passo atrás para olhar melhor para ela e reparou no ângulo obstinado do queixo e na rigidez dos lábios.

– Está tudo bem, minha querida?

– Sabe que horas são, homem?

– Ah, então é isso. – Ele soltou uma pequena risada. – Sentiu a minha falta, querida?

– A sua falta? – exclamou ela, indignada. – Que grande presumido! Não me importo que esteja ausente durante dias a fio se é isso que deseja. Mas as regras básicas da cortesia dizem que se deve informar alguém para não o esperar em casa, certo?

– Sim, suponho que sim – surpreendeu-a ele ao concordar. – E garanto-lhe que me vou lembrar disso da próxima vez que passar o dia a tentar localizar o seu primo esquivo.

– O Geordie? Mas... porquê?

– Porque será? Para lhe dar a boa notícia. Ou não se deu conta de que continua a ser um perigo para si até ter conhecimento do seu novo estatuto?

Roslynn conseguia sentir o rubor a assomar-lhe ao rosto e era um rubor furioso. Ele estava atrasado por causa dela e como é que ela o recebera? Como uma megera.

– Peço desculpa, Anthony.

A expressão contrita e cabisbaixa de Roslynn era irresistível. Ele puxou-a para si até a cabeça dela ficar apoiada no seu ombro.

– Que rapariga tonta – arreliou-a com suavidade. – Não tem motivos para se desculpar. Gosto muito de ter alguém que se preocupe comigo. *Estava preocupada, não estava? Daí todo este alvoroço?*

Roslynn acenou com a cabeça, mas não prestou muita atenção ao que ele dizia. As suas narinas contraíram-se, invadidas por um cheiro ofensivo e doce que vinha do casaco dele, quase como se fosse... perfume, um perfume barato, concluiu. Inclinou-se para trás, de sobrolho franzido e avistou um fio amarelo e fino no ombro de Anthony – não, não um fio, um cabelo loiro. Pegou nele e puxou-o, mas parecia nunca mais acabar, até ficar com um fio de cabelo de cerca de trinta

centímetros pendurado nos dedos. Podia achar que era seu, embora fosse demasiado claro, mas era quebradiço e fino.

– Eu sabia – exclamou numa voz sibilante, erguendo o olhar para ele com uma fúria indignada.

– Sabia o quê? O que foi que lhe deu agora?

– Isto! – Ela abanou o cabelo à frente da cara dele. – Não é meu, homem, e é óbvio que não é seu, pois não?

O semblante de Anthony turvou-se e ele arrancou-lhe o cabelo dos dedos.

– Não é o que está a pensar, Roslynn.

Ela recuou, cruzando os braços por cima do peito.

– A sério? Não me diga que foi uma descarada de uma mulher da vida que se deixou cair em cima do seu colo sem ser convidada, depois de esfregar o cheiro barato dela por todas as suas roupas antes de a poder impedir?

Santo Deus, gemeu ele interiormente, *porque é que ela tinha de acertar em cheio?*

– Na verdade...

– Com mil diabos, nem sequer consegue inventar as suas próprias mentiras – exclamou ela numa voz aguda.

Aquilo era tão ridículo que chegava a ser cómico, mas Anthony não se atrevia a rir perante a expressão assassina de Roslynn. Muito calmamente, afirmou:

– Na verdade, foi a empregada de uma taberna. E não estaria em posição de a ver cair no meu colo se não estivesse numa taberna, numa de muitas, fique a saber, à procura do seu primo.

– Isso, deite as culpas da sua infidelidade para cima de mim. Isso é típico da arrogância de um homem, não é? Mas eu digo-lhe o seguinte: a única coisa da qual sou culpada é ter acreditado em si na noite passada! Não vou cometer *esse* erro de novo!

– Roslynn...

Ela deu um salto para trás quando ele lhe estendeu os braços, e antes que a conseguisse impedir, bateu-lhe com a porta na cara com violência. Anthony praguejou violentamente, perdendo finalmente a cabeça, mas sem um escape para dar livre curso ao mau génio.

Deu meia-volta, de frente para a rua vazia, a ranger os dentes. Pelo menos, James seguira viagem na carruagem rumo ao White's para passar tempo antes do seu encontro com a rapariga da taberna em questão. Não lhe parecia que fosse capaz de suportar ver o irmão ser testemunha daquele absurdo e ouvir as gargalhadas dele enquanto recordava a Anthony a sua opinião a propósito da felicidade conjugal.

Maldição para aquilo. Expulso da sua própria casa! Um belo remate para um dia que passara de mal a pior. Se isto alguma vez chegasse aos ouvidos dos círculos onde se movia...

A cabeça de Anthony ergueu-se abruptamente. Era a *sua* casa. O que raio pensava ela que estava a fazer, ao expulsá-lo da sua própria casa?

Girou nos calcanhares e fez menção de pontapear a porta, com a fúria que sentia. Pensou melhor no último momento e experimentou a porta primeiro. Ao descobrir que estava destrancada, abriu-a com violência. O estrondo retumbante deu-lhe alguma satisfação; no entanto, não fez nada para apaziguar o seu estado de espírito. Nem tão-pouco o facto de ter apanhado de surpresa a mulher, já a meio das escadas.

– Volte aqui imediatamente, Lady Malory. Ainda não acabámos esta discussão.

Ficou espantado por ela lhe ter obedecido imediatamente, descendo as escadas de maneira hirta. Mas quando chegou junto dele foi para lhe lançar um olhar de desprezo.

– Se não se vai embora, então, vou eu – declarou e começou a caminhar na direção da porta, que ainda estava aberta.

Anthony agarrou-a pelo pulso e fê-la dar meia-volta.

– O diabo é que vai! Não vai deixar esta casa, e eu também não. Estamos casados, lembra-se? As pessoas casadas vivem juntas, segundo me disseram.

– Não me pode obrigar a ficar aqui!

– Não?

Ele podia e o facto de lhe ter dado esse direito enfurecia Roslynn mais do que tudo o resto.

Ela puxou a mão para longe dele, esfregando o pulso, que ia ficar com uma nódoa negra na manhã seguinte.

– Muito bem, mas eu vou ocupar outro quarto e se tem alguma coisa a dizer sobre isso, pode deixá-lo para outra altura.

Ela voltou-se de novo na direção das escadas, mas foi travada outra vez com uma mão no ombro.

– Eu prefiro dizê-lo agora mesmo, minha cara – disse ele, num de tom de voz sombrio. – Está a condenar-me de forma completamente despropositada.

– Trouxe as provas consigo para casa, homem. Elas falam por si.

Os olhos dele fecharam-se, de irritação, durante um momento.

– Mesmo que isso fosse verdade, coisa que não é, não me está a permitir falar em minha própria defesa. É injusto, em todos os sentidos.

– Injusto? – retorquiu ela, com olhos que pareciam em brasa. – Estou apenas a poupar-lhe esse incómodo, porque seja o que for que diga, não vou acreditar nisso agora.

Roslynn fez mais uma tentativa para se ir embora. Ele puxou-lhe de novo o braço com força.

– Raios, mulher, eu estava à procura do Cameron!

– Talvez estivesse, mas também fez um pequeno desvio. Pois bem. Vou deixá-lo agora.

Anthony estava pronto a arrancar os próprios cabelos naquele momento.

– Nesse caso, por que motivo está a fazer todo este alvoroço?

– Mentiu-me! Tentou fazer-me acreditar que seria diferente, e por isso, não lhe

vou perdoar!

Ela deu meia-volta, fora de si com a raiva. Foi a voz dele, deliberadamente mordaz, que a deteve agora.

– Faça isso e eu dou-lhe umas boas palmadas no traseiro.

– Não se atrevia!

Os olhos dele semicerraram-se até se assemelharem a duas fendas.

– Neste momento, querida, garanto-lhe que seria um prazer. Agora, vou dizer-lhe isto apenas uma vez. Quer acredite, quer não, francamente já não me importa. A rapariga que se apoderou do meu colo estava apenas a fazer o trabalho dela. Fez uma proposta e eu recusei-a. Não houve mais nada além disso.

Com um controlo gélido, Roslynn inquiriu altivamente:

– Já acabou?

Depois das tentativas repetidas de Roslynn, foi Anthony quem virou costas e se foi embora.

Roslynn chorou até adormecer naquela noite, a primeira vez que o fazia desde que era criança. O facto de Anthony nem sequer ter tentado incomodá-la no quarto para onde se mudara era um alívio, mas, por algum motivo, ela chorou ainda mais por causa disso. Odiava-o, nunca mais o queria ver, mas estava presa a ele.

Se ao menos não fosse uma pateta tão ingénua. Mas deixara-o convencê-la de que podiam ter um casamento normal, e agora estava a pagar pela sua credulidade, com um ressentimento que não conseguia evitar sentir e com uma amargura que lhe era completamente desconhecida. Durante algumas horas naquela manhã, tinha estado num estado de felicidade celestial, o que tornou o regresso à realidade muito mais difícil de suportar. Não o ia perdoar por aquilo, pela sua oportunidade perdida de felicidade.

Porque é que ele não podia ter deixado as coisas como estavam? Porque é que lhe tinha de dar esperança e depois mudar completamente de ideias e desfazê-la em pedacinhos?

Nettie, que não precisara de ser informada do que acontecera, já que a casa inteira não conseguiu deixar de ouvir a discussão sonora, tomou a decisão sensata de manter a boca fechada enquanto ajudava Roslynn a mudar de quartos. Na manhã seguinte, tinha compressas frias prontas a aplicar em olhos inchados, mais uma vez sem qualquer comentário, graças a Deus. E os olhos de Roslynn estavam bastante intumescidos. Mais um ponto contra o canalha. Estava a arruinar a sua aparência.

Mas a solução de ervas de Nettie apagou todas as provas da noite miserável que a senhora dela passara. Era uma pena não ter um tónico mágico para aquilo que afligia Roslynn por dentro. Todavia, quando ela desceu num vestido amarelo radioso para contrariar o seu estado de espírito, era quase impossível dizer que se sentia um caldeirão a ferver de emoções, nenhuma delas boas, o que foi um acaso feliz, porque entrou desprevenida numa sala repleta de Malorys, a julgar pelo aspeto deles, com a exceção do marido, graças a Deus.

A provação começara. Com a breca, na pior altura possível, quando não sabia se podia suportar ficar frente a frente com Anthony naquele dia. E não fazia a menor ideia de qual seria o seu estado de espírito quando descesse. Podia muito bem revelar os problemas de ambos, mas ela não ia fazer isso.

Esboçou um sorriso de boas-vindas. Lá porque não era capaz de se dar bem com o marido, não queria dizer que tivesse de entrar em conflito com o resto da família.

James foi o primeiro a reparar na entrada dela e ergueu-se imediatamente para fazer as apresentações.

– Bom dia, minha cara. Como pode ver, os mais velhos chegaram para a inspecionar. Os meus irmãos Jason e Edward... a noiva feliz.

Jason exibia uma expressão carrancuda, mas apenas devido à escolha de

palavras de James. Os dois homens eram altos, loiros e de olhos verdes, sendo que Edward era o mais corpulento dos dois. Jason parecia uma versão mais velha de James, e mais séria, ainda que tivesse a mesma aura implacável. Edward era o exato oposto dele, tal como estava prestes a descobrir, bem-humorado, descontraído, inegavelmente alegre, mas circunspecto quando o assunto eram negócios.

Os dois homens levantaram-se, Edward para dar a Roslynn um abraço caloroso; Jason, mais reservado, levando a mão dela aos lábios. Jeremy, que não precisava de mais apresentações, simplesmente piscou-lhe o olho. Graças a Deus que ele e James não tinham estado em casa na noite anterior para ouvir aquela cena embaraçosa no átrio de entrada.

– Não imagina o prazer que isto nos dá, minha querida – estava Jason a dizer, brindando-a com um sorriso caloroso ao mesmo tempo que a conduzia para o sofá para se sentar ao lado dele. – Já tinha desesperado com a ideia de o Tony nunca se vir a casar.

– Nunca pensei que o rapaz tivesse o que é preciso para assentar – acrescentou Edward alegremente. – Mas estou encantado por ele ter provado que eu estava errado. Simplesmente encantado.

Roslynn não sabia o que dizer àquilo, dadas as circunstâncias, porque Anthony estava tudo menos disposto a assentar. Mas eles queriam acreditar que sim, obviamente, por isso não ia esclarecer as coisas a esse respeito. Porém, também não os podia deixar a ficar a pensar que aquilo era uma união de amor. Não restava qualquer dúvida de que não se tratava disso.

Ela começou a falar, hesitante.

– Houve razões que nos levaram a casar um com o outro de que deviam ficar a par...

– Já sabemos, minha querida – interrompeu Edward. – A Regina já nos contou tudo acerca do seu primo. Não interessa, sabe. Se o Tony não estivesse preparado, não se teria atirado de cabeça.

– Ele fez isto para me ajudar – declarou Roslynn, e em resposta recebeu três sorrisos céticos, levando-a a insistir: – A verdade é essa.

– Nada disso – respondeu Jason. – O Tony não é o tipo de homem que faz o papel do herói, a salvar donzelas em apuros e tudo o mais.

– É exatamente o oposto. – Edward soltou uma pequena risada.

James acrescentou a sua opinião.

– Só temos de olhar para si, minha querida, para saber o que motivou o rapaz. Não posso dizer que o condeno minimamente.

Jason intercetou o sorriso felino dirigido a Roslynn que fez com que as faces dela ficassem afogueadas.

– Para com essas coisas. – Ele franziu o sobrolho a James.

– Oh, acalma-te, Jason. Deixei de ser um perigo para ela assim que ela se casou.

– Desde quando é que isso alguma vez te impediu? – inquiriu Jason, com

brusquidão.

– É verdade. – James encolheu os ombros. – Mas eu imponho limites no que diz respeito às minhas cunhadas.

Roslynn não tinha forma de saber que eles estavam a brincar. Mas, por outro lado, não tinha forma de saber que aqueles irmãos se sentiam mais felizes quando estavam a discutir, mesmo com gracejos.

– Meus senhores, por favor – interveio ela. – Estou certa de que o James não pretendia ofender ninguém.

– Vês, meu velho – disse James ao irmão, com um ar satisfeito. – Ela sabia que não me devia levar a sério. O que é um olhar, afinal?

– Por norma, é a extensão dos verdadeiros sentimentos de alguém – retorquiu Jason, com a mesma expressão carregada.

– Ah, mas os meus nunca são. Acho muito mais divertido não revelar o que me vai na alma de forma tão óbvia, como tu fazes, irmão.

Edward riu-se.

– Ele tem razão, Jason. Estás com um ar bastante feroz neste momento.

– Sim – concordou James, pondo sal na ferida. – Tens um ar suficientemente feroz para fazer o mais recente membro da família pensar que *estás* a falar a sério.

O sobrolho de Jason suavizou-se quando voltou o olhar para Roslynn.

– Peço desculpa, minha querida. Nem imagino o que deve estar a pensar...

– Que és um tirano, e não estaria muito longe da verdade – James não conseguiu resistir a dizer, ainda que isso fizesse voltar o olhar semicerrado de Jason para ele de novo.

– Nem por sombras – Roslynn interveio de novo. – Eu sou filha única, por isso é... interessante ver como uma família grande interage. Mas, digam-me, quem é que assume o papel de moderador na família?

A pergunta provocou gargalhadas ruidosas, mais do que ela pretendia. Transformou James, tornando-o ainda mais bonito, se isso fosse possível. Também suavizou as linhas marcadas no rosto de Jason, revelando-lhe que ele ainda era um homem espantosamente atraente aos quarenta e cinco anos e de modo nenhum tão intimidante como parecia. Quanto a Edward, o riso tornava-o ainda mais cativante. Caramba, aqueles Malorys eram perigosos para o equilíbrio de uma rapariga. E, para mal dos seus pecados, tinha-se casado com um deles.

– Eu disse-vos que ela era uma joia – declarou James aos irmãos. – Não acham que o Tony encontrou alguém à sua altura?

– Tudo indica que sim – concordou Edward, a limpar as lágrimas de riso dos olhos. – Mas eu pensava que tinhas dito que ela era escocesa. Não detetei qualquer sotaque.

Uma voz calma que veio da porta respondeu-lhe antes de James.

– Aparece de repente acompanhado de mau génio, nos momentos mais inesperados.

James não foi capaz de deixar passar aquela.

– Sabes isso por experiência própria, sem dúvida?

– Sem dúvida nenhuma – respondeu Anthony, a olhar diretamente para a mulher.

Os dedos de Roslynn cerraram-se em punhos, a reação do corpo dela ao vê-lo ali, com um dos ombros encostado descontraidamente à porta, de braços cruzados e um dos joelhos dobrado para cruzar os pés junto aos tornozelos. Como é que ele se atrevia? Queria fazer jogos de palavras?

Brindou Anthony com um sorriso meloso ao mesmo tempo que aceitava o desafio.

– Não se apoquente, homem. Só guardo rancores quando são verdadeiramente merecidos – declarou no mais autêntico sotaque escocês.

James pôs sal na ferida.

– Bom, nesse caso, não tens nada com que te preocupar, pois não, Tony?

– Quando é que o teu barco *parte*, irmão? – foi a réplica de Anthony, provocando uma gargalhada no irmão.

Os dois irmãos mais velhos e Jeremy avançaram nessa altura, a oferecer parabéns e gracejos bem-humorados. Roslynn ficou a observar aquela cena feliz, a ferver de raiva. Então, ele ia fingir que nada se passava de errado? Bom, podia fazer o mesmo, supôs, enquanto a família dele estivesse ali e enquanto ele guardasse as devidas distâncias dela. Mas Anthony não fez isso. Juntou-se a ela no sofá, ocupando o lugar de Jason, e colocou o braço à volta do ombro de Roslynn de uma forma demasiado marital.

– Teve uma noite agradável, querida?

– Vá para o diabo – vociferou numa voz sibilante e baixa, mas sorrindo ao mesmo tempo.

Anthony soltou uma risada abafada, conseguindo a proeza de não fazer uma careta quando o esforço lhe provocou uma dor lancinante na cabeça. Tinha uma ressaca monumental, graças à teimosia da sua jovem mulher na noite passada. Teria preferido continuar na cama, mas não pôde depois de Willis o informar de que os mais velhos tinham chegado. Extremamente inconveniente. Não podia dar largas a toda a sua fúria com Roslynn com um público presente.

Devia ter acabado com aquilo na noite passada. Mas, imbecil como era, achara que uma noite de sono a tornaria mais recetiva ao bom senso e, por esse motivo, embriagara-se como um cacho para não arrombar a porta dela. Devia ter feito isso. Em todo o caso, ela estava a alimentar o rancor que sentia, por isso não ficaria mais zangada do que já estava. Maldição. Apetecia-lhe dar um tiro no homem que tinha dito que as mulheres eram criaturas dóceis.

Por enquanto, Anthony optou por ignorar a mulher, mas, num gesto perverso, manteve o braço à volta dela.

– Então, Eddie, onde está o resto da tua prole?

– Vão aparecer por cá assim que a Charlotte os consiga juntar a todos. Por falar nisso, ela quer oferecer-te a ti e à Roslynn uma festa, uma vez que não estivemos presentes no casamento. Nada muito grande, atenção. Só família e amigos.

– Porque não? – concordou Anthony. – Mais vale espalharmos alguma da

nossa felicidade à nossa volta.

Sorriu para si próprio quando ouviu a exclamação de indignação de Roslynn.

— **V**im cá ontem, sabes, mas tinhas tantos convidados...

— Então, foste-te embora? — Roslynn parou de barrar manteiga no seu pãozinho doce para fitar severamente Frances. — Quem me dera que não o tivesses feito.

— Não quis incomodar.

— Fran, era só a família dele, que veio até cá para me conhecer e para lhe dar os parabéns. Tu serias bem-vinda, acredita, especialmente por mim. Consegues imaginar como me senti sozinha, ao conhecer o clã Malory inteiro?

Frances não disse nada durante um momento. Beberricou um pouco de chá, remexeu no guardanapo que tinha no colo, brincou com o bolo no prato no qual ainda não tocara. Roslynn observou-a, a conter a respiração. Sabia o que estava para vir, o que ainda não tinha sido dito. Temia isso, especialmente agora, quando se arrependia tanto do seu casamento apressado com Anthony. E aquela era a primeira vez que via Frances desde o casamento. Quando a amiga aparecera inesperadamente naquela manhã, exatamente no momento em que Roslynn se estava a sentar para tomar o pequeno-almoço, sabia que lhe ia ser servida uma boa dose de censura com a comida tentadora do cozinheiro.

Ela tentou adiar esse assunto.

— Espero que não tenhas ficado muito preocupada na outra noite. — Só tinham mesmo passado quatro dias desde que acordara nas garras de Geordie?

— Muito preocupada? — Frances riu-se amargamente. — Foste levada da minha casa. Eu era a responsável!

— Isso não é verdade. O Geordie era demasiado ardiloso para nós. Mas espero que entendas por que motivo tive de partir antes de voltares.

— Sim, essa parte eu entendo. Não podias ficar comigo depois de ele ter descoberto o teu paradeiro. Mas aquele bilhete que me enviaste há dois dias, *esse*, jamais vou entender. Como foste capaz, Ros? Foste escolher logo o Anthony Malory?

Ali estava ela, a pergunta que temia, aquela que fazia a si mesma. As respostas não eram convincentes, pelo menos para ela, mas devia-as a Frances.

— Na noite em que eu e a Nettie partimos, parei aqui para falar com o Anthony.

— Não acredito nisso!

Roslynn sentiu o corpo a retrair-se.

— Eu sei que não devia, mas foi o que fiz. Sabes, ele tinha-se oferecido para me ajudar quando estávamos em Silverley. O marido da Regina afinal não conhecia assim tão bem os meus cavalheiros, mas o Anthony sim. Ele ficou incumbido de clarificar determinados rumores sobre eles. Bom, seja como for, depois daquele encontro com o Geordie, tinha ficado sem tempo. Vim aqui à procura de um nome, mais nada, apenas um nome do homem que, dos cinco, seria a melhor escolha para eu fazer uma proposta de casamento.

— Muito bem. Isso parece-me sensato, acho eu, ainda que altamente impróprio

– admitiu Frances. – Estavas assustada, perturbada. Não podias estar a pensar com clareza naquela noite. Então, o que aconteceu de errado? Como é que acabaste casada com Sir Anthony?

– Ele mentiu-me – disse simplesmente Roslynn, com os olhos fixos no pãozinho doce por comer ainda na mão. – Convenceu-me de que os cinco cavalheiros da minha lista eram tão pouco apropriados que nunca me poderia casar com nenhum deles. Oh, devias ter ouvido algumas das histórias horríveis que ele inventou e o pesar que conseguiu simular ao contá-las. Nunca suspeitei que ele pudesse estar a mentir.

– Então, como é que sabes...

Roslynn deu uma risada breve.

– Ele admitiu isso mais tarde, depois de nos casarmos. Confessou de forma arrogante tudo o que tinha feito.

– O canalha!

– Sim, é isso que ele é. – Roslynn suspirou. – Mas não é aí que quero chegar. Naquela noite eu já estava desesperada quando vim cá e depois quando ouvi que estava mais ou menos de volta ao ponto de partida, bom, sinceramente não sabia o que fazer.

– Então, pediste-lhe para se casar contigo. – Frances tirou a sua própria conclusão. – Bom, pelo menos agora já entendo... ou acho que sim. Suponho que achaste que não tinhas outra hipótese.

– Não foi exatamente assim que as coisas se passaram – admitiu Roslynn, embora tivesse decidido apenas naquele momento não mencionar a sedução a que fora sujeita. Frances não precisava de saber *tudo*. – Nem mesmo nessa altura considerei o Anthony como uma solução para o meu problema. Estava preparada para regressar à Escócia e casar-me com um caseiro humilde qualquer. Foi o Anthony quem sugeriu que eu me casasse com ele.

A boca de Frances abriu-se, espantada.

– Foi *ele*? – Ela recuperou depressa a compostura. – Bom, parti do princípio que tivesses... Isto é, chegaste a dizer que não terias receio de fazer a proposta de casamento, que provavelmente isso seria necessário tendo em conta o pouquíssimo tempo de que dispunhas. E como tinhas ficado sem tempo, parti naturalmente do princípio... Foi mesmo ele?

– Sim, e eu fiquei tão surpreendida como tu. Na verdade, pensei que estava a brincar.

– E não estava?

– Não, de maneira nenhuma. Eu recusei, é claro.

A boca de Frances abriu-se de novo.

– Recusaste?

– Sim, e segui viagem para Silverley. – Frances não precisava de saber que aquilo só acontecera na manhã seguinte. – Mas, como podes ver, mudei de ideias. Ele estava a oferecer-me uma solução e eu decidi encarar isso como um acordo de negócios. Ainda não percebi por que razão ele fez isso, mas aqui está ela, toda a

história. – Exceto as partes que Roslynn não era capaz de mencionar.

Frances recostou-se na cadeira, recuperada do choque.

– Bom, só espero que não te venhas a arrepender. Para teu bem, vou rezar por um milagre, para que Sir Anthony possa vir a tornar-se outro Nicholas Eden.

– Céus, não diga uma coisa dessas, minha senhora – declarou Anthony ao mesmo tempo que entrava na sala com um passo descontraído. – É com muita dificuldade que consigo tolerar aquele indivíduo.

A pobre Frances ficou vermelha como um tomate. Roslynn fulminou o marido com o olhar, furiosa.

– Tem por hábito ficar a ouvir atrás das portas, senhor?

– De modo nenhum. – Ele sorriu-lhe, contradizendo a negação. – Então, chegaram os reforços?

Agora foi a vez de Roslynn corar ao mesmo tempo que olhava atentamente para Frances. Ela lembrou-se de que no dia anterior, sempre que Anthony tentara falar com ela, ela avançara para falar com um membro da família dele, que tinha ficado para jantar e até muito mais tarde, dando-lhe desculpas para o evitar o dia inteiro. Agora, continuavam a não estar sozinhos, mas desta feita a visita estava nitidamente do lado dela. O uso da palavra «reforços» era apropriado, embora Frances não soubesse ao que ele se estava a referir.

– Estava de saída? – perguntou Roslynn, com esperança.

– Na verdade, estou de saída para continuar a busca pelo seu estimado primo.

– Oh? E mais um desvio? – perguntou ela, mordaz. – Nesse caso, vejo-o... quando o vir, suponho.

Anthony apoiou as mãos na mesa do lado oposto a ela, inclinando-se para a frente, com os olhos escuros plenos de significado quando se fixaram nos da mulher.

– Vai *ver-me* esta noite, minha querida. Pode apostar nisso. – E depois, endireitou-se, com um sorriso forçado. – Bom dia, minhas senhoras. Já podem continuar a criticar a minha pessoa.

Girou nos calcanhares e saiu da sala no mesmo passo vagaroso e descontraído com que entrara, deixando Roslynn furiosamente indignada e Frances desconfortavelmente consciente de que se passara muito mais do que aquilo que tinha sido dito. Porém, ao contrário da forma silenciosa como saíra da sala, Anthony bateu ruidosamente a porta da frente ao sair de casa.

Roslynn esboçou um esgar, ao ouvir o barulho. Frances fez uma expressão interrogadora.

– Ele está desagradado com alguma coisa?

– Pode-se dizer isso.

– Tu também?

– Frances, não quero mesmo falar nesse assunto.

– É assim tão mau? Bom, só posso dizer que concordaste com este casamento, sabendo como ele era. Não imagino que ele seja um homem fácil com quem viver, mas deves tornar as coisas o mais fáceis possíveis. Só não esperes demasiado dele.

Aquilo era ridículo. Ela não esperava absolutamente nada, até Anthony a levar a pensar que podia mudar. E nem sequer estava casado há vinte e quatro horas quando provou que não era capaz disso. Podia ter entendido se fosse um mês depois, ou até uma semana, mas no dia a seguir a ele ter jurado que não queria mais ninguém senão ela? O problema era que parecia não ser capaz de ultrapassar a raiva para voltar à sua decisão original de o aceitar tal como era.

Os pensamentos de Anthony fervilhavam de igual modo quando se lançou para dentro da carruagem que o aguardava lá fora. Tinha todo o direito de estar furioso e era assim que se sentia, imensamente furioso. Um acordo de negócios! Gostava de saber como diabo ia sair daquele «acordo de negócios», como agora Roslynn lhe chamava.

Que mulher teimosa, insensata e exasperante. E ilógica, por amor de Deus. Se tivesse um pouco de bom senso, veria como as suas acusações eram absurdas. Mas não, nem sequer queria falar com ele sobre isso. De cada vez que tentara falar no dia anterior, ela brindara-o com o seu sorriso falso e fugira-lhe entre os dedos, utilizando a sua própria família como uma barreira contra ele. E eles adoraram-na. E porque não? Ela era charmosa, inteligente – exceto nalguns assuntos – e linda, e olhavam para ela como a salvação de Anthony. Era mais provável que ela fosse o advogado do Diabo, enviada para o enlouquecer.

Bom, estava absolutamente fora de questão perder outra noite de sono por causa dos caprichos da mulher. O lugar dela era na sua cama, não a alimentar os seus ressentimentos absurdos do outro lado do corredor. Naquela noite iam falar, e sem interrupções.

E agora, em que termos podia escrever uma mensagem a James, sugerindo que ele e Jeremy saíssem de casa naquele serão, sem lhe dizer porquê?

Pouco depois de Frances partir, Jeremy apareceu com uma pilha de jornais e um sorriso bem-disposto, informando Roslynn de que o anúncio ia sair durante duas semanas. O anúncio do casamento estava em todos os jornais, mas tinha de admitir que Anthony tinha razão naquele assunto. Não havia nenhuma garantia de que Geordie visse aquilo. Por isso, não pôde deixar de se sentir grata por Anthony continuar a fazer o esforço para encontrar Geordie e avisá-lo para se manter afastado embora estivesse aborrecido com ela.

Podia estar casada e a salvo, mas se Geordie não soubesse, estaria realmente a salvo? Naquele preciso momento podia estar a congeminar um novo esquema para a raptar e a levar para o altar. Ele sabia onde ela estava – ou pelo menos sabia que as roupas dela tinham sido enviadas para aquela morada. E se tivesse êxito em raptá-la de novo e tivesse de ser ela a dizer-lhe que tinha chegado demasiado tarde, bom, não havia forma de saber o que ele lhe podia fazer no meio da sua raiva ao ver os planos frustrados.

Por esse motivo, decidiu ficar dentro de casa durante algum tempo. As remodelações que estava a planear fazer podiam ser levadas a cabo se pedisse aos comerciantes para virem ao encontro dela, em vez do contrário. E estava a planear uma remodelação profunda da casa de Anthony. E não se ia dar ao trabalho de informá-lo acerca disso. E quando ele visse os estragos feitos à bolsa dele, porque ela mudara de ideias acerca de pagá-la com o seu dinheiro e pretendia usar apenas o dinheiro dele, bom, podia pensar duas vezes antes de cair nas más graças de Roslynn de novo com mais mentiras.

Uma vizinha sussurrou-lhe que estava a ser rancorosa e vingativa. Roslynn não a escutou. Ia gastar o dinheiro de Anthony como se ele tivesse os bolsos bem fundos. Podia até insistir que ele lhe construísse uma casa nova, uma mansão no campo, talvez, mas só depois de ter remodelado aquela, é claro. Afinal de contas, aquela casa não era assim tão grande. Nem sequer tinha um salão de baile. Como é que podia receber convidados?

Podia até chegar ao ponto de levar o pobre homem à miséria se decidisse fazê-lo. Sim, essa era uma ideia que valia a pena considerar. A imagem de Anthony humilhado e obrigado a ter de vir ao encontro dela pedir uma pensão era realmente deliciosa e exatamente aquilo que ele merecia por a ter desiludido.

Mas Roslynn não dedicou muito tempo a pensamentos vingativos naquele dia, não com a ameaça implícita de Anthony a pairar sobre a sua cabeça de que ia haver um confronto entre ambos naquela noite. Não podia negar que aquilo a preocupava imenso. E o nervosismo dela aumentou durante a tarde, de tal forma que quando James a informou durante o jantar de que ele e Jeremy estavam de saída para Vauxhall Gardens nesse serão, ela quase pediu para os acompanhar. Por que motivo logo naquela noite tinham ambos de sair, ainda que isso fosse a norma e não a exceção? Embora Anthony ainda não estivesse em casa, não duvidava que

ele ia acabar por aparecer.

Mas não se fez de convidada dos dois Malory que ainda eram solteiros. Não era assim tão cobarde. Pelo menos foi isso que disse a si mesma antes de James e Jeremy saírem. No entanto, mal a porta se fechou atrás dos dois homens elegantemente vestidos, deixando-a sozinha com os criados, os criados de Anthony – Nettie não contava –, descobriu que, afinal, era uma cobarde.

Era uma hora ridícula para se estar a retirar para o quarto, mas foi isso que fez, e a toda a pressa. Disse a Dobson para informar Anthony, quando ele finalmente chegasse de que ela não se estava a sentir bem e não devia ser incomodada, fosse por que razão fosse. Era uma incógnita se isso o manteria à distância.

No caso de isso não acontecer, não ia correr quaisquer riscos. Vestiu a camisa de noite menos apelativa que tinha, uma peça de roupa de algodão grosso adequada a um inverno frio das Terras Altas escocesas, enfiou o cabelo sob uma feia touca de dormir que pediu emprestada a Nettie, apesar de, pessoalmente, nunca ter gostado de as usar e finalizou o conjunto com um robe volumoso que por norma apenas utilizava depois do banho.

Ponderou igualmente aplicar um dos cremes de noite espessos de Nettie na cara, mas seria um pouco de mais. Um olhar rápido ao espelho mostrou-lhe que estava suficientemente horrorosa. Qualquer outra coisa seria um adereço demasiado óbvio que Anthony podia achar engraçado em vez de desencorajador.

É claro que, agora que estava tão agasalhada, sentia demasiado calor para precisar da roupa da cama. Mas não tinha importância. Estar enroscada a ler um livro seria um pormenor mais natural, em vez de fingir estar a dormir, coisa de que Anthony provavelmente duvidaria se chegasse enquanto ainda fosse tão cedo.

Não, tinha de parecer naturalmente indisposta, como se não estivesse a tentar evitá-lo de forma deliberada. Assim, ele teria de lhe dar o benefício da dúvida e deixá-la em paz. Isto é, se não ignorasse a mensagem de Dobson. Isto é, se ele viesse efetivamente a casa.

Com mil diabos, nada daquilo seria necessário se Dobson tivesse sido capaz de encontrar a maldita chave da porta no dia anterior quando Roslynn perguntara por ela. Mas será que fechar a porta à chave a Anthony seria considerado um desafio por alguém como ele? Seria uma declaração clara de que não queria falar com ele, nem agora, nem no futuro próximo. Não, assim era melhor. Era melhor deixá-lo vir, se tinha de o fazer, mas ia fazê-lo sentir-se imensamente culpado por a incomodar quando se estava a sentir tão mal e com tão mau aspeto.

O livro que tinha na mão era uma coleção aborrecida de sonetos, de uma sentimentalidade efusiva, esquecido pelo ocupante anterior do quarto, quem quer que fosse. Mas era só aquilo que tinha. Era demasiado tarde para arriscar descer até ao escritório de Anthony, onde ele tinha uma pequena biblioteca. Podia ter o grande azar de ele entrar e a apanhar fora da cama, arruinando a impressão que se esforçava tanto por dar.

Todavia, desistiu de ler o livro pateta. Em qualquer outra altura, podia ter ficado presa à leitura, já que os sonetos de amor, partindo do princípio que eles

ocupavam a maior parte do livro ao folhear as páginas, geralmente lhe tocavam num ponto fraco. Mas não estava com a mínima inclinação para ser romântica naquela noite. Longe disso. Em vez disso, os pensamentos dispersaram-se, perguntando-se se devia permitir que a sua maleita durasse até todo o dia seguinte. Podia aproveitar o tempo a sós para pensar, para voltar a controlar as suas emoções.

Felizmente, Roslynn ainda estava a segurar o livro à sua frente e parecia estar a ler porque não recebeu qualquer aviso do regresso de Anthony. A porta do quarto dela abriu-se simplesmente e ele estava ali. Infelizmente, não se deixou enganar com facilidade.

– Muito engraçado, minha querida. – O tom da voz dele era seco e a expressão inescrutável. – Precisou do dia todo para se lembrar disto ou ficou inspirada quando o Hawke e o rapazola dele a deixaram?

Visto não fazer ideia do que ele queria dizer com aquilo, Roslynn ignorou completamente a pergunta.

– Pedi para não ser incomodada.

– Eu sei, querida. – Ele fechou a porta, com um sorriso exasperante. – Mas um marido pode incomodar a mulher... em qualquer altura, lugar e da forma que quiser.

Ele estava a atribuir outro significado à palavra, o que fez enrubescer as faces dela, pormenor em que ele reparou depressa.

– Ah, deve ser uma febre – prosseguiu, aproximando-se lentamente da cama. – E não admira, com essa montanha de roupa de noite que tem vestida. Ou será uma constipação? Não, não teve o cuidado de pôr o nariz vermelho com alguns beliscões. Uma dor de cabeça, então, é claro. Não tem de produzir sintomas visíveis para afirmar ter uma, pois não?

As suposições dele enfureceram-na para além de todo o bom senso.

– Seu animal! Se eu tivesse de facto uma dor de cabeça, pouco se importaria com isso, não é?

– Não sei. – Ele sentou-se na cama, colocando um dedo no nó do robe dela. O sorriso de Anthony era mais bem-humorado agora que ela pusera de parte o seu estratagema. – Está com uma dor de cabeça?

– Sim!

– Mentirosa.

– Estou a aprender com o mestre.

Ele riu-se.

– Muito bem, minha querida. Estava a perguntar-me como é que iria abordar o assunto, mas já o fez por mim.

– Que assunto?

– Que pergunta. Vamos fingir-nos de idiotas agora?

– Nós não vamos fazer nada. *O senhor* vai sair deste quarto.

É claro que ele não saiu. Isso seria demasiado bom para ser verdade. Recostou-se, apoiando-se num cotovelo, enfurecendo-a com o seu exame atento e tranquilo.

De repente, inclinou-se para a frente e arrancou-lhe a touca de dormir da cabeça.

– Assim está melhor. – Fez girar a touca num dos dedos enquanto fitava os caracóis ruivos a emoldurar os ombros de Roslynn. – Sabe o quanto eu gosto do seu cabelo. Escondeu-o para me irritar?

– O senhor dá muita importância a si próprio.

– Talvez – disse ele suavemente. – Ou talvez me tenha cruzado com mulheres suficientes para saber como funcionam as mentes delas quando se tornam vingativas por causa de alguma ofensa hipotética. Comida fria, atitude fria e a cama fria. Bom, já me ofereceu tudo isto, menos a comida, mas suponho que isso ainda deve estar para vir.

Ela atirou-lhe com o livro. Ele esquivou-se habilmente.

– Se quer recorrer à violência, querida, apanhou-me no estado de espírito certo para isso. Na verdade, se tivesse encontrado o Cameron hoje, acho que tinha disparado contra o canalha primeiro e fazia perguntas depois. Por isso, não abuse da sorte.

Ele falou com demasiada calma para ela o levar a sério. Roslynn estava demasiado embrenhada na sua própria fúria exaltada para se dar conta de que nunca vira Anthony assim. Ele estava calmo. Ele estava controlado. Ele estava furioso. Ela é que não sabia disso.

– Faz o favor de sair? – exigiu ela, com uma voz estridente. – Ainda não estou pronta para falar consigo, homem!

– Estou a ver que não. – Ele atirou a touca de dormir para o outro lado do quarto. – Mas não estou particularmente interessado em saber se está pronta ou não, minha querida.

Roslynn soltou uma exclamação abafada quando ele fez menção de lhe tocar. As mãos dela voaram para o travar. O gesto funcionou apenas porque ele o permitiu – momentaneamente.

– Recorde-se da primeira condição deste casamento, Roslynn. Estou obrigado a engravidá-la, por insistência sua. Eu concordei com essa condição.

– Também concordou com a segunda condição e também a cumpriu. Foram as mentiras que vieram depois que fizeram com que as coisas mudassem, homem.

Ela não teve dúvidas de que ele estava zangado agora. As provas estavam ali no brilho duro dos seus olhos, na boca cerrada. Ele era um homem diferente, um homem assustador – um homem fascinante. Despertava qualquer coisa nela que era primitiva, irreconhecível. Ela sabia como lidar com gritos. Mas aquilo? Não sabia o que ele podia fazer, aquilo de que era capaz, mas uma parte de si queria descobrir.

Mas Anthony estava zangado, não louco. E aquela centelha de desejo que relampejou nos olhos de Roslynn ao mesmo tempo que o empurrava aplacou em certa medida a cólera dele. Ela continuava a desejá-lo. Mesmo no meio da sua fúria, continuava a desejá-lo. Seguro disso, descobriu que podia esperar até ela deixar a sua explosão de ressentimento para trás. Não seria uma espera agradável,

mas não estava disposto a ouvi-la a gritar violação na manhã seguinte, colocando-o exatamente no ponto de partida, com a agravante de ter mais um rancor acumulado contra ele.

– Devia ter beliscado o nariz, minha querida. Eu podia ter acreditado nisso.

Roslynn fitou-o, emudecida, sem acreditar no que ouvia.

– Oh!

Empurrou-o para trás com toda a força que tinha. Ele fez-lhe a vontade, saindo da cama. Mas o sorriso de Anthony era forçado quando baixou o olhar para ela.

– Tenho sido paciente, mas vou deixar-lhe um aviso. A paciência de um homem é algo inconstante. Não devia ser testada muitas vezes, especialmente quando não cometeu nenhuma falta e não tem qualquer motivo para se sentir culpado... ainda.

– Ah!

Anthony ignorou aquilo enquanto se dirigia para a porta.

– Seria mais fácil se me dissesse quanto tempo tenciona castigar-me.

– Eu não estou a castigá-lo – insistiu ela, friamente.

– Não, minha querida? – Ele voltou-se com uma frase de despedida que a deixou gelada. – Bom, lembre-se só de que este jogo pode ser feito por ambas as partes.

As possíveis interpretações das palavras de Anthony mantiveram Roslynn acordada o resto da noite.

Um golpe seco. Mais um golpe seco. Um gancho de esquerda, seguido de um direto com a direita. O homem tombou no chão, inanimado, e Anthony afastou-se, a praguejar porque tinha acabado muito depressa.

Knighton arremessou uma toalha à cara dele, igualmente a praguejar enquanto saltava para o ringue para examinar o parceiro de Anthony.

– Raios, Malory! Não admira que o Billy tentasse pedir para ser dispensado hoje depois de ter olhado para si. Eu digo sempre que o ringue é um bom sítio para descarregar frustrações, mas não para si.

– Cala-te, Knighton! – disparou Anthony enquanto arrancava as luvas.

– O diabo é que me calo – disparou de volta o homem mais velho, zangado. – Gostava de saber onde vou encontrar outro sujeito suficientemente estúpido para entrar no mesmo ringue consigo. Mas digo-lhe isto. Nem sequer me vou dar ao trabalho de procurar até ir para a cama com a rapariga e tirar isso do seu sistema. Fique longe do meu ringue até o fazer.

Anthony tinha deixado estendidos homens no chão por menos, mas Knighton era um amigo. Em todo o caso, quase o deixou estendido no chão pela maldita perspicácia que praticamente o levou a adivinhar o que se passava. Ficou ali parado, a sentir um impulso poderoso para o fazer. Foi a voz de James, ao irromper no meio da névoa da sua raiva, que o fez dominar-se.

– Estás com problemas em encontrar parceiros de novo, Tony?

– Não, se ainda estiveres disposto a fazer-me esse favor.

– Pareço-te idiota? – James fitou o equipamento de boxe dele com uma surpresa fingida. – E eu aqui a pensar que estava muito bem vestido hoje.

Anthony riu-se, sentindo alguma da sua tensão desaparecer.

– Falas como se não achasses que me podias atirar ao chão em pouco tempo.

– É claro que podia. Sem qualquer dúvida. Mas não quero.

Anthony soltou um resmungo de desdém e começou a lembrar James da tarefa que Montieth lhe dera, ainda que James tivesse vencido a luta, mas mudou de ideias. Não valia a pena pôr aquilo à prova quando não tinha nenhuma desavença com o irmão.

– Fiquei com a impressão de que me estás a seguir, meu velho. Por alguma razão em particular?

– Por acaso, tenho uma questão a resolver... fora do ringue, é claro.

Anthony deu um salto para o chão e foi buscar o casaco.

– Importas-te se sairmos daqui primeiro?

– Anda daí. Eu pago-te uma bebida.

– Se for mais do que uma, tens a minha companhia.

O ambiente da tarde no White's era tranquilo, calmante, um lugar para descontraír, ler os diários, realizar negócios, discutir política, má-lingua ou embebedar-se, que era a intenção de Anthony, tudo isto sem a presença

perturbadora das mulheres, que não eram autorizadas a entrar. A clientela do almoço já tinha partido, deixando apenas os clientes habituais, que viviam mais no clube do que na própria casa. A clientela do jantar e os jogadores de peso ainda estavam para chegar, embora decorressem alguns jogos de *whist*.

– Quem foi que pagou as minhas quotas estes anos todos? – perguntou James enquanto ocupavam lugares longe da janela saliente diante da qual os dândis mais elegantes em breve se iriam reunir.

– Estás a dizer que ainda és membro aqui? E eu aqui a pensar que tinhas entrado como meu convidado.

– Muito engraçado, meu caro. Mas sei muito bem que o Jason e o bom do Eddie não se teriam dado a esse trabalho.

Anthony franziu o sobrolho ao ver-se encurralado contra a parede.

– Muito bem, sou um imbecil sentimental. São só alguns guinéus por ano, por amor de Deus. Não queria ver o teu nome riscado da lista.

– Ou estavas certo de que eu ia acabar por voltar ao rebanho?

Anthony encolheu os ombros.

– Também havia isso, para não falar da lista de espera diabolicamente comprida para entrar. Não queria ver-te a abandonar-nos para ires parar ao Brook's.

– Malory! – Anthony foi saudado e abordado por um sujeito de faces vermelhas seu conhecido. – Passei pela tua casa ontem, mas o Dobson disse que estavas fora. Queria tirar a limpo uma pequena aposta que fiz com a Hilary. Ela viu um anúncio no jornal. Não vais acreditar, Malory. Dizia que te tinhas casado. É claro que eu sabia que não podias ser tu. Tinha de ser outro qualquer, com o mesmo nome. Tenho razão, não tenho? Diz-me que não passa de uma maldita coincidência.

Os dedos de Anthony retesaram-se à volta do copo, mas, para além disso, não foi visível qualquer sinal de que ele ficou incomodado com aquela pergunta.

– É uma maldita coincidência – respondeu.

– Eu sabia! – gabou-se o indivíduo. – Espera até eu contar à Hilary. Foram as cinco libras mais fáceis que ganhei em muito tempo.

– Será que isso foi sensato? – perguntou James assim que o homem das faces vermelhas se afastou. – Imagina os desentendimentos que isso vai provocar quando ele afirmar que soube pela tua própria boca que não estás casado. Vai haver discussões com aqueles que sabem a verdade.

– E isso que me importa? – rosnou Anthony. – Quando sentir que estou casado, admito que estou casado.

James recostou-se na cadeira, com um pequeno sorriso a aflorar-lhe os lábios.

– Então isso quer dizer que a lamentação vai começar?

– Cala-te. – Anthony engoliu de um trago a bebida e ergueu-se para ir buscar outra. Regressou com uma garrafa. – Pensava que tinhas uma questão a resolver comigo. Força. Parece que se está a tornar um hábito.

James deixou aquela descoberta interessante de lado de momento.

– Muito bem. O Jeremy disse-me que Vauxhall foi tua ideia, não dele. Se querias ver-te livre de nós durante o serão, por que motivo falaste primeiro com o rapaz?

– Não passaram uma boa noite?

– Isso não vem ao caso. Não gosto de ser manipulado, Tony.

– Mas foi precisamente por causa disso que passei a mensagem ao rapaz. – Anthony fez um sorriso irónico. – Já admitiste o quanto te é difícil negar-lhe alguma coisa, agora que te tornaste um pai tão extremoso.

– Com mil diabos. Podias ter-me perguntado. Sou assim tão insensível ao ponto de não me dar conta de que podes querer passar uma noite sozinho com a tua mulher?

– Deixa-te disso, James. És tão sensível como uma árvore morta. Se eu te pedisse para saíres de casa na noite passada, terias ficado só para ver por que motivo te queria longe.

– Teria? – O sorriso de James era contrafeito. – Sim, suponho que sim. Teria imaginado o meu irmão e a pequena escocesa a correrem pela casa completamente nus e nunca serias capaz de te ver livre de mim. Não teria perdido isso por nada deste mundo. Então porque querias ter privacidade?

Anthony serviu mais uma bebida.

– Agora já não interessa. A noite não acabou como eu esperava.

– Então existem *mesmo* problemas no paraíso?

Anthony bateu com violência com a garrafa na pequena mesa ao lado da cadeira dele, explodindo.

– Não ias acreditar naquilo de que ela me acusou! De levar para a cama aquela idiota da rapariga da taberna que conhecemos na outra noite!

– Cuidado, rapaz. Tenho recordações muito boas da Margie.

– Então sempre te foste encontrar com ela mais tarde?

– Tiveste alguma dúvida disso, com um exemplar bonito daqueles? Embora a pequena megera de calças tivesse sido... esquece... – James serviu-se de mais uma bebida, perturbado pelo desapontamento que sentira ao perder aquele exemplar em particular. – Porque é que não dizes à tua senhora que fiquei com a rapariga para mim? Isto é, já partilhámos mulheres antes, mas a circunstância de partilhar uma no mesmo dia é altamente desagradável, não achas?

– Verdade, mas a minha querida mulher não exclui à partida qualquer ação desagradável vinda da minha parte. E levo a mal ser colocado numa posição de ter explicar que não fiz nada de errado. Não devia ter de fazer isso. Um pouco de confiança vinha mesmo a calhar.

James suspirou.

– Tony, meu rapaz, tens muito a aprender acerca das noivas recentes.

– Já tiveste alguma, para seres um perito nelas? – zombou Anthony.

– É claro que não – retorquiu James. – Mas o bom senso dir-te-á que tem de ser uma altura muito delicada para uma mulher. Está a apalpar terreno, a ajustar-se à sua nova vida. Está diabolicamente insegura, nervosa. Confiança? Ah! É provável

que as primeiras impressões sejam as mais duradouras. É evidente, não é?

– É evidente que não fazes a menor ideia do que estás a falar. Quando é que foi a última vez que trocaste impressões com uma senhora a sério? Os gostos do capitão Hawke inclinam-se para um tipo de mulher completamente diferente.

– Não *completamente*, rapaz. Liderar um bando de salteadores tem os seus inconvenientes, sobretudo a nível dos estabelecimentos de baixo nível que nos vemos limitados a frequentar. E os hábitos adquiridos são difíceis de quebrar. Mas os meus gostos, como tu dizes, não são diferentes dos teus. Duquesa ou mulher da vida, desde que seja graciosa e esteja disposta, serve para mim. E não passaram *assim* tantos anos para eu não me lembrar das idiossincrasias de uma duquesa. Além disso, são todas iguais num aspeto, meu caro. Os ciúmes transformam-nas em víboras.

– Ciúmes? – disse Anthony, com o rosto inexpressivo.

– Caramba, homem, não é esse o problema?

– Não tinha pensado... bom, agora que falas nisso, pode ser por isso que ela está a ser tão pouco razoável. Está tão absurdamente zangada que nem sequer quer falar sobre isso.

– Então, o Knighton tinha razão. – A risada de James transformou-se numa gargalhada plena de direito. – Para onde foi a tua fineza, meu caro rapaz? Tens prática suficiente nestes assuntos para saber onde te andas a meter...

– Olha para quem está a falar – interrompeu Anthony irritado. – O mesmo homem que levou com um pontapé nas canelas na outra noite. Onde estava a fineza do Hawke....

– Maldição, Tony – vociferou James. – Se continuas a bramir esse nome aos sete ventos, ainda vou acabar com uma corda à volta do pescoço. O Hawke está morto. Faz o favor de te lembrares disso.

A disposição de Anthony melhorou, agora que a do irmão parecia ter piorado.

– Calma, meu velho. Estes camaradas não sabem distinguir um falcão² de um Hawke. Mas tens toda a razão. Uma vez que te deste ao trabalho de o matar, mais vale deixarmo-lo descansar em paz. Mas nunca me disseste uma coisa, sabes. O que aconteceu ao resto dos teus salteadores?

– Alguns foram à sua vida. Outros criaram um laço com o *Maiden Anne*, embora ele tenha mudado de cores. Estão a aguardar em terra até zarparmos.

– E quando, por favor diz-me, quando é que isso será?

– Calma, meu velho. – James devolveu-lhe as palavras. – Estou a tirar demasiado prazer do facto de te ver a arruinar a tua vida para te deixar já.

2 *Hawk*, no original. (N. da T.)

O relógio marcava cinco horas da tarde quando George Amherst ajudou os dois irmãos Malory a sair da carruagem à frente da casa com uma fachada de arenito castanho em Piccadilly, uma vez que eles precisavam mesmo da sua ajuda. George estava a sorrir, expressão que mantinha desde que os encontrara no White's e serenara os ânimos da agitação provocada pelos dois. Era mais forte do que ele. Nunca tinha visto Anthony tão ébrio que não sabia se estava a ir ou a vir. E James, bom, era extraordinariamente cómico ver aquele Malory tão intimidante a desatar às gargalhadas por causa do estado de Anthony quando o seu próprio estado era tudo menos sóbrio.

– Ela não vai gostar disto – estava a dizer James ao mesmo tempo que prendia um braço à volta dos ombros de Anthony, quase desequilibrando os dois.

– Quem? – inquiriu Anthony, de forma beligerante.

– A tua mulher.

– Mulher?

George agarrou em Anthony quando os irmãos começaram a oscilar e conduziu-os para a porta.

– Que maravilha! – Ele deu uma risada. – Quase foste expulso do White's por deixar o Billings inanimado no chão quando ele se limitou a dar-te os parabéns pelo teu casamento e aqui estás tu, sem te lembrar de que tens uma mulher.

O próprio George ainda se estava a habituar à ideia. Ficara sem palavras quando Anthony fora à casa dele na manhã anterior para lhe dizer pessoalmente, antes de ele o ler nos jornais.

– Uma gargalhada, George... basta uma pequena risada... e eu refaço-te o nariz – dissera-lhe Anthony com uma sinceridade aterradora. – Estava fora de mim. É a única desculpa que tenho. Por isso, nada de congratulações, por favor. Neste caso, será melhor dizer condolências.

Depois, recusara-se a dizer mais uma palavra sobre o assunto, nem quem ela era ou o motivo pelo qual se casara, ou tão-pouco uma pista acerca do motivo pelo qual já estava a lamentar aquela decisão. Mas George não tinha assim tanta certeza de que a lamentava realmente, especialmente quando Anthony o arrastara numa busca pelo primo dela, que representava algum tipo de perigo para ela. O desejo de a proteger era óbvio. O desejo de não falar dela era igualmente óbvio. Ainda mais óbvia era a raiva de Anthony, latente sob a superfície o dia inteiro. George estava bastante aliviado por não terem encontrado o sujeito que Anthony procurava. Teria odiado ver o que resultaria daí.

Mas um comentário acidental de James enquanto George os empurrava para fora do White's lançou alguma luz sobre o assunto.

– Conseguiu encontrar um mau génio à altura do teu, Tony. Não posso dizer que é uma coisa má numa mulher. Vai manter-te alerta, no mínimo. – E rira-se, mesmo quando Anthony vociferara de volta:

– Quando tiveres a tua mulher, irmão, espero que ela seja tão doce como aquela pequena víbora que te deu um pontapé em vez de te agradecer pela ajuda na outra noite.

A porta abriu-se mesmo quando George estava prestes a bater nela. O rosto hirto de Dobson surgiu à frente dele, mas a expressão do mordomo descontraíu-se para formar uma de surpresa melindrada quando James abandonou Anthony por um suporte mais estável – o próprio Dobson.

– Onde está o Willis, meu caro? Vou precisar de ajuda com as minhas botas, acho eu.

Não era só com isso que ele ia precisar de ajuda, pensou George, a sorrir, ao mesmo tempo que a figura mirrada de Dobson, sem dizer nada, tentava levar o homem muito maior do que ele para as escadas. George também estava a ter dificuldades em segurar Anthony.

– É melhor chamar alguns criados, Dobson – sugeriu George.

– Receio que – arquejou Dobson sem olhar para trás – eles tenham saído para fazer recados para a senhora, meu senhor.

– Com mil diabos. – Anthony ergueu a cabeça, ao ouvir aquilo. – Porque é que ela anda a enviar...

George deu-lhe uma cotovelada nas costelas para o calar. A senhora em questão tinha saído da sala de estar e estava parada com as mãos nas ancas e um brilho desagradável nos olhos cor de avelã, que passaram por todos os presentes. George engoliu em seco. *Aquela* era a mulher de Anthony? Caramba, era uma beleza de cortar a respiração, e estava furiosa.

– Perdoe-me, Lady Malory – anunciou George, numa voz hesitante. – Encontrei estes dois bastante bebidos. Achei prudente trazê-los para casa para curarem a bebedeira.

– E quem é o senhor? – perguntou Roslynn, friamente.

George não teve oportunidade de responder. Anthony, fixando o olhar na mulher, soltou um resmungo desdenhoso.

– Então, minha querida, já conhece o meu velho amigo George. Ele é nem mais nem menos do que o homem responsável pela sua falta de confiança no sexo masculino.

George corou severamente ao mesmo tempo que os olhos dela se semicerravam e se fixavam nele com um brilho dourado.

– Apre, Malory – vociferou ele entre dentes, arrancando o braço de Anthony do seu ombro com violência. – Vou deixar-te à mercê da compaixão carinhosa da tua mulher. É o que mereces depois dessa piada. – Não a tinha percebido, mas era inadmissível apresentar o melhor amigo à mulher daquela forma.

George acenou com a cabeça para Roslynn.

– Até outra altura, Lady Malory, esperemos que em melhores circunstâncias. – E partiu, zangado, sem sequer se incomodar em fechar a porta.

Anthony ficou a olhar para ele, espantado e a tentar sem sucesso manter o equilíbrio no meio do átrio.

– Foi alguma coisa que eu disse, George?

James riu-se tanto com aquilo que ele e Dobson recuaram dois degraus nas escadas.

– És um espanto, Tony. Ou não te lembras de nada ou lembras-te mais do que deves.

Anthony deu meia-volta para fitar James, agora já a meio das escadas. A frase dele: «O que diabo quer isso dizer?» apenas provocou outra gargalhada.

Quando pareceu que Anthony ia cair estatelado no chão, Roslynn avançou apressadamente, pondo o braço dele à volta do pescoço e colocando o seu próprio braço à volta da cintura do marido.

– Não consigo acreditar que fez isto, homem – disse, de dentes cerrados, guiando-o cuidadosamente pelo átrio. – Sabe que horas são, para voltar a casa neste estado?

– Com certeza que sei – respondeu ele, indignado. – São... são... bom, seja qual for a hora, para onde regressaria que não fosse a minha própria casa?

Ele tropeçou no primeiro degrau das escadas, puxando Roslynn para baixo com ele e caíram os dois pesadamente no pé das escadas.

– Com mil diabos! Devia deixá-lo aqui!

Anthony interpretou-a mal no seu estado confuso. O braço dele enrolou-se abruptamente à volta dela, apertando-a com tanta força contra o peito que ela não conseguia respirar.

– Não me vai deixar, Roslynn. Eu não vou permitir isso.

Ela fitou-o, incrédula.

– Anthony... oh, meu Deus, salva-me dos bêbedos e imbecis – disse, exasperada, empurrando-o para longe. – Vá, seu homem pateta. Levante-se.

Surpreendentemente, conseguiu que ele subisse as escadas e entrasse no quarto. Quando Dobson apareceu à porta um momento depois, ela acenou-lhe para se ir embora, sem saber bem porquê. A ajuda dele teria sido bem-vinda. Mas era uma situação única, o facto de ter Anthony indefeso e incapaz de se valer a si próprio. Estava a tirar um grande prazer daquela situação agora que a irritação inicial tinha passado. O facto de provavelmente ser o motivo do estado dele também era uma fonte de satisfação. Isso seria mesmo verdade?

– Importa-se de me dizer por que motivo voltou para casa bêbedo a meio do dia? – perguntou ao mesmo tempo que se colocava em cima da perna dele para lhe descalçar a primeira bota.

– Bêbedo? Céus, mulher, que palavra abominável. Os cavalheiros não se embebedam.

– Não? Nesse caso, o que lhes acontece?

Ele fez pressão contra as nádegas dela com o outro pé até a bota se soltar.

– A palavra é... é... qual é o diabo da palavra?

– Embebedam-se – repetiu ela, com uma expressão presumida.

Ele soltou um resmungo e quando ela lhe tentou tirar a segunda bota, ele empurrou-a com mais força, quase a fazendo cair quando a bota se soltou nas mãos

dela. Roslynn deu meia-volta, de olhos semicerrados, para o ver a sorrir-lhe de forma inocente.

Atirou a bota para o chão, regressando à cama para tentar despir-lhe o casaco.

– Não respondeu à minha pergunta, Anthony.

– Que pergunta foi essa?

– Porque está neste estado lamentável?

Ele não se ofendeu daquela vez.

– Então, minha querida. Por que razão um homem bebe mais copos do que devia? Ou perdeu a fortuna, um familiar morreu ou a cama dele está vazia.

Foi a vez dela parecer deliberadamente inocente.

– Alguém morreu?

Ele pôs-lhe as mãos nas ancas, puxando-a um nadinha mais para si entre as pernas. Estava a sorrir, mas o sorriso não revelava bom humor.

– Se brinca com fogo, querida, vai acabar por se queimar – advertiu-a com uma voz arrastada.

Roslynn puxou-lhe com força o plastrão antes de o empurrar de volta para a cama.

– Durma para curar essa bebedeira, *querido*. – E girou nos calcanhares.

– É uma mulher cruel, Roslynn Malory – disse-lhe ele nas suas costas.

Decidida, fechou a porta com estrondo.

Anthony acordou com uma dor de cabeça lancinante e uma maldição nos lábios. Sentou-se para acender o candeeiro ao lado da cama, praguejando de novo. O relógio por cima da lareira mostrava que passavam poucos minutos das duas. Estava escuro lá fora, o que lhe disse que eram duas da manhã, não duas da tarde. Praguejou mais uma vez, dando-se conta de que estava completamente desperto a meio da noite, com vontade de arrancar a cabeça e demasiadas horas para gastar até ao amanhecer.

Que diabo lhe tinha passado pela cabeça? Bom, sabia o que lhe tinha passado pela cabeça, mas não devia ter permitido isso. Lembrava-se vagamente de que o seu velho amigo George os levara a casa e alguma coisa acerca de ter dado um soco em Billings – maldição. Gostava de não ter feito isso. Billings era um bom camarada. Tinha de lhe pedir desculpa, provavelmente mais do que uma vez. George não tinha partido zangado? Não se conseguia lembrar muito bem.

Desconfortável, baixou os olhos para o corpo e fez uma careta. Que mulher maldosa. Podia tê-lo despido e colocado devidamente na cama, visto ter sido por culpa dela que ele se tinha embriagado. E ela não tivera uma atitude de grande altivez, pondo sal na ferida? Também não se conseguia lembrar disso com clareza.

Anthony inclinou-se para a frente, a massajar cuidadosamente as têmporas. Bom, tinha opções, mesmo àquela hora. Podia tentar dormir mais um pouco, o que era improvável. Já tinha dormido mais do que as suas horas habituais de sono. Podia mudar de roupa e voltar para o White's para jogar *whist* – isto é, se não se tivesse comportado tão mal a ponto de não o deixarem entrar. Ou podia ser tão maldoso como a mulher e acordá-la para ver o que podia sair dali. Não, sentia-se demasiado indisposto para querer fazer o que fosse preciso se ela acabasse por se revelar subitamente recetiva.

Ele riu-se, o que lhe provocou um esgar de dor. O melhor era fazer o possível para se livrar daquela ressaca antes de chegar a manhã. Um banho seria agradável, mas teria de esperar até uma hora decente para despertar os criados. Um pouco de comida, nesse caso.

Lentamente, porque cada passo que dava ecoava dentro na sua cabeça, Anthony deixou o quarto. Parou no fundo do corredor, ao ver uma luz acesa por baixo da porta do irmão. Bateu uma vez, mas entrou sem esperar pela permissão dele, e encontrou James sentado nu na ponta da cama, com a cabeça entre as mãos. Anthony quase se riu, mas controlou-se a tempo. O preço a pagar era demasiado doloroso.

James não olhou para cima para ver quem era o intruso. Numa voz suave e ameaçadora, vociferou numa voz roufenha:

- Não digas nada mais alto do que um sussurro, se dás valor à tua vida.
 - Também tens um homenzinho a martelar dentro da tua cabeça, meu velho?
- James ergueu a cabeça devagar. Tinha uma expressão assassina no rosto.

– Pelo menos uma dúzia deles e tenho de agradecer cada um a ti, seu miserável...

– O tanas que tens. Foste tu quem se ofereceu para me pagar uma bebida, por isso se alguém tem o direito de se queixar...

– Uma bebida, não várias garrafas, seu imbecil!

Os rostos de ambos contraíram-se de dor quando James ergueu a voz.

– Bom, suponho que tens alguma razão.

– Que bom que admites isso – resmungou James, voltando a massajar as têmporas.

Os lábios de Anthony quase sorriram. Era ridículo o castigo que infligiam aos respetivos corpos, embora o corpo de James não parecesse nada afetado pelos excessos. Anthony ficara surpreendido por um momento quando entrara, pois não via o irmão nu desde a altura em que entrara de rompante no quarto daquela condessa, cujo nome não se conseguia lembrar agora, para avisar James de que o marido dela estava a caminho. James mudara desde aquela noite, há mais de dez anos. Estava mais amplo, mais sólido. Na verdade, estava repleto de músculos salientes e volumosos que se espalhavam ao longo do peito e braços, assim como pelas pernas abaixo. Devia ser de subir todos aqueles cordames em dez anos de pirataria.

– Sabes, James, és um espécime masculino incrivelmente animalesco.

James abanou a cabeça com o comentário inesperado, olhando para baixo para si próprio e depois de volta para Anthony. Por fim, esboçou um sorriso rasgado perante a surpresa do irmão.

– As senhoras não parecem importar-se com isso.

– Não, imagino que não. – Anthony soltou uma pequena risada. – Queres jogar algumas partidas de cartas? Não consigo voltar a dormir por nada deste mundo.

– Desde que não abras mais nenhuma garrafa de *brandy*.

– Céus, não! Tinha café em mente e parece-me que saltámos o nosso jantar.

– Dá-me alguns minutos e já vou ter contigo à cozinha.

Quando Roslynn se sentou para tomar o pequeno-almoço, ainda tinha os olhos congestionados depois de passar outra noite agitada e em branco. Daquela vez, a culpa era apenas dela. Sentia-se culpada por causa da forma como tratara Anthony na tarde do dia anterior. Podia tê-lo despido, pelo menos, e tê-lo colocado mais confortável em vez de o deixar tal como deixara, sem se incomodar em enfiá-lo debaixo dos lençóis. No fim de contas, ele era o seu marido. Estava familiarizada com o corpo dele. Não tinha motivos para ficar embaraçada.

Houve meia dúzia de vezes que quase se levantara para corrigir a questão, mas mudou de ideias, com medo de que ele pudesse acordar e interpretar mal a sua preocupação. E depois de ter ido para a cama, bom, não ia entrar no quarto dele na sua roupa de dormir. *Isso* seria certamente mal interpretado.

Incomodava-a o facto de se sentir culpada. Não sentia qualquer compaixão

para com a tormenta dele. Se queria embebedar-se e deitar as culpas nela, bom, esse problema era dele. E se estava a sofrer por causa disso naquela manhã com uma terrível ressaca, isso também não lhe dizia respeito. Todos tinham de pagar o preço pelos seus excessos, certo? Por isso, por que motivo perdera metade da noite a pensar em Anthony estendido e indefeso na cama dele?

– Se a comida sabe assim tão mal ao ponto de fazer uma careta, talvez o melhor seja comer no meu clube esta manhã.

Roslynn ergueu o olhar, com a aparição súbita de Anthony a surpreendê-la tanto que respondeu simplesmente:

– Não há nada de errado com a comida.

– Esplêndido! – exclamou ele alegremente. – Nesse caso, não se importa se eu me juntar a si?

Ele não esperou pela resposta dela, avançou para o aparador e começou a empilhar uma montanha de comida no prato. Roslynn olhou fixamente para a figura alta, imaculadamente vestida num casaco castanho-escuro de qualidade superior, calças de camurça e botas altas reluzentes. Não tinha o direito de ter um aspeto tão magnífico e estar tão radiante naquela manhã. Devia estar a gemer, a resmungar e a rogar pragas pelo seu ato disparatado.

– Dormiu até tarde – disse Roslynn secamente, furando com crueldade uma salsicha gorda que estava no prato.

– Acabei de voltar do meu passeio matinal a cavalo, na verdade. – Ele ocupou o lugar à frente dela, erguendo as sobrancelhas ligeiramente à sua pergunta. – Acabou agora de acordar, minha querida?

Ainda bem que a salsicha não tinha entrado na boca de Roslynn, ou ter-se-ia engasgado com aquela pergunta aparentemente inocente. Como se atrevia ele a negar-lhe a satisfação de o admoestar pelo comportamento vergonhoso do dia anterior? E era exatamente isso que ele estava a fazer, sentado ali com o aspeto de quem tinha tido a noite de sono mais maravilhosa da sua vida.

Anthony não estava à espera de uma resposta à sua última pergunta, nem a teve. Com uma centelha bem-humorada nos olhos azul-cobalto, observou Roslynn a atacar a comida, determinada a ignorá-lo. Num gesto perverso, não lhe permitiu isso.

– Reparei que temos um tapete novo no átrio.

Ela não se dignou a olhar para ele, muito embora fosse um insulto chamar tapete à dispendiosa peça tecida de forma a assemelhar-se às tapeçarias figurativas de Aubusson.

– Que estranho não ter reparado nisso ontem.

Bravo, querida. Ele sorriu para si próprio. Ela ia desferir os seus golpes de uma forma ou de outra.

– E um Gainsborough novo também – prosseguiu ele, num tom descontraído, fixando momentaneamente os olhos no quadro magnífico que agora dominava a parede à sua esquerda.

– O aparador do serviço de porcelana e a mesa de jantar de pau-rosa devem

chegar hoje.

Roslynn ainda tinha os olhos fixos no prato, mas a súbita mudança que se deu nela não passou despercebida a Anthony. Já não estava ali sentada a fervilhar de raiva reprimida. A satisfação presunçosa que emanava dela era palpável.

Anthony quase soltou uma gargalhada. Era tão transparente, a sua doce mulher. Tendo em conta a atual antipatia que sentia por ele e o assunto que estavam a discutir, não era difícil perceber qual era o plano dela. Era um truque antigo, o da mulher fazer o marido pagar pelo seu descontentamento através da carteira. E com base em diversos comentários que Roslynn fizera no passado, sabia que ela achava que a sua carteira não suportaria muito descontentamento.

– Isso quer dizer que está a fazer uma pequena remodelação, é isso?

A resposta foi um encolher de ombros quase impercetível, mas acompanhado de um tom de voz demasiado doce.

– Eu sabia que não se ia importar.

– De maneira nenhuma, minha querida. Eu próprio tencionava sugerir isso.

A cabeça dela ergueu-se de rompante com aquelas palavras, mas foi rápida a responder.

– Ainda bem, porque estou apenas a começar. E ficará contente por saber que não vai custar tanto como eu pensava da primeira vez que passei os olhos pela casa. Ora, só gastei quatro mil libras até agora.

– Que bom.

Roslynn ficou de boca aberta, mal acreditando nos seus ouvidos. A resposta entediada de Anthony era a última coisa de que estava à espera. Seria possível que ele achasse que ela estava a gastar o dinheiro dela? Bom, o patife ia descobrir que estava enganado quando as contas comesçassem a chegar.

Pôs-se de pé, atirando o guardanapo para a mesa, demasiado irritada com a reação dele, ou ausência desta, para continuar na companhia dele. Mas não podia fazer a saída dramática que gostaria. Depois do dia anterior, era imperativo insistir que o espetáculo do dia anterior não se repetisse naquele dia, porque ia receber uma convidada.

– A Frances vem cá jantar esta noite. Se por acaso alterar o seu hábito de regressar tarde e aparecer para nos fazer companhia, peço-lhe que o faça sóbrio.

Naquele momento, Anthony sentiu ainda mais dificuldades em manter uma expressão séria.

– Vai voltar a trazer os reforços, minha querida?

– Está a ofender-me – disse ela com uma altivez gélida antes de sair com um passo imponente. À porta, no entanto, girou nos calcanhares e declarou com um olhar fulminante: – E, para sua informação, meu senhor, eu não desconfio de todos os homens, como mencionou de forma tão grosseira ontem quando me apresentou ao seu amigo: só de libertinos e aldrabões!

—É aquele, senhor.

Geordie Cameron voltou-se para o homem baixo com suíças ao lado dele com vontade de lhe dar um sapato na cabeça.

— Qual deles, idiota? Estão ali dois homens!

Wilbert Stow nem sequer pestanejou com o tom ofensivo do escocês. Já se tinha habituado a ele, à sua impaciência, ao mau génio explosivo, à sua arrogância. Se Cameron não pagasse tão bem, dizia-lhe onde podia enfiar aquele trabalho. Provavelmente também lhe abria a garganta, só para jogar pelo seguro. Mas ele pagava-lhe bem, trinta libras inglesas, uma fortuna para Wilbert Stow. Por isso, mordeu a língua como sempre, deixando os insultos passar ao lado.

— O de cabelo escuro — esclareceu Wilbert, mantendo um tom de voz servil. — É esse que é o dono da casa. Chama-se Sir Anthony Malory.

Geordie apontou o pequeno telescópio para o outro lado da rua, tornando as feições de Malory bruscamente nítidas ao mesmo tempo que este se voltava junto à porta para dizer alguma coisa ao sujeito loiro que estava com ele. Então, era aquele o inglês que andara a vasculhar as zonas miseráveis da cidade à procura dele nos últimos dias, o que estava a esconder Roslynn? Geordie sabia que ela estava ali dentro, ainda que não tivesse mostrado a cara fora da porta desde que ordenara a Wilbert e ao seu irmão, Thomas, para manter uma vigia constante à casa. Ela tinha de estar ali. Fora para ali que as roupas dela tinham sido enviadas. E era ali que aquela mulher Grenfell viera duas vezes de visita.

Roslynn achava que era tão esperta, ao esconder-se dentro daquela casa sem sair. Mas era mais fácil manter a vigia ali com Green Park do outro lado da rua. Havia bastantes árvores para os encobrir, não era como estar dentro de uma carruagem que podia atrair suspeitas, como acontecera em South Audley Street. Ela não podia dar um passo sem que Wilbert ou Thomas ficassem a saber e eles tinham sempre uma carruagem vazia no cimo da rua à espera para a seguirem nela. Era apenas uma questão de tempo.

Porém, entretanto, ia tratar do presumido inglês que a estava a esconder e que obrigara Geordie a mudar de sítio duas vezes nos últimos cinco dias por causa da sua intromissão infernal. Agora que ele sabia quem era o dândi, seria um assunto fácil de resolver.

Geordie baixou o pequeno telescópio, a sorrir para si próprio. *Em breve, rapariga. Em breve, vou obrigá-la a pagar por toda esta maçada. Vai desejar não se ter virado contra mim como a estúpida da sua mãe e o velho, que espero que estejam a apodrecer no inferno agora.*

— Queres mais um cálice de xerez, Frances?

Frances olhou para o copo, ainda quase cheio e depois voltou o olhar para

Roslynn, que já estava a encher de novo o próprio copo com o líquido cor de âmbar.

– Descontrai-te, Ros. Se ele ainda não apareceu, duvido que o venha a fazer, não achas?

Roslynn olhou por cima do ombro para a amiga, mas não conseguiu esboçar o sorriso que tentou exibir.

– Cheguei à conclusão de que o Anthony aparece nas alturas mais imprevisas, só para me pôr nervosa.

– *Estás nervosa?*

Roslynn soltou um pequeno som, meio gargalhada, meio resmungo e engoliu um grande trago do seu segundo cálice de xerez antes de regressar para se juntar a Frances no novo sofá Adams.

– Não devia estar, pois não? Afinal, ele não faria nada escandaloso contigo aqui e eu avisei-o de que tinhas sido convidada para jantar.

Roslynn sorriu finalmente, embora o seu sorriso se assemelhasse mais a um esgar.

– Ele confunde-me, Fran, com os seus muitos estados de espírito diferentes. Nunca sei o que devo esperar.

– Não há nada de invulgar nisso, minha querida. Nós também temos os nossos estados de espírito, não é verdade? Agora, para de te afligir. Em vez disso, diz-me o que ele achou desta nova divisão.

A risada grave de Roslynn era contagiante.

– Ainda não a viu.

Os olhos de Frances arregalaram-se.

– Queres dizer que ele não aprovou as tuas escolhas primeiro? Mas estas peças são tão... tão...

– Delicadas e femininas?

Frances abriu a boca de espanto com o brilho malicioso nos olhos cor de avelã de Roslynn.

– Santo Deus, fizeste isto de propósito! Estás com esperança de que ele a odeie, não estás?

Roslynn olhou à volta da divisão em tempos masculina que fora drasticamente transformada com as bonitas mobílias em pau-cetim. Agora tinha o aspeto que uma sala de estar devia ter, porque a sala de estar era, na realidade, o território de uma mulher. Adams podia ser conhecido pelo seu estilo excessivamente refinado na delicadeza de estrutura e ornamentos, mas ela gostava dos entalhes e do dourado da armação dos dois sofás e cadeiras, e especialmente dos estofos de cetim brocado de flores prateadas num fundo verde-azeitona. As cores não eram propriamente femininas. Tinha feito uma cedência nesse ponto. Mas a ornamentação era. E depois ainda havia o novo papel de parede em relação ao qual ainda não tomara uma decisão...

– Duvido que o Anthony a odeie, Frances, e se o fizer, é pouco provável que o diga. Ele é assim. – Ela encolheu os ombros. – Mas é claro que, se isso acontecer,

limito-me a livrar-me destas peças e compro outra coisa qualquer.

Frances franziu o sobrolho.

– Acho que estás demasiado habituada a gastar dinheiro sem pensar no preço. Estás a esquecer-te de que o teu marido não é tão rico como tu.

– Não, essa é a única coisa da qual não me estou a esquecer.

Frances suspirou em resposta àquela declaração ousada.

– Então é disso que se trata. Bom, espero que saibas o que estás a fazer. Os homens podem ter reações estranhas no que diz respeito ao dinheiro, sabes. Alguns podem perder vinte mil libras sem pestanejar. Outros são capazes de acabar com a própria vida à conta de uma perda dessas.

– Não te preocupes, Frances. É altamente provável que o Anthony caia na primeira categoria. Agora, posso preparar-te mais uma bebida antes do jantar?

Frances olhou para o copo, ainda meio cheio, e depois para o de Roslynn, vazio mais uma vez. Abanou a cabeça, mas não em resposta à pergunta.

– Podes aligeirar a questão como quiseses, Ros, mas não me podes dizer que não estás ansiosa com a reação dele. Ele foi muito... desagradável quando tiveram este desentendimento do qual não queres falar?

– Não foi um desentendimento – respondeu Roslynn, de forma hirta. – E ele tem sido desagradável desde que me casei com ele.

– Tu também não estavas propriamente calorosa da última vez que vos vi juntos. Eu diria que os estados de espírito dele estão diretamente relacionados com os teus, minha querida.

Roslynn fez uma expressão de desagrado com aquela observação sensata.

– Visto que é óbvio que ele não se vai juntar a nós para jantar, e o irmão e sobrinho dele estão fora este serão, somos só nós as duas. Decerto que somos capazes de encontrar um assunto mais agradável para discutir.

Frances desistiu e esboçou um sorriso amarelo.

– Decerto que sim, se nos esforçarmos.

Roslynn também sorriu, sentindo alguma da tensão desaparecer. Frances era uma boa amiga, ainda que não quisesse ouvir alguns dos conselhos que ela lhe oferecia.

Pousou o copo e pôs-se de pé.

– Vem. Outra bebida ia estragar o excelente repasto que o cozinheiro nos preparou e o Dobson está só à espera que nós passemos à sala de jantar para começar a servir. E espera até veres a mesa nova que foi entregue esta tarde. É de uma elegância pura, mais do que adequada ao gosto de qualquer pessoa.

– E sem dúvida diabolicamente cara?

Roslynn soltou uma pequena risada.

– Isso também.

Uniram os braços e deixaram a sala de estar para passar à pequena sala de jantar, que anteriormente não era mais do que uma sala de pequeno-almoço, visto que Anthony raramente jantava em casa antes de se casar, hábito que mantivera, na verdade. Mas Roslynn deteve-se, reparando que Dobson estava a meio de abrir a

porta da frente e depois sentiu o corpo a retesar-se quando Anthony entrou. Porém, deixou completamente de respirar ao ver quem estava com ele. Ele não se atreveria! Ele *já* se tinha atrevido! Trouxera deliberadamente George Amherst para casa com ele, tendo plena consciência de que Frances ia estar ali. E, pela expressão de George, que estacara abruptamente ao ver Frances, ele também não fora avisado.

– Ótimo – disse Anthony numa voz bem-humorada enquanto entregava o chapéu e as luvas ao mordomo de rosto de pedra. – Estou a ver que chegámos mesmo a tempo do jantar, George.

Os dedos de Roslynn fecharam-se em punhos. A reação de Frances foi um pouco mais dramática. Empalideceu e com um pequeno guincho de horror, libertou-se apressadamente do braço de Roslynn e correu de volta para a sala de estar.

Anthony bateu nas costas do amigo, fazendo-o sair do seu estado perplexo.

– Então, o que estás aqui a fazer parado como um idiota, George? Vai atrás dela.

– Não! – explodiu Roslynn antes de George conseguir dar um passo em frente.

– Não basta o que já lhe fez?

O desprezo dela dilacerou o pobre homem, mas ele não hesitou um segundo e avançou na direção da sala de estar. Horrorizada, Roslynn voltou-se para chegar primeiro do que ele, com a intenção de lhe fechar a porta na cara. Mas não tinha contado com a intervenção de Anthony. Sem saber como, ele transpôs a distância de três metros antes de ela alcançar a porta da sala de estar e com um braço de ferro preso com firmeza à volta da cintura dela, conduziu-a na direção das escadas.

Roslynn sentiu-se inacreditavelmente indignada com aquele gesto prepotente.

– Largue-me, seu...

– Então, minha cara, pense bem, por favor – disse-lhe ele com uma naturalidade fingida. – Creio que já tivemos suficientes cenas desagradáveis no átrio para gáudio dos criados. Não precisamos de mais uma.

Ele tinha toda a razão, por isso a voz de Roslynn ficou mais baixa, mas não menos furiosa.

– Se não...

O dedo de Anthony foi parar aos lábios dela.

– Preste atenção, querida. Ela recusa-se a escutá-lo. É altura de ser forçada a isso e o George pode fazer isso aqui, e sem interrupções. – A seguir, fez uma pausa, com um sorriso irónico. – Parece terrivelmente familiar, não é?

– De maneira nenhuma – vociferou ela em voz baixa. – Eu escutei o que tinha para dizer. Simplesmente não acreditei em si!

– Rapariguinha teimosa – admoestou-a ele com suavidade. – Mas isso não interessa. Vem comigo enquanto eu mudo de roupa para o jantar.

Ela não teve alternativa a não ser acompanhá-lo, visto que ele praticamente a levou ao colo pelas escadas acima. Mas, uma vez no quarto, Roslynn afastou-se com um abanão, sem sequer reparar que Willis estava ao lado da cama.

– Esta foi a coisa mais abominável que já fez! – explodiu ela.

– Fico contente por saber isso – respondeu Anthony, despreocupadamente. – Estava com a impressão de que a coisa mais abominável que já tinha feito...

– Cale-se! Cale-se, por favor!

Ela empurrou-o para chegar até à porta. Ele apanhou-a pela cintura e depositou-a em cima da *chaise-longue* ao lado da lareira. E depois, com uma mão em cada lado, inclinou-se por cima dela, até ela ter de se encostar aos estofos para manter uma distância entre os dois. A expressão do marido já não tinha qualquer vestígio de bom humor. Agora, estava absolutamente séria.

– Vai ficar quietinha, minha querida mulher, senão eu ato-a a esta *chaise-longue*. – Com um arquear impercetível das sobrancelhas, acrescentou: – Estamos entendidos?

– Não era capaz!

– Não tenha a mais pequena dúvida de que sou.

Os lábios dela cerraram-se, em revolta, enquanto os olhos de ambos batalhavam entre si. Mas quando Anthony não se afastou e ficou ali parado a meros centímetros de Roslynn, ela achou prudente ceder momentaneamente.

Ofereceu a sua anuência ao baixar os olhos e ao puxar as pernas para cima da *chaise-longue* para ficar confortável. Anthony aceitou estes sinais de rendição e endireitou-se, mas o seu bom humor não regressou. Estava consciente de que, ao ajudar George, havia prejudicado gravemente a sua própria causa. Qualquer progresso para refrear a ira de Roslynn com a passagem do tempo fora agora destruído. Muito bem. Depois de todos aqueles anos, George merecia a sua oportunidade. O que eram mais algumas semanas do mau génio reacendido de Roslynn? Pura tortura.

Ele afastou-se da *chaise-longue*, com um semblante tão carregado que o criado pessoal deu um passo atrás involuntário ao vê-lo, o que finalmente atraiu a atenção de Anthony para a presença do homem.

– Obrigado, Willis. – A voz dele era deliberadamente monocórdica, para mascarar o turbilhão interno dos pensamentos. – A sua escolha é magnífica, como sempre.

A cabeça de Roslynn virou-se repentinamente ao ouvir aquilo, e fixou os olhos faiscantes, primeiro em Willis, e depois nas roupas cuidadosamente estendidas na cama.

– Está a dizer que ele sabia que viria a casa para jantar?

– É claro, minha querida – respondeu Anthony enquanto despia o casaco. – Eu informo sempre o Willis quando me deve esperar se tenho uma certeza razoável do meu horário.

Ela lançou a Willis um olhar acusatório que provocou uma cor escarlata nas faces já avermelhadas do criado.

– Ele podia ter-me dito – disse ela a Anthony.

– Não lhe compete fazer isso.

– O *senhor* podia-me ter dito!

Anthony olhou por cima do ombro para ela, perguntando-se se valia a pena arriscar direcionar a ira da mulher para aquela questão menor.

– Tem toda a razão, querida. E se não tivesse saído amuada de rompante da sala esta manhã, era isso que teria feito.

Os olhos dela flamejaram. Os pés tocaram no chão. Metade do corpo de Roslynn saiu da *chaise-longue* antes de se lembrar da ameaça dele e voltar a sentar-se.

Mas não tinha perdido a voz.

– Não fiz nada disso! E como se atreve a dizer uma coisa dessas?

– Não? – Anthony virou-se para ela de novo, com os lábios ligeiramente arqueados. – Nesse caso, que nome daria àquilo?

A camisa dele caiu nas mãos de Willis antes de ela poder responder. Roslynn deu meia-volta tão depressa que Anthony quase se riu em voz alta. Pelo menos, aquela nova questão estava a ajudar a melhorar o seu próprio estado de espírito, ainda que não fizesse o mesmo pelo de Roslynn. E a relutância dela em vê-lo a despir-se era deveras interessante.

Sentou-se na cama para Willis poder agarrar nas suas botas, mas manteve os olhos presos na mulher. Usava um penteado diferente naquela noite, num estilo mais frívolo, com caracóis graciosos a cair do alto do cabelo apanhado. Passara demasiado tempo desde a última vez que as mãos tinham tocado naquelas gloriosas madeixas ruivas, demasiado tempo desde a última vez que os seus lábios tinham saboreado a pele suave do seu pescoço. A cabeça dela estava virada para trás, mas o corpo estava de perfil e as formas arredondadas e salientes dos seios prenderam-lhe particularmente a atenção.

Anthony foi obrigado a desviar o olhar antes que o processo de se despir se tornasse um embaraço para ele e para Willis.

– Sabe, minha querida, o motivo do seu mau humor esta manhã escapa-me completamente.

– O senhor provocou-me.

Ele teve de fazer um esforço para a ouvir, visto que ela não voltou a cara para ele.

– Vamos, como é que podia ter feito isso quando exhibi um comportamento e maneiras tão exemplares?

– Chamou à Frances os meus reforços!

Ele foi capaz de ouvir *aquelas* palavras bastante bem.

– Creio que será indelicado da minha parte chamar a atenção para este facto, querida, mas já estava de mau humor muito antes de a sua amiga ser mencionada.

– Tem razão – disparou ela. – É indelicado da sua parte dizer isso.

Ele lançou-lhe mais um olhar e viu os dedos dela agitados e apreensivos nos braços da *chaise-longue*. Tinha-a encurralado a um canto. Não fora essa a sua intenção.

Num tom de voz mais sóbrio, disse:

– Por falar nisso, Roslynn, até eu localizar o seu primo, gostava que não

deixasse a casa sem mim.

A mudança abrupta de assunto deixou-a sem palavras. Em qualquer outra altura, teria retorquido que já tinha concluído sozinha que era mais sensato ficar em casa durante algum tempo. Mas, naquele momento, estava demasiado grata por ele ter desistido de a pressionar acerca daquela manhã.

– É claro que sim – concordou ela, simplesmente.

– Existe algum sítio onde gostava de ir nos próximos dias?

E ser obrigada a suportar a companhia dele durante todo esse tempo?

– Não – assegurou-lhe Roslynn.

– Muito bem. – Ela pressentiu o encolher de ombros dele. – Mas se mudar de ideias, não hesite em dizer-me.

Ele tinha mesmo de ser tão razoável e amável?

– Ainda não acabou?

– Na verdade...

– Malory! – O grito pareceu abafado do outro lado da porta, mas depois George Amherst entrou de rompante no quarto. – Tony! Não vais...

Roslynn disparou para fora da *chaise-longue*, com a presença de Amherst a suspender a ameaça de Anthony na mente dela. Não ficou à espera para ouvir aquilo que ele estava tão ansioso por transmitir ao marido, e passou por ele, correndo para fora do quarto e fazendo uma pequena prece para que Anthony não fizesse outra cena ao tentar impedi-la.

Também não olhou para trás enquanto descia as escadas a toda a pressa e se dirigia diretamente à sala de estar. Estacou abruptamente ao encontrar Frances ainda ali, de pé em frente à lareira de mármore branco e de costas para a sala. Ela voltou-se e Roslynn sentiu um nó de infelicidade a subir na garganta, ao ver os olhos da amiga marejados com grandes lágrimas.

– Oh, Frances, lamento imenso – declarou Roslynn ao mesmo tempo que avançava para ela, envolvendo-a nos braços. – Nunca vou perdoar o Anthony por interferir desta forma. Ele não tinha o direito...

Frances deu um passo atrás para a interromper.

– Vou casar-me, Ros.

Roslynn ficou ali parada, sem palavras. Nem sequer o sorriso resplandecente com que Frances a brindou, um sorriso que não via há anos, a podia fazer acreditar no que acabara de ouvir. As lágrimas negavam-no. As lágrimas...

– Então, porque estás a chorar?

Frances riu-se com uma voz trémula.

– Não consigo evitar. Fui tão pateta, Ros. O George diz que me ama, que sempre me amou.

– Tu... tu acreditas nele?

– Sim. – E depois, com mais veemência: – Sim!

– Mas, Fran...

– Não está a tentar fazê-la mudar de ideias, pois não, Lady Malory?

Roslynn estremeceu e voltou-se para ver o olhar mais hostil que já recebera da

parte de um homem no rosto bonito de George Amherst, ao mesmo tempo que ele avançava com um passo vagaroso na direção das duas. E o tom dele estava igualmente repleto de ameaça, com os olhos cinzentos decididamente gélidos.

– Não – disse ela, pouco à vontade. – Não me atreveria a...

– Ótimo! – A transformação foi imediata e o sorriso ofuscante. – Porque agora que sei que ela ainda me ama, não vou deixar ninguém intrometer-se entre nós os dois.

A alusão era óbvia, tão clara como o afeto que emanava agora dos olhos dele, que esse «ninguém» também incluía Frances. Tal como era igualmente claro que Frances ficara radiante com o aviso sutil.

Ela abraçou Roslynn, que estava perplexa, sussurrando alegremente ao ouvido dela:

– Estás a ver porque não duvido da sinceridade dele? Ele não é maravilhoso?

Maravilhoso? Roslynn sentiu um nó de indignação a formar-se na garganta. O homem era um libertino, um devasso. Fora a própria Frances que a avisara dos perigos de confiar nesse tipo de homens e ali estava a amiga, disposta a casar com o mesmo libertino que lhe partira o coração.

– Espero que nos perdoes por sair a correr, minha querida – estava a dizer Frances, dando um passo atrás, com um bonito rubor a tingir-lhe as faces enquanto acrescentava: – Mas o George e eu temos tanto de que falar.

– Estou certo de que ela entende o quanto gostaríamos de ficar sozinhos neste momento, Franny – acrescentou George, pondo um braço à volta da cintura de Frances, puxando-a para si de forma pouco decente. – No fim de contas, ela própria é uma recém-casada.

Desta vez, Roslynn ficou mesmo sem fala mas felizmente, nenhum dos dois se deu conta, demasiado absortos em fitar-se mutuamente com olhos plenos de adoração para prestar atenção a mais alguma coisa. E, sem saber bem como, deve ter dado uma resposta apropriada, porque menos de um minuto depois deu por si sozinha na sala de estar, de olhos presos no chão com uma expressão desorientada, bombardeada por tantas emoções contraditórias que nenhuma delas conseguia levar a melhor sobre as outras para pôr um fim àquela desorientação.

– Estou a ver que já recebeu a boa notícia.

Roslynn voltou-se devagar para a porta e, por um momento, todos os pensamentos que tinha na cabeça abandonaram-na quando viu o marido. Ele vestira-se de forma irrepreensivelmente elegante num casaco de cetim de um verde-esmeralda escuro, com uma profusão de renda imaculada que lhe caía do pescoço. E penteara o cabelo para trás em desafio ao atual estilo em voga, mas o cabelo dele era tão suave que recusava qualquer disciplina e já estava a cair para a frente por cima de cada uma das têmporas em ondas negras e espessas. Ele estava belíssimo, não havia outra palavra para isso, tão bonito que ela sentiu o coração vacilar.

Mas depois reparou na posição do corpo de Anthony, uma posição que se tornara muito familiar, com o ombro apoiado na porta, os braços cruzados por cima

do peito – e um ar satisfeito. Com mil diabos, era quase gritante, o sorriso complacente, o riso contido nos olhos azul-cobalto, ainda mais azuis em contraste com o verde-escuro do casaco. Estava tão orgulhoso de si mesmo como um pavão, o patife, e pavoneava isso com a sua habitual arrogância masculina.

– Não tem nada a dizer, querida, depois de ter feito tanto barulho por nada?

Agora já estava a fazer pouco dela, a pôr sal na ferida. Os dentes dela cerraram-se e os dedos fecharam-se em punhos junto das ancas. As emoções de Roslynn tinham encontrado um canal de escape. Fúria. Mas ele não tinha acabado. Tinha de dar o golpe de misericórdia.

– Deve ser desconcertante ver a mulher que encorajou a sua desconfiança em relação aos homens tornar-se uma traidora e confiar num deles. Põe tudo numa perspetiva completamente nova, não é?

– Seu... – Não, não ia fazer aquilo. Recusava-se a gritar como uma peixeira de novo para satisfação dos criados. – Na verdade – soprou entre dentes cerrados –, não há nenhuma comparação possível entre o meu caso e o dela. – E depois, acrescentou, numa voz baixa e irada: – Ela vai recuperar o bom senso de manhã.

– Conhecendo o meu velho amigo George, duvido. A única coisa que a sua amiga vai ter em mente de manhã é a forma como passou a noite. Parece-lhe familiar?

Ela tentou lutar contra isso, reprimi-lo, mas as suas faces encheram-se de cor apesar dos seus esforços.

– É mesmo grosseiro, Anthony. Eles saíram daqui para falar.

– É capaz de ter razão, querida.

O tom condescendente enfureceu-a. Ele tinha razão, é claro. Ela sabia. Ele sabia. Tinha sido tão embaraçoso e óbvio o motivo pelo qual George e Frances estavam com tanta pressa para se ir embora. Mas nunca ia admitir-lhe isso!

Numa voz seca, declarou:

– Creio que estou a começar a sentir uma dor de cabeça. Se me der licença... – Mas teve de parar quando chegou à porta porque o espaço ainda estava bloqueado pela pose descontraída de Anthony. – Importa-se de me deixar passar? – perguntou ela, num tom de voz incisivo.

Anthony endireitou-se devagar, divertido quando ela lhe voltou as costas ao torcer o corpo de forma a passar por ele sem lhe tocar.

– Cobarde – disse ele em voz baixa, e sorriu quando ela parou a meio do átrio, de ombros hirtos. – E creio que lhe devo uma lição numa *chaise-longue*, não é? – Ele ouviu a exclamação abafada de Roslynn mesmo antes de ela desatar a correr rumo às escadas. As gargalhadas dele seguiram-na. – Noutra oportunidade, querida.

Ao aproximar-se das grandes portas duplas de entrada do imponente salão de baile de Edward Malory duas noites após a reconciliação de Frances com George Amherst, aquilo que Roslynn interpretava agora como a deserção da amiga para o campo inimigo, ela estacou de súbito, obrigando os dois acompanhantes também a parar. As muitas carruagens à frente da mansão Malory deviam ter-lhe dado alguma pista do que estava para vir, mas ainda assim não correspondiam às quase duzentas pessoas reunidas no grande salão diante dos olhos dela.

– Pensei que isto ia ser um serão tranquilo com amigos e família – observou Roslynn a Anthony, incapaz de impedir a rigidez do seu tom de voz. No fim de contas, a festa era para eles. Devia ter sido avisada. – Lembro-me de que as palavras do seu irmão foram: «Nada muito grande.»

– Na verdade, este é um baile pequeno para os eventos habituais da Charlotte.

– E posso partir do princípio de que estas pessoas são todas *suas* amigas?

– Odeio desapontá-la, querida, mas não sou assim tão popular. – Anthony sorriu. – Quando o Eddie falou em amigos da família, creio que ele se referia aos amigos de cada membro individual da família, ou assim parece. Está vestida de forma perfeitamente adequada, minha querida.

Roslynn não estava preocupada com a forma como estava vestida. O vestido de cerimónia verde-musgo de crepe de seda, com renda preta por cima de tiras de cetim à volta das mangas cavas, decote baixo e cintura e bainha altas era adequado para qualquer baile e era nisso que aquela noite se tinha tornado, sem sombra de dúvida. Luvas pretas de cerimónia e sapatinhos de cetim completavam o conjunto, mas eram os diamantes, que pendiam das orelhas, pescoço, pulsos e vários dedos, que a tornavam apresentável na opinião dela, até mesmo para uma apresentação formal ao príncipe regente.

Roslynn não respondeu. Em todo o caso, Anthony não estava a prestar atenção. Estava distraído a perscrutar calmamente o salão, o que lhe deu um momento para olhar para ele, mas apenas um momento. Obrigou-se a desviar os olhos, ao mesmo tempo que cerrava os dentes com irritação.

Ao chegar com Anthony e James, dois dos homens mais bonitos de Londres, devia ter ficado imensamente orgulhosa, e seria esse o caso se tivesse pensado nisso. Mas a única coisa na mente de Roslynn era a rapidez com que podia escapar à presença do marido. Depois da intolerável viagem de carruagem até ali, durante a qual fora obrigada a sentar-se ao lado dele, ela era agora uma pilha de nervos.

A viagem não teria sido assim tão má, uma vez que a carruagem oferecia assentos suficientemente amplos, se Anthony não a tivesse deliberadamente puxado para perto, passando um braço com firmeza à volta dos ombros dela, e Roslynn não podia fazer nada acerca disso com James sentado à frente deles, a observá-los silenciosamente com uma boa disposição despropositada. Mas fora exatamente por isso que Anthony o fizera. Porque sabia muito bem que ela não

faria uma cena à frente do irmão.

Mas tinha sido um inferno, uma tortura maravilhosa, sentir a coxa dele a arder contra a sua, as ancas dele, um dos lados do corpo dele tão perto do dela. E a maldita mão de Anthony não parava quieta um minuto, com os dedos a acariciar-lhe constantemente a pele nua do braço entre a manga curta do vestido e a luva até ao cotovelo. E ele sabia exatamente o que lhe estava a fazer. Embora ela estivesse tão rígida como uma tábua, não conseguia impedir o acelerar da respiração, o galopar do coração, ou a pele de galinha denunciadora que aparecia incessantemente sob os dedos dele, provocando-lhe um arrepio atrás do outro e dizendo ao marido quão eficaz estava a ser aquele toque *inocente*.

A viagem pareceu demorar uma eternidade, quando na realidade apenas alguns quarteirões separavam Piccadilly de Grosvenor Square, onde Edward Malory vivia com a mulher e os cinco filhos. E embora tivessem chegado e Roslynn conseguisse respirar normalmente de novo ao manter uma distância entre si e Anthony, sabia que ainda ia demorar algum tempo até poder escapar dele por completo. Com uma festa em honra de ambos, seriam obrigados pela etiqueta a permanecer juntos para as apresentações e agora ela via o quanto isso iria demorar, com tantos convidados para conhecer. Mas no instante em que tivesse sido apresentada ao último...

Todos os Malorys estavam presentes. Viu Regina e Nicholas ao lado de alguns dos filhos de Edward; Jason e o filho Derek junto da mesa das bebidas e comidas, ao lado de Jeremy, que tinha vindo mais cedo para ajudar a tia Charlotte com decorações de última hora, o que, pelo aspeto do salão, implicara pilhar todas as flores disponíveis no jardim de Charlotte. Reparou na presença de Frances e George e várias outras pessoas que conhecera ao chegar a Londres.

E depois deu-se conta do silêncio que se abateu sobre o salão. Eles tinham sido vistos, e ela soltou um gemido interior, ao sentir o braço de Anthony a deslizar pela sua cintura para apresentar uma imagem deveras amorosa. Será que não havia fim para as liberdades que ele ia tomar naquela noite? Pelos vistos não, porque ele não a libertou quando Edward e Charlotte apareceram ao lado deles com um pequeno grupo de pessoas atrás e as apresentações começaram. A única interrupção foi quando tiveram de dar início ao baile juntos na qualidade de convidados de honra e essa foi outra desculpa para Anthony a atormentar com a sua proximidade.

Pouco depois, conheceu os amigos *dele*, o grupo mais desprezível de devassos imaginável. Não houve um que não a tivesse olhado com desejo descaradamente, namoriscado com ela ou gracejado com insinuações maliciosas. Eram divertidos. Eram escandalosos. E conseguiram afastá-la do lado de Anthony dança após dança até, que quando ela finalmente implorou por um momento de pausa, Anthony já não estava à vista. Finalmente, Roslynn sentiu que podia descontraír e começar a divertir-se.

– Vamos lá ver uma coisa, Malory, ou joga às cartas ou não – disse o ilustre John Willhurst, exasperado, quando Anthony se levantou da mesa pela terceira vez

em menos de uma hora.

Os dois outros jogadores ficaram tensos quando Anthony colocou as duas mãos na mesa e se inclinou para Willhurst.

– Vou esticar as pernas, John. Mas se tens um problema com isso, já sabes o que podes fazer.

– Não, de maneira nenhuma – balbuciou John Willhurst. Ele era vizinho de Jason e já conhecia, por experiências anteriores, os temperamentos explosivos dos irmãos Malory, tendo crescido com eles. Em que *estava* ele a pensar? – Eu também preciso de uma bebida.

No fim de contas, foi Willhurst quem se apressou a sair da mesa enquanto Anthony lançava aos outros jogadores um olhar para ver se havia mais objeções. Não havia.

Calmamente, como se não tivesse estado prestes a desafiar um velho amigo da família, Anthony pegou na bebida e saiu da sala dos jogos de cartas. Parou no sítio onde se detivera antes, à entrada do salão de baile, com os olhos a esquadrihar a massa de gente até encontrar o que o trouxera repetidamente até ali.

Diabos a levassem, nem sequer conseguia jogar um simples jogo de cartas com Roslynn nas proximidades. Saber que ela estava por perto, mas onde não conseguia mantê-la debaixo de olho, destruía-lhe a concentração, de tal forma que já tinha perdido quase mil libras. Não valia a pena. Não conseguia estar perto dela sem lhe tocar, mas também não conseguia ficar longe dela.

Do outro lado do salão, Conrad Sharp acotovelou James nas costelas.

– Ele voltou.

James olhou na direção que Connie lhe indicara e soltou uma pequena risada ao ver Anthony a franzir o sobrolho e fitar a mulher enquanto esta rodopiava na pista de dança.

– Aquela é uma cara que vale mil palavras. Eu diria que o meu querido irmão não está nada feliz.

– Podias resolver isso se tivesses uma pequena conversa com a senhora e a esclarecesses com a verdade do que se passou.

– É verdade que podia.

– Mas não o vais fazer?

– E facilitar as coisas ao Tony? Vamos, Connie. É tão mais divertido vê-lo completamente baralhado a tentar fazer isto sozinho. Ele não lida bem com a rejeição. É certo e sabido que vai cavar um buraco ainda mais fundo antes de finalmente conseguir sair de lá a rastejar.

– Se conseguir sair de lá a rastejar.

– Onde está a tua fé, homem? Os Malory ganham sempre no final. – James fez um sorriso irónico. – Além disso, ela já está a vacilar, se ainda não reparaste nisso. Também não consegue impedir os olhos de vasculhar o salão à procura dele. Se queres ver uma mulher apaixonada, olha para Lady Roslynn.

– Posso partir do princípio de que ela ainda não o sabe?
– Isso mesmo.
– E por que motivo estão os dois a sorrir dessa forma? – perguntou Regina ao mesmo tempo que ela e Nicholas se juntavam a eles.

James deu-lhe um pequeno abraço.

– Por causa dos pontos fracos dos homens, querida. Conseguimos ser tão idiotas às vezes.

– Fale por si, meu velho – retorquiu Nicholas.

– Eu excludo-me da afirmação anterior, naturalmente – respondeu James, com um trejeito nos lábios quando os olhos dele se moveram para o sobrinho por afinidade. – Mas, por outro lado, o Montieth é um exemplo perfeito disso.

– Que maravilha. – Regina soltou um suspiro exasperado, fulminando os dois com o olhar antes de os ignorar para dar o braço a Conrad.

– Connie, podias vir em meu socorro com uma dança? Estou cansada de ser salpicada com o sangue das vergastadas entre estes dois.

– Com prazer, garota. – Connie sorriu.

James soltou um resmungo enquanto eles se afastavam a rodopiar.

– Ela não se põe com meias palavras, pois não?

– Não sabe da missa a metade – queixou-se Nicholas, mais para si próprio. – Tente dormir no sofá quando a sua mulher está aborrecida consigo.

James não conseguiu evitar e desatou às gargalhadas.

– Santo Deus, consigo também? Isso é muito engraçado, rapaz. Ninguém me convence do contrário. E o que fez para merecer...

– Ainda não lhe perdoei, só isso. – Nicholas ficou carrancudo com o divertimento que James exibia às suas custas. – E ela sabe bem isso. Sempre que discutimos, ela puxa-me as orelhas depois. Quando é que vai deixar Londres para trás, afinal?

– Céus, mas isso está a tornar-se uma fonte de grande interesse. – As risadas de James continuaram. – Se isso o mantiver no sofá, meu caro rapaz, sou bem capaz de nunca mais partir.

– Que generoso da sua parte, Malory.

– Gosto de pensar que sim. Se lhe serve de consolo, já lhe perdoei há muito tempo.

– Que generoso, da parte de quem cometeu a primeira falta. A única coisa que eu fiz foi levar-lhe a melhor em alto-mar...

– E pôr-me no cárcere – respondeu James, já não tão divertido.

– Ah! Isso foi depois de me ter posto de cama para recuperar da tarefa que me deu, que quase me fez faltar ao meu próprio casamento.

– Ao qual teve de ser arrastado – fez notar James, com uma expressão carrancuda.

– Isso é uma maldita mentira!

– É? Bom, não pode negar que os meus irmãos tiveram de o pressionar para assumir a sua responsabilidade. Se estivesse aqui na altura...

– Mas estava, meu velho... a esconder-se em becos a tentar fazer-me emboscadas.

– A esconder-me? A esconder-me?

Nicholas soltou um resmungo.

– Agora é que a fez bonita com os seus malditos gritos.

James seguiu a direção do olhar dele e viu que Regina já não estava a dançar. Parara no meio da pista de dança a observá-los com uma expressão muito pouco satisfeita, com Connie ao lado dela, a tentar dar a impressão de que também não tinha ouvido as vozes erguidas de ambos.

– Acho que me apetece outra bebida – declarou James abruptamente, a sorrir. – Desfrute do conforto do seu sofá, rapaz. – E abandonou Nicholas para se dirigir à mesa das bebidas. Ao passar por Anthony a caminho, não resistiu a comentar: – Tu e o Montieth deviam trocar impressões, meu caro. Ele sofre do mesmo mal que tu, não sei se sabes.

– Sofre? – Anthony procurou no salão até os olhos pousarem em Nicholas. A seguir, acrescentou secamente: – Se isso é verdade, é óbvio que ele descobriu uma forma de o tratar.

James riu-se, vendo Nicholas a beijar a mulher com uma indiferença evidente pelo público que estavam a atrair.

– Macacos me mordam se ele não descobriu uma coisa valiosa. Está visto que a Regan não pode barafustar com ele se não conseguir ficar com os lábios livres para isso.

Mas Anthony já não estava lá para ouvir o comentário do irmão. Tinha ouvido de novo, e já a ouvira vezes suficientes, a gargalhada rouca de Roslynn em resposta a algum dito espirituoso que o seu atual parceiro de dança fizera. Serpenteou através dos dançarinos até chegar ao par em questão e depois bateu no ombro de Justin Warton com muito pouca delicadeza, fazendo ambos estacar subitamente.

– Passa-se alguma coisa de errado, Malory? – perguntou Lord Warton cuidadosamente, pressentindo a ameaça implícita na postura e expressão de Anthony.

– De maneira nenhuma. – Anthony fez um sorriso forçado, mas o seu braço avançou de rompante para agarrar Roslynn quando esta começou a afastar-se. – Estou a só a recuperar aquilo que é meu. – E com um seco aceno de cabeça, fez rodopiar a mulher ao som da valsa que ainda estava a tocar. – Está a divertir-se, querida?

– Estava – retorquiu Roslynn, mantendo os olhos longe dos dele.

O único indício de que a insinuação atingira o alvo foi uma ligeira tensão dos dedos de Anthony na cintura dela.

– Devemos ir embora, nesse caso?

– Não – disse ela demasiado depressa.

– Mas se não se está a divertir...

– Eu... estou... a divertir-me – declarou entre dentes cerrados.

Anthony sorriu-lhe, ao vê-la olhar para todo o lado menos para cima, para ele.

Puxou-a para mais perto de si, viu a pulsação que acelerou na garganta e interrogou-se o que ela faria se seguisse a estratégia de Montith.

Perguntou-lhe:

– O que faria, querida, se eu terminasse esta dança com um beijo?

– O quê?

Tinha os olhos dela completamente fixos nos seus agora.

– Isso fá-la entrar em pânico, não faz? Porque é que isso acontece?

– Não estou em pânico, homem.

– Ah, e aqui está o sotaque escocês, um sinal indiscutível...

– Cale-se, por favor! – silvou ela em voz baixa, e com o alarme causado pela provocação, falhou um passo da dança.

Anthony sorriu, satisfeito, e decidiu deixá-la em paz por agora. Começar qualquer coisa num salão de baile não só era de mau gosto, como não lhe ia adiantar de nada.

Reparando na fortuna em diamantes que cintilavam na figura de Roslynn de cada vez que a luz caía sobre eles, disse num tom impessoal:

– O que dá um homem a uma mulher que tem tudo?

– Algo que não pode ser comprado – respondeu Roslynn de forma absorta, porque ainda estava a pensar naquilo que *podia* acontecer quando aquela dança terminasse.

– O coração dele talvez?

– Talvez... não... isto é – gaguejou ela até se calar, fuzilando-o com o olhar, e com um tom amargo na voz quando continuou. – Não quero o *seu* coração, homem, já não.

A mão de Anthony tocou nos caracóis que tinha junto às têmporas.

– E se o coração já for seu? – perguntou ele, suavemente.

Por um momento, Roslynn perdeu-se no azul profundo dos olhos de Anthony. Chegou ao ponto de gravitar para mais perto dele e estava prestes a oferecer-lhe os lábios, sem se importar com o salão a abarrotar de pessoas e as divergências entre ambos. Mas caiu em si com uma exclamação abafada e recuou, fuzilando-o com o olhar de novo.

Furiosa consigo própria, disse:

– Se o seu coração é meu para fazer o que me aprouver, escolho cortá-lo em pedacinhos antes de o entregar de volta.

– Rapariga sem coração.

– Nada disso. – Ela fez um sorriso sarcástico, divertindo-o sem se dar conta disso. – O meu coração está exatamente onde devia estar, e é aí que vai ficar.

Depois dessas palavras, sacudiu o braço para se libertar dele e afastou-se com passos imponentes na direção dos irmãos mais velhos do marido. O único lugar onde se sentia segura das provocações ousadas de Anthony e dos toques supostamente inocentes das suas mãos acariciadoras era na presença deles.

George deu algumas pancadas determinadas com o batente da porta e depois recuou uns passos, a assobiar uma melodia alegre enquanto esperava. Foi Dobson quem abriu a porta.

– Acabou de se desencontrar dele, senhor, apenas por cinco minutos – informou-o Dobson antes de George começar a dizer ao que vinha.

– Que diabo, e eu aqui a pensar que tinha tempo de sobra – respondeu George, mas não se deixou desencorajar. – Muito bem. Ele deve ser fácil de encontrar.

George voltou a montar no seu garanhão baio e encaminhou-se para Hyde Park. Sabia os caminhos que Anthony preferia, os mais distantes de Rotten Row, onde as senhoras tinham por hábito aparecer. Tinha-lhe feito companhia várias vezes nos seus passeios matinais a cavalo, mas essas alturas tinham sido após uma noite de folia, na qual nenhum dos dois tinha ido para a cama. Jamais se levantara àquela hora diabólica para andar a cavalo ou fazer seja o que for – até muito recentemente.

George continuou a assobiar, com o coração tão leve que podia estar a flutuar. Os seus hábitos tinham mudado nos últimos três dias, drasticamente, mas não podia estar mais feliz com isso. Deitava-se cedo e acordava cedo e passara cada um desses dias com Franny. Não, não podia estar mais feliz e devia tudo isso a Anthony. Mas ainda não tivera oportunidade para agradecer ao amigo, motivo que o levava a querer fazer-lhe companhia naquela manhã.

Ao entrar no parque, acelerou o passo do cavalo para alcançar Anthony, mas só passado algum tempo é que finalmente o localizou uma boa distância à sua frente, e isso só aconteceu porque Anthony tinha parado no início da longa reta que utilizava para uma corrida a galope vigoroso. George ergueu o braço, mas antes que pudesse gritar para ser ouvido, foi disparado um tiro.

Ele ouviu-o, mas, ainda assim, não conseguia acreditar nos seus ouvidos. Viu o cavalo de Anthony a empinar-se tanto que os dois, cavaleiro e cavalo, quase tombaram para trás, mas, ainda assim, não acreditou nos seus olhos. Anthony foi cuspidado para o chão. O cavalo recuperou o equilíbrio, mas estava obviamente amedrontado, a encolher-se de medo, a abanar a cabeça e a recuar para um arbusto que ainda o assustou mais. E um cavalheiro ruivo a cerca de vinte metros de Anthony subiu para um cavalo oculto nos arbustos e partiu num galope imediato.

Anthony ainda não se levantara, e embora tudo aquilo tivesse acontecido no espaço de apenas alguns segundos, as peças juntaram-se finalmente na cabeça de George com uma clareza assombrosa. E a seguir, Anthony sentou-se, passando uma mão pelo cabelo e o sangue começou a correr de novo no rosto lívido de George. Dividiu o olhar entre o homem ruivo em fuga e Anthony a esforçar-se para se pôr de pé, aparentemente incólume, e tomou uma decisão. Voltou o cavalo para seguir o homem ruivo.

Anthony acabara de entregar a sua montada ao criado que o esperava para o levar para o estábulo quando George surgiu a meio galope atrás de si. Maldição. Não estava com disposição para George e o seu entusiasmo exuberante de quem não tinha problemas na vida. Anthony não levava a mal a sua sorte. Mas não precisava de ser lembrado do quanto a sua situação era oposta.

– Então, conseguiste chegar a casa pelos teus próprios meios – observou George, sorrindo por causa do semblante carregado que logo ensombrou as feições de Anthony. – Quer dizer que não houve ossos partidos?

– Isso quer dizer que testemunhaste o momento em que caí da sela? Foi simpático da tua parte teres-me dado uma mão para recuperar aquele meu maldito cavalo.

George soltou uma pequena risada com o sarcasmo deliberado nas palavras do amigo.

– Pensei que preferias ficar com isto, meu velho. – Ele atirou um pedaço de papel a Anthony.

As sobranceiras de Anthony ergueram-se milimetricamente enquanto lia a morada, que não lhe dizia nada.

– É a morada de um médico? Ou de um carnicheiro? – rosnou ele.

George soltou uma gargalhada fácil, sabendo muito bem que ele não ia entregar a montada preferida à faca de um carnicheiro.

– De nenhum deles. Podes encontrar o sujeito ruivo que te usou para tiro ao alvo nesse lugar. É um indivíduo estranho. Nem sequer esperou para ver se ficavas no chão e fora de circulação. Provavelmente, acha que tem uma pontaria imbatível.

Os olhos de Anthony reluziam agora.

– Então, seguiste-o até esta morada?

– Depois de te ver a levantar os ossos maltratados do chão, claro.

– Claro. – Anthony sorriu, por fim. – O meu agradecimento, George. O rasto dele tinha-se perdido quando consegui montar de novo no meu cavalo.

– É dele que andas à procura?

– Eu diria que isso é uma suposição mais do que provável.

– Vais fazer-lhe uma visita?

– Podes apostar nisso.

George não estava certo se gostava do brilho frio que via nos olhos do amigo.

– Precisas de companhia?

– Desta vez, não, meu velho – respondeu Anthony. – Este encontro já foi adiado vezes de mais.

Roslynn abriu a porta do escritório, mas estacou quando encontrou Anthony sentado atrás da secretária, a limpar um par de pistolas de duelo. Não o tinha ouvido a regressar do passeio matinal a cavalo. Ficara propositadamente no quarto

até o ouvir a sair, porque não queria vê-lo depois de ter feito figura de idiota na noite passada.

Anthony achara imensa piada ao facto de ela ter arrastado Jeremy para casa com eles depois do baile, contra a vontade do rapaz. Sabia exatamente por que motivo ela não confiava em si própria sozinha com ele, mesmo numa viagem tão curta. Mas James deixara o baile mais cedo com o amigo, Conrad Sharp. Jeremy era o seu único recurso. Era inconcebível para ela ficar sozinha com Anthony depois da forma como ele a arrelhiara a noite toda.

Agora aqui estava ela sozinha com ele, tendo vindo trocar um livro por outro na pequena biblioteca. Mas ele não erguera os olhos quando ela entrara. Talvez se ela saísse sem fazer barulho...

– Queria alguma coisa, minha querida?

Ele ainda não erguera os olhos. Roslynn rangeu os dentes.

– Nada que não possa esperar.

Anthony concedeu-lhe finalmente toda a sua atenção, com os olhos a fixar-se no livro que ela agarrava com tanta força nas mãos.

– Oh, a companhia de solteironas e viúvas. Não há nada como um bom livro para passar o serão quando não se tem mais nada para fazer, pois não?

A vontade de Roslynn foi atirar-lhe com o livro. Será que ele ia aludir à desavença entre ambos sempre que se encontrassem? Será que não podia deixá-la em paz o tempo suficiente para ela se conformar com a infidelidade dele? Ele agia como se *ela* fosse a parte culpada.

Ficou com os cabelos em pé com a injustiça daquilo e passou ao ataque.

– Está a preparar-se para um duelo, senhor? Ouvi dizer que é mais um dos seus passatempos preferidos. Que infeliz marido é que vai ser o seu oponente desta vez?

– Marido? – Anthony fez um sorriso forçado. – De maneira nenhuma, querida. Pensei em desafiá-la a si. Talvez se a deixar verter algum sangue meu, possa ser movida pela compaixão e a nossa pequena guerra termine.

A boca dela ficou aberta durante pelo menos cinco segundos antes de a fechar bruscamente.

– Fale a sério!

Ele encolheu os ombros.

– O seu querido primo decidiu que se se conseguir ver livre do atual marido, terá outra oportunidade consigo.

– Não! – exclamou Roslynn, chocada, com os olhos a abrirem-se desmesuradamente. – Nunca pensei que...

– Não? – interrompeu ele, secamente. – Bom, não deixe que isso a preocupe, querida. Eu pensei nisso.

– Quer dizer que se casou comigo sabendo que estava a colocar a sua vida em perigo?

– Vale a pena pôr a nossa vida em perigo por algumas coisas... ou, pelo menos, costumava pensar dessa forma.

A ferroada teve o efeito pretendido, de tal forma que ela não suportou estar mais um momento na presença dele e correu para fora do escritório e subiu ao quarto, onde se sentiu segura para desatar a chorar. Céus, pensava que aquilo ia acabar assim que se casasse. Nunca imaginou que Geordie tentaria matar o seu marido. E o seu marido era Anthony. Não conseguia suportar a ideia de alguma coisa lhe acontecer por causa dela.

Tinha de fazer qualquer coisa. Tinha de encontrar Geordie e falar pessoalmente com ele, entregar-lhe a sua fortuna, o que quer que fosse. Não podia deixar acontecer nada a Anthony.

Com a decisão tomada, Roslynn limpou as lágrimas e voltou a descer para dizer a Anthony o que decidira fazer. Iam comprar a concordância de Geordie. De qualquer modo, a única coisa que ele queria era o dinheiro. Mas Anthony já não estava lá.

Anthony via agora por que motivo nem ele nem os seus enviados tinham tido qualquer sorte em localizar Cameron. O escocês tinha deixado as docas para trás, arrendando aposentos numa zona melhor da cidade, o que era espantoso quando tais instalações podiam alcançar preços tão elevados durante a temporada social. O senhorio, um indivíduo simpático, admitiu que Cameron estava lá apenas há alguns dias, e sim, estava presente naquele momento. Se estava sozinho ou não, o senhorio não sabia dizer. Isso não fazia qualquer diferença para Anthony.

Campbell era o nome que Cameron estava a usar e Anthony não teve muitas dúvidas de que era falso. Tinha encontrado o homem que procurava. Sentia isso. O sangue dele palpitava com essa certeza, com a adrenalina a fluir pelas veias. E assim que resolvesse as coisas com Cameron, ia fazer o mesmo com Roslynn. Já a tinha deixado ditar as regras tempo suficiente.

O quarto ficava no primeiro andar, na terceira porta à esquerda. Anthony bateu devagar e só teve de esperar alguns segundos antes de a porta se abrir por completo, dando-lhe a oportunidade de ver Geordie Cameron pela primeira vez. Foram os olhos que o traíram, de um azul-celeste, e brilhantes de reconhecimento.

Foram precisos vários momentos para o sangue-frio do escocês regressar e o pânico se apoderar dele, que foi o suficiente para tentar fechar a porta na cara de Anthony. Bastou uma mão para impedir que a porta se fechasse. Depois, com um empurrão poderoso, Geordie largou o puxador, encolhendo-se quando a porta bateu com um estrondo na parede.

Uma sensação nauseante de fúria à mistura com ansiedade cresceu no estômago de Geordie. O inglês não parecera tão forte à distância. Nem tão perigoso. E devia estar morto, gravemente ferido, ou no mínimo intimidado por saber que fizera um inimigo mortal na pessoa de Geordie Cameron. De acordo com o plano, Roslynn devia ter entrado em pânico e abandonado a proteção da casa de Piccadilly, e Wilbert e Thomas Stow estariam por perto para lhe deitarem a mão. O inglês *não* devia ter aparecido à porta dele, com um aspeto horripelantemente saudável e lábios arqueados num sorriso sinistro que abalava mais Geordie do que qualquer outra coisa.

– Estou contente por não termos de perder tempo em apresentações, Cameron – declarou Anthony enquanto entrava no quarto, obrigando Geordie a recuar. – Ficaria desapontado se tivesse de explicar por que motivo estou aqui. E vou dar-lhe uma oportunidade, o que é mais do que me deu esta manhã. É suficientemente cavalheiro para aceitar o meu desafio?

O tom tranquilo e desprendido fez Geordie recuperar parte da sua postura beligerante.

– Pois, sim! Eu não sou nenhum imbecil, homem!

– Isso é discutível, mas também não achei que íamos fazer isto da forma habitual. Muito bem, então.

Geordie não viu o murro a chegar. Atingiu-o em cheio no queixo e fê-lo tombar para um dos lados e chocar contra a sua pequena mesa de jantar, quebrando-lhe as pernas pouco sólidas e derrubando duas cadeiras de costas altas ao mesmo tempo que a mesa se desmoronava, com Geordie por cima dela. Ele pôs-se de pé num salto e viu o inglês a despir calmamente o casaco, sem qualquer pressa. Geordie mexeu o queixo, viu que ainda estava intacto, e fitou o próprio casaco aos pés da cama do outro lado do quarto. Perguntou-se que probabilidades tinha de alcançar a pistola que tinha no bolso.

Absolutamente nenhuma, descobriu quando se voltou para a cama e o seu corpo girou de volta para trás. Um punho enterrou-se no abdômen e outro embateu contra uma das faces. Ele estava no chão de novo e não foi tão rápido a levantar-se desta vez. Também não conseguia respirar. Aquele patife tinha rochas no lugar de punhos.

Anthony avançou até ele.

– Isso foi por esta manhã. Agora vamos passar à verdadeira questão.

– Eu não vou lutar consigo, homem – vociferou Geordie, a sentir o sabor do sangue no ponto onde os dentes tinham cortado o interior da bochecha.

– Mas é claro que vai, meu caro – respondeu Anthony, num tom ligeiro. – É a sua única escolha, sabe. Quer se defenda ou não, vou limpar o chão com o seu sangue.

– O senhor é doido!

– Não. – O tom de Anthony alterou-se, sem qualquer vestígio do bom humor anterior. – Não podia estar a falar mais a sério.

Inclinou-se para pôr Geordie de pé. O escocês desatou a dar pontapés para o manter à distância, mas Anthony bloqueou-os com o joelho, puxando-o para cima com violência na mesma. E depois sentiu aqueles rochedos a chocar contra o maxilar mais uma vez. Desta vez cambaleou para trás e teve tempo para erguer os próprios punhos antes de Anthony o alcançar. Geordie desferiu um gancho de direita, mas só atingiu o ar. Dobrou-se para a frente quando dois murros sucessivos lhe aterraram no estômago. Antes de recuperar o fôlego, os lábios foram esmagados contra os dentes.

– Já c-chega – tentou balbuciar.

– Nem por sombras, Cameron – respondeu Anthony, nada ofegante com todo aquele esforço físico.

Geordie soltou um gemido e gemeu de novo com os dois murros seguintes. Sentiu-se enlouquecer um pouco nessa altura com a dor que lhe entorpecia o corpo. Nunca tinha sido vítima de uma tarefa na vida. Não possuía o caráter necessário para aceitar aquilo como um homem. Começou a berrar e desferir murros às cegas. Riu-se quando um deles finalmente acertou em algo, mas depois descobriu, quando abriu um pouco os olhos, que tinha atingido a parede, partindo três nós dos dedos. Anthony fê-lo dar meia-volta e deu-lhe um soco que o fez bater com a cabeça na parede. O nariz também estava partido, deu-se conta enquanto deslizava lentamente para o chão.

Ele achou que aquilo era o fim. Estava derrotado. Sabia isso. Doía-lhe o corpo todo. Estava a sangrar profusamente. Mas ainda não era o fim. Anthony puxou-o para cima pela camisa, encostou-o à parede e simplesmente desatou a dar murros ininterruptamente. E por mais que Geordie tentasse desviar-se dos socos, eles não paravam de vir, e continuavam a atingi-lo sem falhar.

Por fim, deixou de os sentir. Por fim, eles pararam. Ele estava curvado no chão de novo, e numa posição sentada apenas porque a parede servia de suporte às costas. Havia sangue espalhado a toda a volta da boca, nariz e dos vários cortes no rosto. Tinha duas costelas partidas. O dedo mindinho da mão esquerda também estava partido, de uma das suas tentativas de bloqueio. Só conseguia ver de um olho e aquilo que viu foi Anthony a olhar para ele com repugnância.

– Com mil diabos. Não dá nenhuma satisfação a um homem, Cameron.

Aquilo era engraçado. Geordie tentou sorrir, mas não sentia nada nos lábios e ficou sem saber se tinha conseguido esboçar um sorriso. Mas conseguiu dizer uma única palavra.

– Canalha.

Anthony soltou um resmungo e acocorou-se à frente dele.

– Quer mais?

Geordie gemeu.

– Não... mais não.

– Então, preste atenção, escocês. A sua vida pode muito bem depender disso, porque se tiver de vir à sua procura de novo, não vou usar os meus punhos da próxima vez. Ela é minha agora, assim como a herança dela. Casei-me com ela há uma semana.

Aquilo conseguiu penetrar na névoa que envolvia Geordie.

– Está a mentir. Ela não se teria casado se não tivesse assinado aquele contrato estúpido dela e nenhum homem no seu perfeito juízo faria uma coisa dessas.

– Então, está enganado, meu caro. Eu assinei-o, e à frente de testemunhas. E logo a seguir à cerimónia queimei-o.

– É impossível. Não com testemunhas.

– Esqueci-me de dizer que as testemunhas são meus familiares? – atormentou-o Anthony.

Geordie tentou endireitar as costas, mas não conseguiu.

– E depois? Ela vai receber tudo de volta quando eu fizer dela viúva.

– Não consegue aprender, pois não? – disse Anthony, agarrando a camisa de Geordie de novo.

Geordie agarrou-se rapidamente aos pulsos dele.

– Não estava a falar a sério, homem, palavra que não!

Anthony largou-o, decidindo aprofundar a mentira em vez de usar mais força.

– É indiferente para si, escocês, que eu morra ou não. Segundo o meu novo testamento, tudo aquilo que possuo, incluindo a herança da minha mulher, vai para a minha família. É claro que não irá faltar nada à minha viúva, mas, além disso, ela não recebe nada. Ela perdeu tudo no dia em que se casou comigo, tal como o

senhor.

O único olho bom de Geordie semicerrou-se furiosamente.

– Ela deve odiá-lo por a ter enganado!

– Esse problema é meu, não é? – observou Anthony enquanto se punha de pé. –

O seu problema é sair de Londres hoje no estado em que está. Se ainda estiver aqui amanhã, escocês, vou mandá-lo prender à conta da pequena proeza que levou a cabo no parque esta manhã.

– Não tem provas, homem.

– Não? – Anthony sorriu, finalmente. – O conde de Sherfield testemunhou a cena toda e seguiu-o até aqui. De que forma é que acha que eu o consegui finalmente encontrar? Se o meu testemunho não o puser na cadeia, o dele fará isso por mim.

Anthony deixou-o a resmungar sobre como é que Anthony esperava que ele saísse de Londres quando nem sequer era capaz de se levantar do chão.

Felizmente, Roslynn não viu Anthony quando ele regressou a casa e, depois de ele ter tomado banho e mudado de roupa, já não restavam indícios da luta. Os nós dos dedos podiam estar sensíveis, mas graças às luvas que usara, não havia cortes ou escoriações dos dentes de Cameron. Ainda assim, sentia uma repugnância profunda por tudo o que estava relacionado com aquele assunto. O homem não lhe oferecera o mínimo de desafio. Em consequência, ficou com um humor de cão, um estado de espírito que não era propício para enfrentar o seu próximo desafio – Roslynn.

Nem sequer tinha vontade de a ver naquele momento, mas, por pouca sorte, ela saiu da sala de estar quando Anthony estava mais uma vez de partida.

– Anthony?

Ele franziu o sobrolho com o tom hesitante, tão pouco familiar nela.

– O que é?

– Chegou a... desafiar o Geordie?

Ele soltou um resmungo.

– Ele não aceitou.

– Isso quer dizer que o viu?

– Vi-o. E já pode baixar a sua guarda, minha cara. Ele não vai voltar a incomodá-la.

– O que...

– Limitei-me a persuadi-lo a sair de Londres. Ele pode ter de ser levado em braços, mas vai partir. E não me espere para jantar. Vou para o meu clube.

Roslynn ficou a olhar para a porta fechada depois de ele sair, perguntando-se por que motivo o seu laconismo a incomodava tanto. Devia estar a sentir alívio, alegria pela tarefa de Geordie, pois estava certa de que era essa a persuasão que Anthony utilizara, mas, em vez disso, sentia-se desalentada, deprimida. Era a secura de Anthony, a sua indiferença fria. Ele tinha passado por muitos estados de espírito na semana anterior, mas aquele era uma novidade da qual não gostava nada.

Tinha deixado arrastar aquilo demasiado tempo. Chegara a altura de tomar uma decisão a respeito da sua relação com Anthony, antes de a decisão deixar de estar nas suas mãos. E tinha de ser tomada naquele momento, naquele dia, antes de ele regressar.

– Então, Nettie?

Nettie parou de escovar o cabelo rubro de Roslynn para a fitar no reflexo do espelho.

– Está mesmo decidida a fazer isso, menina?

Roslynn assentiu com a cabeça. Contara finalmente a Nettie tudo, a sedução

levada a cabo por Anthony naquela casa, as condições que colocara num possível casamento entre ambos, até mesmo as mentiras dele de que iria ser fiel, para depois a verdade lhe ser revelada no próprio dia seguinte. Nettie ficara furiosa e chocada com os dois. Mas Roslynn não deixara nada por contar e terminara dizendo a Nettie o que decidira fazer. Queria a opinião da sua criada, o seu apoio.

– Acho que está a cometer um grande erro, menina.

Ela não queria *aquela* opinião.

– Porquê?

– Vai usá-lo. Ouça bem o que eu lhe digo, ele não vai gostar disso nem um pouco.

– Eu vou partilhar a cama dele – observou Roslynn. – De que forma estarei a usá-lo?

– Vai partilhar a cama dele apenas durante um tempo.

– Ele concordou em dar-me um filho!

– Sem dúvida. Mas não concordou em deixá-la em paz assim que a criança fosse concebida, pois não?

Os olhos de Roslynn semicerraram-se até formarem uma expressão carrancuda.

– Só me estou a proteger, Nettie. Uma intimidade constante com ele podia... Eu não quero começar amá-lo.

– Já o ama.

– Não amo nada! – exclamou Roslynn, dando meia-volta para fulminar com o olhar a mulher mais velha. – E não o vou amar. Recuso-me! E vou deixá-lo decidir. Não sei porque te fui contar isto.

Nettie fez um estalido com a língua, indiferente à explosão dela.

– Então vá e diga-lhe o que tem a dizer. Vi-o a entrar no quarto dele antes de vir para aqui.

Roslynn desviou o olhar, com um nó frio de nervosismo no estômago.

– Talvez seja melhor esperar por amanhã. Ele não foi propriamente simpático à saída hoje.

– O homem não tem sido simpático para si desde que saiu do quarto dele – lembrou-a Nettie. – Mas talvez esteja a dar-se conta do quanto a sua ideia é pateta...

– Não – respondeu Roslynn, com a determinação a regressar à sua voz. – E não é pateta. É uma questão de autopreservação.

– A menina é que sabe. – Nettie suspirou. – Mas lembre-se de que a avisei...

– Boa *noite*, Nettie.

Roslynn deixou-se ficar sentada no seu novo toucador mais dez minutos depois de Nettie sair, fitando o reflexo no espelho. Tinha tomado a decisão certa. Não ia perdoar Anthony. Nem por sombras. Mas chegara à conclusão de que estava a prejudicar-se a si própria com a posição que tinha tomado. Podia continuar a alimentar a ira que sentia e manter Anthony à distância, ou podia engravidar. Ela queria um filho. Era tão simples como isso.

Mas isso significava engolir o orgulho e ir ao encontro de Anthony. Depois da frieza dele naquele dia, tinha poucas dúvidas de que teria de dar o primeiro passo. Mas era apenas temporário, disse a si mesma. Ele teria de concordar com isso. Ainda não fora capaz de se convencer a si mesma a aceitá-lo tal como ele era, ainda que tivesse concordado com isso quando se tinham casado. A verdade era que já não o queria mais tal como ele era. Descobriu em si um egoísmo imenso porque o queria todo para si própria. Mas visto que não era possível, tinha de continuar desligada, de manter presente que nunca seria a única mulher da vida dele.

Antes de perder a coragem, Roslynn saiu de rompante do quarto. No outro lado do corredor, bateu com força à porta do quarto de Anthony. Depois de agir e dar a conhecer a sua presença, a apreensão regressou. Da segunda vez que bateu, fê-lo de forma tão suave que apenas ela o podia ter ouvido. Mas a primeira vez que batera surtira o efeito pretendido.

Willis abriu a porta, olhou uma vez para ela e saiu silenciosamente do quarto, deixando a porta aberta para ela entrar. Foi o que Roslynn fez, de forma hesitante, fechando a porta atrás de si. Mas sentia algum receio de ficar cara a cara com Anthony lá dentro. Em vez disso, ficou a olhar para a cama, vazia, mas aberta. As faces enrubesceram e as palmas das suas mãos começaram a transpirar. E depois deu-se subitamente conta da finalidade daquilo tudo – fazer amor com Anthony. O seu coração começou a bater desalmadamente e ainda nem sequer tinha olhado para ele.

Anthony estava a olhar para ela. Susteve a respiração quando a viu numa camisa de noite de seda branca, com o tecido a colar-se de forma provocadora às curvas suaves do corpo de Roslynn, e o robe aberto, da mesma seda fina, exceto as mangas compridas, que eram transparentes, revelando os braços nus por baixo. O cabelo dela estava solto e caía-lhe em ondas ruivas e douradas ao longo das costas, dando-lhe uma vontade irresistível de entrelaçar os dedos nele. E estava descalça.

Foram os pés nus que fizeram Anthony pensar porque é que ela viera ao seu encontro. Só lhe vieram duas razões à cabeça. Ou Roslynn era uma idiota ao pensar que o podia torturar com aquele traje reduzido e voltar incólume ao seu quarto ou estava ali para terminar com a sua tortura.

Qualquer que fosse a razão para o procurar na privacidade do quarto e lhe oferecer aquela visão tentadora daquilo que lhe negara toda a semana, não fazia tenções de a deixar escapar. Quer ela tivesse feito a sua própria armadilha ou estivesse ali para pôr um fim na desavença de ambos, os dias de celibato dele tinham terminado.

– Roslynn?

A voz dele tinha um tom interrogador. Queria saber por que motivo ela estava ali. Com mil diabos, será que teria de lho dizer com todas as letras? Não era óbvio? Willis tinha percebido tudo apenas pela presença dela, vestida daquela forma, e isso já era suficientemente embaraçoso. Mas Anthony ia obrigá-la a dizê-lo. Já devia saber que aquilo não ia ser fácil.

Ela voltou-se finalmente na direção do som da voz dele. Estava sentado na *chaise-longue* excessivamente acolchoada onde a ameaçara atar uma vez. Ficou ainda mais embaraçada ao lembrar-se disso e de que ele a tinha obrigado a ficar ali sentada enquanto mudava de roupa naquele dia. Fitou-o ao mesmo tempo que via a forma como aqueles olhos inescrutáveis deslizavam ao longo do seu corpo, e não conseguiu fazer sair as palavras.

Mas o coração dela continuou a bater desalmadamente, com mais força agora que o tinha visto. Ele estava a usar o mesmo robe azul-prateado por cima de calças largas que usara na primeira noite em que tinham feito amor, o que levou a mais memórias e mais rubor no rosto e transformou aquele nó de nervosismo na barriga dela em algo completamente diferente.

– Então, minha querida?

Roslynn pigarreou, mas isso não a ajudou.

– Pensei... pensei que talvez pudéssemos...

Não conseguiu terminar a frase, com os olhos de Anthony presos nos seus. Já não estavam inescrutáveis, mas deveras intensos, embora não conseguisse identificar a emoção presente neles.

Anthony perdeu a paciência, à espera para ouvir o que queria ouvir.

– Talvez pudéssemos o *quê*? Há imensas coisas que nós os dois podemos fazer. O que tinha em mente, exatamente?

– Prometeu-me um filho! – exclamou ela bruscamente e depois suspirou de alívio por ter aberto o jogo.

– Vai mudar-se de volta para cá?

Com mil diabos, esquecera-se do resto.

– Não, eu... quando eu conceber, não existem mais motivos para...

– Para partilhar a minha cama?

A ira súbita na expressão dele fê-la fazer uma pausa, mas já tinha tomado a sua decisão. Agora tinha de se manter fiel a ela.

– Exato.

– Já percebi.

Aquelas duas palavras tinham uma carga tão sinistra que Roslynn estremeceu. Nettie avisara-a de que ele não ia gostar daquilo, mas conseguia ver pela expressão rígida da boca e o azul frígido dos olhos que ele estava extremamente furioso. Porém, não se mexeu da *chaise-longue*. Podia estar a agarrar com mais força o copo de balão com *brandy* que tinha numa das mãos, mas a voz dele continuava suave quando prosseguiu; suave e ameaçadora.

– Este não era o nosso acordo original.

– Tudo mudou desde essa altura – lembrou-o ela.

– Nada mudou, exceto aquilo que imagina dentro da sua cabecinha desconfiada.

Ela encolheu-se.

– Se não concorda...

– Fique onde está, Roslynn – interrompeu-a ele severamente. – Ainda não

acabei de analisar esta sua nova condição. – Pousou o copo na mesa ao lado e juntou as mãos por cima da cintura, sem nunca tirar os olhos dela. E depois, de novo calmamente, ou pelo menos com autocontrole: – Nesse caso, aquilo que quer é o uso temporário do meu corpo para a finalidade da procriação?

– Não precisa de ser vulgar.

– Vamos tratar o assunto exatamente da forma que ele merece ser tratado, minha querida. Quer os serviços de um reprodutor, nada mais. A questão é se consigo manter-me suficientemente desligado para lhe dar apenas o que quer. Seria uma nova experiência para mim, sabe. Não estou certo de que seja capaz de levar a cabo um bom desempenho de uma forma puramente mecânica.

Naquele momento, era. Estava tão zangado com ela que só lhe apetecia colocá-la em cima dos joelhos e incutir-lhe algum bom senso à mistura com violência. Mas ia dar-lhe exatamente o que ela estava a pedir para ver quanto tempo é que ia demorar a admitir que não era aquilo que ela queria de maneira nenhuma.

Roslynn já estava com dúvidas. Ele estava a fazer aquilo parecer tão... tão animalesco. E mecânico? Que diabo é que queria dizer com aquilo? Se ia manter-se indiferente em relação àquilo, como é que podia fazer amor com ele? Ele próprio já dissera que era impossível fazê-lo, a não ser que o desejo estivesse envolvido de alguma forma. É claro que isso fora ao mesmo tempo que lhe dissera que não queria outra mulher senão ela e isso tinha sido uma mentira. Mas agora ele estava a dizer que não tinha a certeza se era capaz disso. Com mil diabos! Ele andava a persegui-la desde o início. Como é que *não* era capaz?

Ele interrompeu os pensamentos dela com uma ordem em voz baixa.

– Venha cá, Roslynn.

– Anthony, talvez...

– Quer ter um filho?

– Sim – respondeu ela em voz baixa.

– Então, venha cá.

Ela aproximou-se dele, mas devagar e um pouco receosa agora. Não gostava dele daquela forma, tão controlado, tão frio. E sabia que a ira dele estava latente sob a superfície. Porém, o coração de Roslynn acelerava com cada passo que a levava para mais perto dele. Iam fazer amor. Como, não tinha importância. Onde, não tinha importância, embora tenha olhado de relance para a cama vazia antes de olhar de volta para a *chaise-longue*. E depois, subitamente, lembrou-se da ameaça de Anthony na noite em que George e Frances tinham estado ali, de que lhe devia uma lição na *chaise-longue*. Roslynn estacou.

Infelizmente, parou demasiado tarde. Estava suficientemente próxima de Anthony para ele estender o braço e a arrastar para cima do colo dele. Ela voltou-se para se sentar de lado, para ficar cara a cara com ele, mas ele não a deixou, manobrando-a da forma que queria, que era sentada, de costas direitas e viradas para as pernas dele. Aquela posição só a fez ficar mais nervosa porque não conseguia ver a cara do marido atrás de si. Mas talvez essa fosse a intenção dele. Ela não sabia o que pensar naquele momento.

– Está rígida como uma tábua, minha querida. Preciso de lhe lembrar que esta ideia foi sua?

– Não numa *chaise-longue*.

– Eu não disse que o íamos fazer aqui... mas também não disse o contrário. O que importa o lugar onde o fazemos? A prioridade é descobrir primeiro se eu estou à altura deste desafio.

Na posição em que ele a colocara, sentada de frente nas coxas dele, não tinha forma de saber que Anthony já estava à altura de qualquer desafio, a partir do momento em que ela entrara no quarto. Sentiu-o a apanhar-lhe o cabelo nas mãos, mas, mais uma vez, não sabia que ele tinha encostado as madeixas sedosas aos lábios, à face, não pôde ver os olhos dele a fechar-se enquanto saboreava a sensação do cabelo dela contra a pele.

– Anthony, acho que...

– Silêncio. – Ele puxou-lhe a cabeça para trás pelo cabelo ao mesmo tempo que se inclinava para a frente para murmurar ao ouvido dela. – Minha querida, pensa demasiado. Tente um pouco de espontaneidade para variar. Ainda pode vir a gostar disso.

Ela ficou calada enquanto ele lhe fazia deslizar o robe pelos ombros, com as mãos a descer-lhe pelos braços, empurrando as mangas para os pulsos e para fora, para depois regressarem pelo mesmo caminho. Continuou a tocá-la, nos ombros, no pescoço, mas ela depressa se apercebeu da diferença entre aquela vez e a última vez que tinham feito amor. Até a noite anterior na carruagem quando lhe acariciara o braço nu fora diferente. Nessas alturas, tinha sentido o ardor dele como uma marca escaldante na pele. Agora, não sentia nada, apenas uma completa indiferença, como se o facto de a tocar fosse simplesmente uma rotina mecânica. Céus!

Roslynn não era capaz de suportar aquilo, não daquela forma. Começou a levantar-se, mas duas mãos agarraram-se aos seios dela, puxando-a de novo para trás e para junto dele.

– Não vai a lado nenhum, minha querida. Veio até cá com as suas malditas condições e eu concordei com elas. É demasiado tarde para mudar de ideias, de novo.

A cabeça de Roslynn caiu para cima do peito dele. As mãos de Anthony não tinham ficado paradas enquanto ele falava. Tinham começado a massajar, a apertar, provocando uma sensação revigorante nos seios dela. *Ele* podia não estar a sentir nada, mas não havia dúvidas de que ela estava. E não conseguia evitá-lo, impedir o calor de se expandir na barriga, o que provocava uma languidez nos membros e, no momento a seguir, uma tensão de expectativa.

Roslynn já não se importava que ele não sentisse qualquer ardor. Os seus próprios sentidos tinham assumido o controlo. Era demasiado tarde para mudar de ideias. Ele afirmara isso. E era um meio para alcançar um fim, certo? Tinha de manter esse pensamento em mente.

Momentos depois, não lhe restava muita coisa em mente. As mãos dele

vagueavam pela frente seu do corpo, acariciando-o suavemente ou bruscamente, mas de maneira nenhuma de forma indiferente agora, embora ela tivesse deixado de reparar na diferença. Até a seda da sua camisa de noite a subir pelas pernas se tornara uma carícia enlouquecedora. E depois uma mão tocou no triângulo de pelo que ele pusera a nu e ficou imóvel.

– Abra as pernas para mim – ordenou ele ao ouvido dela, com uma respiração quente.

Roslynn ficou hirta durante alguns segundos, mas as palavras dele provocaram-lhe um arrepio da cabeça aos pés. Ofegante, com o coração a martelar contra o peito, separou os joelhos alguns milímetros. A mão dele continuou imóvel nos caracóis castanhos, mas a outra deslizou por baixo da camisa de noite, subindo até achar os seios, desta vez sem a seda a separá-la dos dedos provocadores.

Ele voltou a ordenar:

– Abra mais, Roslynn.

Ela prendeu a respiração, mas obedeceu-lhe literalmente, colocando os joelhos por cima dos dele, até as pernas caírem desamparadas junto às coxas de Anthony. Mesmo assim, não foi suficiente para ele. Ele próprio abriu as pernas, obrigando as pernas de Roslynn a abrir ainda mais e só nessa altura é que a mão dele deslizou por baixo para inserir um único dedo dentro dela.

Roslynn emitiu um gemido profundo, as suas costas arquearam-se para longe dele e os seus dedos enterraram-se no robe do marido atrás da sua cabeça. Não estava consciente do que estava a fazer, mas ele estava. Cada arquejo de prazer que ela exalava era como uma chama que lhe incendiava a alma. O facto de ainda estar a controlar a sua própria paixão avassaladora era inacreditável, mas não ficaria assim muito tempo.

– Não importa, pois não? – A pergunta era calculadamente cruel, para manter viva a ira que sentia. – Aqui? Na cama? No chão?

Ela ouviu a pergunta. Só conseguiu abanar a cabeça para dizer que não.

– Neste momento, podia fazê-la quebrar todas as suas malditas condições. Sabe isso, não sabe, querida? – Ela estava incapaz de responder, exceto com um queixume. – Mas não vou fazer isso. Quero que se lembre que esta foi uma escolha sua.

Roslynn já não se importava com isso. A única coisa que lhe importava agora era o fogo que ele despertara nela. Anthony também já não se importava. Ela levou-o até ao limite.

Sem qualquer aviso, ele empurrou-a para a frente por cima das pernas para se preparar e depois ergueu-a, posicionou-se e deixou-a cair bruscamente. O pequeno grito de Roslynn foi como mel para os ouvidos de Anthony. As mãos dela subiram para lhe agarrar a cabeça, a única parte dele ao seu alcance. Ele continuava a ter o tronco inteiro dela à sua disposição e acariciou-lhe cada centímetro enquanto ela se recostava contra ele, saboreando a plenitude que sentia dentro de si.

Ele deu a ambos esse momento fugaz, antes de se lembrar que aquilo não era um ato de amor, mas um ato a realizar apenas para um propósito específico. Que o

diabo a levasse assim como às malditas condições dela. Queria beijá-la, voltá-la para si e possuí-la com toda a ternura e paixão que sentia por ela. Mas não fez isso. Ela tinha de se recordar daquilo com aversão, para admitir que queria mais qualquer coisa dele do que um filho.

Com isso em mente, pegou-lhe nas mãos e colocou-as nos braços da *chaise-longue*, inclinou-se para a frente até ela endireitar as costas e depois recostou-se para trás, deixando-a montada nele, com o cabelo a cair em cascata junto à sua barriga. Ela olhou em volta, expectante. Ele sabia que ela estava à espera que começasse, que a conduzisse, que ela desconheciasse completamente as muitas posições disponíveis para fazer amor, ou que naquela posição em específico, ela detinha o controlo.

Anthony afirmou deliberadamente:

– Queria usar o meu corpo. Já pode fazê-lo agora. Agora, continue sozinha. – Os olhos dela arregalaram-se, mas ele não lhe deu oportunidade de protestar. – Já!

Ela voltou-se para olhar em frente, com as faces a arder. Mas havia aquela plenitude dentro dela que reclamava uma resposta urgente. E se ele não queria fazer isso...

Foi fácil, assim que encontrou o ritmo certo. Foi fácil porque sentia coisas maravilhosas e estava a comandar, capaz de ditar o seu próprio ritmo. Podia baloiçar-se suavemente para a frente e para trás ou podia erguer-se e deixar-se cair com força se quisesse, ou ainda deslizar para baixo com uma lentidão extraordinariamente prazerosa. Andava ao sabor dos seus caprichos, do seu controlo – até Anthony assumir o controlo.

Ele não teve escolha. Ela apanhara o jeito demasiado depressa, estava a fazer um trabalho demasiado bom nele e sabia muito bem que não ia conseguir esperar que ela atingisse o clímax. Não devia esperar. Devia deixá-la insatisfeita. No fim de contas, não era necessário que ela sentisse prazer para engravidar. Mas não lhe podia fazer isso, quer merecesse ou não.

Ele soergueu-se, prendendo-a com um braço à volta da cintura para que ela não se mexesse enquanto a outra mão deslizava para encontrar a pequena protuberância do prazer. Levou-a quase até ao êxtase e depois deixou-a terminar sozinha, e foi o que ela fez, movendo-se em cima dele com tanta força e tão depressa que os espasmos sucessivos de prazer dominaram ambos a meros segundos um do outro.

Ela deixou-se cair pesadamente em cima dele na *chaise-longue*, exausta, ditosa e ele permitiu-lhe isso durante alguns momentos, permitiu a si próprio o prazer de a abraçar – por aqueles breves momentos. Mas depois endireitou as costas e ajudou-a a pôr-se de pé.

– Vá para a cama, a minha cama. Até conceber, é aí que vai dormir.

O tom frio quebrou a euforia dela, chocando-a. Roslynn deu meia-volta e viu que a expressão dele era doce e os olhos cor de cobalto estavam opacos, levando-a a perguntar-se se os seus ouvidos a tinham enganado. A seguir, Anthony desviou o olhar, como se a tivesse posto de parte dos seus pensamentos, enquanto apertava de novo as calças. E ela apercebeu-se finalmente de que ele não as tinha tirado. Nem

sequer desatara o robe. De igual modo, ela ainda estava a usar a camisa de noite.

Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Anthony ergueu o olhar, viu-as e o rosto dele transformou-se com fúria.

– Deixe-se disso! – rosnou. – Ou prometo-lhe que lhe deixo o traseiro a arder. Dei-lhe exatamente o que veio aqui procurar.

– Isso não é verdade! – gritou ela.

– Não é? Esperava mais do que isto depois de impor um calendário ao desejo?

Ela voltou-lhe as costas para ele não ver as lágrimas a caírem e refugiou-se na cama dele. Por muito que desejasse regressar ao seu quarto naquele momento, não se atrevia a testar essa possibilidade, não no atual estado de espírito de Anthony. Mas a vergonha abateu-se sobre ela, e continuou a chorar. Ele tinha razão. Tinha vindo ali a pensar que ele ia fazer amor com ela como antes. O facto de ter obtido algo completamente diferente disso era o que merecia. E para agravar a sua vergonha, tinha sentido um prazer real.

Tinha tanta certeza de que tomara a decisão certa. Meu Deus, porque é que não dera ouvidos à Nettie? Porque é que era sempre tão egocêntrica, sem considerar outros sentimentos que não os seus? Se Anthony tivesse vindo ao encontro dela com a mesma proposta, de partilhar a cama dele apenas até ela conceber e depois não quisesse ter mais nada a ver com ela, ficaria arrasada e achá-lo-ia a pessoa mais insensível e cruel do mundo... Meu Deus, o que devia ele estar a pensar dela agora? Ela não teria concordado com uma sugestão tão ultrajante. Ter-se-ia sentido horivelmente insultada e sim, furiosa, tal como ele estava.

Pelo menos, Anthony não a amava. Nem queria pensar no que estaria a sentir agora se a amasse. Mas sentia outras coisas por ela, desejo, ciúmes, possessividade...

Os olhos de Roslynn arregalaram-se com a consciência alarmante de que aqueles sentimentos específicos andavam todos de mãos dadas com o amor. Mas ele tinha dito que não a amava! Não, dissera que era muito cedo para falar de amor. Mas nunca a corrigia quando mencionava que ele não a amava. Não a podia amar. E se amasse? E mais, e se ele estivesse a dizer a verdade e não tivesse sido infiel? Se isso fosse verdade, a forma como agira desde que se tinham casado seria imperdoável. Não... não! Ela não podia estar errada acerca de tudo!

Soergueu-se na cama e viu-o ainda na *chaise-longue*, com outro copo de *brandy* na mão.

– Anthony?

Ele não olhou na direção dela, mas a sua voz era seca, amarga.

– Durma, Roslynn. Vamos procriar de novo quando me convier, e não a si.

Ela retraiu-se, deitando-se de novo na cama. Ele achara realmente que ela o chamara para o convidar a «procriar» de novo? Não, estava só a ser desagradável e não o podia censurar. E também não tinha dúvidas de que teria de lidar com muitas mais palavras desagradáveis, porque, naquele momento, não conseguia pensar numa forma de sair do acordo mais recente que fizera com ele.

Mas não conseguiu dormir. E Anthony não veio para a cama.

Ainda eram sete e meia quando Roslynn desceu apressadamente as escadas na manhã seguinte. As faces dela ainda estavam ruborizadas devido à experiência mortificadora de ter ficado cara a cara com James enquanto se esgueirava para fora do quarto de Anthony um pouco antes, vestindo apenas a camisa de noite reveladora. Ele ainda estava com a roupa que usara na noite passada e, ainda assim, continuava com um aspeto irrepreensível, depois de acabar de chegar a casa de uma noite de folia, e estava precisamente a abrir a porta do quarto no fundo do corredor quando Roslynn o viu e ele a viu a ela. E os olhos de James insistiram em vê-la *da cabeça aos pés*, deslizando lentamente pela sua figura para depois voltarem a subir com a mesma lentidão exasperante, antes de um sobrolho irritante se erguer numa interrogação bem-humorada.

Ficara profundamente embaraçada e, de rosto a arder, disparara de imediato para o seu próprio quarto e fechara a porta com estrondo, encolhendo-se ao ouvir a gargalhada ruidosa que James soltou antes de entrar no quarto. A sua única vontade era enfiar-se debaixo dos cobertores e nunca mais sair de lá. Uma coisa era James pensar que tinha feito as pazes com Anthony e estava a partilhar a cama com ele de novo, outra completamente diferente era ver que não era isso que se estava a passar, que ela ainda mantinha os seus aposentos, separados dos dele. O que devia ele pensar? Não se devia importar com isso. Tinha muitos outros problemas em mente para se preocupar com aquilo que o irmão de Anthony pensava do seu curioso comportamento.

Um desses problemas era encontrar as contas de todas as suas aquisições recentes antes de Anthony. Dera-se conta do quanto era infantil o seu desejo de provocar a penúria dele por despeito. Era absolutamente desprezível uma mulher da idade dela recorrer a esse tipo de estratégias. E, além disso, ele estava demasiado zangado com ela agora para correr o risco de o antagonizar ainda mais se ele descobrisse a quantidade enorme de dinheiro que gastara, tudo em nome dele.

Não tinha muito tempo. Embora tivesse deixado Anthony a dormir na *chaise-longue* da qual não chegara a sair na noite passada, ele levantava-se sempre cedo para o passeio matinal a cavalo. Queria estar fora de casa antes de ele descer. Agora que era seguro sair, visto que já não tinha de se preocupar com Geordie, podia ir até ao banco e depois tratar pessoalmente de cada uma das contas. Quando chegasse a altura de voltar a enfrentar Anthony, pelo menos já teria a consciência tranquila acerca disso. A seguir, podia pensar numa forma de conseguir sair do acordo horrível que fizera com ele sem sacrificar o seu orgulho nem revelar que ainda não tinha perdoado as mentiras dele. Tanto quanto conseguia ver, ia ser impossível corrigir aquele erro sem o seu orgulho sofrer de alguma forma. Já tinha passado metade da noite em branco a matutar nesse problema, sem qualquer solução à vista.

Tinha o chapéu e a bolsinha nas mãos e deixou-os cair em cima de uma cadeira no escritório de Anthony enquanto procurava no interior da secretária dele. O casquinho curto castanho com um bordado dourado e o vestido castanho-avermelhado que usava eram suficientemente sóbrios para tratar de negócios e adequados ao seu estado de espírito, que estava muito próximo da depressão e do desespero para sair do buraco muito fundo que receava ter aberto com as próprias mãos.

A primeira gaveta possuía livros-mestre e livros de contabilidade e a segunda correspondência pessoal que deixou intocada. Na terceira gaveta encontrou aquilo que procurava, ou mais do que estava à procura. Estava a abarrotar de contas, algumas abertas, outras não. Uma atitude típica da classe alta, e aquilo com que tinha estado a contar. As contas tendiam a ser ignoradas, por vezes durante meses, por vezes indefinidamente, geralmente pelo menos até se reunirem as condições para serem pagas. As dela nem sequer tinham sido abertas, como descobriu, para seu alívio, quando reconheceu os nomes dos cinco comerciantes com quem tinha negociado.

No entanto, desta vez, Roslynn não resistiu a dar uma vista de olhos ao interior da gaveta. Uma conta de quinhentas libras de um alfaiate não a surpreendeu; uma de duas mil libras de um joalheiro fê-la erguer as sobrancelhas. Outra de trinta mil libras de um Squire Simmons quase fez os olhos dela saírem das órbitas e nem sequer especificava do que se tratava! E estes eram apenas três credores de um total de pelo menos vinte contas que podia ver empilhadas na gaveta!

Será que Anthony já estava endividado? Com mil diabos, e ela estava a planear agravar substancialmente essa situação. Ele teria perdido a cabeça se tivesse aberto as contas dela. Graças a Deus que agira tipicamente para a classe a que pertencia e se limitara a guardar as coisas para serem ignoradas até um dia mais tarde.

Enquanto estivesse no banco, ia pedir que os fundos que lhe eram devidos por conta do contrato de casamento fossem transferidos para uma conta em nome dele e tomar as providências necessárias para que fosse acrescentado o valor mensal combinado. Depois, teria de levar a cabo a experiência desagradável de o informar acerca do dinheiro, porque se não lhe dissesse, ele nunca ficaria a saber que estava disponível. E aquela *não* era a melhor altura para falar de dinheiro com ele. Outro maldito problema com o qual se tinha de preocupar.

– Ora viva!

Roslynn deu um salto, amarfanhou apressadamente as contas na mão e enfiou-as no bolso da saia, que estava, felizmente, abaixo do nível da secretária, para que Jeremy não visse o que estava a fazer. Pelo menos era ele. Se tivesse sido Anthony a apanhá-la atrás da secretária, não teria qualquer desculpa. Com Jeremy, não precisava de uma, mas ficou nervosa por causa do sobressalto que ele lhe provocara.

– Acordou cedo – observou ela, dando a volta à secretária para pegar no chapéu e atá-lo.

– O Derek vem-me buscar. Estamos de partida para uma festa desvairada no

campo que pode durar vários dias.

A excitação dele era palpável. Céus, como gostava de ter conhecido Anthony quando ele era assim tão jovem e provavelmente tinha o mesmo aspeto que Jeremy tinha agora, devido à parecença extraordinária de ambos. Mas duvidava que Anthony tivesse sido tão transparente, mesmo com a tenra idade de dezassete anos.

– O seu pai sabe?

– É claro que sabe.

A resposta foi dada muito depressa e Roslynn sentiu o instinto materno a despertar, inesperadamente.

– O que quer dizer ao certo com desvairada?

Jeremy piscou-lhe o olho, com uma boa disposição contagiante.

– Não vai haver senhoras presentes, se é que me percebe, mas imensas mulheres.

– O seu pai sabe *disso*?

Ele riu-se com a expressão de censura de Roslynn.

– Disse que ele próprio era capaz de aparecer por lá.

Roslynn sentiu outro rubor a assomar à face. Se o pai dele não via qualquer problema, quem era ela para dizer o contrário? O rapaz tinha idade suficiente para... Bom, James devia achá-lo suficientemente velho para isso. Mas o filho dela não ia divertir-se livremente com mulheres aos dezassete anos. Não toleraria isso, se chegasse a ter um filho.

Ela suspirou, pegando na bolsinha.

– Bom, que... – Não, não ia desejar que ele se divertisse. Não podia perdoar o que ele se preparava para fazer naquela idade, mesmo que já tivesse o aspeto de um homem adulto. – Vejo-o quando regressar, creio eu.

– Vai sair? – perguntou Jeremy, com uma apreensão súbita, uma vez que o chapéu dela tornava isso óbvio. – É seguro?

– Perfeitamente seguro. – Ela sorriu. – O seu tio já tratou de tudo.

– Precisa de uma boleia, nesse caso? O Derek vai chegar em breve.

– Não, tenho uma carruagem à espera e um dos criados vai acompanhar-me, embora eu vá apenas ao banco. Tenha juízo, Jeremy – disse ela à despedida, para grande mortificação dele.

A viagem até ao banco não era assim tão curta, mas, para irritação de Roslynn, ainda assim, chegara demasiado cedo. Nem sequer pensara nas horas na sua impaciência para sair de casa. Em vez de ficar parada à espera, pediu ao condutor para dar a volta ao quarteirão lentamente várias vezes até o banco abrir finalmente.

O assunto que a levava ali ocupou-a quase uma hora, mais tempo do que esperava por causa da abertura da conta para Anthony. A verba considerável de cem mil libras, mais vinte mil libras por mês de acordo com o estipulado no contrato, devia ajudá-lo se ele estivesse tão profundamente endividado como pensava. O facto de ele apreciar aquele dote vindo dela era outra questão. A maior parte dos homens reagiria dessa forma. Mas ela não tinha a certeza se Anthony era

um desses homens.

Ao sair do banco, Roslynn foi distraída, tal como o condutor e o criado que a acompanhava, pela visão de dois homens a lutar mais acima na rua, uma coisa que se podia esperar ver junto ao porto, mas não ali...

Não terminou o pensamento. De trás, surgiu um braço que a agarrou pela cintura, cortando-lhe a respiração, e sentiu alguma coisa dura e afiada encostada a um dos lados do corpo.

– Nada de brincadeiras desta vez, minha senhora, ou vou ter de lhe mostrar como esta coisa está afiada.

Ela não soltou uma palavra. A princípio, estava demasiada surpreendida para isso e depois demasiado receosa quando se deu conta do que era aquela «coisa afiada». Em plena luz do dia, mesmo à frente do banco – aquilo era incrível. E a carruagem dela estava mesmo ali, a menos de dois metros de distância. Mas estava a ser levada por trás da carruagem enquanto a luta que se desenrolava à frente continuava a atrair a atenção de todos. Será que fora planeada como uma distração? Com mil diabos, se aquilo tinha a mão de Geordie – mas era impossível. Ele fora avisado para não o fazer, de forma violenta. Não se atreveria – pois não?

Roslynn foi empurrada sem cerimónias para dentro de uma carruagem velha, com cortinas escuras nas janelas, e o homem fechou a porta atrás de ambos depois de a seguir para o interior. Ela começou a erguer-se, mas uma mão grosseira empurrou-a para baixo com violência.

– Não me dê problemas, minha senhora, e isto vai correr às mil maravilhas – disse ele enquanto lhe enfiava um trapo na boca e depois atava rapidamente as mãos dela atrás das costas. Ele olhou para o trabalho que tinha feito, reparou nos pés de Roslynn e decidiu não correr riscos, passando-lhe uma corda à volta dos tornozelos. A risada dele era obscena ao retirar o punhal da bota dela.

– Não vai ter outra oportunidade de usar isto no meu irmão.

Roslynn soltou um queixume abafado, ao ouvir aquilo. Aquilo queria dizer que ele era um dos homens da última tentativa de rapto, os homens de Geordie. O primo devia estar louco para continuar a tentar deitar-lhe a mão. Ele sabia que estava casada. Que diabo tinha na cabeça? Sentiu o corpo a ficar hirto, quando a resposta lhe ocorreu. A única coisa que podia querer dela agora era vingança por ter escapado à sua armadilha bem montada.

O homem saiu da carruagem, deixando-a deitada no chão. Momentos depois, o veículo decrepito começou a andar. Roslynn virou-se de lado e tentou sentar-se. A mordaca que tinha na boca não ficara bem presa e fez um esforço frenético com a língua para a empurrar para fora. Quase tivera êxito quando a carruagem abrandou e ouviu o condutor a gritar:

– Já chega, Tom!

Um segundo depois, a porta abriu-se e outro homem saltou para dentro da carruagem. Ela reconheceu-o. Aquele fora o patife ao qual arrancara um pouco de pele com o punhal. O lábio dele sangrava e estava ofegante. Então, a distração *sempre* tinha sido forjada. Aquele era um dos pugilistas, que provavelmente

provocara uma luta com um desconhecido para que ninguém reparasse quando o outro a levasse para longe. E ela submetera-se de livre vontade, com uma faca encostada ao corpo, sem esboçar um único protesto.

O homem, Tom, estava a sorrir-lhe quando a ergueu e a colocou no lugar à frente dele. Também lhe empurrou a mordaga para dentro da boca, abanando a cabeça, divertido. Pelo menos, não foi vingativo pelo ferimento que lhe causara da última vez, ou não parecia que fosse. Estava a examiná-la atentamente e continuava a sorrir. Por fim, riu-se.

– Apre, é cá uma beleza vista de perto, é mesmo. Demasiado bonita para a laia daquele canalha que nos está a pagar, diria eu. – Ela tentou falar através da mordaga, sem êxito. – Não quero nada disso agora. Pensei que nunca mais a íamos apanhar, mas aqui estamos nós. Porte-se bem e não teremos motivos para lhe fazer mal.

Era o segundo aviso para não criar problemas. O que aconteceria se fizesse isso? Uma pergunta estúpida quando estava com as mãos e os pés atados e não podia emitir mais do que um pequeno guincho.

Os dois homens levaram-na para dentro do edifício como um saco de batatas, em cima do ombro de Tom. Primeiro tinham esperado, até Wil, como se chamava o outro homem mais baixo, dizer que o caminho estava livre. As esperanças de Roslynn cresceram imediatamente. Estavam a levá-la a algum lado onde alguém os podia parar e questionar por causa da forma monstruosa como a estavam a tratar. Um bom grito, se tivesse essa oportunidade, podia ser tudo o que fosse preciso para ser salva.

Da sua posição, de cabeça para baixo, viu pouca coisa do edifício antes de entrarem nele e depois foi levada apressadamente ao longo de umas escadas. Porém, do outro lado da rua, conseguia ver residências com fachadas de arenito castanho, com aspeto de pertencerem a uma área residencial normal, de qualidade acima da média. Seria uma pensão? Era provável, se ninguém estava por perto naquela altura da manhã.

Então era para ali que Geordie se tinha mudado, para uma zona mais requintada da cidade? Não admira que Anthony tivesse tido tantos problemas para o encontrar quando o seu único ponto de referência era aquela espelunca junto ao porto para onde fora levada da última vez. Mas de pouco lhe valera, o facto de ele ter encontrado Geordie. E caminhara direitinha para a armadilha dele, ao achar que estava finalmente em segurança. Como desprezava Geordie pela sua teimosia escocesa em recusar-se a desistir.

Houve uma paragem súbita enquanto batiam com força a uma porta. Depois, seguiram-se mais uns passos e Roslynn foi largada numa cadeira. Soltou um resmungo quando se endireitou sem a ajuda dos braços manietados, agora terrivelmente doridos depois da viagem longa e lenta até aquele lugar. Mas não perdeu mais do que um momento a pensar no desconforto que sentia e olhou furiosamente à volta do quarto à procura de Geordie.

Quando o viu de pé junto à cama, com uma camisa dobrada na mão, a meio de fazer a mala, aberta em cima da cama, fitou-o sem falar, a perguntar-se quem ele era. Mas aquele cabelo cor de cenoura...

Roslynn foi incapaz de conter um esgar de aversão. Se não fosse pelo cabelo, não o teria reconhecido. Ele estava com um aspeto horrível. Estava com aspeto de quem devia estar na cama, não a preparar-se para partir. Santo Deus, o que Anthony lhe fizera! O rosto inteiro estava descolorado e inchado, com o dobro do tamanho, aparentemente, com um olho negro completamente fechado e o outro, azul-arroxeadado, somente capaz de abrir uma pequena fresta. O nariz estava inchado e parecia fora do lugar. Os lábios estavam repletos de crostas de sangue. Tinha feridas com um aspeto horrível nas faces e por cima dos olhos, onde a pele abrira e se via o osso.

Ele não estava a olhar para ela, pelo menos não naquela altura. Estava a olhar fixamente para os dois patifes responsáveis pela presença dela ali, que, por sua vez,

o fitavam como se nunca o tivessem visto antes. Será que não sabiam que ele tinha levado uma tarefa? Será que fora cometido um erro?

Era verdade. Geordie atirou a camisa para baixo num gesto de fúria e depois soltou um gemido, agarrado às costelas, com uma dor dilacerante por causa do movimento súbito. Wilbert e Thomas Stow ficaram calados, sem saber o que pensar.

Geordie facilitou-lhes a tarefa, numa voz meio sufocada de raiva, com as palavras pouco claras por causa dos lábios inchados.

– Seus idiotas! O rapaz que vos enviei não vos entregou o meu bilhete?

– Isto? – Tom tirou um pedaço de papel do bolso. – Nós não sabemos ler, senhor – declarou ele, com um encolher de ombros, deixando cair o bilhete no chão.

A garganta de Geordie fez um som feio.

– É isto que eu mereço por contratar dois imbecis ingleses. – Ele apontou um dedo hirto a Roslynn. – Já não a quero mais. Ela casou-se com o maldito inglês!

Wilbert e Thomas devem ter pensado que aquilo era engraçado. Começaram-se a rir e Roslynn viu os pontos que não estavam cobertos de nódoas negras no rosto de Geordie a ficar vermelhos. Se aquilo por que tinha passado para chegar ali não fosse tão enfurecedor, podia ter achado aquela situação igualmente divertida.

Geordie não era da mesma opinião.

– Fora daqui, vocês os dois!

Os dois homens pararam de rir.

– Quando nos pagar, senhor.

Wilbert podia ter usado uma expressão respeitosa para se dirigir a ele, mas o tom estava desprovido de qualquer respeito. Na verdade, o indivíduo baixo e de barba cerrada parecia extremamente ameaçador enquanto fitava Geordie. Tal como o homem mais alto ao lado dele. E Geordie ficara calado, com a fúria substituída por outra coisa qualquer. Os olhos de Roslynn arregalaram-se. Ele estava com medo! Será que não tinha dinheiro para lhes pagar?

Na verdade, Geordie tinha apenas o dinheiro suficiente para regressar à Escócia. Tinha contado com o dinheiro de Roslynn para pagar aos seus capachos. Todo aquele dinheiro, nas mãos do inglês. Não era justo. E agora aqueles dois iam provavelmente matá-lo. E, no estado dele, nem sequer se conseguiria defender.

Libertando-se da mordança quando ninguém estava a ver, Roslynn conseguiu finalmente declarar o que queria:

– Desatem-me e dou-vos o dinheiro que querem, em troca do meu punhal.

– Não lhe toquem! – ordenou Geordie.

Roslynn voltou-se para ele, furiosa.

– Cale-se, Geordie! Sabe o que é que o meu marido lhe vai fazer quando souber disto? Vai parecer uma beleza agora em comparação com aquilo que lhe vai acontecer se ele lhe puser as mãos em cima de novo.

Wilbert e Thomas perceberam perfeitamente o significado das palavras «de novo», mas, em todo o caso, estavam fartos de seguir as ordens de Geordie.

Podiam ter as mãos manchadas pela morte de alguns homens, mas nunca tinham magoado uma mulher. Nunca tinham gostado daquele trabalho e não o teriam aceitado se o escocês não tivesse oferecido o que era uma autêntica fortuna para eles.

Wilbert deu um passo em frente e cortou as amarras de Roslynn com o punhal dela. Girou a lâmina nas mãos, entregou-lha, mas apressou-se a sair do seu alcance.

Roslynn ficou assombrada por ter sido tão fácil, visto que não estava totalmente certa de que os dois rufiões lhe iam obedecer. Mas estava livre e já se sentia infinitamente melhor. E era óbvio que o seu palpite estava certo, ou Geordie já lhes teria dado o dinheiro antes de ela ser libertada. Em vez disso, sentou-se na cama a segurar nas costelas e a observar cautelosamente os outros três.

– Quanto é? – perguntou, enquanto se levantava.

– Trinta libras, minha senhora.

Ela lançou um olhar de desdém ao primo.

– Que mesquinho, Geordie. Parece-me que podia ter oferecido um pouco mais a dois indivíduos tão fiáveis.

– E podia ter feito isso, se eles a tivessem apanhado antes de aquele canalha se ter casado consigo! – vociferou ele.

Roslynn deu um estalido irónico com a língua, sentindo-se nas nuvens por ter saído milagrosamente na mó de cima no confronto que temia há tanto tempo. Abrindo a bolsinha que ainda estava atada ao pulso, tirou uma mão-cheia de dinheiro.

– Creio que isto será suficiente, cavalheiros. – E entregou as notas a Wilbert.

Os olhos de ambos os irmãos cintilaram diante da visão de quase cinquenta libras. Wilbert fitou sub-repticiamente a bolsinha dela. Roslynn intercetou o olhar dele, e sentiu o corpo a retesar-se.

– Nem sequer pense nisso – advertiu-o. – E se não quiser acabar como ele – ela fez um sinal com a cabeça na direção de Geordie – é melhor que esta seja a última vez que vos estou a ver.

Os dois irmãos sorriram ao ouvir aquela pequena mulher a *ameaçá-los*. Mas já tinham recebido dinheiro suficiente. Se o escocês não estivesse irreconhecível da sova monumental que levara, teriam tido prazer em oferecer-lhe alguns sopapos por todos os insultos dele. Sendo assim, estavam satisfeitos e, com acenos sorridentes, partiram.

Pararam de sorrir, porém, no cimo das escadas. Naquele momento, o mesmo cavalheiro cuja casa tinham estado a vigiar nos últimos dez dias subia as escadas, o mesmo cavalheiro que era agora, sem dúvida, o marido da senhora. Não parecia ameaçador e nem sequer olhou para eles enquanto subia lentamente os degraus e, no entanto, nenhum dos dois conseguia tirar da cabeça que aquele era o homem responsável pelo estado do escocês.

Wilbert puxou pela faca, só para se sentir seguro, embora a tenha escondido na palma da mão junto à coxa. Aquilo teria posto um fim na história se a postura

descontraída do nababo não fosse uma ilusão. Na verdade, ele vira a faca e detivera-se. Ambos o ouviram a suspirar antes de falar.

– Que diabo. Venham daí, então, e vamos acabar com isto.

Wilbert olhou de relance para Thomas uma vez antes de se lançarem ao mesmo tempo para a frente como um só. Todavia, o resultado do ataque não foi aquele que eles esperavam. O cavaleiro saiu do caminho no último segundo, encostando as costas à parede, e esticou um pé ao mesmo tempo. Thomas disparou aos trambolhões pelo resto das escadas abaixo. E antes de Wilbert se dar conta do que estava a acontecer, tinha perdido a faca. Ao vê-la nas mãos do cavaleiro, desatou a correr pelas escadas, ajudou Thomas, que gemia, a levantar-se do chão e arrastou-o para fora do edifício.

Lá em cima, no quarto, Roslynn andava furiosamente de um lado para o outro diante de um Geordie cheio de azedume.

– Não existem nomes desprezíveis, repugnantes e torpes em número suficiente para aquilo que é, Geordie Cameron. Tenho vergonha que use esse nome. Nunca lhe trouxe nada de bom, pois não?

– E a prima fez isso, por acaso?

– Cale-se, homem! Por sua causa, agora estou casada. Por sua causa, *tive* de me casar quando não era isso que eu queria, pelo menos desta forma!

– E perdeu tudo, não foi, sua maldita idiota! – vociferou ele. – E estou contente por saber isso, está a ouvir? Se eu não posso ficar com a fortuna dos Cameron, pelo menos sei que ele também a enganou para ficar com ela!

Roslynn estacou, fulminando-o com o olhar.

– Que disparates está para aí a dizer?

– Ele disse-me que tinha queimado o seu contrato de casamento – respondeu Geordie com aquilo que parecia uma gargalhada. – Aquele patife manhoso ficou com tudo agora e nem sequer pode recuperar o dinheiro se ele morrer porque vai deixar tudo para a própria família. Que rico marido ao qual se foi prender, prima.

Ela quase se riu, mas se Anthony se dera ao trabalho de contar aquela mentira a Geordie, não o ia desdizer. Na verdade, fora uma ideia brilhante, fazer Geordie pensar que a sua oportunidade estava perdida para sempre.

– Continuo a preferi-lo a ele do que a si, *primo*.

Ele tentou levantar-se ao ouvir aquelas palavras. A seguir, voltou a cair na cama, a gemer em voz alta. Roslynn continuou a descompô-lo, sem ponta de compaixão.

– Devia ter partido quando teve essa oportunidade, Geordie. Não vai restar muito de si se o meu marido descobrir que ainda está aqui. Ele não é um homem com quem se brinque, como acabou por descobrir. Mas foi isso que mereceu por tentar matá-lo.

– Só estava a tentar assustá-lo para ele a deixar partir. Na altura, não sabia que se tinha casado com o homem. Mas ele só me bateu algumas vezes por ter disparado contra ele. O resto foi tudo por sua causa. E, para que saiba, nem sequer me consegui levantar do chão onde ele me deixou até esta manhã. – Isto foi dito

naquilo que se assemelhava bastante a um queixume. – Mas pode ver que eu estava de partida, por isso não tem motivos para se ir queixar àquele maldito espartano.

Espartano? Sim, podia admitir que Anthony se assemelhava por vezes àquela raça austera conhecida pela sua disciplina severa e mestria militar, mas apenas numa aceção muito leve. O autocontrolo dele podia ser absolutamente exasperante quando o punha em prática, mas quando não o fazia, tinha um temperamento tão explosivo como qualquer escocês. E veja-se o que tinha feito a Geordie, sem sequer ficar com um arranhão. O pobre Geordie parecia ter sido atropelado por um cavalo, e não simplesmente espancado pelos punhos de um homem.

– Eu não ia dizer nada ao Anthony, não se estiver realmente de partida – admitiu ela.

– Que generoso da sua parte, rapariga.

Era impossível não detetar o sarcasmo amargo na voz dele e a indignação de Roslynn explodiu de novo.

– Se está à espera que eu tenha pena de si, Geordie, está muito enganado. É completamente impossível, depois de tudo o que me fez. Tentou magoar-me!

– Eu amava-a!

As palavras foram como uma corda que se apertava à volta da garganta dela, asfixiando-a. Seria verdade? Ele repetira aquilo vezes sem conta ao longo dos anos, mas jamais acreditara nele. Por que motivo parecia ter uma ponta de verdade desta vez? Ou será que ele se iludira a si próprio?

Com uma voz tranquila e com um medo real da resposta, perguntou:

– Se isso é verdade, Geordie, conte-me o que aconteceu à minha mãe. Abriu um buraco no barco dela?

Ele ergueu a cabeça lentamente da cama, seguindo-se o resto do corpo.

– Porque é que não me perguntou isso na altura devida, Ros, quando aconteceu? Porque é que o velho nunca me perguntou? Não, eu nunca toquei no barco dela. Eu estava no lago à procura de minhocas para pôr no estufado da cozinha. Foi o mais perto que cheguei de qualquer um dos barcos que lá estavam.

– Mas como explica a reação que teve quando soube do sucedido? Todos nós vimos que ficou horrorizado.

– Sim, porque tinha desejado vê-la morta, por me ter puxado as orelhas naquela manhã. Não estava a falar a sério, mas pensei que o meu desejo tinha sido concedido. *Senti* que era o culpado por aquilo que tinha acontecido.

Roslynn sentiu o estômago a dar voltas. Aqueles anos todos, tinham-no culpado por uma coisa que não tinha feito. E ele sabia o que pensavam, mas nunca se tentara defender e limitou-se a alimentar o ressentimento dentro de si próprio. Não o tornava uma pessoa melhor aos olhos dela, mas inocentava-o de qualquer crime real.

– Peço desculpa, Geordie, peço realmente desculpa.

– Mas, ainda assim, não se tinha casado comigo se soubesse a verdade, pois não?

– Não. E não devia ter tentado obrigar-me a isso.

– Um homem é capaz de tudo quando está desesperado.

Por amor ou por dinheiro? Roslynn não perguntou. Mas questionou-se se o testamento do avô podia ter sido diferente se soubesse a verdade. De certa forma, pensava que não. Ele sentira sempre desprezo pela fraqueza exibida por Geordie, uma característica imperdoável para um homem com a força de caráter de Duncan. Ela não era assim tão pouco caridosa. E tinha de apaziguar a consciência por ter culpado Geordie da morte da mãe, a qual não devia ter passado de um acidente bizarro.

Decidiu deixar-lhe o dinheiro que tinha na bolsinha e que estava destinado à liquidação das suas contas. Dez mil libras não era muito comparado com aquilo que possuía, mas seria um começo para Geordie. E talvez ele pudesse fazer alguma coisa com isso para forjar o seu próprio caminho, em vez de estar sempre à procura da via mais fácil, que não lhe exigia nada e o tornava mais fraco.

Roslynn voltou-se para retirar o dinheiro sem ele se aperceber. Ia deixá-lo onde ele só o pudesse encontrar depois de ela se ir embora.

– Vou ajudá-lo a fazer as malas, Geordie.

– Não preciso que me faça favores.

Ela ignorou o azedume das palavras dele e aproximou-se da cómoda, onde ainda haviam várias peças de roupa numa gaveta aberta. Juntou-as e enfiou o dinheiro no meio delas antes de deixar cair a pilha de roupa na mala dele. Foi um erro chegar tão perto dele. A mão de Geordie, reptilínea, fechou-se à volta do pulso dela.

– Ros...

A porta abriu-se e ela foi libertada, para nunca mais saber o que Geordie estava prestes a dizer. Gostava de pensar que podia ter sido uma desculpa por tudo aquilo que a fizera passar. Mas isso não era importante naquele momento, não com a presença de Anthony a encher o quarto.

– Com o silêncio que se fez, tive receio de que se pudessem ter matado um ao outro.

Ela não lhe perguntou por que motivo estava ali, não naquele momento.

– Parece-me que tem o hábito de escutar atrás das portas, senhor.

Ele não negou.

– É um hábito útil e, a maior parte das vezes, fascinante.

«A maior parte das vezes» referia-se à altura em que escutara atrás da porta a conversa entre ela e Frances, e não gostara do que ouvira dessa vez. Mas não havia muito que pudesse ter ouvido agora que o tivesse irritado. Podia parecer carrancudo, mas Roslynn já sabia distinguir a diferença. Estava zangado, mas não assim *tão* zangado. Na verdade, podia ser apenas uma consequência da noite anterior.

– Ele está de partida, como pode ver – afirmou, avançando na direção do marido.

– E veio aqui dizer-lhe adeus? – respondeu secamente Anthony. – Que

atencioso da sua parte, minha querida.

Ela não se deixou espicaçar.

– Se veio para me levar para casa, agradeço-lhe. Neste momento, não disponho de um meio de transporte.

Ela teve esperança de que aquilo fosse o suficiente, que ele não dirigisse a atenção para Geordie e desse início a uma cena que seria forçada a assistir. Não tinha a menor vontade de ver Anthony no estado de espírito que podia desencadear o que já tinha feito a Geordie. O olhar fixo dele fê-la prender a respiração. E depois ele dirigiu aquele olhar intenso para Geordie. Roslynn sabia que o primo devia estar a tremer, com um medo mortal de Anthony.

– Daqui a uma hora estou de abalada – informou-o Geordie.

O olhar fixo e tenebroso de Anthony durou mais um momento. A seguir, fez um aceno brusco com a cabeça e conduziu Roslynn para fora do quarto. Era impossível libertar-se da mão que lhe prendia o cotovelo, por isso desistiu depois da primeira tentativa. Lá fora, não havia qualquer carruagem, apenas o cavalo do marido, que estava a ser guardado por um garoto de rua.

Roslynn decidiu atacar antes dele.

– Porque voltou aqui?

– Vim levá-la para casa, é claro.

– Veio confirmar que ele tinha partido, quer dizer, visto que não tinha forma de saber que eu estaria aqui.

– Também.

Roslynn cerrou os dentes.

– *Sabia* ou não?

– Não, até a ouvir a enxovalhar o pobre homem com todos os nomes torpes, repugnantes e desprezíveis que antes nunca teve oportunidade de lhe chamar.

Isso queria dizer que ele tinha estado a escutar à porta desde o início. Será que dissera alguma coisa que ele não devia ter ouvido? Não, achava que não – não daquela vez. Mas continuava irritada.

– Mais lhe valia ter ido à procura dos homens dele, que continuavam a vigiar a casa... a partir do parque, não tenho dúvidas. Eles seguiram-me até ao banco e...

– Sim, o Jeremy mencionou que era esse o seu destino. Imagine a minha surpresa ao descobri-la aqui, em vez disso.

Ele disse aquilo como se não acreditasse nela.

– Com mil diabos, Anthony! Eu não sabia onde é que ele estava, por isso como é que o podia descobrir mesmo que quisesse fazê-lo, coisa que não queria? Aqueles idiotas que ele contratou ainda não tinham sido informados de que ele tinha desistido.

– Plausível – foi tudo o que ele disse enquanto atirava ao rapaz uma moeda e montava no garanhão.

Ela fitou furiosamente a mão que ele se inclinou para lhe oferecer. A ideia de ir sentada com ele durante a viagem de regresso a casa não era muito apelativa naquele momento. Preferia ir à procura de um cavalo de aluguer, mas não viu

nenhum na rua.

Pegou na mão dele e deu por si sentada no meio das pernas de Anthony, com as suas próprias pernas por cima de uma das coxas do marido. O rubor subiu-lhe rapidamente às faces quando foi obrigada a colocar os braços à volta dele. Foi uma viagem desconcertante, uma viagem que lhe lembrou vividamente o seu principal dilema. Rodeada pelo calor de Anthony, com as narinas tomadas pelo seu odor, só conseguia pensar em como sair do acordo que tinha feito e voltar à cama dele sem quaisquer condições.

A viagem até Piccadilly pareceu demorar uma eternidade, mas ainda assim não foi de maneira nenhuma o tempo suficiente. Uma euforia quase ébria tinha-se apoderado de Roslynn. Sem palavras para a distraírem, somente a marcha ininterrupta do cavalo e o bater contínuo do coração de Anthony ao lado do ouvido, era fácil esquecer a realidade e flutuar num casulo de contentamento.

Por isso, foi extremamente desagradável ser colocada no chão e imediatamente recordada dos seus problemas incómodos. A brusquidão do gesto deixou Roslynn momentaneamente desorientada. Ficou a olhar fixamente para um envelope amarfanhado a seus pés cerca de quinze segundos antes de se dar conta do que era e estender o braço para o apanhar. A mão de Anthony chegou primeiro.

Roslynn gemeu interiormente, porque se tinha esquecido completamente daquelas contas estúpidas. O facto de uma ter caído do bolso da saia já era suficientemente mau. O facto de ser Anthony a apanhá-la foi muito infeliz. E seria demasiado bom esperar que ele lho devolvesse. Não foi isso que aconteceu. Ele abriu-o.

– Anthony!

Ele lançou-lhe um olhar com as sobrancelhas erguidas.

– A carta está endereçada a mim – foi tudo o que ele disse.

Ela começou a caminhar para a casa, como se isso colocasse um ponto final na questão. Uma mão no braço impediu-a enquanto Anthony lia atentamente o papel na outra mão.

Quando falou, a voz dele parecia meramente curiosa.

– Posso perguntar o que fazia com isto?

Roslynn não viu forma de escapar e voltou o rosto para ele.

– É uma conta de uma mobília que eu comprei.

– Eu consigo ver o que é, minha querida. Perguntei o que estava a fazer com isto.

– Ia pagá-la. É por isso...

A frase ficou inacabada quando viu os olhos dele a baixar ao bolso dela. Seguiu o olhar dele e viu outro envelope a aparecer. A maldita viagem tinha-os soltado. E antes de conseguir dizer outra palavra, a mão de Anthony estava no bolso dela a puxar o resto das contas para fora.

– Também ia pagar isto?

Ela assentiu com a cabeça, mas ele não estava a olhar para ela, por isso, respondeu numa voz sufocada:

– Sim.

Roslynn não percebia por que motivo ele estava tão calmo em relação àquilo.

– Tencionava pagá-las, mas esqueci-me...

– Não, não se esqueceu – respondeu ele, e o coração caiu-lhe aos pés, para depois a confundir ao acrescentar: – Não é muito boa a regatear, minha querida.

Podia ter encontrado estes artigos por metade do preço que pagou por eles.

Ele enfiou as contas no bolso, irritando-a, porque era exatamente isso que estava à espera que fizesse.

– Essas compras são *minhas* – lembrou-o.

– Elas estão na *minha* casa.

– Fui eu quem as comprei – insistiu ela. – Quero ser eu a pagá-las, apre!

– Não, não as vai pagar. Não tinha qualquer intenção de as pagar inicialmente, por isso vamos deixar as coisas como estão, sim?

Ele estava a sorrir-lhe. A sorrir-lhe!

– Não seja teimoso em relação a isto, Anthony. Já tem credores suficientes. Quero pagar o que...

– Não diga mais nada, querida – interrompeu ele, apoiando as mãos nos ombros dela. – Creio que não a devia ter deixado pensar que eu tinha apenas o suficiente para o dia a dia, mas estava a divertir-se tanto a tentar endividar-me que não queria estragar isso. – Soltou uma pequena risada quando ela baixou os olhos com uma expressão culpada, e ergueu-lhe o queixo. – A verdade é que podia ter remodelado uma centena de casas que isso não me apoquentava minimamente.

– Mas não pode ser rico!

Ele soltou uma gargalhada, deliciado.

– Compensa ter um irmão que é um génio no que diz respeito ao dinheiro. Pode dizer-se que o Edward tem um toque mágico. É ele que trata das finanças da família com a nossa bênção. Se esta casa ainda assim não lhe agradar depois de todo o trabalho que teve ao remodelá-la, tenho várias propriedades nas imediações, assim como no Kent, Northampton, Norfolk, York, Lincoln, Wiltshire, Devon...

– Já chega!

– Está assim tão desapontada que eu não me tenha casado consigo pelo seu dinheiro, minha querida?

– Continua a ter direito a parte dele, de acordo com o estipulado no contrato de casamento. Pus o dinheiro numa conta para si esta manhã. – Pelo menos pusera aquela questão às claras.

O bom humor dele desapareceu.

– Vai regressar ao banco e guardá-lo para os nossos filhos. E, visto que estamos a falar deste assunto, eu sustento-a, Roslynn. As suas roupas, joias, qualquer coisa que adorne o seu corpo, sou eu que pago.

– E o que devo fazer com o *meu* dinheiro? – inquiriu ela, bruscamente.

– Tudo o que quiser, desde que não tenha nada a ver com vestuário, comida ou abrigo, ou aquilo que for minha prerrogativa comprar-lhe. É melhor discutir primeiro comigo onde decide gastar o seu dinheiro. Podemos acabar por evitar discussões futuras dessa forma.

O espírito independente dela estava furioso. O seu coração feminino estava deliciado. E aquela palavra, «filhos», não parava de ecoar dentro da cabeça. Sugeriu um possível final para as dificuldades de ambos, embora ainda não conseguisse ver esse final.

– Se esta discussão vai continuar, não devíamos levá-la lá para dentro?

Anthony sorriu com o tom neutro dela. Tinha deixado clara a sua posição e o seu prazer anterior, resultante do facto de ela ter posto de parte o rancor que sentia por ele, regressou. Independentemente da razão, era uma oferta de paz e ele também podia fazer uma. O facto de aquilo que tinha em mente ser mais uma necessidade do que tudo o resto depois daquela viagem próxima com ela, era um golpe de sorte.

– Este assunto já se esgotou – declarou Anthony, conduzindo-a de volta para casa. – Mas existe outro que exige uma atenção imediata da nossa parte.

O coração de Roslynn parou de súbito, mas não podia ter a certeza absoluta de que tinha entendido corretamente o significado das palavras dele. Por isso, não se permitiu ter esperanças até ele lhe segurar no braço e a levar pelas escadas acima até ao quarto dele. Mesmo nessa altura, quando ele fechou a porta atrás de ambos, continuava a não estar certa das suas intenções. Ele atravessou o quarto, despiu o casaco e atirou-o para cima daquela maldita *chaise-longue* que tinham ocupado na noite anterior.

Roslynn franziu o sobrolho ao fitar a *chaise-longue*. Tinha aprendido uma lição em cima dela, tal como ele prometera. O ressentimento veio à tona dentro do peito, em contradição com a excitação poderosa que sentia só por estar no quarto dele de novo.

– Venha cá, Roslynn.

Anthony sentara-se em cima da cama e estava a desabotoar lentamente a camisa branca de cambraia. O ritmo cardíaco dela duplicou. Ele era uma tentação incrível, mas não seria capaz de suportar a postura «mecânica» dele mais uma vez.

– Sente-se... sente-se capaz de simular desejo, então?

– Simular? – As sobranceiras dele ergueram-se. – Já percebi. Continua a não acreditar na espontaneidade, pois não, querida? Venha cá e ajude-me com as minhas botas, pode ser?

Ela obedeceu, só porque ele ainda não tinha respondido à pergunta e não lhe apetecia fugir até ter a certeza da resposta. Podia suportar palavras desagradáveis, mas não a ausência de paixão.

– Está nervosa – observou ele quando ela não se voltou depois de deixar cair a segunda bota no chão. – Não precisa de estar, minha querida. Tem de tirar partido de mim quando surge essa oportunidade.

Anthony viu a tensão espalhar-se nas costas dela e arrependeu-se imediatamente daquelas palavras. Já tinha tornado clara a sua posição na noite passada. Ela não se esqueceria daquilo. Mas recusava-se terminantemente a voltar a passar por aquela experiência.

Estendeu o braço para a puxar para o meio das pernas, e as mãos dele deslizaram pelo tronco de Roslynn acima para lhe agarrar nos seios. Ela inclinou a cabeça para trás e arqueou o corpo para sentir ainda mais o contacto das mãos dele. Anthony sentiu o corpo a despertar e deixou-a cair em cima da cama, girando de forma a inclinar-se por cima dela, mas mantendo as pernas dela presas no meio das

suas.

– Simulação, minha querida? Não me parece que nós os dois sejamos capazes de tal coisa.

A boca dele cobriu a dela com uma paixão escaldante que despertou todas as terminações nervosas do corpo de Roslynn, cortando-lhe a respiração. Foi uma sensação de prazer extraordinária. Era daquilo que se lembrava, daquele fogo ardente entre ambos que desafiava toda a razão. A noite anterior foi esquecida. Ele estava a beijá-la como se morresse se não o fizesse, sem lhe esconder nada, e a alma de mulher renasceu nos braços dele.

— **D**aqui a dois dias estou de partida, Tony — foi a primeira coisa que James disse ao entrar na sala de jantar.

— Precisas de ajuda para fazer a mala?

— Não sejas desagradável, rapazola. Tu sabes que adoraste ter-me aqui em casa.

Anthony soltou um resmungo e voltou ao seu pequeno-almoço.

— Quando é que finalmente decidiste seguir viagem?

— Quando vi a tua situação tornar-se irremediavelmente desesperada. Já deixou de ter piada testemunhar isso.

Anthony pousou o garfo com violência na mesa, fitando furiosamente o irmão enquanto James caminhava descontraidamente para o aparador depois daquela observação e empilhava comida num prato. Na verdade, achava que tinha feito imensos progressos nas últimas duas semanas. Bastava-lhe tocar em Roslynn para ela se lançar nos braços dele. Não conseguia ver o desespero de que o irmão falava. Em breve, ela ia admitir que precisava dele tanto quanto ele precisava dela. Ia admitir as atitudes disparatadas que tinha tido e esquecer as suas próprias regras. Porém, até fazer isso, ele ia segui-las escrupulosamente à letra.

— Importas-te de me explicar essa tua observação?

James sentou-se no lugar à frente dele e declarou, de forma exasperante:

— Gosto mais desta sala agora. Quanto é que ela te custou?

— Maldição, James!

A resposta foi um encolher de ombros.

— É óbvio, meu caro rapaz. Aqui está ela a partilhar o teu leito, a todas as horas do dia, segundo reparei; porém, quando os dois não estão fechados atrás daquela porta, comportam-se como dois completos desconhecidos. Onde está a grande mestria pela qual és conhecido e que deixa as mulheres na palma da tua mão? Ela é imune a isso?

— Isto não é da tua conta, como sabes.

— Eu sei.

Anthony respondeu-lhe na mesma.

— Ela não é imune, mas também não é como as outras mulheres. Tem umas ideias infernais... O que interessa é que eu quero que ela venha até mim pela sua própria vontade, não com os sentidos drogados e sem outra escolha.

— Queres dizer que ela não quer... vir até ti, é isso? — Quando Anthony lhe lançou um olhar carrancudo, James soltou uma pequena risada. — Não me digas que ainda não esclareceste aquele pequeno mal-entendido com aquele doce da Margie?

— Ainda te lembras do nome dela?

O sarcasmo era óbvio, mas James decidiu ignorar o mau humor do irmão.

— Na verdade, voltei para a ver algumas vezes. Ela era uma delícia de mulher. —

Mas aquela diabinha de calças não voltara a aparecer na taberna, o motivo real pelo qual regressara lá. – Nunca pensaste em lhe explicar o que aconteceu realmente?

– Já o fiz. Não o volto a fazer.

James suspirou perante aquela teimosia, esquecendo-se do facto de a sua ser igualmente irredutível para amigos ou inimigos.

– O orgulho é um sinal de imbecilidade, meu caro rapaz. Estás casado há quase um mês. Se eu soubesse a trapalhada que ias fazer, tinha levado mais a sério a tentativa de seduzir a senhora.

– Por cima do meu cadáver – rosnou Anthony.

– Estamos muito sensíveis, não? – James fez um sorriso rasgado. – Mas não interessa. Foste tu quem a conquistaste. Mas aquilo que fizeste com o prémio, todavia, é deplorável. Um pouco de romance não te ficava mal. Afinal, ela derreteu-se por ti à luz do luar, não foi?

Anthony conseguiu manter-se sentado no lugar por uma unha negra, embora sentisse um impulso irresistível de dar um soco no irmão.

– A última coisa de que preciso da tua parte é conselhos, James. Tenho a minha própria estratégia no que diz respeito à minha mulher, e embora não pareça que esteja a funcionar, na verdade, está.

– É a estratégia mais estranha que já vi, inimigos durante o dia e amantes à luz do luar. Eu não teria paciência para isso. Se elas não se rendem ao primeiro esforço...

– Não valem a pena?

– Algumas valem. Mas existem muitas outras doces consolações para me incomodar com isso.

– Mas eu fiquei com a Roslynn.

James riu-se.

– Bom argumento. *Ela* vale a pena?

A resposta de Anthony foi um sorriso lento, o primeiro dele, e James ficou repentinamente sério. Sim, acreditava que a pequena escocesa valia um pouco de paciência. Mas quanto à estratégia de Anthony, era óbvio para o irmão que só estava a cavar um buraco mais fundo para si próprio. James não ficaria nada surpreendido se, aquando do seu regresso a Inglaterra, a mulher de Anthony tivesse muito em comum com a de Jason, que utilizava todas as desculpas possíveis para evitar o marido.

Nettie apareceu à entrada.

– Peço desculpa, Sir Anthony, mas Lady Roslynn quer dar-lhe uma palavrinha.

– Onde está ela?

– No quarto dela, senhor. Não se está a sentir muito bem.

Anthony dispensou a criada com um gesto antes de vociferar:

– Maldição!

James abanou a cabeça, num gesto reprovador.

– Lá está, estás a ver? Acabas de ouvir que a tua mulher está doente e em vez

de ficares preocupado...

– Vai para o diabo, James, tu não sabes que raio se está a passar, por isso fica fora disto! Se ela está doente, é disso que ela tem estado à espera. Suspeitei disso na outra manhã quando... – Anthony interrompeu-se quando viu a sobancelha franzida de James. – Maldição. Ela vai dizer-me que vou ser pai.

– Oh... mas essa é uma notícia esplêndida! – exclamou James, encantado, mas depois reparou que a expressão carrancuda de Anthony ficara ainda mais carregada e acrescentou de forma hesitante: – Não é?

– Não, não é nada disso!

– Por amor de Deus, Tony, os filhos geralmente sucedem-se ao casamento...

– Eu sei isso, seu imbecil! Eu quero a criança. Só não quero as condições que vêm com ela.

James começou a rir, interpretando mal as palavras dele.

– É o preço da paternidade, sabias? Santo Deus, são só alguns meses que tens de ficar fora da cama da senhora. Podes sempre procurar um alívio para os teus males noutro lado.

Anthony ergueu-se, com uma voz calma, mas suficientemente fria para gelar qualquer pessoa.

– *Se* eu quisesse procurar alívio noutro lado, e *se* fosse apenas por alguns meses, podias ter razão, irmão. Mas o meu celibato começa no momento em que a minha querida mulher me anunciar o seu estado.

James ficou suficientemente surpreendido para responder:

– De *quem* foi essa ideia ridícula?

– Podes ter a certeza de que não foi minha.

– Estás a dizer que a única razão pela qual ela vinha ao teu encontro era para engravidar?

– Isso mesmo.

James soltou um resmungo.

– Odeio dizer isto, meu caro, mas parece-me que a tua mulher precisa de levar umas boas palmadas no traseiro.

– Não, o que ela precisa é de admitir que estava errada, e vai fazê-lo. O que está a dar comigo em maluco é saber quanto tempo isso vai demorar.

Chá fraco e uma torrada seca, insistiu Nettie. Não era um pequeno-almoço muito apetitoso, mas era melhor do que o chocolate quente e os bolos que tinham feito Roslynn voar em direção ao bacio há pouco. Suspeitava do seu estado há uma semana, depois daquela altura do mês se ter atrasado. Tinha a certeza há três dias, quando uma náusea horrível começara de manhã e desaparecera apenas ao meio-dia. E cada dia tinha piorado um pouco mais. Naquela manhã fora obrigada a ficar perto do bacio durante quase uma hora e esvaziara completamente o estômago. Temia o que o dia de amanhã lhe traria e na manhã seguinte era o casamento de Frances. Não estava nada certa de que fosse capaz de estar presente, o que era mais uma coisa que a deprimia naquele momento quando devia estar exultante com o seu estado.

O estômago ainda não se acalmara completamente, nem com a torrada insípida que mordiscara. Era difícil lembrar-se, tendo em conta o que estava a sentir naquele momento, de que queria um bebé mais do que tudo. Porque é que não podia ser uma daquelas mulheres afortunadas que não sofriam um dia de enjoos matinais? E por que motivo tinham começado tão cedo? Tinha feito aquele acordo abominável com Anthony há apenas duas semanas. E suspeitara que estava grávida uma semana depois, o que lhe confirmou de forma inequívoca que não precisava de ter feito qualquer acordo, uma vez que era altamente provável que tivesse engravidado logo na primeira vez que tinham feito amor.

Roslynn pousou com muito cuidado a chávena de chá na mesa ao lado da *chaise-longue* na qual estava deitada. Movimentos súbitos, como descobrira uma manhã quando Anthony estava a fazer amor com ela, faziam com que o estômago começasse a embrulhar-se. Um esforço extremo de concentração tinha-lhe permitido não se embarçar a si própria e ter de fazer uma confissão naquele momento. E fora ao encontro dele, de forma egoísta, durante mais duas noites sem lhe dizer a verdade. Mas não podia adiar mais isso. Naquela manhã, tinha conseguido sair do quarto dele por uma unha negra antes de Anthony acordar e a chamar de volta para a cama. E com os enjoos a piorarem, já não podia fazer amor de manhã. Tinha de lhe contar antes de ele descobrir sozinho e ficar a saber que ela estava a ignorar o acordo.

Como odiava aquele maldito acordo. Anthony mostrara-se maravilhosamente apaixonado naquelas duas últimas semanas, pelo menos dentro do quarto. Fazia amor com ela tantas vezes que Roslynn sabia muito bem que não tinha mais nada para dar a outra mulher, e que o tinha todo só para si. Era como se cada noite fosse a noite de núpcias, com toda a paixão e ternura de que ele era capaz, ao dispor dela.

No entanto, fora do quarto, ele era um homem completamente diferente, indiferente ou frio e sarcástico, mas jamais agradável. E Roslynn sabia que a culpa era do acordo, que era a sua forma de lhe dar a entender que a aversão que sentia

pelas condições impostas por ela não diminuía.

E agora tinha acabado. Mas ela não queria que acabasse. Tornara-se viciada em Anthony, mas por força da sua própria decisão idiota, ia perdê-lo. Era temporário, afirmara ela. Duas breves semanas correspondiam sem dúvida a essa definição.

– Queria falar comigo?

Ele entrara sem bater à porta. Anthony não entrava no quarto dela desde a noite em que fingira estar indisposta. Agora, não havia fingimento.

Anthony lançou um olhar apressado à mobília nova antes de os olhos azul-cobalto se fixarem nela. Roslynn conseguia sentir o estômago em alvoroço por causa do seu nervosismo.

– Vou ter um bebé. – As palavras saíram-lhe de rompante da boca.

Ele ficou parado diante dela, com as mãos nos bolsos. A expressão não se alterou. Isso foi o pior de tudo. Pelo menos, podia ter mostrado um mínimo de prazer com a notícia. Ou, à falta disso, descontentamento. Teria recebido com prazer o descontentamento dele naquele momento. Teria recebido com prazer a fúria que ele exibira na noite em que ela lhe apresentara as suas condições.

– Que maravilha para si – disse ele num tom de voz extremamente neutro. – Nesse caso, a sua estadia temporária no meu quarto chegou ao fim.

– Sim. A não ser...

– A não ser? – interrompeu-a ele deliberadamente. – Longe de mim quebrar as suas regras, querida.

Ela mordeu o lábio para não amaldiçoar aquelas regras na presença dele. Em todo o caso, não sabia o que tinha começado a dizer, antes de ele a interromper. Mas era óbvio que o marido não queria ouvi-lo. E estivera à espera, a rezar para que fosse *ele* a insistir que ela esquecesse o acordo de ambos, que exigisse que ela voltasse para o quarto dele permanentemente. Isso não ia acontecer. Será que já não sentia nada por ela?

Roslynn desviou o olhar para a janela, com uma voz inexpressiva quando devia estar repleta de excitação, tendo em conta o assunto em causa.

– Vou precisar de um quarto para o bebé.

– O James vai partir daqui a alguns dias. Pode ocupar o quarto dele.

Ela dera-lhe uma abertura. Ele podia ter sugerido *aquele* quarto. Era sem dúvida mais conveniente, porque ficava diretamente à frente do dele.

Roslynn continuou a olhar pela janela.

– Este filho também é seu, Anthony. Tem alguma preferência pela cor, ou seja o que for?

– Faça como entender, minha querida. Por falar nisso, não vou jantar em casa esta noite. Vamos celebrar a última noite de sanidade do meu velho amigo George no clube.

A mudança abrupta de assunto magoou-a. Era óbvio que ele não tinha qualquer interesse no bebé, nem nela, visto que se voltara para se ir embora sem mais uma palavra.

Fora do quarto, o punho de Anthony bateu com força contra a parede. Lá

dentro, lágrimas começaram a correr pelas faces de Roslynn. Ela estremeceu com o barulho, mas não lhe deu importância.

Nunca se sentira tão infeliz na vida e a culpa era toda dela. Nem sequer se conseguia lembrar do motivo que levava àquele acordo estúpido. Ah, sim. Tivera medo de se apaixonar por Anthony com uma intimidade constante. Era demasiado tarde para isso, não era? Nettie tinha razão.

– Eram as notícias de que estavas à espera?

Anthony voltou-se e encontrou James à porta do quarto dele.

– Eram.

– Posso depreender, nesse caso, que a estratégia não está a funcionar?

– Raios, James. Estes dois dias vão parecer uma eternidade!

— Porque é que não lhe dizes simplesmente isso, Ros?

— Não posso — respondeu Roslynn, e deu um pequeno gole no segundo copo de champanhe.

As duas amigas estavam afastadas dos outros convidados da festa, que era apenas uma pequena reunião dos amigos de Frances na casa da mãe. Os cavalheiros não eram os únicos que podiam celebrar na noite anterior ao casamento. Mas Roslynn não estava com vontade de celebrar fosse o que fosse, embora já tivesse aceitado que Frances estivesse radiante com aquele casamento e se sentisse feliz pela amiga. Mas não conseguia mostrá-lo.

Infelizmente, Frances percebera a sua depressão e chamara-a à parte, com medo de que Roslynn ainda estivesse contra o casamento. A única forma de convencer a amiga de que isso não era verdade era contar-lhe o que se passava.

— Se fosse assim tão simples... — começou Roslynn, mas Frances interrompeu-a.

— Mas é muito simples. Só tens de dizer «amo-te». Uma pequena palavra, minha querida, e os teus problemas vão acabar.

Roslynn abanou a cabeça.

— A diferença, Fran, é que essas palavras são fáceis para ti porque sabes que o George retribui esse amor. Mas o Anthony não me ama.

— Deste-lhe alguma coisa que ele *pudesse* amar?

O rosto de Roslynn contorceu-se num esgar.

— Não. Pode dizer-se que fui uma autêntica megera desde que nos casámos.

— Bom, tiveste as tuas razões, não foi? Sir Anthony portou-se realmente mal, mas tu afirmaste que estás quase certa de que ele se desencaminhou apenas dessa vez. A decisão é tua, minha querida. Podes deixar que ele saiba que lhe perdoaste a única indiscrição que teve e queres começar de novo ou podes continuar como estás.

Que bela escolha, pensou Roslynn, ainda a sentir o ressentimento a ferver à superfície. Por que motivo tinha de fazer todas as cedências? Anthony nem sequer tinha pedido desculpa, e não era provável que o fizesse.

— Um homem como Sir Anthony não vai esperar para sempre, sabes — prosseguiu Frances. — Vais enviá-lo diretamente para os braços de outra mulher.

— Ele não precisa que eu faça isso — respondeu Roslynn amargamente.

Mas Frances tinha razão. Se *ela* não partilhasse a cama de Anthony, outra pessoa acabaria por fazê-lo. Mas já sabia isso quando fizera aquele acordo com ele. Simplesmente não quisera admitir naquela altura que isso era importante para ela. Mas a verdade é que era terrivelmente importante, porque o amava.

Depois de regressar a casa às onze da noite, Roslynn só teve tempo de despir a

capa e as luvas que levava para o serão quando a porta se abriu de novo e Anthony e George entraram aos tropeções. Dobson olhou para eles uma vez e suspirou. Roslynn ficou com a impressão de que já tinha assistido àquela cena antes, e esta era tão divertida como a última, embora desta vez parecesse que era Anthony quem estava a suportar o peso do amigo. George parecia estar quase a dormir.

– Chegou cedo a casa – observou Roslynn, mantendo um tom de voz neutro.

– Este meu velho amigo apanhou uma valente bebedeira e perdeu a consciência. Achei melhor trazê-lo para a cama.

– E decidiu trazê-lo para aqui em vez de o levar para casa?

Anthony encolheu os ombros.

– É o hábito, minha cara. Quando passávamos a noite fora, foram muitas as vezes que o meu velho amigo George acabava a noite aqui. Até tem o seu próprio quarto, não sei se sabe. Embora, na verdade, se pensar nisso, esse quarto agora é seu.

Eles olharam fixamente um para o outro durante um longo momento antes de George quebrar esse contacto.

– Como é? De quem é o meu quarto agora?

– Não te preocupes com isso, meu velho. A minha mulher tem alguns artigos pessoais dentro dele, mas não se importa de os tirar por uma noite. Não é assim, minha querida?

O coração de Roslynn deu um salto. Será que ele trouxera George para casa só para ela *ter* de mudar de quarto? E o único lugar para onde se podia mudar era o quarto dele.

– Não se incomode por minha causa, Lady Malory.

Ela compreendeu-o perfeitamente, embora arrastasse imenso as palavras e aparentemente não fosse capaz de a localizar, porque pousara os olhos em Dobson.

– Não é incómodo nenhum, George – assegurou-lhe Roslynn. – Se me der alguns minutos...

– Não tenho alguns minutos – interpôs-se Anthony. – Ele é estupidamente pesado, não sei se sabe. E se eu o deitar, ele nunca mais se vai levantar. Siga à nossa frente, minha querida, e vá buscar aquilo que precisar.

Foi o que ela fez, rápido, e percorreu apressadamente o quarto para juntar as coisas enquanto Anthony deixava cair George em cima da cama. O quarto de George? Nesse caso, aqueles sonetos que encontrara ali pertenciam-lhe. Nunca pensaria que tal fosse possível da parte de um libertino como ele, mas a verdade é que nunca se conhecia verdadeiramente o interior das pessoas. Frances tinha mais sorte do que pensava.

Saiu do quarto de forma igualmente rápida, pois Anthony não esperara para começar a despir George. No corredor, ficou parada a olhar para a porta do quarto de Anthony. A intenção dele era essa, certo? Em todo o caso, onde mais podia ela dormir? Jeremy e James provavelmente ainda não estavam em casa, mas chegariam em breve. E só havia aqueles quatro quartos no piso superior.

Ela entrou no quarto hesitante, à espera de encontrar Willis a aguardar ali por Anthony, muito embora o criado pessoal se tivesse mantido à distância naquelas duas últimas semanas, vindo apenas quando Anthony o mandava chamar. O quarto estava vazio, porém. Ou Anthony planeava aquilo ou ainda não dissera a Willis para estar permanentemente disponível de novo. Por outro lado, ainda *era* cedo, pelos padrões londrinos. Willis não estaria à espera que Anthony chegasse tão cedo a casa.

Roslynn suspirou, sem saber o que pensar. Mas não ia perder aquela oportunidade. Ela própria não a podia ter planeado melhor. Não teria de sacrificar o orgulho e confessar a idiota que tinha sido. Podia simplesmente mostrar a Anthony que não se opunha a estar ali, e que, na verdade, queria estar ali.

Começou a despir a roupa que usara para o serão fora de casa. Estava de camisa interior quando Anthony entrou no quarto. O olhar dele pousou sobre ela durante vários batimentos cardíacos antes de avançar para o quarto de vestir. Roslynn entrou apressadamente na cama. Gostava que ele tivesse dito alguma coisa. Céus, como aquilo a fazia lembrar a noite de núpcias. E estava tão nervosa naquele momento como estivera naquela noite.

Quando ele reapareceu, usava apenas um robe. Pelo menos, ela lembrara-se de vestir uma camisa de noite. Não ia ser assim *tão* óbvia em relação àquilo que queria.

Mas era óbvio. Enquanto ele andava pelo quarto a apagar os candeeiros, o desejo alumiu os laivos dourados dos olhos de Roslynn enquanto seguiam a figura soberba de Anthony. Tinha estado demasiado próxima dele ultimamente. Descobrira que isso não era, nem de longe, nem de perto, o suficiente. Nunca seria.

Agora estava escuro, com apenas um feixe prateado do luar a entrar por uma das janelas. Antes de os olhos dela se ajustarem à escuridão, os outros sentidos ficaram hipersensíveis. Conseguia sentir o cheiro dele quando se aproximou. Quando a cama cedeu, prendeu a respiração, à espera com a mesma sensação estonteante que sentia sempre que ele estava perto. Ia inclinar-se para ela a qualquer momento. A boca dele ia encontrar a dela no escuro, quente, exigente...

– Boa noite, minha querida.

Os olhos de Roslynn abriram-se bruscamente. Com mil diabos, ele não tinha planeado expulsá-la do quarto, afinal. Estava a obedecer às regras dela que o proibiam de lhe tocar assim que engravidasse. Não era justo. Como é que ele *conseguia*, quando ela estava ali deitada ao lado dele, a desejá-lo acima de tudo?

– Anthony...?

– Sim?

O tom de voz dele foi áspero para os seus ouvidos, dissolvendo a sua coragem.

– Nada – balbuciou.

Roslynn ficou ali deitada, a contar as batidas do coração, a desejar ter bebido mais do que dois copos de champanhe na festa de Frances. Mas tinha pensado na manhã do dia seguinte e nas náuseas que teria de vencer para estar presente no

casamento. Não tinha forma de saber que dormir seria uma tarefa impossível. Ainda na noite passada, sentira a liberdade de se poder voltar para Anthony, apoiar a cabeça no peito dele, contar as batidas do coração *dele*. Que diferença fazia um único dia. Não, não tinha sido o dia. Fora o seu maldito acordo.

Ouviu o resmungo mesmo antes de as mãos de Anthony se aproximarem e a puxarem para cima do peito dele. O beijo foi frenético, repleto de uma paixão desabrida que os incendiou a ambos. Roslynn não a questionou, limitou-se a aceitá-la, tão encantada e aliviada que se entregou completa e lascivamente ao momento. O orgulho não se podia igualar àquilo. Ela amava-o. Ia ter de lhe dizer, mas naquele momento não era a altura certa. Mais tarde, quando fosse capaz de pensar com clareza de novo.

Parecia que tudo e todos estavam a conspirar contra Roslynn para a impedir de falar em privado com Anthony, incluindo ela própria. Havia adormecido ditosamente depois de terem feito amor e depois, na manhã seguinte, Anthony acordara-a simplesmente para lhe dizer que George já se tinha ido embora e que ela tinha o quarto de volta. Somente isso, como se aquela noite não tivesse existido. E quando estivera prestes a pedir-lhe que esperasse, o estômago dela entrou em erupção e conseguira chegar ao seu quarto no último segundo possível.

Depois, tinha havido o casamento e o almoço de casamento, a seguir, que ocupara grande parte da tarde. Mas Anthony não viera para casa com ela. Saíra diretamente do casamento para passar a última noite em Londres com o irmão, e Roslynn passou uma noite dolorosa a pensar no que os dois estariam a fazer, porque nenhum deles regressou a casa até ao raiar do dia.

E, naquela manhã, tivera de sair apressadamente da cama para ir até às docas ver o *Maiden Anne* zarpar, com a família inteira a aparecer de propósito para a ocasião. Naquele momento, estava um pouco afastada, com Jeremy, enquanto os irmãos de James o abraçavam e lhe desejavam uma viagem favorável. Ela própria já lhe dera um beijo de despedida, um beijo breve no rosto, sob a atenção cerrada de Anthony, a qual James não conseguiu resistir a comentar.

– Vais sentir muito a falta dele, Jeremy?

O rapaz sorriu-lhe.

– Macacos me mordam, ele não vai estar fora *assim* tanto tempo. E duvido que tenha tempo para sentir a falta dele. Ele deixou-me uma série de regras a seguir, não sei se sabe. Tenho de enterrar a cabeça nos estudos e não posso fazer nenhum bast... Isto é, devo manter-me longe de sarilhos, escutar o que diz o tio Tony e a Roslynn, é claro, e deixá-lo orgulhoso.

– Tenho a certeza de que vais estar à altura disso. – Roslynn tentou sorrir, mas os cheiros do cais estavam a dar cabo dela. Tinha de entrar na carruagem antes de se desgraçar. – Creio que chegou a tua vez de dizer adeus ao teu pai, garoto.

Jeremy foi esmagado não só por James, mas também por Conrad e teve de ouvir outra longa lista do que fazer e do que não fazer da boca do imediato. Mas foi salvo pela maré. Esta não ia esperar e os dois homens foram obrigados a embarcar.

James podia culpar Anthony pela ressaca que quase o fez esquecer a decisão que tomara. Chamou Jeremy à prancha de embarque e passou-lhe um bilhete para as mãos.

– Trata de fazer chegar isto à tua tia Roslynn, mas não quando o Tony estiver por perto.

Jeremy enfiou o bilhete no bolso.

– Não é uma carta de amor, pois não?

– Uma carta de amor? – resmungou James indignado. – Fora daqui, rapazola. E

vê se...

– Eu sei, eu sei. – Jeremy ergueu as mãos, a rir-se. – Não vou fazer nada que o pai não fizesse.

Correu pela prancha de embarque abaixo antes de James poder reagir à sua insolência. Mas o pai de Jeremy estava a sorrir quando deu meia-volta e ficou cara a cara com Conrad.

– O que foi aquilo?

James encolheu os ombros, percebendo que Connie o vira a passar o bilhete.

– Decidi dar uma mão ao Tony, afinal. À velocidade a que o Tony anda, vai andar aos tropeções para sempre.

– Pensei que não ias interferir – lembrou-lhe Connie.

– Bom, ele é meu irmão, não é? Embora não faça ideia por que motivo me dou a esse trabalho depois da partida indecente que ele me pregou na noite passada. – Ao ver a sobranceira erguida de Connie, sorriu, apesar do latejar contínuo que sentia na cabeça. – Fez tudo o que podia para eu me sentir péssimo hoje na partida, aquele maldito imbecil.

– Mas tu pactuaste com isso, naturalmente?

– Naturalmente. Não podia deixar que o rapaz bebesse mais do que eu, pois não? Mas vais ter de ser tu a encarregar-te da nossa partida, Connie. Receio estar de rastos. Depois põe-me a par da situação no meu camarote quando estivermos a caminho.

Uma hora depois, Connie serviu-se de um pouco de *whisky* do armário de bebidas bem abastecido do camarote do comandante do navio e juntou-se a James, que estava sentado à secretária.

– Não vais ficar preocupado com o rapaz, pois não?

– Aquele malandro? – James abanou a cabeça, exibindo um ligeiro esgar de dor quando a dor de cabeça voltou, e bebeu mais um gole do tónico que Connie lhe mandara entregar da cozinha. – O Tony vai ficar atento para ele não se meter em sarilhos graves. Se alguém se vai preocupar, és tu. Devias ter tido filhos, Connie.

– É provável que tenha tido. Mas ainda não os encontrei como tu encontraste o teu rapaz. É possível que tu tenhas mais sem saber.

– Santo Deus, um já é suficiente – respondeu James, com um horror fingido, provocando uma risada ao amigo. – E agora, o que tens a comunicar? Quantos homens da antiga tripulação estavam disponíveis?

– Dezoito. E não houve problemas em preencher os postos, exceto o do mestre do navio, como já te tinha dito.

– Então, vamos lançar-nos ao mar sem um mestre do navio? Isso vai pôr uma carga demasiado pesada em cima dos teus ombros, Connie.

– Certo, se não tivesse encontrado um homem ontem, ou antes, se ele não se tivesse oferecido. Queriam embarcar como passageiros, ele e o irmão. Quando lhe disse que o *Maiden Anne* não transporta passageiros, ofereceu-se para pagar a viagem com o seu trabalho no navio. Nunca vi um escocês tão persistente.

– Outro escocês? Como se já não tivesse a minha quota-parte deles

ultimamente. Estou mais do que contente por os teus antepassados escoceses serem tão distantes que não te lembras deles, Connie. Entre a caça ao primo de Lady Roslynn e o encontro com aquela pequena diabinha e o seu companheiro...

– Pensava que já te tinhas esquecido disso.

A resposta de James foi uma expressão carrancuda.

– Como é que sabes que este escocês percebe alguma coisa dos cordames de um navio?

– Pu-lo à prova. Eu diria que ele já teve este trabalho antes. E ele afirma que já andou embarcado, como contramestre, carpinteiro do navio e mestre de navio.

– Se isso for verdade, será muito útil. Muito bem. Mais alguma coisa?

– O Johnny casou-se.

– O Johnny? O meu grumete, esse Johnny? – Os olhos de James faiscaram. – Macacos me mordam, ele só tem quinze anos! Onde diabo tem a cabeça?

Connie encolheu os ombros.

– Diz que se apaixonou e que não suporta deixar a mulherzinha para trás.

– Mulherzinha? – exclamou James com desdém. – Aquele pequeno idiota gabarolas precisa de uma mãe, não de uma mulher. – A cabeça dele estava a latejar de novo e bebeu de um longo trago o resto do tónico.

– Encontrei um novo grumete para ti. O irmão do MacDonell...

O tónico foi cuspidado para cima da secretária de James.

– Quem? – perguntou, numa voz sufocada.

– Maldição, James, que bicho te mordeu?

– Disseste MacDonell? Por acaso, o primeiro nome dele é Ian?

– Certo. – Agora eram os olhos de Connie que estavam a faiscar. – Céus, ele não é o mesmo escocês da taberna, pois não?

James ignorou a pergunta.

– Olhaste bem para o irmão?

– Pensando bem, não. Ele era um tipo pequeno, de poucas falas, que se escondia atrás das pernas do irmão. Não tive muita escolha em aceitá-lo, visto que o Johnny só me informou há dois dias que ia ficar em Inglaterra. Mas não podes pensar que...

– Mas é isso que eu penso. – E, de repente, James estava-se a rir. – Oh, céus, Connie, isto é impagável. Voltei à taberna para procurar aquela mulherzinha, sabes, mas ela e o seu escocês desapareceram da zona. E agora foi ela que veio cair no meu colo.

Connie soltou um resmungo.

– Bom, estou a ver que vais ter uma viagem agradável.

– Podes apostar nisso. – O sorriso rasgado de James era decididamente felino. – Mas ainda não a vamos desmascarar. Apetece-me brincar um pouco com ela primeiro.

– Podes estar enganado, sabes. Pode vir a ser um rapaz.

– Duvido – respondeu James. – Mas vou descobrir isso quando ela entrar ao meu serviço.

E enquanto o *Maiden Anne* deixava Inglaterra para trás, James meditava nas tarefas que esse serviço implicava e aquelas que lhe iria acrescentar nas semanas seguintes. Aquela ia ser, decididamente, uma viagem deveras agradável.

— Não vai sair de novo, pois não?

Anthony deteve-se a meio de enfiar as luvas.

— Ia.

Roslynn deixou a entrada da sala de estar para trás, aproximando-se dele. Estavam em casa há pouco mais de uma hora. Fora preciso aquele tempo todo para ganhar a coragem necessária para o abordar, mas essa coragem estava a abandoná-la rapidamente agora que a oportunidade era uma realidade. Mas tinha de o fazer.

— Gostava de falar consigo.

— Muito bem. — Ele indicou a sala de estar com a mão.

— Não, lá em cima. — Anthony arqueou bruscamente as sobrancelhas e ela corou e acrescentou rapidamente: — No meu quarto. — Jeremy estava algures na casa, e aquela era uma conversa que não queria ver interrompida. — Podemos ter privacidade lá... para aquilo que tenho a dizer.

— Nesse caso, eu sigo-a, minha querida.

O tom de voz de Anthony sugeria indiferença. Ele não ia tornar aquilo fácil para ela. E se não sentisse nada por ela? E se conseguisse apenas fazer figura de idiota?

Roslynn apressou-se a subir as escadas com Anthony a segui-la num passo lento. Estava a arrastar os pés, com medo de não gostar do que ela tinha a dizer. Era demasiado cedo para ela dizer o que ele queria ouvir. Calculara que ia demorar pelo menos várias semanas até Roslynn admitir que não gostava de dormir sozinha. Nessa altura, já não se ia mostrar relutante quando ele batesse com o pé e exigisse que ela honrasse o acordo original que fizera com ele para ser a sua mulher em todos os aspetos.

Roslynn já estava sentada na *chaise-longue* quando Anthony entrou no quarto dela. Visto que aquele lugar estava ocupado e a cama estava fora de questão, sentou-se no banco do toucador, que ficava a poucos metros de distância. Remexeu nervosamente nos frascos de perfume que lá estavam, à espera que ela comesse. O pedaço de papel foi só mais uma coisa para tocar, mas quando o abriu, a letra de James chamou-lhe imediatamente a atenção.

— Anthony, podia olhar para mim, pelo menos? — Foi o que ele fez, com os olhos semicerrados, e Roslynn baixou os dela. — Não sei como dizer isto, a não ser... que estava errada.

— Errada?

— Em impor limitações ao nosso casamento. Eu... Eu gostava de começar de novo.

Roslynn ergueu o olhar nessa altura. A última coisa que esperava ver era fúria, mas não havia dúvidas de que ele estava zangado.

— Será que isto tem alguma coisa a ver com a sua súbita mudança de opinião? — Ele segurou o papel no meio dos dedos.

– O que é isso? – perguntou ela, cautelosamente.

– Não brinque comigo, Roslynn! Sabe exatamente o que isto é – disse ele, secamente.

Ela utilizou o mesmo tom que ele, esquecendo-se momentaneamente da possível reconciliação.

– Não, não sei! Onde foi buscar isso?

– Ao seu toucador.

– Impossível. Mudei de roupa quando voltei das docas e isso, o que quer que seja – ela apontou para o papel –, *não* estava em cima da minha mesa.

– Há uma forma de provar isso, não há?

Ele estava furioso com a interferência de James, mas sobretudo com ela. Como é que ela se atrevia a fazê-lo passar por um inferno e depois, por causa de um simples bilhete, admitir que estava errada? Não queria o maldito arrependimento dela. Queria que ela o quisesse sem quaisquer condições. E era isso que teria acontecido dali a pouco tempo. Nessa altura, e só nessa altura, tê-la-ia convencido de que o acusara falsamente.

Anthony dirigiu-se à porta a passos largos, abriu-a com violência e bradou o nome de Jeremy. Ou James passara sub-repticiamente aquele bilhete a Roslynn nas docas, o que era duvidoso, uma vez que Anthony estivera perto dela o tempo inteiro, ou James dera-o a Jeremy para este lho entregar. Em qualquer dos casos, não ia permitir que ela mentisse acerca disso.

Quando a cabeça do rapaz assomou à porta do quarto no final do corredor, Anthony exigiu saber:

– O teu pai entregou-te alguma coisa para dar à minha mulher?

Jeremy soltou um resmungo.

– Macacos me mordam, Tony, pensei que tinha saído. Acabei de o pôr aí... não o devia ter visto – concluiu ele, de modo pouco convincente.

Anthony amassou o papel na mão.

– Está tudo bem, meu rapaz. Não fizeste nada de mal.

Fechou a porta de novo, franzindo o sobrolho com a sua pressuposição estúpida. Ela não tinha visto o bilhete. Isso significava que... maldição, e ele tinha acabado de a hostilizar.

Encontrou-a de pé, com uma das mãos estendidas e os olhos a cintilar de indignação.

– Quero ver isso, se não se importar.

– Importo-me – respondeu ele, retraindo-se ao ouvir o inconfundível sotaque escocês, um sinal claro de um acesso de mau génio. – Escute, peço desculpa se tirei a conclusão errada. O bilhete não é importante. O que...

– Eu decido se é importante ou não. Se isso estava no meu toucador, destinava-se a mim, não a si.

– Então, fique com ele.

Ele estendeu a mão, com a palma para cima. Quando ela se aproximou e pegou na bola de papel, ele não lhe deu oportunidade de a ler. Os dedos dele fecharam-se

por cima dos dela e puxou-a para os seus braços.

– Pode ler isto depois – disse ele suavemente. – Primeiro, diga-me por que motivo estava errada.

Ela esqueceu-se completamente do bilhete, que estava agora amarfanhado dentro do seu punho.

– Já lhe disse: por causa dos limites. Nunca devia ter... ter imposto limites ao nosso casamento.

– Verdade. É tudo?

Ele estava a sorrir-lhe, com aquele sorriso que derretia tudo à sua passagem e a transformava em mel.

– Não devia ter-me aproximado de si só para ter um filho, mas estava com medo de ficar tão habituada a tê-lo que mais nada importasse.

– E ficou? – Os lábios dele roçaram na face dela, ao lado da boca.

– O quê?

– Habituada a ter-me?

Ele não a deixou responder, com os lábios a pousarem nos dela, quentes, sedutores, a roubar-lhe a respiração, a alma. Teve de quebrar aquele contacto.

– Apre, homem, se continua a beijar-me, nunca mais consigo dizer tudo.

Ele soltou uma risada, mantendo-a junto a si.

– Mas nada disto era necessário, querida. O seu problema é que tomou imensas coisas como certas. Partiu do princípio de que eu ia permitir que esta sua proibição de lhe tocar continuasse indefinidamente. Não é verdade. Também parece pensar que eu teria obedecido às regras que decretou para esta relação. Enganou-se de novo. – Ele suavizou o choque daquelas notícias com outro beijo profundo antes de continuar. – Odeio desiludi-la, querida, mas só consegue levar adiante as suas exigências estapafúrdias o tempo que eu lhe permito fazê-lo. E apenas teria permitido isso mais algumas semanas, não mais do que isso, até cair em si.

– E depois?

– Depois, este passava a ser o meu quarto também.

– Não me diga? – retorquiu ela, mas os lábios dela estremeceram. – Sem a minha permissão?

– Nunca vamos saber, pois não? – Ele sorriu. – Que mais me queria dizer?

Roslynn tentou fazer uma expressão de indiferença. Não foi capaz. Todos os seus sentidos estavam atordoados com o corpo dele junto ao dela, os olhos calorosos e ternos, os lábios dele a um sopro de distância.

– Amo-te – disse ela, simplesmente, e depois soltou um pequeno guincho quando ele a apertou tanto nos braços que não conseguia respirar.

– Meu Deus, Roslynn, tinha medo de nunca te ouvir a dizer isso! A sério que me amas? Apesar do grandessíssimo imbecil que tenho sido a maior parte do tempo?

– Sim. – Ela riu-se, tonta de prazer com a reação dele.

– Nesse caso, lê esse bilhete do James.

Era a última coisa que ela esperava ouvir naquele momento. Olhou para

Anthony, desconfiada, enquanto ele a pousava no chão e dava um passo atrás. Mas abriu o papel, demasiado curiosa para não o fazer. A mensagem era breve, dirigida a ela.

Visto que o Tony é demasiado casmurro para lhe contar, achei que devia saber que a rapariga da taberna com a qual partiu do princípio que o Tony se divertiu foi, na verdade, minha durante essa noite. O Tony pode ter sido a primeira escolha dela, tal como foi a sua, mas ela não se queixou por ter de se conformar comigo. Estava errada acerca do rapaz, minha querida. Creio que ele a ama.

*

Os olhos de Roslynn estavam húmidos quando se cruzaram com os de Anthony e ele a puxou suavemente de volta para os seus braços.

– Será que algum dia me vais perdoar, Anthony?

– Tu perdoaste-me, não foi?

– Mas não tu não eras culpado de nada!

– Não digas mais nada, querida. Agora já não interessa, pois não? Continuas a ser a única mulher que eu quero desde a primeira vez que te vi, inclinada para a frente, a espiar o salão de baile dos Crandal e a presentear-me com o teu pequeno traseiro delicioso.

– Anthony!

A gargalhada dele foi ressonante e profunda ao mesmo tempo que apertava os braços com mais força à volta dela para Roslynn não lhe poder bater.

– Bom, é verdade, minha querida. Fiquei absolutamente fascinado.

– Comportaste-te como um verdadeiro devasso!

– Continuo a sê-lo – assegurou-lhe ele. – Não ias gostar que eu me tornasse um exemplo de respeitabilidade moral, pois não? Não vais gostar de fazer amor apenas no escuro, vestida de forma apropriada para que nenhuma pele se toque exceto a essencial... ai! – Ela tinha-o beliscado. – Não estou a fazer troça de ti, minha querida. – Ele soltou uma risada. – Seria assim que o Warton provavelmente faria amor contigo. É claro que estaria mortinho por fazer isso... vamos, já chega de beliscões.

– Então, fala a sério.

– Mas eu estou a falar a sério, minha querida, muito a sério. – Os dedos dele enterraram-se no cabelo dela, deslocando ganchos aqui e ali, enquanto durante todo esse tempo os olhos dele continuaram presos nos dela. – Tornaste-te minha naquela primeira noite, quando correste na minha direção ao luar. Cortaste-me a respiração. Sabes o quanto quis fazer amor contigo nessa altura, ali mesmo no jardim dos Crandal? O que sentiste nessa altura, querida?

– Eu... eu fiquei com pena de não te poder ter.

– Ficaste? – perguntou ele, suavemente, a afagar-lhe as faces e com os lábios a tocar ao de leve nos dela. – E agora, ainda queres isso?

– Eu sempre te quis, Anthony – sussurrou ela, pondo os braços à volta do

pescoço dele. – Não queria que isso acontecesse. Tinha medo de nunca poder vir a confiar em ti.

– E agora, confias em mim?

– Tenho de o fazer. Amo-te... mesmo que tu não...

Ele encostou um dedo aos lábios dela.

– Oh, minha rapariga bela e pateta. Não leste o bilhete do meu irmão até ao fim? Toda a minha família sabe que te amo loucamente sem eu lhes dizer. Porque é que tu não acreditas nisso?

– Amas? – exclamou ela, atónita.

– Não te querias casar comigo, querida – lembrou-a ele. – Quase tive de te obrigar a fazê-lo. E mesmo quando concordaste, fizeste todos os possíveis para manter uma distância entre nós. Terias acreditado em mim na altura se te tivesse dito que te amava? Roslynn, por que outro motivo me casaria contigo?

– Mas... – Não havia mas. Ela beijou-o e voltou a beijá-lo, com o coração quase a explodir de alegria. – Oh, Anthony, estou tão contente que o tenhas feito. E nunca, nunca mais vou ser assim tão tonta, juro...

Ele disse-lhe, entre beijos:

– Podes ser tonta... sempre que quiseses... desde que não deixes de me amar.

– Não podia, mesmo que quisesse. E tu?

– Nunca, querida. Podes confiar nisso.

— **C**onstou-me que está de parabéns – observou Nicholas quando se juntou a Anthony para fumar no jardim. O jantar de domingo na casa de Edward juntara o clã inteiro daquela vez, com a exceção de James. – Não acha que é demasiado velho para começar uma família, Malory?

– Quando é que vai visitar Knighton's Hall, Montieth? – contrapôs Anthony, secamente.

Nicholas riu-se, ignorando o sarcasmo.

– A Regina não fala de outra coisa desde que a Roslynn lhe contou a notícia. Agora, quer ter outro filho.

– Isso vai ser um pouco difícil, não vai, meu caro? De acordo com o James, está em desgraça.

– Oh, eu nunca fico nessa situação muito tempo, meu velho – respondeu Nicholas, com um sorriso exasperante. – A sua sobrinha pode ter o famoso mau génio dos Malory, mas não é cruel. Além disso, não gosta de dormir sozinha.

Anthony fuzilou-o com o olhar. A sua mente ainda não tinha aceiteado que a sua pequena Reggie era uma mulher agora – com um marido que era um devasso lúbrico. Pareceu-lhe que devia dar um soco a Montieth por ter feito uma observação daquelas. É claro que a família inteira ia insurgir-se contra ele se fizesse isso, com Reggie à cabeça.

– Um destes dias, Montieth, vou gostar de si. Mas pode esperar sentado.

A gargalhada de Nicholas seguiu-o até à casa, deixando-o com os nervos à flor da pele. Porém, Regina cruzou-se no átrio com ele, o que o ajudou a dissipar o mau humor.

– Viu o Nicholas, Tony?

– Quem me dera que não, mas ele está no jardim.

– Vocês os dois não discutiram outra vez, pois não? – perguntou ela, franzindo o sobrolho.

– O que posso dizer, garota? – Ele encolheu os ombros e depois acrescentou deliberadamente: – Mas repara que fui eu quem virou costas. Nos tempos que correm, parece que ele está sedento de sangue.

– Esplêndido! Será que vocês os dois *alguma vez* se vão entender?

– Somos demasiado parecidos, minha querida, e sabemos isso. Mas faz-me um favor e arrasta-o de volta para dentro da casa, por favor. Gostava de dar um passeio com a minha mulher e um pouco de privacidade não caía mal.

Anthony tinha um sorriso de orelha a orelha quando deixou Regina. Com alguma sorte, Montieth voltaria a cair em desgraça naquela noite e o pobre imbecil não faria ideia porquê. Aquele pensamento provocou-lhe uma pequena risada. Um dia, a Reggie ia dar-se conta de que ele e Nicholas se deliciavam com aqueles assaltos de pugilato verbal. Quando esse dia chegasse, teriam de pagar bem caro por isso, mas por agora, Anthony considerava-se o vencedor daquele combate.

Descobriu que Roslynn tinha sido encurralada por Edward e conseguiu ouvir as últimas palavras dela enquanto se aproximava.

– Mas eu não quero duplicar o meu dinheiro. Com mil diabos, o que faria eu com mais dinheiro?

– Devia ter-te avisado, querida, que o Eddie viria atrás de ti. Ele não suporta ver dinheiro parado.

Edward defendeu-se.

– É um absurdo, Tony. Ninguém tem *demasiado* dinheiro, sabes. Temos de pensar nos filhos e...

– E tenho a certeza de que a Roslynn vai deixar-te gerir o património dela, se ela alguma vez conseguir perceber tudo o que faz parte dele.

– Isso não é justo – protestou Roslynn. – Eu sei exatamente tudo o que possuo... mas não podes esperar que me lembre de tudo. – Os dois homens riram-se, o que a deixou mortificada. – Muito bem, vou pedir ao meu procurador para entrar em contacto consigo, Edward. Talvez isto seja uma coisa pela qual me deva interessar mais.

– Céus, vê só o que fizeste, Eddie – queixou-se Anthony, com um horror fingido. – Não quero a cabeça dela cheia de números.

– Não, queres que ela esteja cheia de ti – resmungou Edward.

– Isso é verdade. – Anthony sorriu, imperturbável. – Agora, vem comigo, minha querida, e vamos ver se eu consigo encontrar outra coisa pela qual te possas interessar.

Anthony levou-a para fora da casa, até a luz do luar ser a única coisa que iluminava o caminho. Parou perto dos arbustos das rosas, abraçando-a pelas costas e apoiando o queixo no ombro dela.

– Queres mesmo envolver-te na gestão do império que o teu avô te deixou?

– Não, mas estou contente por pelo menos me teres perguntado. – Ela sorriu, com os braços por cima dos dele.

– Não importa, desde que estejas feliz, Roslynn, visto que a tua felicidade também é a minha felicidade.

Ela girou nos braços do marido e encostou a face ao peito dele, sentindo tanto amor por ele que parecia que o seu coração ia explodir. Um dedo começou a desenhar círculos no suave veludo azul do casaco de Anthony.

– Gostava de fazer uma coisa – disse ela, num fio de voz.

– O que quiseses, querida.

Seguiu-se um longo e tímido silêncio antes de ela perguntar:

– Achas que podemos tentar de novo na *chaise-longue*?

O riso delicioso de Anthony atravessou o jardim e chegou até Grosvenor Square.